



Diana Isabel Esteves Fernandes

O Castro do Cabeço da Argemela (Fundão) no seu contexto local e regional.

Contributo do estudo das cerâmicas da sondagem 9.

Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, na área científica de Arqueologia e especialização em Arqueologia Proto-Histórica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Doutora Raquel Vilaça.

11 de Outubro de 2013



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

O Castro do Cabeço da Argemela (Fundão) no seu contexto local e regional.

Contributo do estudo das cerâmicas da sondagem 9.

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	O castro do Cabeço da Argemela (Fundão) no seu contexto local e regional. Contributo do estudo das cerâmicas da sondagem 9.
Autor	Diana Isabel Esteves Fernandes
Orientador	Doutora Raquel Vilaça
Júri	Presidente: Doutora Helena Catarino Vogais: 1. Mestre Marcos Osório 2. Doutora Raquel Vilaça
Identificação do Curso	2º Ciclo em Arqueologia e Território
Área científica	Arqueologia
Especialidade	Arqueologia Proto-Histórica
Data de defesa	11/10/2013
Classificação	19 valores



Resumo

Situado numa linha de relevos conhecidos como a Serra do Gomes e sobranceiro ao rio Zêzere, o povoado muralhado do Cabeço da Argemela tem vindo a possibilitar um conjunto de reflexões sobre a sua ocupação Proto-histórica. Apesar de ser conhecido desde o século XIX, este local apenas receberá intervenções arqueológicas em 2003 e posteriormente em 2006 e 2009 pela Palimpsesto, Lda. A realização de sondagens surge na sequência da exploração mineralógica que ocorre no topo do cabeço e teve como principal propósito a preservação e registo de património arqueológico que pudesse vir a ser afectado e destruído. Os trabalhos revelaram evidências materiais e estruturais que permitiram definir uma ocupação humana centrada em dois momentos cronológicos distintos, o primeiro no final da Idade do Bronze e o último no chamado Ferro Pleno.

O tratamento e análise do espólio cerâmico exumado na sondagem 9 contribuíram para a caracterização morfológica, técnica, decorativa e funcional dos recipientes cerâmicos utilizados pelas comunidades Proto-históricas que habitaram este povoado. Os resultados obtidos permitiram efectuar uma aproximação, através de dados comparativos, a uma realidade crono-cultural semelhante à de povoados coevos da região da Beira Baixa, adstritos a um sistema de povoamento pautado pela vigilância e controlo de rotas de exploração económica. Neste sentido, a posição geográfica do Cabeço da Argemela, no extremo Ocidental da Cova da Beira, aliada à proximidade de recursos minerais estaníferos e auríferos, permitem atribuir-lhe um papel de “povoado de ponta”, administrador e regulador de um equilíbrio económico que seria fundamental à manutenção da estrutura sociocultural e da identidade comunitária.

Palavras-chave:

Cabeço da Argemela; Bronze Final; Ferro Pleno; Cerâmica; Beira Interior.

Abstract

Located in a relief line known as Serra do Gomes and overlooking the Zezêre river, the fortified settlement of Cabeço da Argemela has come to provide a series of considerations about its Proto-historical occupation. Even though it has been known since the XIX century, this site will only receive archaeological excavations in 2003 and posteriorly in 2006 and 2009 by the firm Palimpsesto, Lda. The conducting of surveys results of mineralogical explorations that occurs on the top of the hill and had as main purpose the preservation and record of archaeological patrimony that might be affected or destroyed. The work revealed material and structural evidence that allowed to define a human occupation focused in two distinct chronological moments, the first in Late Bronze Age and the last in the Iron Age.

The analysis and treatment of the ceramic exhumed in survey 9 contributed to the morphological, technical, decorative and functional characterization of the pottery used by the Proto-historic communities that inhabited this settlement. The obtained results allowed to make an approximation, based on comparative data, to a chrono-cultural reality similar to those of coeval villages from the region of Beira Baixa, bounded to a system of settlement regulated by the vigilance and control of routes of economic exploitation. Thus, the geographical positioning of Cabeço da Argemela, in the western end of Cova da Beira, combined with the proximity to stanniferous and auriferous mineral resources, allowed to assign it a role of administrator and regulator of an economical balance, essential to the maintenance of the sociocultural structure and to the identity of the community.

Key-words:

Cabeço da Argemela; Late Bronze Age; Iron Age; Pottery; Beira Interior.

Agradecimentos

A elaboração deste trabalho não seria possível sem a contribuição de algumas pessoas a quem gostaria de deixar expresso o meu agradecimento e reconhecimento.

Primeiramente, à Professora Raquel Vilaça, pela confiança transmitida e responsabilidade outorgada aquando da escolha da tese e pela consequente orientação científica deste trabalho. Pelo acompanhamento e disponibilidade constantes, sempre presentes de um sentido crítico indispensável à realização de novas tarefas. Pela exigência requerida ao longo destes anos e pelo prazer de me ter dado a conhecer e gostar da Proto-história beirã, um grande bem-haja.

À Sara e ao João Nuno agradeço todo o tempo despendido a explicar-me a Argemela, a colaborar e a escutar as minhas dúvidas, decisões e concretizações. Por toda a troca de informação, encorajamento e amizade, muito obrigada. Ao trio do Outeiro do Circo, Ana Bica, Migas e Woody, pelos ensinamentos vários, pelos estímulos contínuos e pelo companheirismo das diversas experimentações arqueológicas ao longo do tempo. Pelo auxílio na resolução de problemas, existenciais e de logística, um bem-haja por me apoiarem e fazerem parte desta etapa.

À Sofia, sempre companheira de aventuras arqueológicas e não arqueológicas, agradeço, pelas discussões produtivas, pelo saber transmitido e por ser uma companhia incansável ao longo de todo este percurso.

À Inês, pela amizade, por acreditar sempre mais que eu própria e porque, com as mais simples palavras, transforma os impedimentos em possibilidades.

À Su, pela sua constante presença, e especialmente por toda a calma e paciência que transmitiu ao longo deste percurso. Às “Mimosas”, Fátima, Zo, Cebola e Serafim, bem-haja por fazerem parte desta experiência de vida. Ao Delgado, Joel, Vilela, Kevin, Carolina, Fred, Romeu, Tânia, Rafael, João, Sofia, Pedro, Ângela, Mafs, e todos os outros que as palavras não lembram, muito obrigada por contribuírem para a manutenção de um certo equilíbrio mental.

Finalmente, às minhas avós, aos meus pais e ao meu irmão, pela oportunidade concedida, pelo apoio e por acreditarem que seria possível, dedico o maior dos agradecimentos, este trabalho.

Índice

Capítulo 1 – Introdução.....	7
Capítulo 2 – A Beira Interior, a Cova da Beira e o Cabeço da Argemela.....	9
2.1 – Beira Interior: Geomorfologia, relevo e ambiente	10
2.2 – Enquadramento geográfico e geológico do Cabeço da Argemela.....	13
Capítulo 3 – Historiografia da Arqueologia Pré e Proto-histórica da Beira Interior e do castro do Cabeço da Argemela.....	16
Capítulo 4 – Pressupostos metodológicos e análise de materiais.....	22
4.1 – Objectivos e Metodologia.....	22
4.2 – Parâmetros de descrição.....	23
Capítulo 5 – Factos e Artefactos do Cabeço da Argemela.....	33
5.1 – Descrição estratigráfica e estrutural da Sondagem 9.....	36
5.2 – Descrição da estratigrafia.....	38
5.3 – Interpretação geral.....	42
Capítulo 6 – A amostra.....	45
6.1 – Descrição dos materiais – Morfologia, Técnica e Decoração.....	47
6.2 – Classificação Tipológica.....	79
6.2.1 – Tabela tipológica.....	80
6.3 – Alguns aspectos funcionais.....	92
Capítulo 7 – Análise comparada e integração cultural dos dados.....	96
7.1 – Variabilidade tecnológica	96
7.2. – Variabilidade morfológica e decorativa.....	107
Capítulo 8 – O Cabeço da Argemela no seu contexto local e regional: os finais do II e o I milénio a. C. na Beira Interior.....	118
Capítulo 9 – Conclusão.....	131
Bibliografia	132
Anexos (Figuras e Estampas)	
Inventário	

1 – Introdução

A investigação programada dos vestígios arqueológicos resultantes da ocupação Proto-histórica do Cabeço da Argemela tem vindo a ser cientificamente dirigida desde 2003 possibilitando a reconstituição da organização de um espaço social e culturalmente activo. A manifestação de determinados padrões de utilização e aproveitamento do meio natural vêm revelando e atribuindo um papel de relevância a este povoado enquanto elemento preponderante na estabilização da estrutura de povoamento que terá existido durante o último milénio antes da nossa era, numa região hoje conhecida como Beira Interior.

O estudo que agora se apresenta resulta da oportunidade que nos foi outorgada para tratar e analisar parte do espólio cerâmico referente à presença humana deste sítio, tendo como principal objectivo a identificação de padrões tipológicos passíveis de inserção em conjuntos diacrónicos, definidores de realidades cronológicas distintas.

A predefinição de processos metodológicos, alicerçados numa base de dados passível de comparação e conjugada com o registo estratigráfico, pretendeu ensaiar uma interpretação exhaustiva dos resultados obtidos de modo a possibilitar a recriação de comportamentos evolutivos no âmbito das estruturas culturais do povoado e da região. Conscientes da leitura “pesada” provocada por este tipo de estudos descritivos, tentamos que a sua representação e transmissão fosse o mais precisa possível, demonstrando a relevância que os mesmos desempenham na caracterização e significação das comunidades do passado.

Não obstante certas limitações temporais, apresenta-se aqui um trabalho que consubstancia a descrição e análise dos elementos cerâmicos exumados numa das sondagens – sondagem 9 – efectuadas no Cabeço da Argemela no âmbito da investigação programada que tem vindo a realizar-se desde 2003. Neste sentido, objectivou-se a avaliação das principais características morfo-tecnológicas deste conjunto com o intuito de compreender, não só determinadas particularidades relacionadas com o quotidiano das comunidades que povoaram este local, mas também, com a finalidade de proceder à integração crono-cultural deste sítio num

quadro territorial que seria regulado por semelhantes mecanismos de identidade social, económica e ideológica.

Por fim, o planeamento e organização deste trabalho pretendeu a correlação entre determinados elementos, velhos e novos, de cariz geográfico, geológico, material, cultural e cronológico, de modo a ser composto um estudo que mais não pretende ser do que uma síntese da história da ocupação do Cabeço da Argemela, ainda fragmentada e com outras exigências de investigação além desta.

Os pontos essenciais desta investigação encontram-se estruturados em 8 capítulos; Primeiramente procedeu-se à localização, enquadramento geográfico e geomorfológico da Argemela e da região beirã em que esta se insere (cap. 2), bem como um exame à historiografia arqueológica consagrada a estas mesmas áreas (cap. 3). Os principais objectivos e parâmetros metodológicos do estudo analítico encontram-se delineados de acordo com estudos técnicos (cap. 4) e a descrição do povoado, bem como a interpretação da sequência estratigráfica (cap. 5), possibilitarão a posterior correlação com a apresentação e descrição da amostra (cap. 6), analisada por fases cronológicas. Este capítulo integra ainda o perfil tipológico das produções oleiras, definido através dos dados que foi possível obter. Finalmente, recorre-se a uma análise comparada entre toda a informação adquirida (cap. 7 e 8) no sentido de perspectivar uma integração crono-cultural fidedigna e atribuir, à Argemela, um “lugar” no tempo e no espaço, no âmbito do povoamento ao longo do I milénio a. C..

2 – A Beira Interior, a Cova da Beira e o Cabeço da Argemela: enquadramento geográfico.

Toda a investigação sobre a ocupação humana de uma região subentende um plano de análise que constitua uma abordagem o mais completa possível. O estudo do Homem enquanto ser activo e pensante não pode ser desconectado do meio que o acolhe e que ele próprio explora e apreende. A relação que este mantém com a paisagem natural determina não só a sua própria existência enquanto ser social mas também todo um rol de actividades necessárias à manutenção de uma comunidade. Neste sentido, considerando que os lugares e os sítios constituem “centros de significado humano” expresso nas mais diversas práticas quotidianas (TILLEY, 1994: 14), torna-se legítimo afirmar que a interacção entre estes dois elementos naturais pode ser causa de limitações ou impulsos à movimentação entre comunidades, como já foi atestado por C. Cameron (1993: 3-4). Neste sentido, a análise geográfica, geológica e ambiental tem como propósito auxiliar a percepção da antiga acção e circulação humanas enquanto exploradoras de recursos, entendedoras de um meio e criadoras de uma visão social norteada pela inter-relação entre sítios. O conhecimento de um sítio não deve ser dissociado do espaço, do território e da região e deve antes partir da definição de parâmetros multidisciplinares que permitam buscar o seu sentido exploratório e de profunda ligação à terra, à mobilidade e à captação de recursos. A organização humana quer em termos espaciais, geomorfológicos ou estruturais, encontra-se inteiramente conectada à paisagem habitada e aos lugares chamados “naturais” (BRADLEY, 2000). A relação de simbiose entre o Homem e a Paisagem seria algo inato e intrínseco às comunidades de outrora, conhecedoras e respeitadoras de um equilíbrio territorial fulcral à manutenção das actividades sociais, económicas e rituais. Esta conexão com o espaço habitado, vivido, percorrido e partilhado é indissociável do significado e experiências humanas. Mais do que pontos de referência, os vários sítios e lugares imprimem ao Homem e à comunidade uma relação de valor e afecto que por sua vez acabam por definir e moldar a identidade social e cultural das regiões (TILLEY, 1994: 15).

Assim, optou-se primeiramente pela elaboração de uma análise, ainda que breve, à região da Beira Interior no sentido de compreender o enclave geográfico que a separa do litoral bem como as características culturais que a distinguem ao longo do seu território de modo a proceder-se à caracterização espacial e geográfica da área em que se insere o Cabeço da Argemela.

2. 1 – Beira Interior: Geomorfologia, relevo e ambiente.

A Beira Interior é comumente descrita como o conjunto de territórios do Portugal Oriental compreendidos entre as duas maiores bacias hidrográficas portuguesas. A primeira, setentrional, arrasta consigo as águas do Douro e a segunda, a sul, é cavada pelo maior rio peninsular, o Tejo. A oeste, a Serra da Estrela ergue-se a uma altitude máxima de 1991 metros e forma o limite entre o interior e o litoral de Portugal juntamente com a Serra do Açor. Esta região termina a nascente com o rio Erges, que demarca a actual fronteira política entre Portugal e Espanha.

Orlando Ribeiro, em conjunto com outros investigadores (1987: 147), descreve que o Norte da Beira Interior, a chamada Beira Transmontana, apresenta características dessa região de terras quentes. Este atributo estará directamente relacionado com o rio Côa e com o Norte da Meseta Ibérica. A extensa bacia deste rio, que corre por todo o distrito da Guarda até desaguar no Douro, é palco de distintos relevos, entre eles, o planalto da Guarda – Sabugal e as serras da Marofa e Malcata, que tanto a Norte como a Sul moldaram a topografia desta região (SILVA, 2005: 12-13).

Por sua vez, o maciço da Estrela também apresenta características geomorfológicas que o colocam como elemento fundamental na construção do relevo desta região. A génese desta montanha influenciou a morfologia das áreas geográficas ao seu redor, nomeadamente a Cova da Beira e a Plataforma de Castelo Branco. É constituída por dois sistemas montanhosos (NO e SE) rasgados ao meio pelo vale do Zêzere (RIBEIRO *et al*, 1987: 150) que por sua vez é um dos principais recursos fluviais da sub-região que nos interessa estudar, a Cova da Beira.

Este território, localizado entre a Serra da Estrela e a Serra da Gardunha, caracteriza-se pela sua distinta e arredondada morfologia. Segundo Orlando Ribeiro (1949), trata-se de uma área que terá sofrido um abatimento tectónico recente e que

actualmente representa uma depressão fortemente assinalada na paisagem, onde subsistem alguns relevos que se destacam visualmente. Este vale, com assinaláveis vias naturais e distinta geomorfologia, apresenta cerca de 30 km de comprimento e 12 km de largura e é atravessado no sentido NE – SO pelo rio Zêzere e por três ribeiras (Meimoa, Caria e Alcaria), suas afluentes (RIBEIRO *et al*, 1987: 151). O enclave em que está organizada permite-lhe usufruir de climas mais temperados e menos rígidos, quer de Verão ou Inverno e a capacidade agrícola dos seus solos é reduzida, integrando-se na categoria **F** – utilização não agrícola. Apenas algumas áreas agrícolas directamente relacionadas com recursos fluviais se encontram classificadas como solos de classe **A** – solos de capacidade elevada – e **C** – solos de capacidade condicionada ou limitada¹.

A faixa sudeste da Cova da Beira apresenta já características semelhantes à da Plataforma de Castelo Branco. Esta área é assim definida por apresentar uma morfologia semelhante à do Alentejo, em que predominam vastas planícies. A causa deste acidente geográfico relaciona-se com o curso do rio Ponsul que partilha a trajectória de uma falha tectónica que desnivelou duas áreas. A primeira, de Castelo Branco, apresenta uma altitude média de 400 metros e a segunda, pertencente já à peneplanície de Nisa, ronda os 200 - 300 metros (RIBEIRO, 1955: 30).

Característicos desta região são ainda os “montes-ilha” ou *inselberge*, cujo destaque na paisagem nos leva a interpretá-los como excelentes pontos naturais de referência e habitat para os povos antigos que habitaram a Beira Baixa. Estas formações geológicas são de origem complexa, no entanto, como Orlando Ribeiro nos diz, existem na Beira Baixa dois tipos de montes-ilha cuja génese pode estar, ou não, associada aos cursos fluviais. Os *inselberge* de Monsanto, Moreirinha e Alegrios são o exemplo de que a rede hidrográfica não condicionou a sua formação, ao invés dos *inselberge* da Cova da Beira que estão em contacto directo com os rios e encontram-se “*embutidos na superfície de base dos relevos insulares*” (RIBEIRO, 1951: 24-27). Além de toda esta diversidade geomorfológica, a região que estudamos associa-se ainda a um vasto leque de expedientes naturais e minerais que desde cedo atraíram as populações para a sua exploração.

Longe de nos querermos alongar neste assunto, destacam-se os assinaláveis recursos mineiros que esta região apresenta. Os aluviões auríferos e estaníferos dos

¹ Carta de Capacidade de Uso dos Solos. Carta 20 D, escala 1: 50 000.

rios Tejo, Erges, Ponsul, Bazágueda, Aravil, Ocreza e Zêzere, afamados desde a antiguidade por Catulo, Plínio e Estrabão (VILAÇA, 1995: 71), terão sido fundamentais ao estabelecimento de populações que os exploravam. Sobejamente conhecidas são também as minas de Quarta Feira, no Sabugal, que traduzem a busca destas riquezas na proto-história desta área. Aqui surgiram, a 12 metros de profundidade, um machado de talão de uma argola e ainda cinco machados de pedra polida provenientes dessa mina ou outra próxima (*Ibidem*: 86).

A vegetação desta época, estudada através de análises polínicas, traduz que as principais características vegetais dos patamares superiores da Serra da Estrela seriam semelhantes às da actualidade, no entanto, diversas análises e estudos nesta região indicam que as áreas mais baixas terão sido alvo de uma grande desflorestação a partir de 1250 a. C. (DAVEAU, 1988: 108); (JANSSEN e WOLDRINGH, 1981: 306); (KNAAP e LEEUWEN, 1995: 200).

As análises levadas a cabo na Lagoa Comprida por Janssen e Woldringh (1981: 306), para o intervalo de tempo que corresponde ao final da Idade do Bronze / Ferro Inicial, transmitem a ocorrência de um aumento de espécies vegetais entre as quais destacamos o castanheiro, zimbro, artemísia, urze e feto. Mais ainda, também a elevada presença de pólen de centeio nas plataformas mais elevadas da serra poderá indicar o cultivo desta espécie pelas comunidades da época (DAVEAU, 1988: 108). Também no Charco da Candieira, e de acordo com os dados existentes (KNAAP e LEEUWEN, 1995: 200), o recuo de florestas em zonas montanhosas mais baixas e o conseqüente declínio de espécies como o pinheiro ou carvalho poderá estar relacionado com as estratégias de ocupação e utilização do território adoptadas na época, reflectindo-se na conseqüente intensificação da actividade humana enquanto exploradora de recursos naturais.

Os momentos cronológicos seguintes não dispõem de uma leitura fiável, apresentando imensas oscilações entre os tipos polínicos. Estas discrepâncias parecem ser a repercussão da elevada exploração territorial que ocorreu no final da Idade do Ferro/Período Romano (DAVEAU, 1988: 108).

Tendo em conta as características geomorfológicas desta região e os seus recursos naturais, as deslocações e movimentações de povos nesta época seria uma acção perfeitamente natural. Dando primazia a factores de segurança e visibilidade, os povos

que aqui habitavam teriam pontos de ligação entre os seus territórios de exploração e captação de recursos económicos. Deste modo, a faceta pastoril da época e a crescente exploração e troca metalúrgica, terão levado à criação de itinerários e caminhos que seriam percorridos por diferentes comunidades permitindo uma interacção entre si. Os limites impostos pelo espaço físico seriam certamente contornados através de pontos de passagem naturais e caminhos ancestrais que apesar de não deixarem vestígios materiais podem ser extrapolados através das antigas vias romanas e até rotas de transumância (VILAÇA *et al*, 1998). A análise desta questão pressupõe uma abordagem ponderada baseada na rede de povoamento aliada à geografia da região. Os cursos fluviais, a orografia e os lugares naturais constituem configurações morfológicas que seriam valorizadas pelas comunidades do passado durante as suas deslocações. Deste modo, elementos desta natureza estariam revestidos de significado e experiências sociais directamente relacionadas com a manutenção da identidade regional, essenciais à conservação da memória, não só dos povos mas também do espaço vivido.

2. 2 – Enquadramento geográfico e geológico do Cabeço da Argemela

Administrativamente, o Cabeço da Argemela situa-se a Norte da povoação de Lavacolhos, exactamente no limite ocidental do concelho do Fundão. Esta fronteira é partilhada com o concelho da Covilhã e mais directamente com a freguesia de Barco (Ver anexos, Fig. 1 e 2). As suas coordenadas geográficas, segundo o meridiano de Greenwich, são²: latitude – 40º 09' 22" N; longitude – 7º 36' 12" W. Para cá chegar, seguimos a estrada nacional 343 em direcção à Covilhã, virando-se à esquerda antes de atingir a ponte sobre o Zêzere que faz a ligação à aldeia do Barco. Cerca de um quilómetro depois é necessário virar à esquerda e seguir por um estradão de terra batida até ao povoado (MARQUES, 2006: 5).

Localizada no limite poente da Cova da Beira e integrada na Cordilheira Central, a Argemela insere-se numa linha de cumeada designada por Serra do Gomes, uma área de relevos acidentados, fruto das cadeias montanhosas da Estrela e Gardunha que cercam toda aquela área. Este cabeço exhibe uma morfologia cónica, bem destacada na

² Carta Militar de Portugal, escala 1: 25 000; Folha 245 – Silvaes (Fundão).

paisagem, de difícil acesso e com encostas de acentuado pendor, chegando a atingir inclinações de 265 metros e declives de 29% (Ver anexos, Fig. 3). Encontra-se numa posição privilegiada em termos de recursos naturais e minerais pois a sua localização aproxima-o das ribeiras do Paul³, Meimoa e Ximassas, afluentes do rio Zêzere, conhecidas pelo seu valor aurífero e estanífero (Ver anexos, Fig. 4 e 5). O chumbo também se encontra presente, nas regiões próximas do Telhado e Castelejo (VILAÇA *et al*, 2000: 196).

O próprio posicionamento da Argemela no complexo xisto-grauváquico de Alameda, no limite com o maciço granítico do Fundão, conferiu-lhe excepcionais características geológicas e mineiras (FERRAZ *et al*, 2010: 2) (Ver anexos, Fig. 6). A averiguação do potencial geológico deste local, iniciada em meados do século passado (THADEU, 1951), impulsionou uma contínua investigação mineira que levou à construção de modelos e sequencias petrológicas e mineralógicas. Os dados obtidos registam que o substrato litológico da Argemela é composto por microgranito que, por sua vez, é constituído por quartzo, albite, mica branca e fosfatos. A sua principal característica prende-se com o facto de ser atravessado por filões sub-verticais de estanho (CHAROY e NORONHA, 1996: 74) (Ver anexos, Fig. 7). Uma das últimas campanhas de prospecção revelou que os teores de estanho, cassiterite e lítio se prolongam em mais de 400 metros de profundidade, no entanto, o facto destes minerais se encontrarem embutidos na rocha encaixante, de granulometria fina, condiciona a sua transacção económica imediata (FERRAZ *et al*, 2010: 3-4). Actualmente, a exploração que se mantém activa deve-se à natureza mineralógica do microgranito e em particular aos feldspatos que o compõe. As raras características petrogénicas destes elementos apresentam um elevado potencial como matéria-prima essencial à produção industrial de cerâmica (FERNANDES e VELHO, 2009: 88). Como consequência das várias explorações que têm sido efectuadas na Argemela⁴ delinearam-se uma série de estratégias de prevenção e salvaguarda do património arqueológico que têm vindo a ser aplicadas e desenvolvidas desde 2003.

³ A esta localidade encontra-se associado um depósito votivo datado do final da Idade do Bronze (VILAÇA, 1995: 400; VILAÇA, 2007: 50).

⁴ Actualmente, a exploração geológica do sítio encontra-se condicionada pela necessária preservação dos vestígios arqueológicos e limitada ao flanco NE do cabeço (Ver anexos, Fig. 8 e 9) (FERNANDES e VELHO, 2009: 96).

Além da riqueza mineral inerente ao Zêzere, este curso fluvial terá proporcionado determinadas condições à prática agrícola e à exploração de recursos piscícolas ao longo do tempo, bem como o óbvio recurso a água potável. Contrariamente a esta aparente riqueza, os solos que constituem a área envolvente ao Cabeço da Argemela encontram-se actualmente classificados como fracos para a prática agrícola, destacando-se apenas as melhores terras de cultivo a norte, no trajecto do dito rio. Neste sentido, se considerarmos que as características dos solos actuais permaneceram semelhantes às do passado, torna-se possível aferir que as estratégias de cultivo e produção agrícola estariam adequadas a estas mesmas condições, fruto do conhecimento e senso comum das comunidades que ao longo de séculos as utilizaram e delas tiraram sustento.

À época Proto-histórica, a importância dos recursos minerais que envolvem a Argemela, e caracterizam a região da Cova da Beira, inscrever-se-ia numa linha de poder assente no controlo territorial de áreas cujos expedientes seriam essenciais à manutenção do equilíbrio sócio-económico comunitário. A sua exploração, usufruto e transacção encontrar-se-ia estreitamente associada a questões de identidade cultural e regional que por sua vez consolidariam, não só, as bases económicas desta região no Bronze Final mas também, e posteriormente, a estrutura social da “última” Idade do Ferro.

Particularmente, o Cabeço da Argemela compartilharia um espaço natural e simbólico usufruindo de mútua visibilidade entre vários sítios habitados, graças ao privilégio paisagístico oferecido pela sua posição e pela amplitude de visão sobre o “corredor natural” que é a Cova da Beira. Situado na “cauda” desta unidade geográfica, caberia à Argemela o papel de “povoado sentinela” (VILAÇA, 2004: 46), controlador de rotas e percursos da Beira Baixa e monitor de uma harmonia e equilíbrio geográfico que terá sido factor essencial às boas relações intercomunitárias. Mais ainda, a morfologia deste cabeço terá proporcionado à paisagem uma série de combinações culturais e não culturais (BUTZER, 1989: 95) que pautaram e modelaram o comportamento humano ao longo do tempo.

3 - Historiografia da Arqueologia Pré e Proto-histórica da Beira Interior e do castro do Cabeço da Argemela.

Neste ponto pretendemos primeiramente rever a situação da historiografia referente à Arqueologia Pré e Proto-histórica da região da Beira Interior e, de seguida, organizar o estado da arte sobre o Cabeço da Argemela. Conscientes que a primeira parte deste assunto já foi desenvolvida por Raquel Vilaça (1995: 19-22) e mais recentemente por Ricardo Silva (2005: 20-24), compete-nos recapitular e referenciar as obras mais importantes e regionalmente mais próximas à realidade que estudamos, bem como acrescentar alguns dados que entretanto surgiram e que merecem destaque.

Começamos por recuar até aos finais do século XIX e inícios do século XX, onde nos deparamos com várias fontes arqueográficas sobre Portugal e particularmente sobre a Beira Baixa. Falamos desde já de autores com merecido reconhecimento como Francisco Martins Sarmento e Leite de Vasconcelos que, ao darem à estampa uma série variada de informações arqueológicas, possibilitaram a realização de posteriores investigações dos muitos sítios que referenciaram. O primeiro deixa-nos relatos da sua famosa expedição à Serra da Estrela (SARMENTO, 1883), trabalho de prospecção e reconhecimento de diversos locais antigos da área da maior montanha do continente português. O segundo, célebre por toda a sua obra, irá contribuir com a recolha e descrição de materiais de variados pontos de interesse arqueológico desta região (VASCONCELOS, 1917; 1920; 1934). Tal como estes, não poderíamos olvidar a importante descrição de antiguidades elaborada por Pedro de Azevedo (1896; 1897; 1900; 1901; 1902) que tem o seu suporte nos relatos das *Memórias Parochiaes de 1758*, encontrando-se desde cedo publicada em *O Archeologo Português*.

Sem impedimentos, o “pai” da Arqueologia na Beira Baixa foi Francisco Tavares Proença Júnior. Homem de grande importância nesta região, cedo se desinteressou do Direito e enveredou pela Arqueologia deixando-nos algumas obras entre as quais destacamos o livro “*Antiguidades*”, de 1903, a “*Archeologia do distrito de Castello Branco*”, de 1910 e a revista criada pelo investigador, “*Materiaes para o estudo das antiguidades portuguesas*”, também no ano de 1910. Francisco Proença torna-se assim

o primeiro impulsionador da Arqueologia da região de Castelo Branco, criando bases para a posterior investigação científica perpetrada apenas a partir do final do século XX.

Deste modo, a ocorrência de um decréscimo substancial da informação e conhecimento arqueológico apenas será quebrado na segunda metade do século XX aquando do surgimento, em 1970, da primeira monografia arqueológica, escrita por Maria Amélia Pereira sobre esta região beirã. A obra, que aborda o extremo sudoeste da Beira Baixa, nomeadamente o território de Mação, foi considerada como um estímulo à mudança de abordagem nos estudos arqueológicos da zona (SILVA, 2005: 21). Esta década ficará ainda marcada por uma das maiores descobertas arqueológicas portuguesas, o Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (SERRÃO *et al*, 1972). Situado no sul da Beira Baixa, este grande achado adicionou a toda esta região um estatuto de elevada importância em termos culturais e consequentemente de sensibilização patrimonial, permitindo assim a divulgação de dados arqueológicos através de informações difundidas em publicações periódicas e em jornais regionais (VILAÇA, 1995: 20).

Com base nesta circunstância e aproximando-nos agora da nossa área de estudo, José Monteiro, que meritoriamente dá nome ao actual Museu Arqueológico do Fundão, tornou-se responsável pela maioria do acervo que este espaço dispõe. Fruto de um longo trabalho de recolha de materiais e informações históricas e arqueológicas, é criado em 1942 um espaço museológico para albergar todo o espólio recolhido, de modo a contar, através dos objectos, a história desta região. Editado em 1978, o livro *“Pequena história de um museu, fundo e catálogo: carta arqueológica do concelho do Fundão”*, referencia a herança que o museu dispunha na época e as condições em que foi achado (MONTEIRO, 1978).

As décadas que se seguem encontram-se marcadas por um incremento notável da investigação nesta província beirã. Tal facto pode ser comprovado pela investigação intensiva e programada que Raquel Vilaça iniciou e tem desenvolvido em vários concelhos do distrito de Castelo Branco desde o início dos anos 90 até à actualidade. (VILAÇA, 1991; 1992; 1993; 1995a; 1995b; 1995c; 1995d; 1995e; 1996; 1997a; 1997b; 1998a; 1998b; 1999; 2000a; 2000b; 2003; 2004a; 2004b; 2004c; 2004d; 2005; 2008b; 2011); (VILAÇA *et al*, 1995; 1998; 1999a; 1999b; 2000a; 2000b; 2002-03; 2004).

Além desta autora, são vários os investigadores que centraram a sua actividade na Beira Interior e actualmente podemos contar, por exemplo, com as pesquisas de Carlos Batata para a bacia hidrográfica do Zêzere, quer por conta própria (1998; 2006), quer em conjunto (1999a; 1999b; 2009). Mais acima no mapa, Manuel Sabino Perestrelo e Marcos Osório que, respectivamente, dedicaram a sua investigação ao estudo do povoamento proto-histórico da região da Guarda/médio Côa e Sabugal/Alto Côa, têm vindo a divulgar novos dados sobre este assunto ao longo da última década (PERESTRELO, 2000; 2001; 2004; 2005), (PERESTRELO *et al*, 2003), (OSÓRIO, 2005; 2008a; 2008b; 2009), (OSÓRIO e SANTOS, 2003) (PERESTRELO e OSÓRIO, 2005). Ainda em território português, elogiamos o intensivo trabalho de Ricardo Silva (2005) que ao organizar o inventário de povoados e sítios arqueológicos com ocupação no I milénio a. C. permitiu a caracterização tipológica dos vários padrões de assentamento que se registam nesta região. Finalmente, a publicação das actas referentes às IV Jornadas Raianas, “Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história” (VILAÇA, 2011), decorridas no Sabugal em 2009, permitiram relançar a discussão sobre este tema, sempre tão investigado, mas raramente debatido em reunião científica (*ibidem idem*: 7). É ainda de salientar a importância de um outro acto cumprido pela atribuição de um espaço tão desejado como fundamental à manutenção da identidade do passado, o Museu Arqueológico do Fundão José Monteiro. Todo este ímpeto concebido em torno da investigação arqueológica de vários períodos temporais na Beira Interior, alicerçado à referida dedicação de José Alves Monteiro, transformou a visão e a necessidade de fazer renascer, condignamente, em 2003, através do nome do fundanense que tanto fez pela cultura da sua terra, o museu que este outrora criara (ROSA, 2007: 11-13).

Afastando-nos da nossa área de estudo gostaríamos de deixar exemplo dos trabalhos que têm vindo a ser elaborados no território português e espanhol mais próximo à realidade geográfica que pretendemos analisar. Consideramos que a partilha de experiências entre áreas vizinhas na Proto-história é um facto e por tal a existência de uma estreita ligação cultural não deve ser rejeitada. Deste modo, evidenciamos a investigação de Paulo Félix direccionada para o enclave entre o Zêzere e o Tejo, região alto ribatejana cujo vínculo geográfico à Beira Interior é notável (FÉLIX, 1997; 1999), bem como a de Carlos Batata (2002), direccionada para os cursos

inferiores do Zêzere e Ocreza. Mais a Norte, e do “outro lado da Estrela”, não podemos esquecer o extenso contributo de Senna-Martinez sobre o povoamento do chamado mundo de “Baiões/Santa Luzia” (SENNA-MARTINEZ, 1993a; 1993b; 1993c; 1994); (SENNA-MARTINEZ *et al*, 1993a; 1993b; 1993c) e também os mais recentes trabalhos sobre a ocupação proto-histórica do morro da Sé de Viseu (ALMEIDA, 2005); (ALMEIDA *et al*, 2007).

Para lá da fronteira política, a investigação na vizinha Espanha, nomeadamente na Extremadura, permite-nos aceder a diversos e importantes trabalhos sobre a Proto-história desta região. Entre algumas das sínteses, que se evidenciam pelo seu valor científico, contam-se a investigação de Almagro-Gorbea (1977); Ana Martín Bravo (1999)⁵; Enríquez Navascués, Rodríguez Diaz e Pávon Soldevilla (2001), que possibilitaram a realização de aproximações culturais entre ambas as regiões. A abordagem à Proto-história da Meseta Norte surge essencialmente através dos ensaios de Álvarez-Sanchís (2003; 2008) e de Nicolás Benet e López Jiménez (2005; 2008). A sul, mais precisamente na região de Badajoz, usufruímos ainda da análise ao povoado de “Castillo de Alange” sistematizada em 1998 por Pávon Soldevilla.

Por fim, devido às constantes e necessárias referências a esta região beirã, citamos os trabalhos orientados para a problemática do chamado “Bronze Atlântico”. A intensificação deste tipo de análise acontece a partir dos finais dos anos 70 sob a forma de sínteses produzidas por autores como Luís Monteagudo (1977), Philine Kalb (1979; 1980), André Coffyn (1983; 1985) e ainda Marisa Ruíz-Galvez Priego (1984). O desenvolvimento deste tema, centrado no estudo de metais, desempenhou um importante papel no reconhecimento tipológico destas peças e na sua interligação com sítios arqueológicos.

Muitos outros registos se inscreveriam neste capítulo no entanto, a dimensão que os mesmos tomariam excederia os parâmetros temporais e de espaço a que estamos condicionados. Ficam assim descritos os autores que mais marcaram a investigação beirã e extremenha e que nos auxiliaram na caracterização crono-cultural do Cabeço da Argemela, também este com a sua história de investigação.

⁵ Estes dois autores publicam em conjunto um estudo sobre “Castros y Oppida en Extremadura” (ALMAGRO-GORBEA e MARTÍN BRAVO, 1994).

Sobre este local ainda pouco foi escrito, no entanto o seu substrato arqueológico é lendariamente conhecido pelas gentes de Lavacolhos e Barco, tendo surgido associado à literatura ainda em 1758 nas Memórias Paroquiais desta última freguesia. Volvido mais de um século, em 1861, José Ignacio Cardoso informa-nos que *“Ali costumavam ir cortar e lavrar os canteiros pedras para os portais dos edifícios, porque não as encontravam n’outro sítio vizinho. Um pedreiro da Barroca do Zêzere vendeu uma argola de ouro por 60.000 réis”* (CARDOSO, 1861: 23). Já na transição entre os séculos XIX e XX teríamos oportunidade de contar com o contributo de dois insignes arqueólogos, anteriormente citados, Francisco Martins Sarmiento e Francisco Tavares Proença. O primeiro, durante a sua expedição científica à Serra da Estrela, enfatiza *“o grande cabeço de Argemela com as suas três ordens de muralhas”* (1883: 9), enquanto o segundo, no seu inventário dos *“Castros Portuguezes”*, remete este local a um sítio arqueológico de ocupação proto-histórica (PROENÇA, 1908: 22-23). Apesar destas breves referências, a Argemela apenas voltará a ser mencionada em meados do século XX, no Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses (ALMEIDA, 1945: 428-429 *apud* VILAÇA *et al*, 2000: 200).

Os momentos acima descritos podem ser caracterizados como a primeira fase de integração crono-cultural do local no âmbito da ocupação pré-romana da Cova da Beira, não obstante, e apesar da extrema importância destes testemunhos, a moderna investigação científica permitiu uma descrição um pouco mais pormenorizada acerca do Cabeço da Argemela e da região beirã em que se adscrive. O trabalho que Raquel Vilaça foi desenvolvendo ao longo dos anos influenciou toda a investigação proto-histórica da Beira Interior, ampliando substancialmente o conhecimento sobre a realidade material e estrutural do povoamento do final da Idade do Bronze. Particularmente, o interesse pelo Cabeço da Argemela manifesta-se através de estudos sobre o povoamento da região fundanense (VILAÇA, 2004a); (VILAÇA *et al*, 2000); (SILVA, 2005), e de acompanhamentos arqueológicos que esta estação tem recebido ao longo da última década. O facto deste sítio se enquadrar numa considerável jazida mineira⁶ e a necessidade de defender o património através do seu registo, tem permitido um crescendo de informação arqueológica, passível de ser integrada em

⁶ Composto essencialmente por Sn e Li, o Cabeço da Argemela é explorado desde meados do século XX (FERRAZ, *et al*, 2010: 1).

estudos locais e regionais. Consequentemente, a delimitação territorial do povoado torna-se preponderante no sentido de evitar que a exploração mineira o pudesse vir a destruir. Neste sentido, as intervenções de salvaguarda que decorreram em 2003, 2006 e 2009 tiveram o propósito de tentar definir a área de implantação das três linhas de muralha, bem como esclarecer a cronologia ocupacional do sítio (VILAÇA, 2002); (VILAÇA e MARQUES, 2003); (VILAÇA, MARQUES e PORFÍRIO, 2003). Os trabalhos confirmaram aquilo que já havia sido discutido anteriormente, ou seja, a rudimentar construção do sistema muralhado e uma ocupação focada no início e fim do I milénio a. C. (VILAÇA *et al*, 2000: 202); (VILAÇA, MARQUES e PORFÍRIO, 2003: 11-13). As cerâmicas de forma carenada e as peças a torno com bordos esvasados estiveram na base da definição desta ocupação diacrónica, comprovada posteriormente com o estudo do despojo exumado nas intervenções de 2003 (MARQUES, 2006: 25-27).

Além das publicações acima descritas, o Cabeço da Argemela também surge citado em artigos de índole generalizada sobre a Beira Interior (BANHA *et al*, 2009), (BATATA e GASPAR, 2009), (CARVALHO, 2007) (SILVA, 2002), (SILVA, 2005), (VILAÇA, 1998; 1999; 2000; 2004; 2007), (VILAÇA *et alli*, 1998; 2002-2003), (VILAÇA e ARRUDA, 2004). Constatamos que apesar da escassez de informação específica, este povoado tem vindo a ser citado a título exemplar, como referência ao complexo povoamento beirão no I milénio a. C. Deste modo, todos os contributos, quer através de comunicações ou publicações propiciaram novas formas de encarar, organizar e caracterizar a Proto-história nos mais distintos contextos. Sobre este assunto destacam-se as apresentações no “I Congresso Internacional de Povoamento e exploração de recursos mineiros” em Braga (2010), e no 4º aniversário do Museu Arqueológico do Fundão (2011)⁷. Perante a necessidade de uma investigação mais profunda, o Cabeço da Argemela tende a transmitir informação passível de ser integrada na realidade sociocultural das comunidades do I milénio a. C., quer a nível local, quer regional. A escassez de informação que existe sobre a Idade do Ferro na Beira Baixa poderá agora ser complementada pelo nosso trabalho de análise e caracterização de parte do espólio cerâmico exumado na recente intervenção de 2009.

⁷ Comunicações entretanto publicadas nas respectivas actas do congresso e na revista do Museu Arqueológico Municipal José Monteiro do Fundão – (VILAÇA *et al*, 2011); (MARQUES *et al*, 2011-2012).

4 – Pressupostos metodológicos e análise de materiais

4.1 - Objectivos e Metodologia

Com o presente capítulo pretendemos delinear a finalidade do nosso trabalho através da sistematização de objectivos e metodologias de investigação. O estudo do espólio cerâmico, exumado na sondagem 9⁸ no castro do Cabeço da Argemela, tem como desígnio a sua caracterização morfológica, técnica e estilística com vista a um posterior enquadramento tipológico segundo critérios de ordem cronológica, cultural e regional.

Por entendermos que as cerâmicas, elemento constante da realidade arqueológica, suportam informação relevante sobre a diacronia ocupacional deste povoado procedemos à sua inventariação, análise e descrição. De modo a interpretar diversos aspectos relacionados com a produção técnica e morfológica do conjunto artefactual baseamo-nos em propostas de distintos autores como Anna Sheppard (1968), Owen Rye (1981), Prudence Rice (1987) e Carla Sinopoli (1991). A finalidade desta caracterização, que é sempre arbitrária e adaptada à amostra, tornou-se o alicerce para o conseqüente enquadramento das peças numa tabela tipológica. A construção da mesma, realizada segundo os atributos morfológicos e técnicos dos recipientes, apoiar-se-á em sínteses regionais e/ou locais tendo em vista a busca de informação sobre matérias de natureza proto-histórica que subsidiem a nossa composição. Por esta razão, e de modo a qualificar a ocupação mais antiga da Argemela, Bronze Final, buscamos auxílio na síntese regional de Raquel Vilaça (1995) para a zona sul da Beira Interior. Por sua vez, devido à inexistência de uma síntese sobre o assunto, a caracterização da última ocupação registada na sondagem 9, Idade do Ferro, será apoiada por trabalhos efectuados em regiões mais ou menos próximas da Cova da Beira. Guiamo-nos assim por estudos sobre o território espanhol (ALMAGRO-GORBEA, 1977; MARTÍN-BRAVO, 1999; ALMAGRO-GORBEA e MARTÍN-BRAVO, 1994; ÁLVAREZ-SANCHIS, 2003), pelos poucos dados existentes para a região das Beiras (SENNA-

⁸ Os trabalhos arqueológicos efectuados em 2009 compreenderam a abertura de 5 sondagens (6-10) e foram conduzidos, tal como os anteriores (2003; 2006), pela empresa de Arqueologia, *Palimpsesto, Lda*. A descrição e interpretação estratigráfica da sondagem 9 poderão ser consultadas no ponto 5.1.

MARTINEZ, 1993; ALMEIDA, 2005; OSÓRIO, 2005; OSÓRIO e SANTOS, 2005; PERESTRELO, 2005; BATATA, 2006) e por informações sobre outras áreas do país (MATALOTO, 2004).

Limitados pela impossibilidade de efectuar análises físico-químicas ou simples análises microscópicas, recorreremos à descrição visual dos atributos presentes na cerâmica através da combinação de vários aspectos previamente seleccionados. Tentaremos portanto arrogar as principais características das peças da Argemela para que nos seja possível detectar uniformizações tecnológicas, não só a nível local, mas também a nível regional.

Os parâmetros que definimos, e que foram incluídos na nossa base de dados, passam pela identificação das particularidades de cada peça, através do seu número de inventário⁹ e respectiva proveniência. Remeteu-se também ao registo na base de dados a descrição de todos os atributos morfológicos, técnicos e decorativos passíveis de uma conseqüente análise e comparação.

4.2 - Parâmetros de descrição:

Morfologia:

Não obstante o elevado grau de fragmentação das nossas peças, partimos do pressuposto que a identificação do tipo de peça (bordo, fundo, bojo, asa, etc.) possibilitar-nos-ia uma conseqüente recuperação da sua forma de modo a que numa fase posterior nos fosse permitido integrar os dados numa tabela tipológica¹⁰.

Assim sendo, a classificação dos componentes morfológicos das peças será elaborada através dos parâmetros a seguir listados.

Bordo: A particularidade mais relevante destes elementos prende-se essencialmente com a sua orientação em relação ao bojo. Por termos conseguido aproximar-nos dos diâmetros de abertura de algumas peças, o mesmo também

⁹ Devido a limitações de espaço vimo-nos obrigados a apresentar a base de dados em CD-ROM com uma ligeira redução de campos, não obstante, os mesmos foram analisados e expostos ao longo do texto. Ainda, e por razões de simplificação, definiu-se para este trabalho uma outra numeração para as peças estudadas, de forma a facilitar não só a descrição mas também a sua apresentação na base de dados.

¹⁰ Por várias vezes conseguimos reconstituir, quase integralmente, a forma de alguns recipientes.

merecerá exposição. Simplificamos a atribuição de uma categoria e assumiremos uma descrição mais completa quando assim for necessário, ou seja, descreveremos quaisquer particularidades complementares que mereçam ser destacadas tal como a existência de espessamento ou outras características. Deste modo, os bordos da nossa amostra podem ocorrer segundo as seguintes orientações:

- **Rectos;**
- **Extrovertidos;**
- **Introvertidos;**
- **Esvasados;**

Lábio: Tal como anteriormente, individualizamos a descrição dos lábios consoante a sua morfologia:

- **Plano;**
- **Convexo;**
- **Biselado;**

Fundo: Os fragmentos com esta morfologia mereceram a análise do seu perfil, espessura e, sempre que possível, do seu diâmetro. Qualquer tipo de particularidade relacionada com aspectos técnicos ou formais será devidamente exposta. Estipularam-se três tipos de fundos:

- **Plano;**
- **Côncavo;**
- **Umbilicado;**

Elementos de Suspensão: Este campo compreende elementos com propósito funcional, quer seja ele de transporte, armazenamento ou de preparação de alimentos. Poderão surgir sob a forma de asas de fita ou pegas. Em relação às primeiras, analisaremos como e onde estão fixadas bem como a sua secção (que pode ser sub-triangular ou elipsoidal). As pegas, por sua vez, podem ser mamilares ou em lingueta, sendo que as primeiras podem ser perfuradas verticalmente.

Colos: Zona entre o bordo e a pança do recipiente. Na caracterização destes elementos será analisada a sua orientação e estrangulamento visto que esta é determinante na forma do recipiente.

Fichas: Estas peças, tipicamente circulares, serão analisadas segundo o seu diâmetro e espessura.

Como referimos acima, através da reconstrução do perfil de alguns recipientes foi-nos possível estipular não só o diâmetro de abertura de 38 exemplares - de um total de 124 indivíduos - mas também proceder à estimativa da profundidade em outros 10 casos. Salientamos que estes cálculos, efectuados com recurso a uma tabela de diâmetros e à reconstituição gráfica da peça¹¹, poderão ser falíveis e por tal estipulou-se uma margem de erro de três centímetros de modo a permitir que não ficássemos muito afastados do valor real. Os restantes fragmentos de bordos, que não possuíam dimensão suficiente para nos transmitir informação sobre esta matéria, contribuíram para o cálculo do número mínimo de indivíduos através do seu número total.

Posto isto, baseamo-nos na definição de Raquel Vilaça (1995: 53) para categorizar a dimensão dos diâmetros dos bordos e dos fundos, definindo 9 categorias para os primeiros e 4 para os segundos:

Bordos	Categorias		
Pequenos	1 – <5 Cm	2 – 6/10 Cm	3 – 11/15 Cm
Médios	4 – 16/20 Cm	5 – 21/25 Cm	6 – 26/30 Cm
Grandes	7 – 31/35 Cm	8 – 36/40 Cm	9 → 41Cm

Tabela 1: Categorias de diâmetros de bordos segundo a sua dimensão.

Fundos	Categorias
Pequenos	1 – <9 Cm
Médios	2 – 10/14 Cm
Grandes	3 – 15/19 Cm
Muito Grandes	4 → 20 Cm

Tabela 2: Categorias de diâmetros de fundos segundo a sua dimensão.

¹¹ Os desenhos por nós efectuados podem ser consultados em anexo. Expressa-se também um agradecimento a José Luís Madeira pela disponibilidade e auxílio no desenho de algumas peças.

Tecnologia:

O reconhecimento e caracterização técnica de cerâmicas realizaram-se segundo o princípio de que os atributos presentes devem ser entendidos como vestígios remanescentes da produção humana, evidenciando fenómenos e processos de especialização tecnológica. Portanto, uma avaliação intensiva das mais diversas características poderá conduzir-nos à identificação de estratégias de fabrico, desde a recolha e preparação da pasta, passando pelo tipo de modelação e recursos tecnológicos a ela associados, tratamento de superfícies e até mesmo aproximações aos processos de cozedura.

Não obstante o facto de recorrermos apenas a uma análise macroscópica, foi nosso intuito lidar com os detalhes tecnológicos de modo a que conseguíssemos extrair o máximo de informação possível e assim agruparmos toda uma série de atributos passíveis de classificação e consequente análise. Certos conceitos, como expostos por Clive Orton e colaboradores (1997: 133) ou Anna Shepard (1956: 181-182), transmitem-nos a necessidade de reconhecer as características da matéria-prima de modo a compreender o efeito que todas as etapas do processo de fabrico provocam no produto final. Deste modo, ainda que algumas questões fiquem por responder e outras sejam deduzidas através de evidências e pressupostos, resumem-se de seguida os principais conteúdos dos campos adoptados para a descrição tecnológica das cerâmicas da Argemela, deixando patente a manifesta importância da inter-relação entre etapas produtivas para a obtenção do produto final.

Modelação – Neste campo registam-se os tipos de modelação dos recipientes, definindo se estes foram produzidos manualmente ou ao torno. Algumas peças, cuja manufactura não foi possível determinar – devido ao seu desgaste ou outro factor relacionado com a ausência de vestígios de produção – foram designadas como indeterminadas.

Tipo de fabrico – O tipo de fabrico de cada peça foi definido segundo o grau de depuração das pastas, a sua homogeneidade ou heterogeneidade e o tratamento das suas superfícies. Assim, contamos com três tipos de fabrico: **Fino**, correspondente a cerâmicas com elevado grau de depuração, pastas homogéneas e superfícies brunidas,

polidas ou por vezes alisadas; **Médio**, para cerâmicas com uma concentração moderada de e.n.p de médio calibre, pastas compactas ou micáceas e com superfícies alisadas, engobadas e até algumas “*cepilladas*”; **Grossoiro**, para cerâmicas com elevada concentração de e.n.p., pastas arenosas, micáceas ou friáveis e com superfícies alisadas, “*cepilladas*” ou rugosas.

Pasta – A avaliação da compacidade da pasta será elaborada com base na observação da distribuição e granulometria dos e.n.p., bem como na sua porosidade. Contaremos assim com pastas **Homogéneas** (bem depuradas e com fraca porosidade), **Compactas** (presença de e.n.p. de pequeno e médio calibre e fraca porosidade), **Arenosas** (Pastas com elevada presença de material arenoso e medianamente compactas), **Micáceas** (Pastas compactas com elevada presença de mica), e **Friáveis** (Pastas em desagregação).

Elementos Não Plásticos – Tal como o nome indica, a presença natural de minerais nas argilas ou a adição propositada destes elementos na produção de cerâmica, funciona no sentido de reduzir a sua plasticidade aquando do contacto com água. Estes componentes, que podem ser de origem orgânica (ervas, sementes), mineral (sedimentos pétreos como quartzo, mica, etc.), antrópica (cerâmica moída – grog) ou biomineral (conchas, ossos) (RYE, 1981: 31), produzem efeitos comportamentais distintos durante a produção da cerâmica e por tal deve existir um equilíbrio entre a manufactura do recipiente e a função a que está destinado (ORTON *et al*, 1997: 135). No conjunto artefactual da Argemela apenas se detectaram desengordurantes orgânicos e minerais. Ainda que a nossa parca formação geológica não nos permita identificar, de forma categórica, o tipo de minerais presentes nas argilas das cerâmicas, empregámos uma abordagem de proporção perante a sua **Forma**, que pode ser angulosa ou arredondada, **Granulometria**, cuja dimensão se encontra definida pelos seguintes valores (Pequenos <0,5 mm; Médios = 0,5 – 1 mm; Grandes > 1 mm) e **Frequência**, distinguida pela distribuição dos elementos nas pastas (rara <15 %; média = 15 – 30 %; abundante > 30 %). Tendencialmente, considera-se que a avaliação destes atributos poderá indicar uma selecção/preparação prévia dos e.n.p. de acordo com a sua posterior adição, ou remoção, no fabrico de recipientes.

Cor / Cozedura – A coloração de cada peça foi estabelecida para as superfícies externa e interna, bem como para o núcleo do fragmento, segundo um código de cores padronizado (Munsell Soil Color Charts) (Tabela 3). Note-se que a maioria das cores foi atribuída por aproximação visto não existir, por norma, uma regularização das mesmas de peça para peça. A análise da cor das superfícies e do núcleo foi elaborada com o intuito de compilar, num quadro, particularidades que representassem os possíveis ambientes de cozedura. A atenção que colocamos neste atributo morfológico será incompleta do ponto de vista químico e físico, no entanto podemos admitir que determinadas relações entre cores serão resultado da atmosfera onde este foi cozido (ORTON *et al*, 1997: 85-86). Portanto, e apesar de não podermos considerar uma relação directa entre a cor e o ambiente de cozedura, podemos aferir que certas características estão relacionadas com um determinado ambiente.

Coloração	Código de cor (Munsell Soil Color Charts)
A - Castanho-escuro	5YR: 4/2
B - Cor-de-laranja	5YR: 5/6
C - Castanho-claro	7.5YR: 5/4
D - Cinzento-escuro	10YR: 3/1
E - Cinzento-claro	10YR: 6/2
F - Avermelhado	2.5YR: 4/6

Tabela 3: Coloração aproximada das peças e respectivo código de cor.

A seguinte tabela (4) engloba a coloração das peças e o respectivo código de cor e os seis tipos de cozedura possíveis em conciliação com as principais colorações das peças.

Ambiente de Cozedura	Principais características
1 - Redutor	Pasta de cor castanho-escuro, preto e/ou cinzento-escuro.
2 - Oxidante	Pasta de cor castanho-claro, alaranjado e/ou avermelhado.
3 - Dominante Redutor	Superfícies escuras com núcleo claro.
4 - Dominante Oxidante	Superfícies claras com núcleo escuro.
5 - Redutora – Oxidante	Superfície externa escura e superfície interna clara. A cor do núcleo pode variar entre uma coloração e outra.
6 – Oxidante – Redutora	Superfície externa clara e superfície interna escura. A cor do núcleo pode variar entre uma coloração e outra.

Tabela 4: Relação entre atmosferas de cozedura e coloração das peças.

Tratamento de superfície – Este campo pretende transmitir, sempre que o estado de conservação das peças o permita, os diversos tipos de acabamentos que foram aplicados nas superfícies das cerâmicas durante o seu processo de fabrico. O propósito da utilização de uma técnica de acabamento visa a remoção de quaisquer irregularidades originárias do trabalho de modelação, sem prejuízo desta estar também relacionada com uma ordem funcional, segundo a sua posterior utilização, quer como loiça fina ou mais grosseira (SHEPPARD, 1968: 187-188). Entre as diversas técnicas de remate dos recipientes contam-se:

- **Alisamento** – Superfícies regulares produzidas com recurso a um objecto ou apenas com as mãos.
- **Brunido** – Superfícies muito regulares e brilhantes, extremamente polidas com recurso a um objecto liso e duro, como um seixo ou um pedaço de couro.
- **“Cepillado”** – Superfícies produzidas através da aplicação de uma escova de pêlos na pasta fresca provocando um efeito de raspagem da pasta. Trata-se de um escovado de aspecto rugoso que pode estar mais ou menos organizado. Existem autores (LLANOS E VEGAS, 1974: 286; SÉRONIE-VIVIEN, 1982: 49 *apud* VILAÇA, 1995: 49) que a consideram uma técnica decorativa devido à regularidade intencional que esta pode apresentar. De facto, julgamos que a aplicação do “cepillado” poderá estender-se para lá do mero sentido funcional, não obstante, esta técnica surge associada, geralmente, a recipientes de maiores dimensões de difícil transporte e a escovagem da superfície permitiria uma maior firmeza na sua deslocação.
- **Polido** – Superfícies altamente regulares obtidas através de um objecto duro e liso. Semelhantes à produção do brunido, também estas imprimem um aspecto brilhante à superfície, mas mais ténue.
- **Espatulado** – Resulta do tratamento relacionado com o alisamento ou polimento através de um objecto que deixou marcas nas superfícies.
- **Engobe** – Revestimento de água e argila que é aplicado na peça antes da cozedura. É de extrema dificuldade identificar este tratamento, visto que com a constante utilização e posterior deposição, este acaba por se degradar ou confundir com a pasta.

Neste campo foram ainda incluídas as cerâmicas que apresentavam superfícies **rugosas**, entendendo que as mesmas não terão sido alvo de nenhum tipo de tratamento de superfície cuidado, e as cerâmicas **corroídas**, exemplo de que os processos de deposição e as pastas de má qualidade podem afectar a estrutura da cerâmica ao ponto de destruir as suas superfícies.

Espessura – O cálculo da espessura das paredes será avaliado com o intuito de proceder à apreciação da qualidade das peças, ou seja, a sua dimensão poderá indicar o tipo de utilização através de propriedades que as poderão enquadrar em cerâmicas de paredes finas (<6 mm), médias (7-10 mm) ou grossas (>11 mm).

Decoração:

Perante a escassez de decorações nas cerâmicas, a análise da sua aplicação segundo diversas técnicas e estilos decorativos poderá ser compreendida segundo um sentido artístico de excepção. A fraca utilização de ornamentação poderá estar relacionada não só com o livre arbítrio do oleiro, em adicionar valor e significado às peças, transmitindo-nos a expressão da sua escolha, mas também com o objectivo para o qual estas terão sido produzidas e utilizadas. Na maioria dos casos da Argemela denota-se uma forte simplicidade decorativa que acaba por contrastar com a fraca representatividade de outros exemplares, mais cuidados e cuja expressão decorativa poderá estar relacionada com o acrescento intencional de um sentido artístico.

Para uma correcta descrição dos padrões decorativos das peças foram estabelecidos quatro campos de identificação das características ornamentais:

Técnica – Compreende os meios de composição decorativa efectuados através de várias técnicas distintas, entre as quais se destacam:

- **Incisão** – Sulcos efectuados com objecto de ponta aguçada ou romba sobre a pasta durante a sua fase ainda plástica.
- **Brunimento** – Técnica produzida por objecto duro e liso que provoca um efeito de bicromia após a cozedura. Pode surgir através de ornatos ou sulcos brunidos.

- **Impressão** – Nesta categoria inscrevem-se todas as impressões efectuadas através de uma matriz natural ou artificial – Ungulações, puncionamento e estampilhado.
- **Pintura** – Decoração efectuada após a cozedura e produzida com recurso a elementos orgânicos e minerais.
- **Penteado** – Esta técnica, que mais dúvida nos suscitou, compreende os exemplares cujos motivos foram elaborados com um objecto que definiu vários sulcos de semelhante profundidade, dimensão e paralelismo entre si. Pode, várias vezes, tratar-se de um “*cepillado*” bastante cuidado e por tal a sua dimensão estética pode ser classificada como decorativa.
- **Canelado** – Esta técnica, caracterizada pelas depressões ou sulcos mais ou menos profundos deixados na superfície das peças, seria feita através de um objecto de ponta romba.

Motivos – Referem-se ao padrão decorativo presente na peça e aos elementos que compõem o desenho.

Organização – Pretende-se caracterizar a disposição da decoração na peça – horizontal ou vertical.

Local – Superfície e local da peça onde se desenvolve a decoração – lábio, bordo, bojo, etc.

Com base nos atributos acima descritos, toda a informação foi introduzida e trabalhada através de uma base de dados de Excel de modo a obter uma análise comparativa e uma interpretação conjunta dos resultados. As peças que detêm atributos morfológicos, passíveis de desenho e agrupação em conjuntos específicos, foram seleccionadas para uma segunda fase de trabalho que engloba não só a relação entre forma e função, mas também aspectos que as permitam enquadrar tipológica e culturalmente na região. Assim, o registo gráfico dos fragmentos que demonstrem

particularidades formais ou decorativas, como bordos, carenas ou fundos, revelou-se essencial ao sistema de classificação dos recipientes por tipos.

Esta distribuição e tipificação de recipientes parte da necessidade de compreender o material o mais claramente possível e a sua organização em “tipos” deriva do reconhecimento de modelos, formalmente semelhantes, dentro de uma amostra. Não obstante, a elaboração de uma tabela tipológica combina não só as características formais, mas também as técnicas, como sejam a modelação, a cor, a textura, entre outros. No caso da nossa amostra, os tipos definidos encontram-se distribuídos segundo a sua manufactura e apoiam-se nos parâmetros físicos anteriormente referidos, quer como formas abertas ou fechadas, de perfil simples ou compósito.

Pretendemos ainda, além do cálculo formal e integração funcional do espólio, proceder à estimativa do número mínimo de indivíduos através da quantificação e análise detalhada dos bordos segundo a sua orientação, diâmetro, tipo de lábio e/ou decoração.

Portanto, o padrão definido para o nosso trabalho reflecte todos os pressupostos acima definidos, adaptáveis a cada caso e objectivando a melhor caracterização da cultura material. Ao estudo e conseqüente enquadramento tipológico soma-se a condicionante do elevado grau de fragmentação dos recipientes, não obstante percorreremos os seus principais atributos de modo a delinear singularidades ou similitudes morfo-tecnológicas e decorativas presentes, não só neste local, mas também em povoados contemporâneos da região. Além deste aspecto, a integração do espólio segundo a realidade estratigráfica e estrutural a que pertence será factor importante na reconstituição da ocupação do espaço, quer em termos sincrónicos quer diacrónicos, de modo a compreender a evolução habitacional no Cabeço da Argemela.

Em suma, objectivamos um esboço do perfil cultural das comunidades que habitaram este ponto da Cova da Beira ao longo do I milénio a. C. com base no espólio exumado e perante o preceito de que a cultura material poderá espelhar interessantes realidades sociais, hierárquicas e ideológicas. Simultaneamente, este trabalho funcionará também como um complemento à escassa informação existente sobre as comunidades sidéricas que habitaram a região da Beira Baixa durante a Proto-História.

5 - Factos e artefactos do castro do Cabeço da Argemela

O Cabeço da Argemela, além de representar um sítio com elevadas características de controlo paisagístico, é ele próprio um lugar natural, uma referência visual e cénica para as populações que com ele interagem. Talvez por esta razão, este local acolheu no seu cume um povoado proto-histórico, erigido nos finais da Idade do Bronze e ocupado também na II Idade do Ferro. Acreditamos, por falta de evidências, que a romanização deste cabeço não tenha acontecido, ou tenha ocorrido de forma bastante fugaz. Segundo Ricardo Silva (2005: 26), o padrão de assentamento deste povoado muralhado corresponde ao tipo IB estipulado pelo mesmo autor, caracterizando-se pela sua implantação destacada inserida em cadeia montanhosa. Além de apresentar excelentes condições de defesa e de proximidade a recursos naturais, a Argemela dispõe de uma brutal capacidade de controlo visual sob um vasto território que inclui o curso fluvial do rio Zêzere e a Cova da Beira (Ver anexos, Fig. 10).

Como anteriormente se referiu, a antiga ocupação humana do Cabeço da Argemela é lendariamente conhecida entre a população das freguesias limítrofes. Para tal contribuem a sua imponente representação e os constantes achados que lá se foram fazendo ao longo de séculos¹². De entre estas descobertas destacamos as que, originárias de prospecções, ajudaram a perspectivar aspectos do quotidiano e da estrutura socioeconómica das comunidades que aqui habitaram. Deste modo, o valor atribuído às características formais e decorativas do espólio cerâmico e metálico permitiram balizar a ocupação humana deste povoado entre os inícios e finais do I milénio a. C. (VILAÇA *et al*, 2000: 202). Entre os vários fragmentos de recipientes achados em prospecção ao longo dos anos, distinguem-se as peças produzidas manualmente e ao torno. Entre as primeiras contam-se exemplares de bordos verticais ou ligeiramente extrovertidos, por vezes com lábios decorados com unguações, pastas grosseiras ou medianas e superfícies alisadas ou “*cepilladas*”. Ao invés, o segundo grupo caracteriza-se essencialmente por peças de bordo esvasado ou extrovertido (*Ibidem idem*); (MARQUES, 2006: 26). A este conjunto de cerâmicas, que tem sido

¹² À época das Memórias Paroquiais do Barco/Covilhã, de 1758, não existiriam registos ou informações acerca da riqueza mineralógica e achados metálicos neste cabeço, como comprova a afirmação “Há neste cabeço e braço principal hua grãde pedreira de cantaria mui alva destimação donde pela sua qualidade tem eido para muitas partes deste Bispado quantidade de pedra; de metais não consta.”

recolhida à superfície do povoado, soma-se ainda o fragmento de um bordo com decoração pintada de “tipo Carambolo” (VILAÇA, 2005: 15); (VILAÇA, 2007: 147-148). Este tipo cerâmico, de elevada incidência no Baixo Guadalquivir e no Sudoeste peninsular (VILAÇA, 1995: 301), ocorre também em territórios contíguos ao Cabeço da Argemela, nomeadamente nos povoados da Moreirinha e Cachouça, ambos no concelho de Idanha-a-Nova (VILAÇA, 2005: 15).

Em relação aos objectos líticos, além de elementos de moagem, recolheu-se um fragmento de machado, uma enxó e seixos com entalhes laterais utilizados como pesos de rede ou tear (*Ibidem idem*), (VILAÇA E MARQUES, 2003: 6). A peça mais marcante deste conjunto corresponde a um molde bivalve de agulhas ou alfinetes com três sulcos de secção em V, um fragmentado e os outros dois com comprimentos entre os 3,2 e 4,4 cm (VILAÇA, 1998: 357), (VILAÇA *et al*, 2000: 202). Esta peça vem juntar-se a outras duas de função semelhante, também achadas à superfície. A primeira corresponde a um molde, muito bem polido, com um sulco central que seria utilizado na produção de varetas e a segunda peça trata-se de um fragmento com matriz de produção metalúrgica, provavelmente de machados, visto a forma do gume representado (MARQUES, 2006: 27), (VILAÇA *et al*, 2011: 437). A este tipo de artefactos, que atestam a produção metalúrgica que existiria na Argemela, soma-se a recolha, em âmbito de acompanhamento da primeira perfuração da Unizel ocorrida em 2004, de um punção e de um fragmento de agulha (*Ibidem idem*).

Não cabendo aqui a exposição exaustiva de todos os materiais que ao longo dos anos se foram achando e entregando ao museu da terra¹³, salientamos apenas que o desenvolvimento de prospecções e o acompanhamento de trabalhos relacionados com a exploração mineira possibilitaram uma aproximação às vivências que marcaram a realidade habitacional deste sítio no passado. Deste modo, as escavações que foram levadas a cabo em 2003, 2006 e 2009 pela empresa de Arqueologia *Palimpsesto, Lda.*, tomaram atenção a vários factores e aspectos inerentes a este povoado, como são, a sua implantação e proximidade a expedientes naturais, o seu sistema defensivo com três linhas de muralha¹⁴, as constantes evidências de material cerâmico de distinta

¹³ O Museu Arqueológico Municipal José Monteiro tem na sua exposição diversas peças oriundas deste povoado (ROSA, 2007).

¹⁴ A terceira linha de muralha corresponderia a uma construção pouco imponente e irregular (VILAÇA *et al*, 2000: 201-202)

modelação e o testemunho de objectos líticos utilizados enquanto instrumentos de trabalho para diversas actividades como a tecelagem ou a metalurgia. Todos estes factores conduziram à classificação deste sítio como um “povoado sentinela” (VILAÇA, 2004: 46), cuja função de domínio territorial passaria pelo controlo da circulação de bens e pessoas e da actividade comercial que envolveria certamente a prática agrícola e a difusão de objectos relacionados com a actividade metalúrgica.

Apesar das constantes prospecções e achados casuísticos de material arqueológico, os primeiros testemunhos estratigráficos do Cabeço da Argemela surgem apenas em 2003 e 2006. A abertura de sondagens de diagnóstico em vários pontos do cabeço surge como efeito da exploração mineira que ameaçava destruir o seu substrato arqueológico. Esta acção, fundamental na tentativa de definir a organização habitacional das comunidades que aqui residiram, permitiu dar conta da inexistência de qualquer tipo de realidade arqueológica na encosta NE do povoado, comprovada pela realização de duas sondagens (A e B) em 2006.

No caso da primeira intervenção (2003), os trabalhos que decorreram em 5 locais do exterior da segunda linha de muralha revelaram um substrato estéril em 4 ocasiões, sendo que apenas a sondagem 5 permitiu o desvendamento de níveis passíveis de enquadramento e caracterização arqueológica, nomeadamente a face externa da segunda linha de muralha que rodeia o cabeço. Esta estrutura, de construção simples, ainda apresentava uma altura conservada de 1,10 metros, no entanto estima-se que o seu tamanho original seria bastante superior. Apresentava blocos de granito e xisto, de grande e média dimensão, empilhados de forma mais ou menos regular e o seu enchimento seria composto por terra e pedras de menor volume (MARQUES, 2006: 17-18). Em relação ao espólio, as duas camadas que compunham a realidade estratigráfica desta sondagem apresentaram um total de 260 fragmentos cerâmicos, dos quais apenas dois eram de produção ao torno, 3 lascas de sílex e um fragmento de molde bivalve utilizado na prática metalúrgica (*Ibidem*, 19-21). A matriz desta última peça ostenta dois círculos e dois semi-círculos com diâmetros de cerca de 20 mm que se encontram ligados por um sulco. O molde, que não terá sido concluído, ostentava ainda uma ranhura numa face lateral que serviria para ajustar outra face através de uma corda (VILAÇA *et al*, 2011: 438). Esta peça, que teria uma função prática na produção de argolas, remete-nos para uma outra utilidade quando comparada com os

objectos metálicos achados no depósito de Huelva ou no Cabezo Araya em Cáceres, denotando-se a semelhança morfológica entre os sulcos gravados no molde e as argolas destes sítios que serviriam como freios ou passadores de rédeas para cavalos (MEDEROS MARTÍN e HARRISON, 1996: 40-41).

Os resultados obtidos com a realização destas sondagens permitiram reafirmar que a ocupação humana deste povoado se situa na etapa inicial e final do I milénio a. C., não obstante, se dúvidas existiam em relação à continuidade, sem interrupção, da ocupação entre o Bronze Final e o Ferro Pleno, estas manter-se-ão pois apenas uma ínfima parte do Cabeço da Argemela foi alvo de intervenções e com certeza que um sítio de referência como este, se não foi ocupado nesse intervalo de tempo, terá continuado a ser um marco territorial de comunicação, passagem ou visitas. Os materiais e formas cerâmicas atribuíveis a estas duas épocas encontram-se melhor representados para o primeiro momento de ocupação, no entanto os fragmentos de produção ao torno com típicos bordos esvasados também são reflexo do povoamento da Argemela antes da chegada dos romanos. Por estarmos cientes que os dados relativos a alterações na cultura material entre o Bronze Final e a I Idade do Ferro desta região são de difícil percepção, tomamos cautela quando assumimos que, talvez por não existir uma quebra ou mudança forte a nível tecnológico, como subentende uma divisão cronológica, o “Bronze Final” na Beira Interior se terá prolongado até mais tarde, pelo menos no que respeita à assimilação de elementos exógenos – exceptuando a Cachouça e o Cabeço das Fráguas¹⁵. Cada vez mais, continuam a faltar datações concretas que nos permitam concluir, de facto, a que séculos corresponde o material que continuamos a exumar e a atribuir apenas ao final da Idade do Bronze.

5.1 - Descrição estratigráfica e estrutural da sondagem 9.

Os trabalhos que decorreram no ano de 2009, sob a tutela da empresa de Arqueologia *Palimpsesto, Lda.*, foram conduzidos por equipa científica composta por Sara Almeida, João Nuno Marques e Nuno Miguel Ferreira. Como consequência da exploração da pedreira, estipulou-se a marcação e escavação de cinco sondagens (6; 7;

¹⁵ O primeiro terá conhecido uma ocupação entre os séculos XII – VIII/VII a. C. (VILAÇA e BASÍLIO, 2000: 41; VILAÇA, 2007: 68) enquanto o segundo terá sido frequentado pelo menos desde o século VIII/VII a. C. até ao séc. I da nossa era (SANTOS e SCHATTNER, 2010).

8; 9; 10) em vários pontos do terreno com vista à preservação do registo arqueológico (Ver anexos, Fig. 11).

A impossibilidade de estudar, em tão curto espaço de tempo, todos os materiais oriundos desta intervenção, conduziu-nos à apreciação e análise das cinco sondagens efectuadas. Tal exercício teve em conta não só a complexidade estratigráfica, como também a quantidade de materiais associados a cada contexto. Após quantificação e análise detalhada das diversas realidades, procedemos à selecção da sondagem 9, que adequada ao nosso tempo de estudo e com problemáticas estruturais e cronológicas associadas, vê neste trabalho uma possível resolução das mesmas através da interpretação dos espaços vividos e construídos. Além do mais, o entendimento da cronologia material associada permitir-nos-á discernir a sequência de ocupação desta área do povoado, bem como as construções a ela associadas, por vezes de dúbia interpretação¹⁶.

Portanto, a realidade que neste trabalho estudamos - sondagem 9 - foi implantada a cerca de 719 metros de altura, num socalco da encosta sudoeste do Cabeço da Argemela, com o objectivo de compreender a origem do patamar onde foi efectuada, pois presumia-se a sua relação com níveis arqueológicos, posteriormente confirmados. De acordo com os responsáveis pelo trabalho, esta sondagem de 12 m², revelou vestígios de pelo menos três fases ocupacionais, duas de época proto-histórica e uma outra possivelmente contemporânea (ALMEIDA *et al*, 2011: 37). O cenário estrutural apresentado levou a equipa científica a delimitar a sua metade Este, de maneira a obter uma leitura estratigráfica que não destruísse integralmente as construções. Deste modo, com base no registo obtido, os autores estimaram que a ocupação e utilização desta área tenham sido realizadas em pelo menos 4 ocasiões distintas até ao momento de abandono do povoado como se pode constatar na matriz de Harris (Fig. 1). Não obstante, teremos oportunidade de debater esta questão e perceber que as quatro fases aqui definidas poderão estar directamente relacionadas apenas com dois momentos cronológicos, Bronze Final (Fase I e II) e Ferro Pleno (Fase III e IV).

¹⁶ Como é o caso da estrutura mural identificada pela U. E. [909], cuja construção suscitou imensas dúvidas, nomeadamente cronológicas.

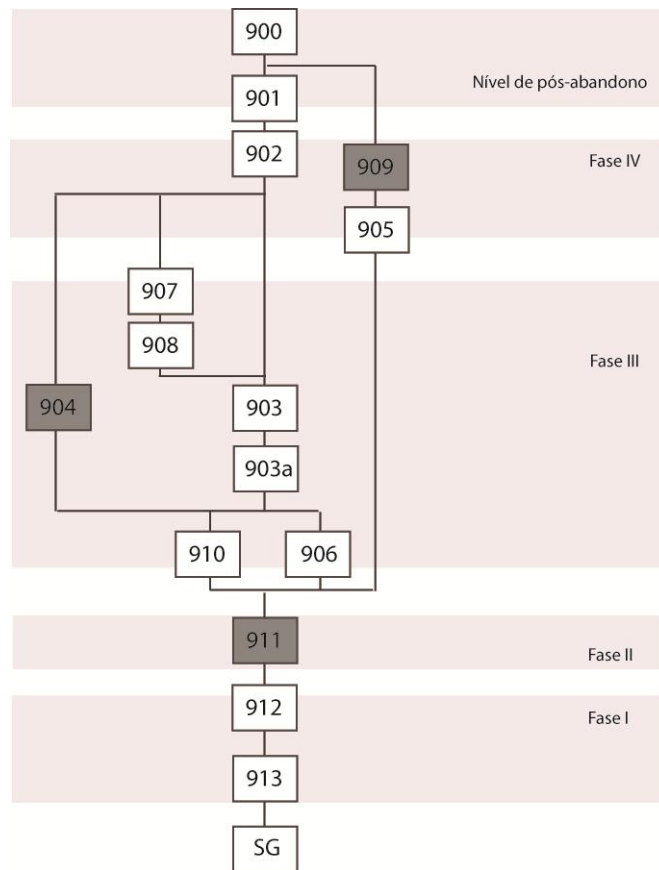


Fig. 1 – Matriz de Harris correspondente à sequência estratigráfica da Sondagem 9.

Considerando a capital relevância que o contexto e registo representam numa intervenção destrutiva, como é a escavação de um sítio arqueológico, listamos aqui as principais características das U. E. da sondagem 9. Esta descrição permite que a interpretação da realidade material disponha de elementos fundamentais à conexão com a sua proveniência e contexto original. A relação estratigráfica será efectuada segundo os dados contidos no relatório da escavação (ALMEIDA *et al*, 2011) e incluirá, conseqüentemente, a correspondência entre as camadas e estruturas (Ver anexos, Fig. 12-20). A sua ordem representará apenas a que foi atribuída durante os trabalhos de campo e não a relação directa entre as várias unidades.

5.2 – Descrição da estratigrafia:

[900]: Camada de superfície composta por terra vegetal e humosa de grão fino. Apresentou-se medianamente compacta, com algum cascalho e pedra de médio porte.

Trata-se de um nível de pós-abandono. Deposita-se sobre as camadas [901], [902] e [909] (Ver anexos, Fig. 21).

[901]: Unidade de acumulação de blocos graníticos de médio porte junto à unidade mural [909]. Trata-se de uma camada de destruição, causada possivelmente pelo derrube da referida estrutura.

Deposita-se sobre as U. E. [902], [903] e [904] e encontra-se coberta pela unidade [900] (Ver anexos, Fig. 22).

[902]: Estrato homogêneo, medianamente compacto, constituído por sedimento amarelo, saibrento e de grão médio.

Deposita-se sobre as camadas [905], [903] e sobre a estrutura [904]. Encontra-se coberto pelas camadas [900] e [901] (Ver anexos, Fig. 22 e 23).

[903]: Camada de cor alaranjada, saibrosa e medianamente compacta. Trata-se de um piso delimitado a Este pela unidade mural [904] e perturbado a Norte pela unidade [905]. Destacamos a existência de uma pedra fincada, aproximadamente ao centro, disposta na vertical e que atravessa o piso. Trata-se de um nível de ocupação/circulação.

Já no limite da sondagem, mas ainda neste piso, foi identificada uma estrutura negativa, correspondente a um covacho [908] onde foi depositado um recipiente cerâmico, posteriormente coberto por sedimento [907] semelhante ao deste piso.

Esta unidade assenta sobre a [903A] e [906] e encontra-se coberta pela [902] e [905] (Ver anexos, Fig. 24).

[903A]: Estrato argiloso, compacto, de cor vermelho-alaranjada. Corresponde à base de preparação do piso [903]. Tal como a U. E. anterior, esta foi também perturbada pela unidade [905]. É coberta pela [903], assenta sobre a [906], é cortada pelo covacho [908] e correlaciona-se com o preenchimento do mesmo [907].

[904]: Unidade mural correspondente a um alinhamento pétreo de estrutura rectangular. É formado por blocos de granito de médio porte. Delimita o piso [903] a Este. Trata-se de um nível de ocupação.

Estratigraficamente encontra-se sobre a [906] e é coberta pela [902] e [901] (Ver anexos, Fig. 24 e 25).

[905]: Estrato heterogéneo, medianamente compacto, constituído por sedimentos castanho-escuro de grão fino. Apresenta carvões e bolsas de sedimentos mais claros. Resulta da perturbação ocorrida nas unidades [903], [903A], [906] e [911] e está relacionada com a instalação do muro [909] pois desenvolve-se numa faixa de cerca de 80 cm ao longo da face externa daquela estrutura.

Encontra-se coberta pela unidade [902] e assenta sobre a [911] (Ver anexos, Fig. 25 e 26).

[906]: Unidade composta por sedimento argiloso, castanho-escuro de grão fino. Dubitável nível de preparação do terreno para assentamento do piso de cabana [903].

Encontra-se perturbado a Norte pela camada [905], assenta sobre a unidade [911] e está coberta pela [903A] (Ver anexos, Fig. 27).

[907]: Camada medianamente compacta, composta por sedimento amarelo que colmata uma acumulação de pedra e um recipiente partido "*in situ*" depositado no interior do covacho [908]. É semelhante ao sedimento do piso [903] mas mais solto.

Encontra-se coberto pela camada [902] e deposita-se sobre a [908] (Ver anexos, Fig. 28).

[908]: Interface negativo resultante da abertura de um covacho no piso [903].

Encontra-se preenchido pela [907] e corta as unidades [903], [903A] e [906] (Ver anexos, Fig. 28).

[909]: Unidade mural da qual apenas é visível a face externa visto que esta se prolonga para além do limite Norte da sondagem. Trata-se de um aparelho regular formado por grandes blocos sub-rectangulares, perfeitamente talhados e encaixados

entre si e com as juntas preenchidas por pedra miúda. Destaca-se a ausência de patine.

Encontra-se sob a camada [900] e assenta sobre a [905] (Ver anexos, Fig. 17).

[910]: Camada pouco compacta composto por sedimento arenoso e solto, amarelo-acinzentado. Localiza-se no canto Sudoeste da sondagem. Tratar-se-á de um nível de construção em articulação com a [903A] visto que é coberto por esta. Deposita-se sobre o piso [911].

[911]: Unidade estrutural composta por um lajeado constituído por blocos graníticos de médio porte. Optou-se por desmontar apenas uma parcela desta construção, de modo a que fornecesse uma leitura estratigráfica sem implicar a destruição da estrutura. Procedeu-se assim à escavação da metade Este da sondagem, onde o lajeado se encontrava em mau estado de conservação. Tratar-se-á de um nível de ocupação / circulação.

Encontrava-se perturbado a Norte pela [905], era coberto pela [910] e [906] e depositava-se sobre a [912] (Ver anexos, Fig. 29).

[912]: Unidade pouco compacta, constituída por sedimento castanho-acinzentado. Apresentava carvões, cinzas e bastante pedra de pequeno porte. Apresenta características de camada de despejo, o que leva a interpretá-la como nível de aterro ou regularização de terreno.

Encontra-se debaixo das camadas [906] e [911] e deposita-se sobre a [913] (Ver anexos, Fig. 29).

[913]: Camada composta por sedimento castanho, de grão fino, com algum cascalho e medianamente compacta.

Encontra-se abaixo da [912] e imediatamente acima do substrato geológico constituído por afloramento granítico, fendido, com pendor para Sudoeste (Ver anexos, Fig. 30).

5.3 - Interpretação geral:

Como foi anteriormente referido, a relação contextual entre as unidades estratigráficas e estruturais da sondagem 9, permitiu-nos estabelecer quatro momentos de utilização/ocupação desta área do Cabeço da Argemela. Portanto, a necessidade de referenciar os elementos construtivos que compõe cada momento, e os artefactos a si associados, constituem um importante elo de ligação à consequente descrição e análise do espólio cerâmico, de modo a que este disponha da mais fidedigna contextualização crono-cultural.

A ocupação mais antiga deste sector da Argemela, correspondente à **Fase I**, terá acontecido no final do II/início do I milénio a.C.. Estratigraficamente, este momento organiza-se segundo a construção ou preparação de um nível de regularização de terreno, através das unidades **[912]** e **[913]**. A esta normalização topográfica, que estará relacionada com a posterior inclusão de um piso lajeado [911], encontravam-se associados 192 fragmentos cerâmicos de estrita afinidade ao final da Idade do Bronze, bem como um fragmento de metal de forma indeterminada.

O lajeado **[911]** deve ser identificado como um nível de circulação pertencente à **Fase II**. A sua construção integrou a reutilização de elementos de moagem e reflecte uma regularização propositada da sua superfície. Apesar da sua real dimensão não ter sido aferida, devido não só a perturbações nos perfis Norte e Este, mas também ao facto de ultrapassar os limites da sondagem, pode admitir-se que esta estrutura seria parte integrante de um espaço construído ao ar livre, no entanto, a sua natureza pública ou doméstica é desconhecida.

Exactamente acima deste piso formam-se duas camadas, **[906]** e **[910]**, que forneceram a maioria do espólio desta sondagem, quase todo manual. Na primeira unidade exumaram-se 426 fragmentos de cerâmica, um cadinho, uma escória e uma argola de metal, enquanto a segunda apenas continha 37 peças cerâmicas. Ambas foram inicialmente interpretadas como uma acção de nivelamento do terreno já pertencente à fase III, no entanto, visto que as cerâmicas são tecnológicas e morfologicamente semelhantes às da 1ª fase, consideramos que estas unidades

correspondem a um momento final, talvez de abandono, da fase II, ao invés de as considerarmos constituintes já do início do terceiro nível de ocupação¹⁷.

Relativamente à **Fase III**, esta caracteriza-se pela edificação de uma estrutura de planta rectangular [904], de dimensões que ultrapassariam os 3 x 2 metros. No seu interior desenvolvia-se um piso [903] e o nível de preparação do mesmo [903A] onde foi encontrada imensa cerâmica quebrada “*in situ*”. Em conjunto, estas unidades apresentavam respectivamente, 44 e 111 fragmentos, de modelação maioritariamente ao torno, e um conjunto de sete botões metálicos. Neste piso, detectou-se ainda a abertura de uma pequena cova [908] e [907] onde se depositou um recipiente elaborado manualmente.

Salientamos que todas estas unidades se encontravam alteradas na parte Norte da sondagem devido à abertura de uma vala [905] para a implantação de um muro [909] de grandes dimensões, de aparelho regular e de face externa talhada de forma angulosa, com arestas vivas e ausência de patine. Esta instalação, que forneceu 63 peças cerâmicas, a maioria de fabrico manual, constituirá a **Fase IV** de utilização desta área. Não obstante, a determinação da funcionalidade desta estrutura encontra-se condicionada pela falta de elementos que nos permitam caracterizá-la e enquadrá-la no quadro de ocupação da Fase III. Segundo o registo estratigráfico, esta construção encontra-se associada a um momento posterior à ocupação da estrutura da Fase III podendo ainda estar relacionada com este mesmo período cronológico (Ferro Pleno), visto que, entre outras evidências¹⁸, a abertura da vala ocorreu no piso [903], estrutura pertencente a estes níveis sidéricos.

A par desta perturbação formou-se então o estrato [902] que cobre a ocupação da terceira fase e onde foram exumados 90 fragmentos e uma agulha/fuzilhão de metal. Este estrato ter-se-á formado após a implantação da referida estrutura mural, podendo resultar do revolvimento de terras originado pela abertura da vala, bem como ser reflexo do cessar da ocupação e abandono do povoado (Ver anexos, fig. 18, 19 e 20).

¹⁷ Assumimos esta posição visto que, estratigraficamente, a unidade 906 estende-se para lá do limite das unidades que a cobrem - piso [903] e sua base de construção [903A]. Como se pode constatar nos desenhos de perfil, no limite sudeste, a U.E. [906] continua a desenvolver-se e apenas é coberta pela unidade [902], pertencente à Fase IV (Ver anexos, fig. 19 e 20).

¹⁸ Como poderá ser visto mais à frente neste trabalho, os dados obtidos através da análise dos materiais referentes a este contexto parecem corroborar esta mesma teoria.

Por fim, a selagem de todas estas estruturas encontra-se marcada por **níveis de pós- abandono**, materializados nas camadas **[901] e [900]**, revolvidas, húmidas e com materiais atribuíveis a diferentes épocas, nomeadamente 365 exemplares cerâmicos.

Finalmente, devemos referir que além do espólio cerâmico que agora estudamos, outros artefactos líticos e metálicos foram já alvo de um estudo morfo-tipológico e de caracterização metalográfica. Esta análise, que atendeu ao facto de o Cabeço da Argemela se situar num enclave privilegiado de recursos minerais, pretendeu, essencialmente, distinguir os principais elementos caracterizadores da cadeia operatória bronzista (VILAÇA *et al*, 2011).

6 - A amostra

Como indicado previamente, o conjunto artefactual cerâmico alvo da nossa análise provém da sondagem 9, uma das cinco sondagens efectuadas em 2009 no Cabeço da Argemela cujo propósito foi o registo de níveis arqueológicos que pudessem vir a ser afectados pela exploração mineira neste local.

Tendo em conta as características do ambiente em que a amostra foi exumada, chamamos a atenção para o facto de que a análise e descrição do espólio pretende apenas representar uma fracção da colecção material que caracteriza a realidade sociocultural das comunidades que habitaram no Cabeço da Argemela ao longo do I milénio a. C.. Conscientes de que a área que estudamos se restringe a uma pequena fracção do que terá sido a ocupação humana deste povoado e tendo em conta o faseamento cronológico anteriormente proposto, não projectamos a definição deste trabalho como uma síntese definitiva sobre a realidade artefactual das suas ocupações, mas sim como a descrição de uma parcela que demonstra como se terá vivido na Argemela há mais de dois mil anos.

Novamente, as condições estratigráficas permitiram distinguir, além da fase final de abandono, outros quatro momentos de utilização do espaço. Isolou-se a descrição das cerâmicas consoante a fase estratigráfica em que foram exumadas tendo em vista uma posterior análise comparativa na busca de semelhanças técnicas e morfológicas entre épocas distintas. Além deste aspecto, descreveremos separadamente as peças de manufactura distinta visto serem representativas de alterações tecnológicas.

Na totalidade foram exumados 1574 fragmentos cerâmicos, dos quais, cerca de 200, permitiram estabelecer colagens entre si e conseqüentemente reduzir e estabelecer uma amostra final de 1345 indivíduos. O trabalho moroso possibilitou ainda a reconstrução, mesmo que parcial, de alguns recipientes, o que nos permitiu extrapolar acerca de outros aspectos relacionados principalmente com a dimensão e função dos distintos contentores. Um outro aspecto que se salienta é que a relação numérica de distribuição da cerâmica, segundo as unidades estratigráficas e a sua tecnologia de manufactura, ocorre de forma distinta e em números muito variáveis (Tabela 5).

Cronologia	FASES	U. E.	Fabrico Manual	Fabrico Torno	Fabrico Indeterminado	Total fragmentos
<i>Fase de pós-abandono</i>		900	144	112	65	365
		901	23	17	4	
<i>II Idade do Ferro</i>	<i>FASE IV</i>	902	28	50	12	153
		905	48	9	6	
	<i>FASE III</i>	903	8	26	10	172
		903A	5	92	14	
		907	14	3	-	
<i>Final da Idade do Bronze</i>	<i>FASE II</i>	906	411	2	13	463
		910	35	1	1	
	<i>FASE I</i>	912	177	1	14	192

Tabela 5: Distribuição da cerâmica por Fase e Unidade Estratigráfica segundo a sua modelação.

Como se constata, a segunda fase de ocupação surge com o maior número de fragmentos cerâmicos exumados, seguido apenas pela fase referente à situação de abandono do povoado. Realçamos também o número de peças achadas na primeira fase de ocupação tendo em conta que este é de elevado valor e provém apenas de uma unidade estratigráfica – 912. A esta relação entre o número de fragmentos e os estratos a que estão associados, seguem-se a fase III e IV, respectivamente.

De facto, ao observarmos o gráfico 1, notamos que a percentagem de fragmentos produzidos manualmente é claramente superior nos dois primeiros momentos de ocupação, sofrendo uma quebra abrupta quando analisamos a terceira fase. Por sua vez, os objectos produzidos ao torno, vestigiais na fase I e II, alcançam a sua superioridade numérica no momento seguinte (Fase III). As últimas sequências de ocupação e abandono demonstram dados muito semelhantes entre as peças manuais e ao torno, com predominância das primeiras.

Em relação aos fragmentos de produção indeterminada, mantêm-se valores baixos ao longo de todo o gráfico apresentando uma ligeira subida apenas na fase de abandono. Julgamos que tal facto está relacionado com os fenómenos de deposição e rolamento que as peças sofreram ao longo do tempo.

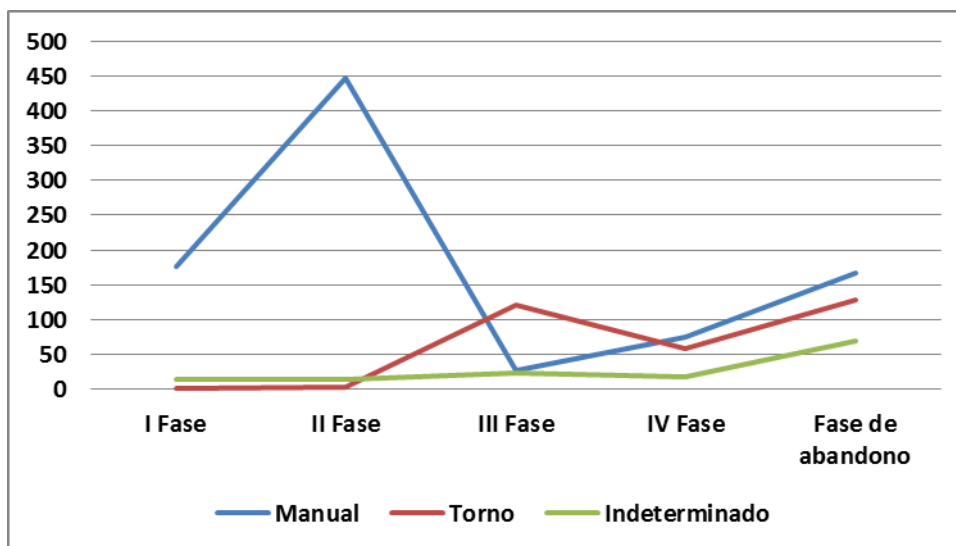


Gráfico 1 – Distribuição do nº de fragmento por fase segundo a sua modelação.

6.1 - Descrição dos materiais - Morfologia, Técnica e Decoração.

Em termos globais, cada fragmento foi alvo do mesmo critério de análise. Todos os aspectos decifráveis macroscopicamente e relacionados com a sua produção mereceram atenção no inventário por nós elaborado. O objectivo desta catalogação serviu o interesse de compreender, através de uma análise estatística, determinados padrões morfológicos, tecnológicos, decorativos e funcionais. Por esta razão recorreremos a gráficos e outros instrumentos de representação de dados de modo a facilitar a leitura da informação que pretendemos transmitir.

Fase I

O primeiro momento de ocupação da sondagem 9 encontra-se materializado nas camadas [912] e [913] que, conjuntamente com deposições naturais de terras, poderá estar associado a um nível de regularização de terreno. Tendo em conta que o substrato geológico é de tal forma fendido e irregular (Ver anexos, Fig. 30), esta terá sido a solução para normalizar o solo e conseqüentemente possibilitar a construção que caracteriza o momento seguinte. Deste contexto extraíram-se um fragmento de metal de forma indeterminada e um total de 192 peças cerâmicas, bastante quebradas, e cujo predomínio do fabrico manual (92 %) contrasta com a produção ao

torno (0,5 %) e também com as peças de modelação indeterminada (7,5 %) – (Gráfico 2) (Estampas III – VII).

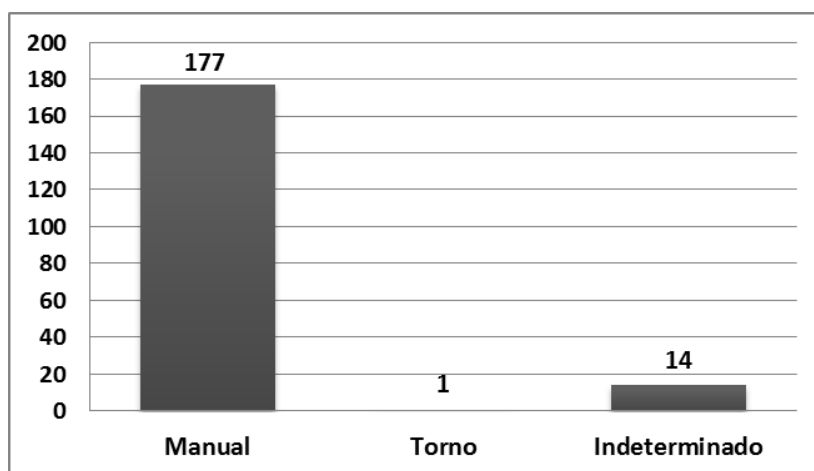


Gráfico 2 – Relação entre modelação e nº de fragmentos – Fase I.

Análise morfológica:

No total registaram-se 20 bordos e 5 fundos de produção manual e 167 bojos que se distribuem pelas várias categorias de manufactura.

	Manual	Torno	Indeterminado
Bojos	152	1	14
Bordos	20		
Fundos	5		

Tabela 6: Distribuição dos fragmentos segundo a sua morfologia e modelação.

Fabrico manual:

Visto que apenas a modelação manual regista peças passíveis de representação gráfica, distinguimos 20 bordos, correspondente ao número mínimo de indivíduos desta fase. O cálculo do diâmetro destes elementos ficou condicionado pela sua elevada fragmentação e dimensão, no entanto, conseguimos reproduzir parte do perfil de nove recipientes e consequentemente inseri-los em categorias de dimensão pequena (5 exemplares) e média (4 exemplares). A orientação destas peças encontra-se distribuída pelas classes de bordo extrovertido (15 ex.), recto (4 ex.) e introvertido (1 ex.).

Em relação ao lábio, 16 casos apresentam morfologia convexa contra apenas 2 tipos planos e outros dois, biselados. Destes, apenas um, plano, apresenta decoração impressa através de ungulações (Estampa VI, nº 1155).

Os cinco fundos apresentam todos a base plana e bastante gasta. Conseguimos estimar as dimensões de 4 fragmentos e os seus diâmetros oscilam entre os 7 e 12 cm, sendo que um se insere na categoria de pequeno tamanho e os outros três no tamanho médio. Em relação a particularidades formais, assinalamos que um dos casos possui um espessamento externo, como um rebordo anelar (nº 1208), e um outro ostenta um engrossamento da pasta, aproximadamente no seu centro (nº 1210) (Estampa V).

Entre o grupo dos bojós destacamos dois exemplares com carena (nº 1212 e 1325) e um com arranque de asa de fita (nº 1167) (Estampa VII).

A reconstrução parcial da morfologia das nove peças permitiu a sua inserção em várias categorias tipológicas¹⁹. Assim, três exemplares (nº 1198, 1199 e 1203) correspondem ao Tipo 2 - recipientes carenados; um (nº 1195) corresponde ao Tipo 3 - recipientes de perfil em “S” (Estampa III); um fragmento (nº 1201) faz parte do Tipo 5 - recipientes de paredes rectas ou semi-rectas; e finalmente, quatro peças (nº 1156, 1157, 1193 e 1205) pertencem ao Tipo 7 - Potes/Panelas (Estampas IV e V).

Análise tecnológica:

Visto que uma das principais distinções técnicas do nosso estudo é o tipo de modelação das cerâmicas, a análise da tecnologia, a par da análise morfológica, será elaborada segundo o tipo de fabrico que as peças apresentem.

Fabrico manual:

Este modo de produção surge representado por 26 recipientes de fabrico fino, 138 medianos e 13 grosseiros. As suas pastas, maioritariamente compactas (87 ex.) e homogéneas (77 ex.) contrastam com apenas 11 peças de pasta arenosa e 2 friáveis.

Através da coloração das superfícies e núcleos das peças estimamos que 46 % dos recipientes foram sujeitos a cozaduras em ambientes redutores. Os restantes

¹⁹ A tabela tipológica poderá ser consultada adiante nas páginas 74-86 e em anexo nas estampas I e II.

resultados distribuem-se pelas categorias criadas para este efeito podendo ser consultados no gráfico 3.

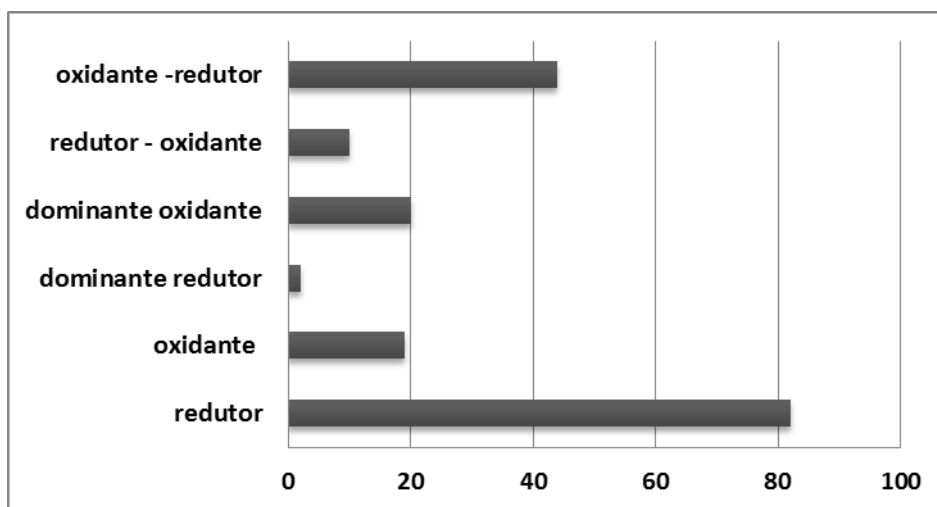


Gráfico 3 – Aproximação ao ambiente de cozedura (fabricos manuais) – Fase I.

A observação dos e.n.p transmitiu-nos que as pastas destas cerâmicas têm tendência para agrupar conjuntamente elementos de forma arredondada e angulosa - 61,6 %. Os restantes 38,4% representam as peças com desgordurantes maioritariamente arredondados, geralmente mais depuradas. A dimensão granulométrica é variável, sendo que 19,2% das vezes os minerais são de pequena dimensão, em 67,2% são médios e em 13,6% são grandes. A frequência encontra-se repartida pelas categorias de raros e medianos com 58,8% e 41,2% respectivamente.

Além da utilização de elementos rochosos no combate à plasticidade argilosa, fica comprovada a utilização de elementos vegetais com o mesmo propósito. Neste sentido, chamamos a atenção para um fundo, de superfície interna corroída, que apresenta o negativo de um elemento vegetal com cerca de 2 cm, provavelmente de uma pequena raiz, dado a sua forma torcida (Ver anexos, fig. 31). Estes elementos, também utilizados como desgordurantes, desaparecem facilmente durante a cozedura, contudo deixam pistas importantes sobre a sua utilização na produção oleira.

Em relação aos tratamentos de superfície, denota-se uma variabilidade que se expressa através das seguintes percentagens; As faces externas das peças manuais apresentaram 35% de superfícies alisadas, 32,7% polidas, 14,6% “*cepilladas*”, 10,2% rugosas, 5% brunidas e 2,5% corroídas. Por outro lado, os acabamentos da face interna, que alternam entre valores muito mais discrepantes, manifestam o cuidado

aplicado a estas superfícies: 71,2% dos fragmentos demonstram o predomínio do alisamento e 19,2% apresentam a face polida. Apenas 2,3% das peças são rugosas, 1,7% “*cepilladas*” e 5,6% correspondem a acabamentos indecifráveis devido à corrosão da pasta. Tal como anteriormente, o emprego do mesmo tratamento nas duas superfícies descreve-se através de valores distintos. Com maior representatividade, o alisamento está presente em 66,7% dos casos, seguido do polimento com 26,8%. As superfícies rugosas apresentam 4,3% das combinações enquanto as “*cepilladas*” e corroídas, representam 1,1% cada.

A espessura das peças alterna entre as três categorias criadas. As paredes finas estão representadas por 37 fragmentos, as médias compreendem 115 indivíduos e as grossas, 23. Existem ainda duas peças cuja espessura não foi determinada devido ao seu elevado grau de corrosão.

Fabrico ao torno e fabrico indeterminado:

Os atributos principais do único fragmento de produção torneada transmitem que este terá feito parte de uma peça de fabrico mediano de pasta homogénea. A sua coloração indica a sua sujeição a uma cocção oxidante-redutora e os seus e.n.p, de pequena dimensão, são pouco frequentes e tanto surgem sob forma angulosa como arredondada. O tratamento das superfícies é composto por um simples alisamento e a sua espessura permite-nos inseri-lo na categoria de recipientes de paredes finas.

Ao invés, as peças de fabrico indeterminado revelaram 4 recipientes de fabrico fino, 9 de fabrico mediano e 1 indefinido devido à corrosão da peça. A pasta dos fragmentos é maioritariamente compacta, com 71,4% do total e as restantes 28,6% são homogéneas. Segundo a tonalidade dos fragmentos, os ambientes de cozedura a que terão sido sujeitos repartem-se pelos valores de 28,6%, para as peças dominante oxidantes, 28,6% para as dominante redutoras, 21,4% são oxidantes, 14,3% são redutor-oxidantes e finalmente, com 7,1%, as peças de ambiente claramente redutor.

Os e.n.p apresentam a sua forma distribuída entre as categorias de arredondados (50%) e com ambas as formas (50%). São quase sempre de médio tamanho (78,6%), e deixam aquém as percentagens dos pequenos (14,3%) e grandes minerais (7,1%). Em 64,3% dos casos os minerais são raros e 35,7% ocorrem com média frequência.

As superfícies externas contam com 42,9% de fragmentos alisados, 42,9% polidos, 7,1% “*cepillados*” e de igual modo, 7,1% têm a superfície corroída. Internamente, os acabamentos distribuem-se pelos alisados (85,8%), “*cepillados*” (7,1%) e corroídos, também com 7,1%. As peças que apresentam o mesmo tratamento em ambas as faces estão representadas apenas por seis exemplares. Nestes, o alisamento consta em 83,4% e a corrosão em 16,6%.

A espessura das paredes dos recipientes reparte-se pelas três categorias. As paredes finas contam com 1 exemplar apenas, as paredes médias com 11 e as grossas com 2.

Análise decorativa:

Nesta primeira fase de ocupação apenas contamos com dois fragmentos decorados, de produção manual. Um deles corresponde a um bordo de lábio unglado (Estampa VI, nº 1155) e outro a um bojo que apresenta uma espécie de decoração penteada, grosseira e com um padrão definido por traços paralelos e perpendiculares (Estampa VII, nº 1216).

FASE II

Como referimos anteriormente, consideramos que além do piso lajeado materializado na unidade [911], as camadas [906] e [910] são elementos constituintes desta fase de ocupação. Os materiais cerâmicos associados a estes estratos são morfológica e tecnologicamente semelhantes aos da primeira fase e poderão estar relacionados talvez com um momento de abandono desta estrutura lajeada (Estampas VIII – XVIII). Em termos de artefactos metálicos exumaram-se também uma argola e uma escória em bronze e ainda um fragmento de cadinho.

Análise morfológica:

Analisaremos as duas unidades – [906] e [910] – em conjunto visto apresentarem um grau de semelhança, estratigráfico e material, bastante elevado. Assim, apresentam-se 463 peças repartidas por três tipos de modelação - manual, ao torno e indeterminado - correspondendo, respectivamente, a 96,4 %, 0,6 % e 3% do total da amostra desta fase. Na categoria das peças fabricadas manualmente contamos com 370 bojos (14 com carena e 2 com arranque de asa), 53 bordos, 16 fundos (um deles umbilicado), 6 asas de fita e ainda uma peça de morfologia desconhecida. Ao torno e de fabrico indeterminado surgem apenas 3 e 14 fragmentos de panças, respectivamente.

Fabrico Manual:

Relativamente às peças produzidas manualmente, avançamos desde já que a quantidade de bordos nos permite indicar a existência de um número mínimo de 53 indivíduos. A reconstrução e determinação do diâmetro de 15 recipientes possibilitaram ainda a sua integração nas categorias de dimensão, predominando os de tamanho médio (10), seguidos pelos pequenos (4) e por fim os grandes, com apenas um exemplar.

Segundo a orientação dos bordos há uma prevalência dos extrovertidos com 62,3% dos exemplares, acompanhados pelos de paredes rectas com 30,2% e por fim os de direcção introvertida com 7,5%.

A esmagadora maioria dos lábios está morfológicamente representada pelo tipo convexo - 79% - seguido pelos lábios planos com 15% e por fim, os biselados com apenas 6% da amostra. Destes, 7 exemplares apresentam decoração impressa, 6 são ungulados (Estampa VIII, nº 1119; Estampa XI, nº 902 e 914; Estampa XIII, nº 677 e 901; Estampa XIV, nº 676) e um apresenta uma espécie de punção ligeiro no lábio que se estende até à superfície interna da peça (Estampa X, nº 674).

Dos 16 fundos exumados, 15 são planos e um umbilicado (Estampas VIII e XVI). Conseguimos definir ainda o diâmetro de 12 bases, que se encontra repartido pelas categorias de dimensão média e grande – (Tabela 7).

Fundos de produção manual		
Diâmetro (cm)	Nº de fragmentos	Categoria
6	1	Médio
7	1	Médio
8	2	Médio
11	3	Médio
12	2	Médio
13	1	Médio
14	1	Médio
15	1	Grande

Tabela 7: Relação entre quantidade e dimensão dos fundos da Fase II.

Os elementos de suspensão estão representados nesta fase sob a forma de 6 fragmentos de asas de fita, 2 bojos com arranque de asa e duas pegas mamilares. Estas últimas apresentam perfurações na vertical (Estampa IX, nº 906; Estampa XV, nº 726). Realçamos a presença de dois exemplares de asas cujo desenvolvimento se inicia no bordo da peça a que estão associadas e portanto a sua individualização enquanto recipientes será somada à contagem do número mínimo de indivíduos, elevando a amostra para 55 exemplares. Estes fragmentos apresentam o lábio plano, decorado com unguações (Estampa VIII, nº 1120; Estampa XVII, nº 923).

Ao invés, as características dos outros três exemplares de asas de fita, incitam-nos a afirmar que estas foram aplicadas nas paredes dos recipientes, no entanto apenas contamos com uma fracção da peça, não sabendo de onde partiria a outra ligação (Estampa VIII, nº 1123 e 1124; Estampa XVII, nº 713). As secções das asas encontram-se divididas em dois tipos, sub-triangulares e elipsoidais.

Entre as panças ou bojos, destacamos alguns exemplares de perfil carenado, bastante variáveis, que podem sobressair de forma angulosa ou mais suave (Estampa XV).

As peças passíveis de enquadramento tipológico revelaram uma dispersão por cinco classes. Assim, o Tipo 2 apresenta 3 exemplares carenados (Estampa IX), o Tipo 3 surge representado por 2 recipientes de perfil em “S” (Estampa X, nº 674; 686) e o Tipo 4, referente aos contentores de bordo introvertido, apenas está retratado por um indivíduo (Estampa X, nº 695). Os grupos com mais exemplares associados são o Tipo 5, com 5 peças (Estampa XI) e o Tipo 7 com 4 (Estampa XII).

Análise Tecnológica:

Fabrico Manual:

Dos 446 exemplares construídos manualmente, a maioria ostenta um fabrico mediano (61%), seguido do fino (25%) e posteriormente do grosseiro (14%). As pastas são tendencialmente compactas e homogêneas reservando os lugares do fim às texturas arenosas e micáceas – (Gráfico 4).

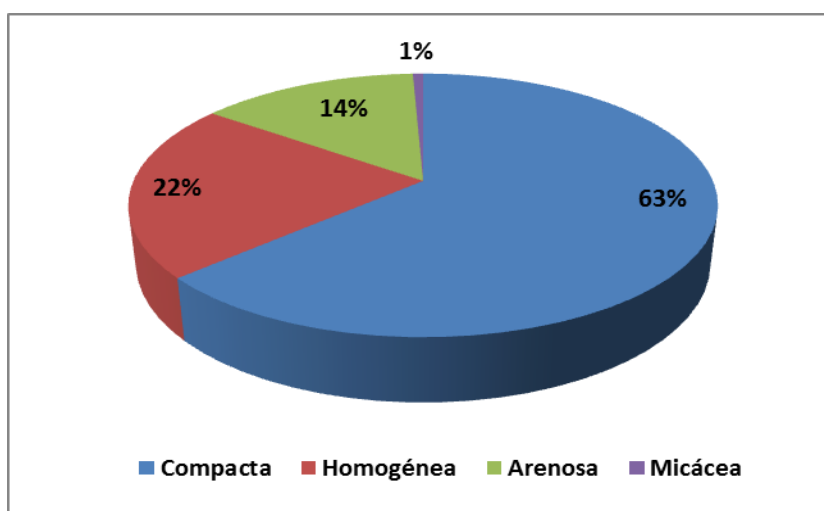


Gráfico 4 – Relação percentual entre os vários tipos de pasta (fabricos manuais) – Fase II.

Deste modo os desengordurantes predominam sob a forma arredondada e angulosa em 69,5%, seguido das peças com e.n.p. maioritariamente arredondados (30,3%). Apenas 0,2% do total conta com elementos tendencialmente angulosos. A granulometria, também variável, toma o valor mais elevado para os elementos de média dimensão (54,3%), seguido da oscilação entre pequenos (22,2%) e grandes (23,5%). Contra apenas 2,7% de elevada assiduidade de desengordurantes, destoam os valores dos e.n.p com média frequência (60,3%) e dos raros (37%).

Na relação estabelecida entre a cor e cozedura, os tons mais escuros remetem 41% dos exemplares para uma cozedura num ambiente redutor, seguidos pelas atmosferas oxidante-redutoras com 26,9%. Todos os outros se repartem entre meios oxidantes (17,5%), dominante-oxidantes (8,7%), redutor-oxidantes (4,6%) e dominante-redutores (1,3%).

O tipo de acabamento de superfície da face externa divide-se entre 38,6% de peças alisadas, 26,7% polidas, 10,3% brunidas, 3,6% “cepilladas”, 20% rugosas e 0,8% corroídas. Já a face interna conta com 64,3% das peças alisadas, 22,3% polidas, 2,5% brunidas, 2,2% “cepilladas”, 6,5% rugosas e 2,2% corroídas. O número de peças com o mesmo tratamento em ambas superfícies varia entre 150 exemplares de faces alisadas, 60 polidas, 12 rugosas, 9 brunidas e 3 “cepilladas”.

O seguinte quadro espelha a relação entre a espessura das paredes e a categoria em que estas se inserem. Destacam-se, pelo avultado número, as paredes médias que são depois sucedidas pelas peças de espessura fina e por último, fragmentos de parede grossa – (Tabela 8).

Espessura (mm)	Nº fragmentos	Categoria
3-6	105	Paredes finas
7-10	303	Paredes médias
>10	32	Paredes grossas

Tabela 8: Distribuição dos fragmentos segundo a sua categoria de espessura.

Fabrico ao torno e indeterminado:

Entre as peças pertencentes à categoria de fabrico ao torno, de percentagem residual, contamos apenas com três bojos de fabrico mediano, em que dois exemplares são constituídos por pastas compactas e um outro por pasta homogénea.

As formas dos e.n.p. distribuem-se pelos elementos arredondados com 1 exemplar e pela categoria de ambas as formas em duas peças. No atributo da dimensão, dois surgem com desengordurantes de tamanho pequeno e médio e outro surge com e.n.p. de todas as dimensões. Ainda assim, a rara frequência destes materiais indica-nos a existência de um cuidado na depuração das pastas, possivelmente por serem manuseadas ao torno.

Em relação à cor e atmosfera de cozedura, um fragmento indica um ambiente oxidante e os restantes dois remetem para um meio oxidante-redutor. Ostentam superfícies alisadas, interna e externamente, com excepção de uma peça que apresentava a face externa rugosa. Com a avaliação da espessura, incluímos duas peças na categoria de paredes médias e um na de paredes grossas.

As 14 peças de manufactura indeterminada surgem com 1 exemplar de fabrico fino, 9 de fabrico mediano e 4 de produção mais grosseira. A compacidade das suas pastas oscila também entre 9 exemplares compactos, 3 homogéneos e 2 arenosos.

Segundo a análise dos e.n.p., existem 11 peças com minerais arredondados e angulosos e apenas 3 com maioria de arredondados. Contabilizaram-se 7 casos com e.n.p. de todas as dimensões, outros 6 com elementos médios e somente 1 com e.n.p. pequenos. A sua frequência é maioritariamente mediana (11 ex.) e rara (3 ex.).

Através da coloração das pastas e superfícies definimos que 8 peças terão sido sujeitas a uma cozedura em ambiente oxidante, sendo que as restantes 6 se repartem em pares pelas atmosferas redutoras, dominante-oxidantes e redutor-oxidantes.

Uma vez mais, o alisamento é a técnica de eleição para ambas as superfícies contando com 5 exemplares alisados externamente e 12 internamente. Não obstante, esta técnica apenas ocorre em conjunto por quatro vezes. Seguem-se os “*cepillados*” na superfície externa de quatro peças e em duas assim tratadas internamente. Existem ainda quatro peças com a face externa rugosa e uma corroída.

Em termos de paredes, a espessura das mesmas fez-nos determinar somente um exemplar fino, 10 medianos e 3 de paredes grossas.

Análise Decorativa:

A grande maioria das peças decoradas surge neste momento de ocupação. Em termos de proporção, esta realidade mantém-se residual, existindo 15 fragmentos de fabrico manual com decoração que contrastam com 431 peças lisas, não obstante, regista-se uma maior variedade técnica e formal.

Na categoria das peças com decoração impressa, seis pertencem a bordos com o lábio ungulado e a duas asas em união com o bordo também unguladas. Estes motivos, efectuados através de uma matriz natural, as unhas, contrastam com um recipiente de perfil em “S”, de bojo “*cepillado*”, que apresenta o lábio puncionado internamente (Estampa X, nº 674). Finalmente, damos conta de um bojo que na sua superfície externa apresenta um alinhamento de 4 pequenas marcas de puncionamento

provocadas por um objecto, muito provavelmente de ponta romba, como terá sido utilizado no exemplo anterior (Estampa XVIII, nº 925).

A raridade dos fragmentos com decoração brunida é notável, registando-se apenas dois exemplares, no entanto há uma distinção na técnica utilizada em cada um dos casos. Num caso (Estampa VIII, nº 1118), trata-se de um ornato brunido realizado na face externa de um fragmento de bordo de cor cinzenta escura e de superfícies polidas. Os motivos apresentam uma linha quebrada em ziguezague acompanhada de duas linhas paralelas. Este traçado terá sido conseguido através do polimento da superfície, provavelmente com um pequeno seixo ou um objecto rombo de madeira.

O segundo fragmento corresponde a um bojo (Estampa XVIII, nº 729), de coloração castanho-escuro e superfície externa polida, onde surgem vários sulcos brunidos. A organização decorativa compreende dois sulcos horizontais, paralelos entre si, a partir dos quais se desenvolve uma malha reticulada de finas linhas perpendiculares. A particularidade deste caso prende-se com a excelente demarcação dos traços, quase incisos, que imprimem à peça um brilho que realmente contrasta com a restante superfície.

As restantes técnicas decorativas compreendem a aplicação plástica de um pequeno mamilo (Estampa XV, nº 922) e as superfícies com caneluras de dois recipientes. O primeiro (Estampa XVI, nº 915) corresponde a um fundo com pelo menos 4 sulcos canelados, pouco profundos e paralelos entre si. O segundo, representado por um bojo, ostenta decoração semelhante, também com 4 sulcos, mas neste caso não são perfeitamente paralelos (Estampa XVIII, nº 924).

Visto que os fragmentos ao torno não ostentam decoração, passamos a descrever os motivos das peças de produção duvidosa. Destacamos dois bojos penteados ou "*cepillados*" cuidadosamente (Estampa XVIII). Um dos exemplares (nº 730) surge representado por dois grupos distintos de finas linhas incisas, muito paralelas que convergem até um ponto onde se cruzam. O segundo (nº 930), mais simples, representa um conjunto de linhas finas, verticais e paralelas entre si.

FASE III:

Este momento corresponde ao acto de preparação, construção e ocupação de um piso associado a uma estrutura de planta rectangular cuja funcionalidade nos é desconhecida. Apesar das suas reais dimensões estarem escondidas para lá do limite da sondagem, estima-se que esta construção ultrapasse os 3 x 2 metros. As unidades que materializam esta realidade são o piso [903] e a sua base de construção [903A]. Além destas, destacamos uma outra acção que ocorreu nesta fase e merece ser analisada individualmente. Referimo-nos à abertura de um covacho no piso [903] cujo enchimento [907] permitiu individualizar um recipiente que por lá foi depositado.

Os níveis de preparação e circulação deste piso permitiram recuperar, além de sete botões em bronze, 155 peças cerâmicas cuja modelação, maioritariamente ao torno, marca um momento de viragem tecnológica²⁰ no Cabeço da Argemela. Deparamo-nos agora com uma alteração da técnica de fabrico dos recipientes - 76,1 % são produzidos com recurso ao torno, 8,4 % modelados manualmente e, sem que tenhamos conseguido definir a sua técnica de fabrico, os fragmentos indeterminados surgem com 15,5 %.

Análise Morfológica:

Entre as peças produzidas manualmente contam-se 3 bordos e 10 bojos (dois com carena). Ao torno surgem fragmentos de 109 bojos, 7 bordos, 1 colo e 1 fundo enquanto dentro do fabrico indeterminado as 14 peças correspondem a panças.

Assim, contabilizamos um número mínimo de indivíduos de 10 recipientes, 3 manuais e 7 ao torno. Conseguimos ainda reconstruir o perfil de um grande recipiente, que designamos por panela, a parte superior de dois grandes potes de armazenagem e deciframos o diâmetro de três recipientes de grande abertura. Todas estas peças foram montadas ao torno, à excepção de uma pequena taça hemisférica afeiçãoada manualmente.

²⁰ Apesar de existirem peças elaboradas ao torno nas unidades analisadas anteriormente, é a partir deste momento que ocorre um predomínio desta técnica.

Fabrico manual:

Entre os exemplares produzidos manualmente, os bordos representam pelo menos 3 indivíduos da amostra. Morfologicamente, 2 exemplares são rectos e um extrovertido. Os lábios, que surgem convexos em duas situações e plano numa, somente apresentam decoração impressa através de ungulações neste último caso (Estampa XXI, nº 591). Obtivemos apenas o diâmetro de uma taça hemisférica de categoria pequena, pertencente ao Tipo 1 (Estampa XXII, nº 460). Entre os fragmentos de bojos destacamos a presença de duas carenas (Estampa XXII, nº 461 e 462).

Fabrico ao torno:

As peças fabricadas com recurso ao torno de oleiro estão representadas por 7 bordos, aos quais foi permitido definir o diâmetro de seis recipientes (Estampas XX, XXI e XXII). Assim, através das categorias definidas para o diâmetro, foi-nos permitido circunscrever 1 recipiente ao tamanho médio e 5 ao grande. Destes, dois correspondem a grandes potes de armazenamento (Estampa XX, nº 500 e 501) e um a uma panela (Estampa XXI, nº 590).

A orientação dos bordos é extrovertida em 4 casos e esvasada em 3 e os lábios são convexos por 5 vezes e aplanados por duas. É num destes últimos que ocorre uma espécie de sulco de modelação que acompanha toda a linha do lábio (Estampa XXII, nº 456).

O único fundo que surge é plano e apresenta um diâmetro de 16 centímetros, o que nos leva a inseri-lo na categoria de grande recipiente (Estampa XXI, nº 592).

Em relação ao enquadramento tipológico, contamos assim com três grandes recipientes (Estampa XXII, nº 456; 457; 458) enquadrados no Tipo 8, dois grandes potes (Estampa XX, nº 500; 501) que se incluem no Tipo 9 e finalmente, o Tipo 11 surge representado por uma panela de perfil completo (Estampa XXI, nº 590).

Análise tecnológica:

Fabrico Manual:

As produções medianas dominam o grupo da qualidade de fabrico com 7 exemplares, seguido pelos fabricos finos e grosseiros com 3 fragmentos cada. As pastas apresentam-se compactas em 9 casos, arenosas em 3 e micáceas apenas num.

Os elementos não plásticos compreendem a combinação entre a morfologia angulosa e arredondada em 10 ocasiões e simplesmente a forma arredondada em 3. A adição controlada de e.n.p. e a depuração cuidada da argila foi identificada em 4 fragmentos, os e.n.p. de dimensão mediana relacionam-se com 5 exemplares e os de maior tamanho com 4 peças. A aproximação à assiduidade destes elementos coloca a média frequência em primeiro plano com 10 exemplares, seguido de dois casos de escassa presença e apenas 1 com elevado número de desengordurantes.

Através da coloração das pastas tentamos uma aproximação aos possíveis ambientes de cozedura – (Gráfico 5).

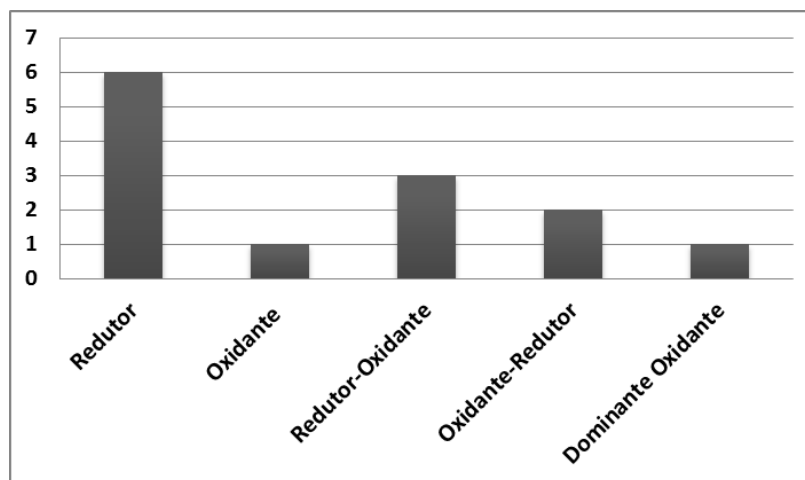


Gráfico 5 – Aproximação ao ambiente de cozedura (fabricos manuais) – Fase III.

Em relação aos acabamentos aplicados às superfícies, as faces externas apresentam 4 peças alisadas, 3 polidas, 1 espatulada e 5 rugosas. Já a face interna, mais bem tratada, surge com 9 exemplares alisados, 2 polidos, 1 espatulado e 1 rugoso. Nestas peças surgem ainda combinações de tratamento em 3 fragmentos alisados e num espatulado. A espessura das peças levou-nos a incluir dois exemplares na categoria de paredes finas e 11 na classe seguinte das medianas.

Fabrico ao torno:

Tipologicamente, 117 peças pertencem à classe de fabrico mediano enquanto apenas 1 apresenta características grosseiras. A compacidade das pastas fez-nos definir a existência de 12 exemplares homogêneos, 98 compactos e 8 arenosos.

Os e.n.p arredondados são maioritários em 41 casos, os angulosos em 4 e a ocorrência de ambos em quantidade semelhante dá-se em 73 fragmentos. Os elementos de médio tamanho surgem em primeiro lugar com 89 exemplares, 18 casos surgem apenas com pequenos desengordurantes e 11 peças estão representadas por todos os tamanhos de e.n.p. A sua frequência é maioritariamente média (84 ex.) e rara (34 ex.). A aproximação ao ambiente de cozedura permitiu colocar mais que um exemplar em cada categoria. As classes mais representativas são as tonalidades que nos remetem para ambientes redutores ou dominante-redutores sendo que as peças de núcleo e superfície externa de cor clara também se destacam através do grupo das peças sujeitas a ambientes oxidante-redutores – (Gráfico 6).

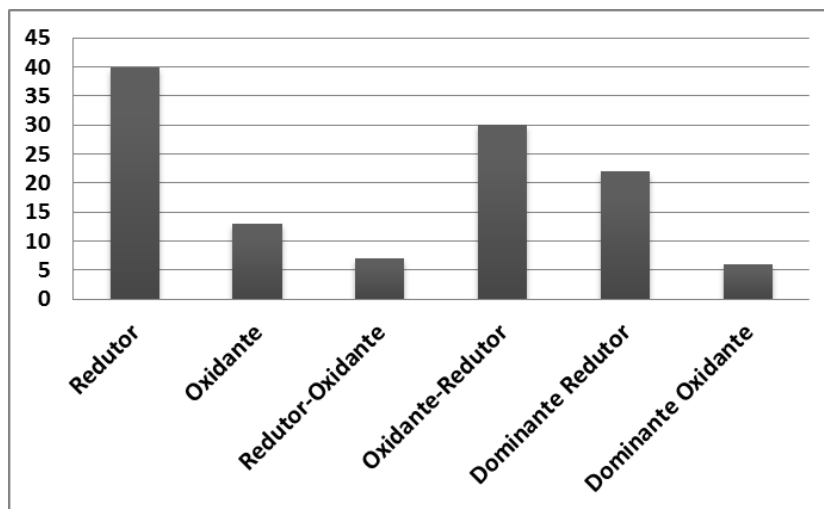


Gráfico 6 – Aproximação ao ambiente de cozedura (Fabrico ao torno) – Fase III.

Os cuidados com a superfície são pouco variáveis, ocorrendo a técnica de alisamento em todos os fragmentos. A única exceção acontece em duas peças que apresentam a superfície externa rugosa. A medição da espessura das paredes, segundo as categorias criadas para o efeito, indica-nos a inclusão de 10 recipientes no grupo das paredes finas, 94 de dimensão média e 14 de paredes grossas.

Peças de fabrico indeterminado:

As peças sem modelação definida estão representadas por 24 indivíduos, dos quais 17 são de fabrico mediano e 7 apresentam-se grosseiros. Respectivamente, 17 pertencem a pastas compactas e os restantes sete a pastas arenosas.

Os e.n.p surgem em média frequência por 16 vezes contrastando com a rara (6 ex.) e a elevada assiduidade (2 ex.). Por 12 ocasiões estes elementos são de dimensão média, são pequenos em 7 casos e atingem todas as dimensões em 5. As suas formas podem ser maioritariamente arredondadas (8 ex.), angulosas (1 ex.) ou ocorrerem ambos proporcionalmente (15 ex.).

Definimos 5 tipos de cozedura para estes materiais sendo que a maioria, 9, são redutores, 3 oxidantes, 6 dominante redutor, 2 dominante oxidante e 4 oxidante-redutores. Todas as superfícies surgem alisadas internamente e combinam esta técnica com a superfície externa por 19 vezes. Os outros tratamentos a que o alisamento surge associado repartem-se pelo polimento, num caso, e pelas superfícies rugosas, em quatro. Contam-se ainda três recipientes de paredes finas e 21 de dimensão média.

Análise decorativa:

No grupo das produções manuais contamos apenas com o fragmento de um bordo cujo lábio se encontra unglado (Estampa XXI, nº 591).

Na mesma linha de escassez, também os recipientes montados ao torno apresentam poucas decorações. Os únicos elementos ornamentais que chegam até nós são a impressão e a pintura. No primeiro caso, distinguimos o lábio de um recipiente que apresenta um sulco ao longo de toda a linha do bordo. Este atributo poderá relacionar-se com a sua produção ao torno e portanto poderá ser entendido mais como característica tecnológica do que propriamente decorativa (Estampa XXII, nº 456).

O segundo recipiente a apresentar decoração é um grande pote de bordo esvasado cujo colo ostenta a pintura de duas faixas paralelas unidas. A primeira exhibe cor negra e a segunda é de tonalidade cinzento-clara. Já na pança deste recipiente, a cor cinzenta foi utilizada, pelo menos, mais duas vezes para demarcar duas bandas paralelas em

torno desta peça. Apesar do perfil deste contentor estar muito incompleto há possibilidade de que este sistema decorativo por bandas se prolongasse até mais abaixo (Estampa XX, nº 500).

Unidade [907]:

Ainda a esta terceira fase de ocupação da Argemela, pertence o espólio cerâmico exumado no interior do covacho [907], aberto no piso [903]. Daqui provêm 17 exemplares cerâmicos dos quais 14 foram modelados manualmente e os restantes 3 representam bojos de produção ao torno (Estampa XIX). Não se registou nenhum tipo de elemento decorativo nesta unidade.

Análise morfológica:

Fabrico manual:

Dentro da categoria de fabrico manual contam-se 9 bojos, 3 bordos, um fundo e uma panela, reconstituída quase na íntegra. Estabelecemos, através do número de bordos, um mínimo de 4 indivíduos e conseguimos definir o diâmetro de 3 exemplares. Os seus índices de abertura colocam um recipiente com cerca de 12 cm na categoria 3 do pequeno tamanho e outros dois, incluindo a panela, nos bordos de categoria 4 – médio tamanho.

A orientação destes componentes cerâmicos ocorre de forma recta 1 vez e extrovertida em 3 casos. Todos os lábios são de morfologia convexa e não apresentam decoração.

O único fundo recuperado apresenta um ônfalo com cerca de 2,5 cm de diâmetro (Estampa XIX, nº 1116).

O tipo 3 está representado por uma peça (Estampa XIX, nº 1101), o Tipo 6 apresenta um pote de colo estrangulado (Estampa XIX, nº 1107) e o Tipo 7, surge através de um pote de perfil completo (Estampa XIX, nº 1100).

Análise Tecnológica:

Fabrico manual:

Estão representados 5 casos de fabrico fino, 8 de fabrico médio e apenas 1 de produção grosseira. Respectivamente, as suas pastas são homogêneas em quatro casos, compactas em 9 e arenosas apenas num exemplar.

Por oito vezes surgem casos com rara frequência de e.n.p, seguidos de outros três com média frequência e 1 bastante frequente. A morfologia destes elementos tem tendência a ser arredondada em 8 peças, não obstante, surgem e.n.p de ambas as formas em 6. A dimensão dos mesmos é repartida por pequenos (3 ex.), médios (6 ex.) e grandes (5 ex.).

A coloração escura, que nos remete para ambientes redutores, acontece em 7 indivíduos. Contam-se também 2 peças de cozedura oxidante, 1 de cozedura dominante-redutora, 1 de dominante-oxidante e 3 de ambiente oxidante-redutor.

As superfícies externas são alisadas em 7 casos, polidas em 6 e rugosas numa situação. Ao invés, as faces internas apenas apresentam alisamento (11 ex.) e polimento (3 ex.). A combinação do mesmo acabamento ocorre em 3 peças polidas e em 7 alisadas. Definiram-se 8 contentores de paredes finas, 5 de paredes médias e 1 de paredes grossas.

Fabrico ao torno:

Os três bojos torneados apresentam fabrico mediano, pastas homogêneas em dois casos e compactas em um. Os elementos não plásticos destas peças têm média frequência, médio tamanho e forma angulosa e arredondada em proporção semelhante.

Os ambientes de cozedura diferem nas três peças, sendo que se encontra repartido entre ambientes redutores, oxidantes e oxidante-redutores. Em todas as superfícies foi aplicado um simples alisamento e as dimensões da espessura variam entre as três categorias, inserindo-se um em cada.

FASE IV

Este momento, de imprecisão cronológica, é marcado pela implantação de um muro robusto – [909] – cujo fosso de preparação para a sua instalação – [905] –, aberto no piso de ocupação da Fase III – [903] –, perturbou as unidades e os momentos que acima referimos.

A esta construção estava associado um estrato [902], formado sobre o nível de ocupação anterior, resultante, possivelmente, da abertura do fosso, bem como do abandono dessa mesma fase.

De qualquer modo analisaremos as duas realidades separadamente, visto que a implantação do muro foi anterior à deposição das terras da unidade [902].

Unidade [905]:

A vala criada para a implantação da estrutura mural – [909] – permitiu exumar 63 fragmentos cerâmicos, entre os quais 76,2 % foram fabricados manualmente, 14,3 % ao torno e 9,5 % são de produção duvidosa.

Análise Morfológica:

Fabrico manual:

Entre as cerâmicas manuais exumaram-se 42 bojos, 5 bordos e 1 fundo. Destes 5 bordos apenas conseguimos estimar o diâmetro de um exemplar com 16 cm (Estampa XXIII, nº 611), o que nos permite inseri-lo na categoria 4 de média dimensão e no Tipo 7 (potes). A orientação destas peças ocorre de forma vertical (4 ex.) e extrovertida (1ex.). Os seus lábios podem ser convexos (4 ex.) ou planos (1 ex.). Um dos lábios convexos apresenta decoração ungulada (Estampa XXIII).

O único fundo, grosseiramente plano, permite-nos definir a morfologia das paredes desta peça que se formariam perpendicularmente à base, dando forma a um recipiente de base cilíndrica. O seu diâmetro de 12 cm permite a sua inserção na categoria de fundos de médio tamanho (Estampa XXIII, nº 662).

Entre os bojos destacam-se 5 fragmentos com carena que podem apresentar-se bastante angulosas ou mais suaves. Exumou-se também 1 bojo com arranque de asa ou pega, muito fragmentado, através do qual é-nos permitido afirmar que este foi aplicado através da colagem do elemento de suspensão no bojo do recipiente.

Além destes, há ainda um bojo com uma pequena perfuração com cerca de 6 mm.

Como referido, existe pelo menos um recipiente que se pode inserir no Tipo 7.

Fabrico ao torno:

Neste campo apenas temos a indicar a existência de um bojo com uma grande perfuração que, apesar de fragmentada, poderia atingir 2 cm de diâmetro (Estampa XXIII, nº 627).

Análise Tecnológica:

Fabrico manual:

Nesta unidade os fabricos medianos estão em maioria com 28 fragmentos, seguidos do fabrico grosseiro com 19 e do fino com apenas 1 exemplar. Deste modo só surgem pastas homogêneas em duas situações e todas as outras se repartem pelas argilas compactas (27 ex.) e arenosas (19 ex.). Assim, não nos surpreendemos que figurem 18 fragmentos com e.n.p de grandes dimensões, a par dos 23 de médio tamanho e apenas de 7 com pequenos desengordurantes. Regra geral, há uma combinação semelhante entre os e.n.p de forma angulosa e arredondada em 38 casos, não obstante, esta última morfologia surge isolada em 10 peças. A sua frequência distribui-se pelas três categorias, 12 fragmentos apresentam-se como raros, 27 como tendo média assiduidade e 9 com elevada frequência.

A relação entre a cor e a cozedura dos fragmentos exumados, que se encontra sistematizada de seguida, comprova o predomínio das tonalidades indicadoras de cozimento em ambientes com pouco ou nenhum oxigénio, não obstante, as peças oxidantes ou dominante-oxidantes também prevalecem nesta amostra (Tabela 9).

Ambiente de cozedura	Nº fragmentos
Redutor	17
Oxidante	9
Dominante-redutor	2
Dominante-oxidante	9
Oxidante-redutor	9
Redutor-oxidante	2

Tabela 9: Aproximação ao ambiente de cozedura – fragmentos manuais da Fase IV.

O acabamento das superfícies apenas se distribui por três categorias. Deste modo, 13 fragmentos apresentam alisamento nas suas faces externas, 16 estão polidos e 19 são rugosos. De forma semelhante, as superfícies internas estão representadas por 12 peças de face rugosa contra 24 alisadas e 12 polidas. A combinação de tratamentos acontece 11 vezes com o polimento, outras 11 vezes com o alisado e 10 vezes com o rugoso. A espessura das paredes reparte-se da seguinte maneira (Tabela 10);

Categoria (cm)	Nº fragmentos
Paredes finas (3 - 6)	9
Paredes medianas (7 – 10)	24
Paredes grossas (> 10)	5

Tabela 10: Distribuição de fragmentos manuais da Fase IV por categoria de espessura.

Fabrico ao torno:

As peças ao torno apresentam 3 modelos de fabrico fino, 5 medianos e 1 grosseiro. As suas pastas são homogéneas em 5 casos e compactas em 4.

Os elementos não-plásticos surgem sob a forma arredondada 6 vezes e a combinação de ambas as formas em 3 exemplares. A maioria dos desengordurantes é de pequeno tamanho (4 ex.). Seguem-se os médios e.n.p com 3 exemplares e 2 fragmentos com grandes elementos. A frequência com que ocorrem é rara (5 ex.) e média (4 ex.).

A coloração das superfícies e do núcleo fez-nos estabelecer uma correspondência entre 3 peças oxidantes, 1 dominante oxidante, 3 oxidantes-redutoras e 2 redutoras-oxidantes.

Todas as superfícies combinam o alisamento como técnica de acabamento à exceção de uma, que é rugosa nas duas faces. A medição da espessura determinou a agrupação de dois recipientes em paredes finas e 7 em paredes médias.

Fabrico indeterminado:

O fabrico indeterminado, representado por seis bojos de pasta compacta, apresenta produções maioritariamente medianas, surgindo apenas 1 de fabrico fino.

A maioria dos desengordurantes apresenta ambas as formas em quantidade semelhante, com média frequência e com dimensões também medianas.

As cozeduras são dominadas pelas colorações provocadas por ambientes oxidantes sendo que apenas surge um caso totalmente reductor.

O alisamento aplicado em ambas superfícies acontece apenas em três fragmentos, não obstante, em todas as peças, a superfície interna das peças é sempre alisada. Variável é o acabamento da face externa que surge alisada em três casos, enquanto o “*cepillado*”, polido e rugoso acontecem 1 vez cada. As paredes das seis peças fornecem dimensões que nos leva a incluí-las na categoria de paredes grossas.

Análise decorativa:

O único exemplar fabricado manualmente e com decoração corresponde a um bordo cujo lábio se encontra ungulado (Estampa XXIII, nº 612).

Para as peças ao torno existem dois bojos com características ornamentais. O primeiro corresponde a uma superfície com 4 finas incisões, paralelas entre si (Estampa XXIII, nº 626) e o segundo ostenta um sulco ou canelura que se destaca do resto da superfície alisada (Estampa XXIII, nº 632).

Apenas um fragmento de manufactura indeterminada apresenta uma espécie de penteado com seis traços de dimensão, espessura e paralelismo semelhante (Estampa XXIII, nº 623).

Unidade [902]:

O conjunto total de artefactos exumados nesta unidade circunscreve em si uma agulha/fuzilhão em bronze e 90 fragmentos cerâmicos. Destes, 31,1 % são de fabrico manual, 55,5 % de fabrico ao torno e 13,3 % de modelação indeterminada.

Análise morfológica:

Fabrico Manual:

Dos 27 fragmentos manuais exumados contam-se 18 bojos, 8 bordos, 1 asa de fita e 1 fundo. A orientação dos bordos reparte-se por 5 exemplares de forma recta, 2 extrovertidos e somente um introvertido. A morfologia dos lábios encontra-se distribuída entre tipos planos e convexos e nenhum apresenta decoração. Lamentavelmente, a dimensão dos fragmentos não possibilitou a determinação da forma e diâmetros de nenhum destes exemplares. Por esta razão, também a análise do único fundo, de base plana espessada nas bordas, ficou condicionada (Estampa XXIV, nº 394).

Os restantes componentes morfológicos classificáveis estão apenas representados por um bojo com carena ligeira e ainda uma asa de fita de secção elipsoidal.

Registe-se ainda que a única ficha (de jogo?) de toda a amostra é exumada nesta unidade. Apresenta uma típica forma circular e uma espessura de cerca de 1 cm (Estampa XXV, nº 375).

Fabrico ao torno:

Entre os 45 bojos e 5 bordos produzidos ao torno, obtivemos a reprodução de parte da forma de três recipientes (Estampa XXIV, nº 372, 373 e 390). Os seus diâmetros divergem entre os 17, 38 e 44 cm de abertura e inserem-se em categorias de médio e grande tamanho.

A orientação destes elementos ocorre de forma extrovertida em 2 casos, esvasada noutros dois e verticalmente num. Os lábios, três convexos e dois aplanados,

apresentam-se simples e sem decoração. Fazemos apenas menção a um caso que ostenta um sulco ao longo de toda a linha de desenvolvimento do lábio.

A classificação dos três recipientes remeteu dois exemplares ao tipo 8 (Estampa XXIV, nº 373; 390) e um potinho ao Tipo 10 (Estampa XXIV, nº 372).

Análise tecnológica:

Fabrico manual:

A partir dos atributos técnicos reconhecemos uma distribuição regular entre os vários tipos de fabrico. As produções medianas apresentam 10 fragmentos e tanto as finas como as grosseiras contam com 9 exemplares cada. Há um predomínio das pastas compactas (17 ex.) em relação às arenosas (8 ex.), micáceas (2 ex.) e homogêneas (1 ex.).

A combinação de e.n.p de forma angulosa e arredondada encontra-se em 19 exemplares enquanto os restantes 9 distinguem-se por conterem maioritariamente elementos arredondados. A granulometria oscila entre a pequena e média categoria de desengordurantes, cada uma com 11 exemplares, já as peças com presença de e.n.p de todos os tamanhos resumem-se a 6 indivíduos. Em relação à frequência, os de rara e média assiduidade dominam a amostra enquanto os de presença elevada são residuais.

Nesta unidade mantém-se a supremacia dos ambientes de cozedura totalmente redutores em relação a outras atmosferas (Tabela 11).

Ambiente de cozedura	Nº fragmentos
Redutor	13
Oxidante	4
Dominante-redutor	2
Dominante-oxidante	1
Oxidante-redutor	7
Redutor-oxidante	1

Tabela 11: Aproximação ao ambiente de cozedura – U.E. [902] fragmentos manuais.

No que respeita a acabamentos de superfície, as faces externas apresentam 14 peças polidas, 9 alisadas, 3 rugosas e 2 “*cepilladas*”. Internamente, o polimento e alisamento são os tratamentos mais utilizados com 12 e 11 fragmentos, respectivamente. Todas as outras surgem através de um exemplar “*cepillado*”, um espatulado e três rugosos. O polimento, associado a ambas superfícies, surge assim 12 vezes e o alisamento, 8. Ocorre também a combinação de “*cepillado*” numa peça e faces rugosas em duas.

As paredes de espessura média representam a maioria dos exemplares (18), seguidas das paredes finas com 7 peças e das grossas com 3.

Fabrico ao torno:

O fabrico das peças ao torno é maioritariamente de produção mediana (43 ex.). As suas pastas são compactas em 30 casos, homogéneas em 15 e arenosas em 5. Deste modo, os seus e.n.p. surgem com pouca e média frequência e com todas as dimensões representadas. A grande maioria combina nas pastas os elementos angulosos e arredondados. Não se estranha que a grande maioria destes fragmentos apresentem colorações alaranjadas e mais claras. Além do avanço tecnológico na modelação, o ambiente de cozedura teria também um maior controlo da parte dos seus oleiros. Deste modo, a tabela 12 pretende ilustrar a nossa aproximação a esses mesmos ambientes;

Ambiente de Cozedura	Nº fragmentos
Redutor	2
Oxidante	20
Dominante-redutor	1
Dominante-oxidante	8
Oxidante-redutor	16
Redutor-oxidante	3

Tabela 12: Aproximação ao ambiente de cozedura – U.E. [902] fragmentos ao torno.

De entre todas as peças, 46 combinam o alisamento em ambas as superfícies e apenas seis apresentam a face externa rugosa. Há um domínio dos recipientes de paredes médias (40 exemplares), seguidos por contentores de paredes grossas (7 ex.) e paredes finas (3 ex.).

Fabrico indeterminado:

Entre os 16 fragmentos contam-se 8 exemplares de fabrico mediano e 4 grosseiros e as suas pastas podem ser compactas, arenosas ou micáceas. Há uma prevalência de e.n.p. de ambas formas nas pastas das cerâmicas que podem ainda apresentar elementos de média e grande dimensão. A frequência com que ocorrem encontra-se repartida em 4 exemplares para cada categoria de assiduidade.

Através dos tons alaranjados e mais claros definimos que todas as peças apresentam características de atmosferas maioritariamente oxidantes. O tratamento das superfícies externas encontra-se ausente em 6 ocasiões. Ainda assim o alisamento surge em 5 peças e o polimento apenas numa. Ao invés, as faces internas, melhor cuidadas, surgem com 10 peças alisadas, 1 polida e somente 1 rugosa. A conjugação do mesmo tratamento em ambas superfícies conta ainda com 5 peças alisadas, uma polida e outra rugosa. Mantem-se a categoria de paredes médias a dominar a amostra, com 11 casos contra apenas 1 de paredes grossas.

Análise decorativa:

Registamos um bojo manual puncionado com três motivos alongados (Estampa XXV, nº 376).

De produção ao torno contamos com cinco exemplares ornamentados. Regra geral, os motivos são extremamente simples e compostos por linhas paralelas, incisas ou penteadas. Um dos casos corresponde a um recipiente cujo lábio apresenta um sulco²¹ que acompanha toda a linha do bordo (Estampa XXIV, nº 390), semelhante ao registado anteriormente na fase III. Os exemplares com incisões surgem apenas em dois fragmentos e caracterizam-se por apresentarem linhas incisas paralelas entre si ao longo das superfícies externas (Estampa XXV, nº 399 e 400). Aparece ainda uma peça com um ligeiro sulco canelado (Estampa XXV, nº 398).

Finalmente, evidenciamos um bojo (Estampa XXV, nº 401) cuja organização decorativa compreende uma trama mais ou menos desorganizada de linhas penteadas

²¹ Poderá derivar da sua produção ao torno.

oblíquas que se desenvolve entre dois conjuntos de linhas verticais paralelas bem organizadas.

FASE DE PÓS-ABANDONO

Tal como o nome o indica, este momento, materializado nas camadas 900 e 901, corresponde à etapa posterior ao abandono do povoado. A estas camadas, fabricadas pelo tempo e pela constante deposição e revolvimento de solos, surgem associados 365 fragmentos de cerâmica. Tendo consciência que este tipo de contexto nem sempre permite a assimilação de dados tão fidedignos como os de camadas inalteradas, julgamos que a caracterização do seu espólio merece ser considerada visto ser parte pertencente do percurso de ocupação e abandono do Cabeço da Argemela.

Assim, as peças aqui exumadas apresentam uma elevada versatilidade. O método de fabrico alterna entre o processo manual e ao torno o que, respectivamente, corresponde a 45,7 % e 35,3 % do total. Infelizmente, não nos foi possível definir a modelação de 19% dos exemplares devido essencialmente ao seu estado de desgaste.

Análise morfológica:

Fabrico Manual:

O grupo dos recipientes fabricados manualmente conta com elementos morfológicos que se repartem por 149 bojos, 8 bordos, 8 fundos, 1 asa de fita e 1 pega.

Através dos bordos, e apesar de não termos conseguido definir o diâmetro de nenhum dos exemplares, estipulamos um número mínimo de 8 indivíduos. A sua orientação é dominada pelos bordos verticais (5 ex.) e extrovertidos (3 ex.). A morfologia dos lábios é repartida de igual forma entre os lábios convexos e os lábios planos.

Os 8 fundos, sem diâmetros definidos, corresponderiam a 7 bases planas e 1 convexa. Evidenciamos que um dos fundos planos tem um ligeiro espessamento externo, funcionando como uma espécie de rebordo anelar (Estampa XXVI, nº 121).

Entre os bojos surgem duas carenas, uma mais angulosa e outra suave, e ainda um fragmento com arranque de asa em fita. Apresenta-se aqui também uma grande perfuração que atingiria cerca de 3 cm de diâmetro (Estampa XXVI, nº 11).

Os elementos de suspensão estão representados por uma pega em lingueta e uma asa de fita. A asa, de secção elipsoidal, demonstra que a sua aplicação foi realizada através de um rebite que apresenta no interior (Estampa XXVI, nº 110).

Fabrico ao torno:

Neste grupo contabilizam-se 111 bojos, 11 bordos, 4 colos e 3 fundos.

Os bordos apresentam-se esvasados em 7 ocasiões e extrovertidos em 4 (Estampa XXVII). Não foi possível estabelecer o índice de abertura de nenhum exemplar, no entanto o número de bordos remete-nos para um mínimo de 11 indivíduos produzidos ao torno. Os lábios são planos numa situação, biselados por duas vezes e convexos em 8 casos.

Os três fundos são planos, no entanto a sua escassa dimensão não permitiu a definição do diâmetro de nenhum deles.

Entre os colos destacamos um exemplar (Estampa XXVII, nº 112) que se caracteriza pela sua concavidade acentuada. Este perfil pertenceria a um recipiente de bordo esvasado e colo curto.

Análise tecnológica:

Fabrico manual:

Com a esmagadora percentagem de 83,2%, os recipientes de fabrico mediano proliferam nesta fase, seguido dos grosseiros e dos finos. As pastas, mais variáveis, alternam entre as homogéneas (61 ex.), compactas (89 ex.) e arenosas (17 ex.).

O tamanho com que os elementos não plásticos se apresentam varia entre os 50,3% de dimensão média, os 37,1% dos grandes minerais e os 12,6% para os pequenos. Destes, 86,2% dos exemplares surgem com minerais de ambas as formas. A frequência média apresenta a maior percentagem – 57,5% - enquanto as restantes surgem com 32,3% para os raros e 10,2% para os de frequência elevada.

A relação entre a cor e o ambiente de cozedura apresenta-nos dados bastante variáveis (Gráfico 7). Há uma clara predominância das peças com superfícies e núcleos de tons mais claros ou alaranjados (oxidante, dominante oxidante e oxidante-redutor).

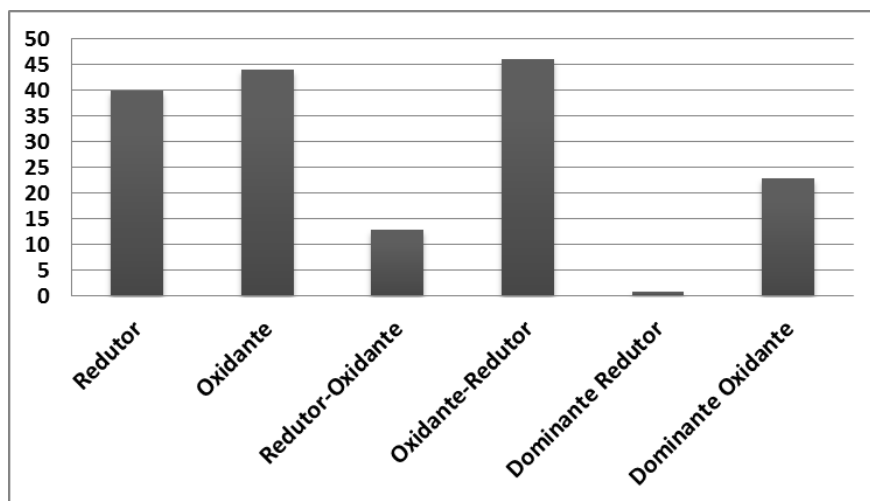


Gráfico 7 – Aproximação ao ambiente de cozedura (fabricos manuais) – Fase de pós-abandono.

Na descrição do tratamento de superfície individualizamos as faces externas e concluímos que 74,3% das superfícies são alisadas, 10,8% polidas, 0,6% “*cepilladas*” e 14,4% rugosas. A superfície interna manifesta valores de ordem semelhante aos anteriores, exceptuando a inexistência de faces “*cepilladas*”. Assim, 79% apresentam o mesmo tipo de tratamento em ambas as superfícies. O alisado é o acabamento mais utilizado com 82,6%, segue-se o rugoso com 11,4% e por fim, o polimento com 6%.

As espessuras finas rondam os 13,8%, as médias, em maioria, representam 77,2% da amostra e as grossas, 9%.

Fabrico ao torno:

O tipo de fabrico das peças produzidas ao torno concentra-se essencialmente na categoria mediana, com uma percentagem de 75,2%. Seguem-se os fabricos finos e grosseiros com 12,4% cada. A análise da compaticidade coloca 52% da amostra nas pastas homogéneas, 47,3% nas compactas e apenas 0,7% nas pastas arenosas. Deste modo também se explica a grande percentagem de pastas com raros e.n.p., 61,2%. A frequência mediana também surge em 35,6% dos casos e a elevada assiduidade é quase residual. A maioria dos e.n.p é de média dimensão, seguida pelos pequenos e

posteriormente pelos grandes. A sua forma, mais uma vez, é maioritariamente constituída pela combinação de elementos angulosos e arredondados.

Na interação entre a atmosfera de cozedura e a cor das peças denota-se que as cozeduras dominadas por um ambiente oxidante estão em maioria (Tabela 13).

Ambientes	Nº fragmentos
Redutor	5
Oxidante	66
Dominante-oxidante	32
Oxidante-redutor	16
Redutor-oxidante	10

Tabela 13: Aproximação ao ambiente de cozedura – Fase Pós-abandono, fragmentos ao torno.

O acabamento aplicado às superfícies apresenta a combinação do alisamento em ambas as faces em 124 recipientes. Apenas quatro peças ostentam faces internas “*cepilladas*” ou rugosas e num caso a superfície externa é rugosa.

Contam-se apenas 3 indivíduos de paredes finas e 14 grossas contra 112 indivíduos de categoria média.

Fabrico indeterminado:

Este conjunto conta com 46 peças de fabrico mediano, 16 grosseiros e 7 finos. As pastas são compactas (35 ex.), homogéneas (32 ex.) ou arenosas (2 ex.). O grau de frequência dos e.n.p surge essencialmente nas categorias médias e raras e a grande maioria corresponde a grãos de médio tamanho e de ambas as formas. Os ambientes de cozedura, segundo a coloração das pastas, variam entre 5 categorias, denotando-se um claro predomínio das atmosferas oxidantes (Tabela 14).

Ambientes	Nº fragmentos
Redutor	8
Oxidante	27
Dominante-oxidante	14
Oxidante-redutor	12
Redutor-oxidante	8

Tabela 14: Aproximação ao ambiente de cozedura - Fase de Pós-abandono, modelação indeterminada.

As faces apresentam acabamentos alisados ou rugosos, com prevalência da primeira técnica. A espessura das paredes inclui 6 exemplares na categoria fina, 54 pertencem a peças de paredes médias e apenas três a paredes grossas.

Análise decorativa:

Fabrico manual:

Os fragmentos manuais com decoração correspondem a 5 exemplares. Destes, três pertencem a bordos cujo lábio se encontra impresso com unhas paralelas entre si (Estampa XXVI, nº 1, 114, 345).

Uma outra peça corresponde a um bojo decorado através da técnica de sulcos brunidos. O seu brilho, ténue, dificultou a nossa associação à técnica de produção, fazendo-nos duvidar se a sua manufactura teria ocorrido pós-cozedura. A análise do fragmento encontrou-se condicionada pelos agentes erosivos que lhe danificaram as superfícies, ainda assim, denota-se que foi aplicado um polimento em ambas as faces. Os motivos criados nesta peça correspondem a uma malha reticulada, pouco cuidada, que se repete em ambas superfícies, através de brunidos realizados com um objecto mais ou menos rombo (Estampa XXVIII, nº 14).

Ainda produzido manualmente surge o único exemplar estampilhado de toda a amostra. Trata-se de um pequeno fragmento cujo motivo corresponde a pequenos quadrados em ordem crescente de tamanho. Surgem na vertical, apresentando a ordem de uma pirâmide, com o quadrado maior no fundo, um de tamanho médio no meio e o mais pequeno no topo. Terá sido impresso na peça segundo a utilização de uma roleta ou matriz que rodada sobre a superfície marcou duas faixas com a repetição destes motivos. Não obstante, a produção deste motivo parece ter sido descuidada, provocando erros no padrão e sobreposição de motivos (Estampa XXVIII, nº 125).

Fabrico ao torno:

Dos 129 fragmentos trabalhados ao torno, apenas 11 apresentam motivos decorativos.

A categoria das decorações impressas conta com 4 bojos com arranque de colo. Todas as peças apresentam um sulco com cerca de 1cm, que circundaria toda a peça (Estampa XXVII, nº 8, 122, 123 e 215). Esta depressão terá sido elaborada manualmente durante a produção dos recipientes de modo a demarcar o término do bojo e o início do colo e conseqüente bordo.

As peças de decoração canelada correspondem a três bojos, sendo que dois apresentam uma canelura simples, mais ou menos profunda, horizontal à peça (Estampa XXVIII, nº 38 e 124) e outro apresenta três sulcos canelados, não muito profundos. Dois encontram-se dispostos horizontalmente e o terceiro ocorre de forma oblíqua (Estampa XXVIII, nº 330).

As incisões encontram-se em três bojos. Dois deles apresentam uma simples incisão recta e horizontal (Estampa XXVIII, nº 13 e 218). Outro, apenas exhibe um segmento de recta quebrado cuja função decorativa é questionável (Estampa XXVIII, nº 12).

Finalmente destaca-se a presença de um fragmento de bordo esvasado com decoração plástica de um cordão simples em torno da peça (Estampa XXVII, nº 209).

6.2 – Classificação Tipológica:

A tarefa de classificação tipológica dos recipientes do Cabeço da Argemela nem sempre foi efectuada de forma simples. Ao longo do trabalho deparamo-nos com a condição de elevada fragmentação das peças, o que influenciou a organização morfológica dos artefactos. Não obstante, o agrupamento foi realizado tendo em conta a forma do fragmento e o grau de similaridade com outros mais completos. Todo este processo de identificação, que Carla Sinopoli (1991: 44) designa de “tipologia intuitiva”, teve como apoio a obra de Raquel Vilaça (1995), elementar na classificação e designação dos artefactos referentes às fases mais antigas de ocupação do povoado. À falta de uma tabela regional para a Idade do Ferro da Beira Interior, a ordenação das formas de produção torneada, repartidas pelos últimos 4 tipos – Tipo 8, 9, 10 e 11 –, foi auxiliada pelos trabalhos realizados nas áreas vizinhas a esta região. A ausência de uma relação linear entre fabrico e contexto demonstra que a produção

manual se mantém presente em meio sidérico e que a este pertencem formas manuais reunidas nas tipologias 1, 3, 6 e 7.

A atribuição de uma nomenclatura foi também uma tarefa condicionada essencialmente por dois factores. Em primeiro, limita-nos o facto de estarmos a lidar com duas realidades cronológicas distintas e conseqüentemente com diferentes tipologias formais cujo sentido funcional por vezes poderá ter sido semelhante ou não. Por último, o recorrer a termos que não se enquadrem no quadro cronológico que estudamos, poderia conduzir a uma ligação incerta e culturalmente errada.

Portanto, a designação adoptada para a nossa amostra esteve sempre sujeita à classificação de recipientes segundo a sua forma geométrica (BALFET; FAUVET-BERTHELOT; MONZON, 1983), e aos conceitos utilizados por diversos autores (VILAÇA, 1995; FABIÃO, 1998; MATALOTO, 2004; MARTÍN BRAVO, 1999)

Estivemos sempre conscientes das limitações apontadas à tipificação e estandardização de formas através de peças por vezes tão incompletas, no entanto a existência de diversos atributos associados a determinadas formas tornou este trabalho numa actividade de decifração e estruturação de elementos que, apesar de lacunares, contêm em si uma expressão morfológica e funcional passível de interpretação.

6.2.1 – Tabela Tipológica²²

Fabrico Manual:

Tipo 1 – Taças hemisféricas. Caracterizada por apenas um exemplar (Estampa XXII, nº 460), de contexto sidérico, esta tipologia corresponde aos recipientes de forma hemisférica simples, pouco profundos e com paredes mais ou menos arqueadas, que seriam utilizados enquanto malgas. O seu índice de abertura corresponde ao número 3 da categoria de pequena dimensão e apesar da ausência de fundo, a sua profundidade rondaria os 6,5 cm. Este tipo de recipientes simples são formas que têm perdurado no tempo e que ainda hoje são usadas. Visto que a sua utilização é transversal a vários sítios e períodos cronológicos, achamos desnecessário discutir o porquê do seu

²² A Tabela poderá ser consultada em anexo nas estampas I e II.

emprego em níveis de produção tecnológica mais avançados e assumir que a integração de formas tradicionalmente mais antigas deriva de uma questão de utilidade funcional e de consumo.

Tipo 2 – Taças carenadas. Esta categoria engloba 6 recipientes carenados de dimensão pequena e média e com diâmetros de abertura entre os 9 e os 20 cm. Distinguem-se essencialmente pelo tratamento de superfície muito cuidado, sempre polido ou brunido. Este tipo de recipientes representa um elemento comum e constante em povoados do Bronze Final, do Norte ao Sul de Portugal e nas regiões espanholas mais ocidentais (VILAÇA, 1995: 295). Geralmente associados às decorações brunidas do tipo “Lapa do Fumo” (SERRÃO, 1958), os exemplares da Argemela distinguem-se por não apresentarem qualquer tipo de decoração, contrariando assim os dados que têm vindo a ser registados para peças decoradas de tipologia semelhante da região da Beira Baixa (VILAÇA, 1995: 278). Não obstante, este tipo formal é vastamente conhecido em diversos povoados do Norte e Centro de Portugal (SILVA, 1986; MARTINS, 1987; JORGE, 1988; DINIS, 1991-92; SENNA-MARTINEZ, 1993; KALB, 1978; SILVA, 1979; PERESTRELO, 2000), do Sul (CARDOSO E SILVA, 2004; SOARES, 2005; BERROCAL-RANGEL e SILVA, 2010), da Meseta (ALVAREZ-SANCHIS, 2003) e da Extremadura espanhola (ALMAGRO-GORBEA, 1977; PAVÓN SOLDEVILLA, 1998a; PAVÓN SOLDEVILLA, 1998b; ENRÍQUEZ NAVASCUÉS *et al*, 2001).

A grande extensão geográfica desta tipologia limita a nossa procura de paralelos, não obstante, as peças da Argemela revelaram uma estreita afinidade com aquelas que até agora são conhecidas para os vários povoados da região da Beira Baixa (VILAÇA, 1995; FARINHA *et al*, 1996).

Devido às várias distinções morfológicas e técnicas entre os recipientes criaram-se cinco subtipos de caracterização particular.

Tipo 2A – Representado por duas taças de carena alta bem diferenciada (Estampas III e IX, nº 1199 e 681), este subconjunto dispõe de atributos morfológicos caracterizados por bordos rectos e lábios convexos. Os seus índices de abertura repartem-se pela categoria de recipientes de pequena e média dimensão. Apenas foi possível estimar a profundidade de um exemplar (nº 681) com cerca de 6 cm de altura.

Tecnologicamente, as pastas destas peças são homogêneas, com raros e.n.p e a espessura das suas paredes varia entre os 4 e 6 mm. Os acabamentos podem ser brunidos ou polidos e a coloração das pastas indica cozeduras em ambientes redutores ou com arrefecimento oxidante.

Encontram-se semelhanças com recipientes do Monte do Frade (VILAÇA, 1995 Est. LXXXIII – 5; Est. C – 2), Alegrios (*ibidem* Est. CLXXXIV – 3; Est. CXCIV – 2) e Moreirinha (*ibidem* Est. CCXV – 3). Esta morfologia foi ainda reconhecida no castro extremenho de Cancho de la Porra, atribuído à I Idade do Ferro (MARTÍN-BRAVO, 1999: 96, Fig. 35).

Tipo 2B – Este subtipo apresenta apenas um exemplar (Estampa III, nº 1203) com características morfológicas que nos permitem identifica-lo como uma pequena taça de carena média/alta, de bordo ligeiramente extrovertido, lábio convexo e colo ligeiramente côncavo. A abertura da boca do recipiente apresenta 9 cm e a sua profundidade aproximada seria de cerca de 5 cm. A sua pasta é homogênea e bem depurada e as superfícies foram polidas. A sua tonalidade escura sugere uma cozedura em ambiente redutor. Encontra similitudes em peças como a dos Alegrios (VILAÇA, 1995: Est. CLIX – 5).

Tipo 2C – Tal como anteriormente também este grupo apenas apresenta uma peça de perfil quase completo (estampa IX, nº 906). Trata-se de uma taça com carena média/alta de colo côncavo, bordo extrovertido e lábio convexo. Na linha da carena, mais ou menos angulosa, desenvolve-se uma pequena pega mamilar alongada com dupla perfuração na vertical. Além de exibir uma pança ovóide não temos indicação de como seria o fundo deste recipiente, podendo ser umbilicado ou plano. O índice de profundidade estaria perto dos 9 cm e o diâmetro da boca atinge os 16 cm. Tecnicamente trata-se de uma peça bastante depurada, de pasta homogênea e superfície brunida externamente e polida no interior. Terá sido sujeita a uma cozedura em atmosfera redutora como demonstra a sua pasta de cor negra. Na Moreirinha e Monte do Frade exumaram-se peças de elevada semelhança morfológica, por vezes desprovidas de pega (*ibidem* Est. CCXXIII – 4; Est. LXXXI – 1).

Tipo 2D – Subtipo correspondente a uma taça de carena alta, bordo extrovertido e lábio convexo (estampa IX, nº 903). A carena, angulosa e bem definida, delimita a pança de perfil recto que se desenvolve até ao fundo da peça. Em relação a este último elemento, a sua ausência não nos permite analisa-lo morfologicamente, no entanto a profundidade desta peça atingiria os 7,5 cm contrastando com os 18 cm de abertura. A compacidade da pasta é homogénea e bem depurada e as superfícies encontram-se brunidas no exterior e polidas no interior. A sua coloração castanho-clara aponta para uma cozedura mais oxidante em relação às peças anteriores. No povoado dos Alegrios surgiram recipientes com elevado grau de semelhança (*Ibidem* Est. CXLI – 3; Est. CLIX – 3).

Tipo 2E – Categoria referente a uma taça de carena média com bordo ligeiramente extrovertido e lábio convexo (Estampa III, nº 1198). Apesar de se encontrar fracturada na linha da carena, esta seria suave apresentando apenas um pequeno ressalto. Com um diâmetro de 20 cm, inclui-se este recipiente na categoria de dimensão média. Apresenta pasta homogénea, superfícies polidas e coloração escura, típica de cozeduras redutoras. Encontra estreitas afinidades com taças do Castelejo e Alegrios (*Ibidem* Est. XVIII – 5; Est. XX – 3 e 4; Est. CXXXIX – 1) e também surge à superfície do povoado fortificado da Quinta da Samaria (SILVA, 2005: 34-35; Est. IV – 5). Na Extremadura, será típica de vários povoados, mas citamos apenas o de La Cabeza de Araya (MARTÍN-BRAVO, 1999: 42, Fig. 11 nº 2 – 4).

Tipo 3 – Recipientes de perfil em “S”. Trata-se de pequenos e médios potes de perfil subtil e de bojo mais ou menos globular, com colos curtos ou médios e bordos ligeiramente extrovertidos que alcançam diâmetros entre os 10 e 22 cm de abertura.

A estes exemplares correspondem uma série de outras peças típicas de contextos dos inícios do I milénio. João Luís Cardoso e Inês Silva (2004: 254 – 256; Fig. 32, nº 9) identificam-nos na Tapada da Ajuda como potes de colo extrovertido. Manuela Martins (1987: 48; 1988 Est. LI – 6) indica que estes potinhos, provenientes dos povoados de S. Julião e Barbudo, poderiam ainda ser providos de asa tal como a variante B do Tipo 10 do Monte do Frade estudado por Raquel Vilaça (1995: 154). Na Beira Interior encontram-se paralelos também no Castelejo (*Ibidem* Est. LVIII – 1) e na

Quinta da Samaria (SILVA, 2005: Est. IV – 1). Na vizinha Extremadura existem formas semelhantes, como no povoado de Alange, que no entanto são atribuídas ao Bronze Pleno (PAVÓN-SOLDEVILLA, 1998a: 47).

Devido aos diferentes atributos das peças definimos três subcategorias desta tipologia, salientando que as primeiras duas variantes provêm de contextos de Bronze Final e a última pertence à ocupação da Idade do Ferro.

Tipo 3A – Pote de dimensão média com 22 cm de diâmetro de abertura e uma profundidade que atingiria os 15,5 cm (estampa X, nº 674). Ostenta bordo extrovertido, pança globular e colo médio e côncavo. O lábio, convexo, apresenta impressões paralelas entre si que se estendem até ao interior da peça. A superfície interna é alisada e externamente o colo encontra-se preenchido por um “*cepillado*” vertical e contínuo. Estes sulcos terão sido realizados com recurso a uma escova grosseira de modo a conferir estabilidade de transporte ao recipiente. Os ligeiros vestígios de fuligem e de pasta enegrecida sugerem uma utilização ao fogo. Ostenta uma espessura média de 7 mm, pasta compacta e a sua cor castanho-clara indica-nos uma cozedura em ambiente oxidante.

Tipo 3B – Composta por dois exemplares, esta subcategoria engloba peças semelhantes à anterior, de dimensão mais pequena e com melhores tratamentos de superfície. Deste modo conseguimos estimar que o recipiente nº 1195 (Estampa III) tem um diâmetro de 10 cm de abertura e uma profundidade que não ultrapassaria os 6,5 cm. Com bordo extrovertido, colo côncavo e pança globular, as suas superfícies são polidas por fora e alisadas no interior. Tem cerca de 5 mm de espessura, pasta homogénea e cor escura.

O segundo exemplar (Estampa X, nº 686), com 14 cm de abertura, apresenta similitudes com o anterior diferindo apenas num maior estrangulamento do colo e no facto de não conseguirmos estimar a sua profundidade. Não obstante a sua fragmentação, denota-se um vinco na zona de ligação entre o colo e a pança, onde esta se desenvolveria globularmente. Ambas superfícies são brunidas, a pasta é homogénea e a espessura das paredes não ultrapassa os 5 mm. A sua cor escura indica uma cozedura redutora.

Tipo 3C – Este subtipo foi criado com vista a englobar um recipiente de características morfológicas semelhantes aos anteriores mas com ligeiras diferenças na orientação e desenvolvimento do colo e bordo (Estampa XIX, nº 1101). Com 12 cm de diâmetro, esta peça apresenta colo quase cilíndrico e bordo praticamente recto. A espessura das paredes apresentam 6 mm, a pasta é compacta, ambas superfícies são alisadas e a sua tonalidade escura remete a cozedura deste recipiente a um ambiente redutor. Ao contrário dos subtipos anteriores, esta peça provém de contexto sidérico.

Tipo 4 – Recipiente de bordo introvertido (estampa X, nº 695). As poucas inferências que se podem fazer a este tipo encontram-se condicionadas pela reduzida dimensão do fragmento que compõe esta tipologia. Não obstante, trata-se de uma peça com bordo introvertido, ligeiramente espessado, de lábio convexo e colo moderadamente côncavo. Apresenta 12 cm de diâmetro, superfícies polidas e as suas paredes atingem os 5 mm de grossura. A pasta é compacta e a sua cor é cinzento-escura.

A falta de elementos caracterizadores desta forma condicionou a busca de similitudes noutras peças, contudo, a interpretação de que estes seriam potes (de dimensão pequena/média) de colo fechado não nos parece descabida (CARDOSO e SILVA, 2004: 261), bem como a hipótese de poderem pertencer a recipientes semelhantes aos interpretados por Senna-Martinez (1993: 102) como “panelas globulares de colo tronco-cónico fechado”, mas não necessariamente com a função que o nome implica. A possibilidade deste tipo de bordo pertencer a recipientes bicónicos como o tipo 4 da Moreirinha ou o tipo 7 dos Alegrios, infelizmente fracturados nesta zona (VILAÇA, 1995 – Est. CCXX – 2; CXLI – 1), não foi totalmente rejeitada no entanto, a quase inexistência deste tipo de bordos nos povoados escavados por Raquel Vilaça, aliado à morfologia um pouco mais completa do tipo 9 do Castelejo, semelhante às peças anteriores, indicam-nos que o tipo de bordo destes recipientes seria tendencialmente extrovertido (*Ibidem* Est. XXII – 2). Estes elementos surgem também com alguma frequência no povoado do Caldeirão, na Guarda (PERESTRELO, 2000: 87, Fig. 16 nº 6) e no Monte de S. Martinho em Castelo Branco (FARINHA *et al*, 1996: 59 – 1, 2 e 46).

Tipo 5 – Recipientes de paredes rectas ou semi-rectas. Este tipo engloba uma série de seis recipientes abertos, incompletos, cuja principal característica é a orientação inclinada do bordo que tanto pode ser recto como ligeiramente extrovertido, sugerindo um desenvolvimento troncocónico. Encontramos semelhanças formais em artefactos da Tapada da Ajuda (CARDOSO E SILVA, 2004: 248, Fig. 1 nº 1-3), povoado do Caldeirão (PERESTRELO, 2000: 88, Fig. 17 nº 4), Monte de São Martinho (FARINHA *et al*, 1996: 22, nº 12), Alegrios, Castelejo e Monte do Frade (VILAÇA, 1995 Est. CXCIII – 4; Est. XXI – 1; Est. XCVIII – 2; Est. LXXXIX – 8).

Dividimos esta classificação em dois subtipos tendo em conta as principais características formais de cada grupo.

Tipo 5A – Este grupo compreende três exemplares de bordo recto com mais ou menos inclinação (estampa XI, nº 902; 905; 914). Os diâmetros de abertura, que variam entre os 18 e 24 cm, permitem classificá-los como peças de média dimensão. A este perfil recto associam-se lábios planos ou convexos, decorados com unguiações em dois casos. Todas as pastas são compactas e as superfícies são alisadas, exceptuando um caso em que a face externa é rugosa. A coloração é pouco variável e de tendência escura.

Tipo 5B – Três recipientes de dimensão média, semelhantes aos anteriores, com bordo de orientação ligeiramente extrovertida (estampa IV e XI, nº 1201; 904; 911). Os lábios podem ocorrer de forma convexa ou plana, sem decoração. A abertura destas peças varia entre os 13, 20 e 27 cm de diâmetro. Distinguem-se essencialmente pelos seus atributos técnicos visto que a peça nº 904 ostenta a sua face externa alisada e a interna “*cepillada*” enquanto o número 911 se destaca pelas suas superfícies brunidas e polidas. Além destas propriedades, a coloração das mesmas indica que a primeira terá sido sujeita a ambientes de cozedura oxidantes e a última a atmosfera de cozedura redutora. O último exemplar (nº 1201) representa uma peça com 13 cm de abertura e bordo extrovertido. A compacidade da pasta é homogénea, as suas superfícies são polidas e a espessura das paredes atinge os 5 mm. A tonalidade cinzento-escura indica cozedura em atmosfera com escasso oxigénio.

Tipo 6 – Pote de colo estrangulado. Recipiente originário de níveis da ocupação da Idade do Ferro – U. E. [907] (estampa XIX, nº 1107). Apresenta dimensão média e características formais individualizáveis em que se destaca o estrangulamento acentuado na divisão entre o bordo e a pança. O bordo, bastante extrovertido, ostenta lábio convexo e a pança desenvolver-se-ia de forma ovóide. O seu diâmetro de abertura, com 18 cm, acompanha uma espessura média de 6 mm para as paredes. Trata-se ainda de uma peça com pasta compacta, superfícies alisadas, cor alaranjada no exterior e negra no interior acusando uma cozedura oxidante-redutora.

A morfologia deste exemplar parece começar a ser utilizada ainda no Bronze Final da Beira Interior como demonstra o pote de colo estrangulado da Moreirinha (*Ibidem*, Est. CCXXXVII – 5), que terá tido ocupação até ao século IX a. C.. Em regiões vizinhas, nomeadamente na Extremadura, a forma C2a da fase 3 de El Risco (séc. VII – VI a. C.) (ENRÍQUEZ NAVASCUÉS *et al*, 2001: 75 e 102) apresenta-se bastante semelhante à nossa, bem como duas urnas da necrópole de Medellín, com certeza maiores de que o nosso exemplar, mas de colo igualmente estrangulado de forma acentuada e datadas de meados do século VI a. C. (ALMAGRO-GORBEA, 1977: 391; Fig. 107, Fig. 110).

Também na Beira Alta, no sítio do Picoto, foi retirada de uma estrutura em fossa outra peça de morfologia semelhante a esta, datada dos séculos VI – V a. C. (PERESTRELO *et al*, 2003: 168; Fig. 12).

No Alentejo, o sítio de Miguens, descoberto na margem direita do regolfo do Alqueva, conta com um artefacto idêntico que se enquadrará nos fins do século VIII, inícios do VII a. C. (CALADO, MATALOTO e ROCHA, 2007: 141-143). Também os Potes/Panelas da Herdade da Sapatoa apresentam alguns exemplares com esta morfologia (MATALOTO, 2004 Est. XXXV, Est. L; Est. LVIII), a par do que acontece no povoado do Passo Alto, onde se exumou uma peça muito similar à nossa (SOARES *et al*, 2009 Fig. 11 nº 3). Ambos os locais apresentam cronologias análogas entre o século VI e o V a.C..

Trata-se de um tipo formal que se foi desenvolvendo ao longo do I milénio a. C., predominando ainda em necrópoles extremenhas cuja cronologia foi colocada em torno dos séculos IV-III a. C. (MARTÍN BRAVO, 1999: 235, Fig. 102, A-1).

Tipo 7 – Potes. A determinação de uma nomenclatura para este tipo de recipientes foi condicionada essencialmente pelo facto de desconhecermos a sua real função. Tomamos o exemplo de vários autores que utilizam nomenclaturas distintas para este tipo de forma, como Rui Mataloto (2004) ou Sara Almeida (2005) que ao designarem estes recipientes como potes/panelas, acabam por lhes inculcar um sentido de polivalência funcional. Não obstante, optamos pela simples designação de potes, utilizada por Jorge de Alarcão (1974), Manuela Martins (1988) e Raquel Vilaça (1995), tendo em conta que não podemos admitir, por falta de evidências, a utilização dos mesmos enquanto panelas.

Sendo o grupo mais representado na amostra, a variedade de características formais de cada exemplar levou à sua integração em quatro subcategorias. Na generalidade, trata-se de recipientes profundos de grande capacidade com colo curto ou médio, côncavo ou cilíndrico, com bordos rectos ou extrovertidos e com índices de abertura inferiores ao diâmetro máximo das paredes do bojo. São sempre elaborados manualmente e a sua dispersão cronológica é transversal aos dois momentos de ocupação da Argemela.

A similitude com recipientes exumados em povoados das Beiras Baixa e Alta do final do Bronze é inegável e entre as categorias tipológicas existentes destacam-se os exemplares do Tipo 11 do Castelejo (*Ibidem*: 117), do Tipo 13 do Monte do Frade (*Ibidem*: 155), Tipo 10 dos Alegrios (*Ibidem*: 202) e Tipo 11 da Moreirinha (*Ibidem*: 232). Igualmente na Malcata, Cabeço do Crasto e no Buraco da Moura de São Romão, Senna-Martinez (1993: 100, Est. II – 41.2) identifica este tipo de potes. Ainda na Beira Alta, Sara Almeida (2005: 41), que designa estes recipientes como panelas, revela uma série de exemplares semelhantes oriundos de níveis da Idade do Ferro do morro da Sé de Viseu, demonstrando a continuidade desta categoria morfológica. Os povoados do Norte litoral também dispõem de uma série de recipientes idênticos (MARTINS, 1988: 139), bem como o Alentejo (MATALOTO, 2004: 50).

Tipo 7A – Representado por sete recipientes individuais, este subtipo engloba todos os contentores cujas particularidades formais são semelhantes entre si (Estampa IV, nº 1205; Estampa V, nº 1157, 1193; Estampa XII, nº 703, 899; Estampa XIX, nº 1100; Estampa XXIII, nº 611). Deste modo, a reconstrução total de um dos exemplares

auxiliou a consequente inclusão de mais seis peças nesta subtipologia que se caracteriza por recipientes cujo diâmetro de abertura varia entre os 14 e 20 cm. Todos os bordos destas peças podem ser mais ou menos extrovertidos, os lábios convexos e os seus colos, regra geral, apresentam-se côncavos. Com panças ovóides ou de tendência globular, estes recipientes terminariam num fundo plano, comprovado pela reconstituição do exemplar nº 1100. Perante a medição da espessura das paredes registou-se um intervalo entre os 4 e os 10 mm. Esta diferença deve ser explicada pela fragmentação das peças e pela consequente representação baseada em bordos, geralmente mais finos que o restante corpo da peça. Tecnicamente, as pastas destes recipientes são maioritariamente homogêneas e por vezes compactas e os acabamentos das superfícies transmitem-nos a intencionalidade de impermeabilização das peças através do polimento, alisamento e brunimento. Há um predomínio das atmosferas de cocção redutoras em relação às oxidantes.

Tipo 7B – Este subtipo revela apenas um exemplar, de características formais semelhantes aos anteriores, mas com uma dimensão que a nosso ver merece ser isolada (estampa XII, nº 909). Visto que apenas contamos com um fragmento de bordo, a única medida que podemos apresentar é o seu diâmetro de abertura – 38 cm. A grandeza desta dimensão leva-nos a extrapolar acerca do seu real volume e utilidade enquanto elemento da vida quotidiana e a afasta-lo do anterior grupo. A sua pasta compacta, de paredes polidas e espessura de 9 mm, terá sido sujeita a uma cozedura em ambiente de domínio oxidante. O bordo, levemente extrovertido, apresenta lábio convexo e o colo, apesar da fractura, desenvolver-se-ia de forma côncava.

Tipo 7C – Pote de bordo e lábio recto e colo cilíndrico (estampa XII, nº 913). Com cerca de 32 cm de abertura e 8 mm de grossura, resta-nos uma ínfima parte do elo de ligação entre o bordo e a pança do recipiente, no entanto é-nos permitido extrapolar que esta seria tendencialmente globular ou ovóide. A sua coloração indica uma cozedura em ambiente oxidante-redutor e a sua pasta compacta, apresenta tratamento brunido na face externa e polido na interna.

Tipo 7D – Pote de bordo recto, lábio convexo e colo cilíndrico (estampa IV, nº 1156). Difere do recipiente anterior por apresentar um diâmetro de 22 cm, uma espessura de 1,2 cm e características grosseiras. Ostenta um ressalto no início da pança que se desenvolveria num corpo globular ou ovóide. O seu aspecto tosco deriva das superfícies mal alisadas, de cor castanho-escuro, e a pasta que o compõe é compacta.

Fabrico ao torno:

Tipo 8 – Recipientes indeterminados. Composto por cinco exemplares, este tipo cerâmico compreende bordos extrovertidos cuja abertura atinge os 38 e 44 cm de diâmetro (Estampas XXII e XXIV, nº 373; 390; 456; 457; 458). O colo destas peças é bastante côncavo e os lábios, rectos ou convexos, podem surgir com um sulco paralelo ao mesmo. A ausência de mais componentes não nos permitiu definir uma forma completa, no entanto, tendo em conta a própria espessura das paredes (1,1; 1,2 cm) e a feição de como o colo se desenvolve, poderemos admitir que o corpo destes contentores seria de tendência globular. As suas pastas são compactas ou arenosas e as suas superfícies alisadas. A coloração alaranjada e castanho-clara indica que foram cozidas em atmosfera oxidante. Este grupo foi detectado em contexto sidérico de ocupação e abandono.

A procura por paralelos noutras regiões acabou por se restringir a uma série de peças do Castillejo de la Orden (Alcântara), também muito fragmentadas, mas semelhantes às nossas (MARTÍN BRAVO, 1994: 267, Fig. 22) e a um exemplar Zamorano do Castro de S. Pedro de la Vinã (ESPARZA ARROYO, 1986: 121, nº 4).

Tipo 9 – Grandes potes. Grandes recipientes globulares ou ovóides dotados de bordo esvasado, lábio convexo e colo curto e estrangulado (Estampa XX, nº 500; 501). Apesar de se encontrarem incompletos, o seu volume de armazenagem seria bastante elevado visto o diâmetro de abertura atingir os 32 cm e a grossura das paredes ultrapassar 1 cm. As pastas de ambos são homogéneas, de cor escura e com superfícies alisadas. O exemplar nº 500 ostenta duas faixas horizontais pintadas na zona do colo, uma preta e outra cinzenta, e duas bandas singulares de cor cinzenta na pança do recipiente. São exclusivos do contexto de preparação/ocupação sidérica da

Argemela e encontram paralelos em diversos sítios portugueses e da Extremadura espanhola, nomeadamente na região da Guarda, em Castelos Velhos (PERESTRELO, 2003: 161; Fig. 48 nº 6), em Pinhel, no Castelo da Ervedosa (*Ibidem*: 114; Fig. 34), no Alentejo, na Herdade da Sapatoa (MATALOTO, 2004: 289, Est. LXI – 5) e na Malhada das Mimosas (CALADO, MATALOTO e ROCHA, 2007: 164-166), em Medellín (ALMAGRO-GORBEA e MARTIN BRAVO, 1994: 114; Fig. 13, nº 2) e em Badajoz (BERROCAL-RANGEL, 1994: 171 Fig. 14 nº 3). De acordo com Ana Martín Bravo (1999: 234-236, Fig. 103 A – nº 19) entende-se que este tipo formal é comum a diversos povoados extremenhos do Ferro Pleno, poupando-nos de uma enumeração que aqui seria excessiva.

Tipo 10 – Potinho. Recipiente de bordo extrovertido, lábio convexo e colo côncavo (estampa XXIV, nº 372). Seria uma forma globular cuja altura não ultrapassaria o tamanho do seu diâmetro de abertura – 17 cm. A grossura das paredes atinge 6 mm, a pasta, bem depurada, é homogénea e as superfícies são alisadas. A coloração castanho-escura remete este recipiente para uma cozedura em ambiente redutor. Apesar de não termos nenhum paralelo directo, este tipo de peças com bordo esvasado e de perfil em “S”, tal como as anteriores, são bastante comuns em povoados sidéricos da Extremadura espanhola (MARTÍN-BRAVO, 1994: 279; 1999: 234-236) e da Beira Baixa (SILVA, 2005: 89-91; Est. VII nº 4).

Tipo 11 – Pote/Panela. Grande recipiente ovóide de bordo ligeiramente extrovertido, lábio aplanado e colo côncavo (estampa XXI, nº 590). Tem 26 cm de abertura e o seu fundo, plano, apresenta 16 cm de diâmetro. Apresenta ainda uma espessura média de 9 mm e uma profundidade que atinge os 35 cm. Ambas superfícies são alisadas e a pasta compacta. Salienta-se que ambas superfícies se encontravam revestidas de dois tipos diferentes de material. A face externa, de tom laranja, agregava em si matéria argilosa, não cozida, talvez proveniente da sua deposição em estrato argiloso. Ao invés, a face interna, de cor negra, apresentava imensos vestígios de fuligem e matéria orgânica.

As origens desta forma estarão directamente relacionadas com as já conhecidas no Bronze Final do Norte ao Sul de Portugal²³. Um dos potes exumados no Passo Alto apresenta estreitas afinidades formais com esta peça, inclusive o lábio aplanado, no entanto, ao contrário do nosso exemplar, este foi modelado manualmente e encontra-se provido de mamilos verticais e decoração (SOARES *et al*, 2009: 547; Fig. 10 nº 1).

6.3 – Alguns aspectos funcionais

Um dos objectivos inerentes ao estudo de cerâmicas é a necessidade de atribuir e enquadrar as tipologias criadas numa determinada função. Só por si esta ideia implica que um recipiente é produzido para servir apenas um propósito e ser utilizado segundo uma determinada actividade para a qual foi predestinado. Perante a premissa materialista de que os contentores cerâmicos são ferramentas criadas e utilizadas para actividades específicas (SINOPOLI, 1991: 83), devemos ter em conta que a função de um recipiente é imposta não só pela parte prática, intrínseca à cerâmica, mas também pela realidade simbólica e complexidade social em que é construída, utilizada ou trocada entre comunidades (VILAÇA, 1995: 289).

Em relação aos aspectos funcionais do conjunto da Argemela, tentamos enquadrar as peças numa determinada função, baseando-nos nas características físicas e formais adequadas a um determinado quadro funcional relacionado com aspectos culinários ou domésticos como sejam o armazenamento, transporte, preparação de alimentos, “serviço de mesa” e consumo directo. Esta tarefa tornou-se de dificuldade acrescida porque, por um lado, há um lapso no verdadeiro sentido funcional da maioria das peças e, por outro, é necessário ter em conta a multifuncionalidade que os contentores podiam deter. A questão relativa à funcionalidade dos recipientes remete para uma carga teórica bastante elevada. Socorremo-nos, além de comparações tipológicas com outros locais da região, de vestígios que tenham permanecido na cerâmica e que nos indiquem aspectos da sua possível utilização. Assim, apesar de poucas formas exibirem qualquer tipo de vestígio de utilização, a fuligem, associada a recipientes de “ir ao lume”, apresenta-se em alguns fragmentos de pasta grosseira,

²³ Como demonstra a semelhança com os recipientes de produção manual atribuídos ao Tipo 7.

geralmente “*cepillada*”, indicando uma utilização em ambiente de cozinha e preparação de alimentos. Não obstante, alguns fragmentos de bojos, considerados de produção fina e de superfícies bem tratadas, apresentavam também este tipo de marcas de uso. Um bom acabamento das superfícies, aliado a espessuras que raramente ultrapassam 1 cm implicaria, com certeza, uma melhor impermeabilização e consequentemente uma melhor condutividade térmica.

Voltando à questão das várias funções que um objecto pode deter, para a nossa amostra deparamo-nos com alguns recipientes que poderiam ter sido empregues em diversas actividades. Enquanto os potes dos tipos 6, 7 e 11 seriam utilizados como recipientes de transporte e armazenagem de líquidos ou sólidos, os grandes recipientes do tipo 9 seriam empregues essencialmente na conservação de alimentos ou líquidos visto que a sua dimensão condicionaria um pouco a sua deslocação. Porém, as primeiras peças poderiam ter ainda a função de preparar alimentos, servir líquidos e compensar outras necessidades funcionais. Por certo que todas estas acções seriam efectuadas consoante uma carência específica e a escolha de um recipiente que respondesse ao problema teria em conta a sua dimensão, espessura, porosidade e capacidade.

Além destas peças, também as taças carenadas do tipo 2, constantemente interpretadas como objectos de consumo directo ou de servir à mesa, poderão ter tido utilizações que vão além destas. A existência de recipientes deste tipo com características morfológicas e técnicas distintas acaba por ser indicadora de funções preferenciais como sejam o consumo de líquidos em recipientes mais pequenos ou a contenção de alimento, disponível a várias pessoas, com recurso a taças maiores, por vezes com pegas mamilares perfuradas para ficarem suspensas (VILAÇA, 1995: 290), como demonstra o nosso subtipo 2C. Acerca desta peça podemos ainda aferir a sua possível utilização ao lume, em suspensão, sem prejuízo da ausência de fuligem mas tendo em conta que a sua coloração altamente enegrecida possa ter origem numa contínua exposição ao fogo.

A elevada fragmentação das peças, que complicou a atribuição de uma utilidade específica aos recipientes, não permitiu a distinção de um uso específico para os contentores dos tipos 4, 5 e 8, porém, dada a morfologia do tipo 5 – de paredes rectas

e, possivelmente, pouco profundo – este terá sido usado enquanto recipiente de “servir à mesa” ou de preparação de alimentos.

Em relação aos recipientes dos tipos 3 e 10, apesar das suas diferenças tecnológicas de modelação, a função que desempenhariam pode ser considerada semelhante devido às suas similitudes formais. Mais uma vez, a dimensão e fabrico destas peças influenciariam a sua utilização. Enquanto as peças mais pequenas seriam de consumo individual, possivelmente de líquidos, os contentores medianos e grandes teriam uma função adequada ao seu aspecto físico, ou seja, as peças de produção mais tosca poderiam servir para cozinhar, como comprovam os vestígios de fuligem do recipiente do subtipo 3A, ou no caso de serem mais bem cuidados, para servir expedientes alimentares.

Relativamente a outros aspectos vestigiais salientamos a presença interna de uma substância orgânica que ficou preservada, pós-deposição, nas paredes de uma panela (Estampa XXI, nº 590) (ver anexos, fig. 32A e 32B). Sobre este assunto pouco podemos dizer pois apenas uma análise bioquímica nos permitiria perscrutar não só a natureza da substância mas também a possibilidade de esta ter sofrido alterações enquanto cozinhada ou, se sem alterações, simplesmente corresponderia a alimentos armazenados.

Nesta concepção de funcionalidades e utilizações, outros são os vestígios que nos podem indicar algumas das tarefas relacionadas com os recipientes. Falamos não só dos tratamentos de superfície e compacidade das pastas mas também da própria espessura das paredes das peças. A combinação dos primeiros dois aspectos seria fundamental à função da peça. Na nossa amostra, os fragmentos de recipientes de pasta arenosa ou mais porosa têm tendência a ter superfícies rugosas ou “*cepilladas*” bem como maiores espessuras. Se tivermos em conta a dimensão que poderiam tomar podemos assumir que os mais pequenos seriam utilizados enquanto peças de cozinha e até transporte, visto que a rugosidade propositada permitiria a manutenção de um maior equilíbrio nas deslocações. Ao invés, as peças de dimensões superiores serviriam para a contenção de cereal ou outro tipo de alimento seco. Neste sentido as peças mais bem tratadas e de espessuras mais finas seriam utilizadas a título individual ou comunitário para o consumo directo de líquidos e até mesmo para práticas alimentares de sentido simbólico ou ritualizado (*Ibidem*: 291).

Outra das características referentes à funcionalidade é a presença de elementos de suspensão como as asas, um dos atributos que nos permite identificar um tipo de recipientes cuja função passaria pelo transporte, contenção e serviço de líquidos como a água que, nem sempre presente nos típicos povoados de altura, como a Argemela, é de capital importância. Infelizmente não se exumou nenhum exemplar alado, no entanto a presença de asas que se desenvolvem em bordos de espessura superior a 1 cm, indicam uma pertença a recipientes de maior dimensão como os potes/panelas.

Finalmente, a própria decoração existente nos demais exemplares pode ser indicativa da diferenciação social das cerâmicas. A presença de motivos em peças de produção mais fina relativiza a sua utilização enquanto elemento do quotidiano e a escassez de peças decoradas na Argemela parece seguir essa linha intuitiva. À parte disto, tentamos demonstrar que o conjunto artefactual estudado terá tido, essencialmente, funções de cariz doméstico e de domínio privado. A variedade formal não pode ser considerada baixa se tivermos em conta o escasso volume analisado, no entanto, se compararmos as produções relacionadas com o Bronze Final e com a Idade do Ferro o rácio é de cinco tipos para a primeira ocupação e sete para o momento seguinte, demonstrando que a adopção do torno veio acrescentar novas formas às que anteriormente existiam.

7- Análise comparada e integração cultural dos dados

Devido às limitações deste simples estudo visual, as informações extraídas do conjunto de 1345 peças cerâmicas devem ter em atenção a realidade fraccionada que aqui estudamos, bem como a ausência de estudos complementares, quer de cariz físico-químico, quer no que toca à própria investigação na zona da “acrópole” do povoado.

Durante o exame e descrição das evidências materiais, imediatamente se sublinhou a discrepância formal e tecnológica que a amostra apresentava. Com clara produção e utilização cronologicamente distintas, a presença de cerâmicas de produção manual e ao torno, alicerçadas numa boa sequência estratigráfica, conduziu-nos a um enquadramento teórico sobre o povoamento no Cabeço da Argemela. Apesar de somente termos procedido ao estudo de uma sondagem, todos os dados que obtivemos e aqueles que foram publicados até à actualidade, confirmam a inserção cronológica da Argemela numa linha diacrónica de ocupação que se terá desenvolvido desde o início até ao final do I milénio a. C., com interrupções ou não (VILAÇA *et al*, 2000: 202). O faseamento anteriormente proposto e o estudo isolado dos indivíduos segundo o seu contexto foram fulcrais para que compreendêssemos e caracterizássemos a realidade com que lidamos.

7.1 – Variabilidade Tecnológica

O primeiro aspecto geral a deter é que o corpo cerâmico evidencia diferenças fundamentais de modelação e morfologia, indicativas de realidades crono-culturais distintas (gráfico 8).

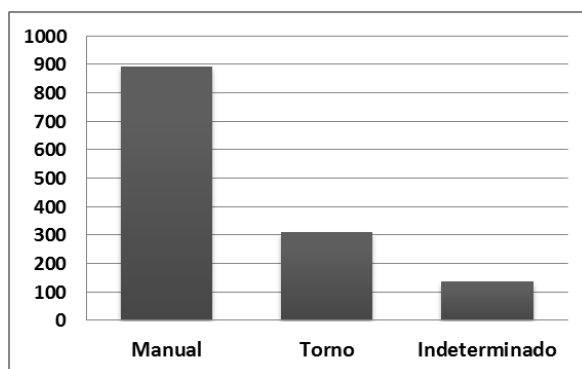


Gráfico 8 – Relação entre número de fragmentos e modelação – total da amostra.

Deste modo, a elevada presença de peças produzidas manualmente pode ser explicada, não só pelo seu elevado volume nas duas primeiras fases de ocupação, mas essencialmente pelo facto de esta técnica não ter sido abandonada em detrimento da produção à roda. De facto, a análise conjunta das fases I e II revelou a presença de cerca de 70% do total de peças produzidas manualmente, ao invés do terceiro momento que materializa a maior quebra deste fabrico, apenas 3%, e surge como a fase com mais peças produzidas ao torno – 39%.

A clara diferenciação tecnológica entre estas duas épocas é ainda acompanhada pela diversidade formal da tabela tipológica. A oposição entre formas singulares, típicas de produção manual ou ao torno, indica o grande contraste existente entre as duas técnicas de fabrico; todavia foi possível constatar semelhanças entre algumas categorias morfo-tipológicas, de modelação distinta, como são os exemplares de potes do tipo 7A e 11.

De um número mínimo de 124 indivíduos, apenas 38 recipientes puderam ser reconstituídos e integrados em categorias tipológicas. A sua equivalência percentual entre formas abertas e fechadas demonstra que 45% pertencem às primeiras (17 ex.), 42% às segundas (16 ex.) e 13% a recipientes cuja forma não conseguiu ser determinada devido à sua fragmentação (5 exemplares do Tipo 8). Salienta-se que todas as categorias tipológicas de recipientes ao torno pertencem a formas fechadas e que a percentagem de formas abertas advém apenas de quatro tipos de fabrico manual (Tipo 1; 2; 3; 5). Deste modo, a presença de formas geometricamente simples apenas se pode confirmar para o tipo 1 e possivelmente para o 5, enquanto todas as outras categorias se apresentam como formas mais complexas ou compósitas.

A correspondência entre a cor das peças e o tipo de cozedura a que foram sujeitas indica-nos que os cozimentos em ambiente redutor superam todas as outras, não obstante, a irregularidade dos ambientes de cozedura é notável particularmente em peças que apresentam as suas pastas e superfícies com tonalidades típicas de atmosferas completamente opostas (gráfico 9).

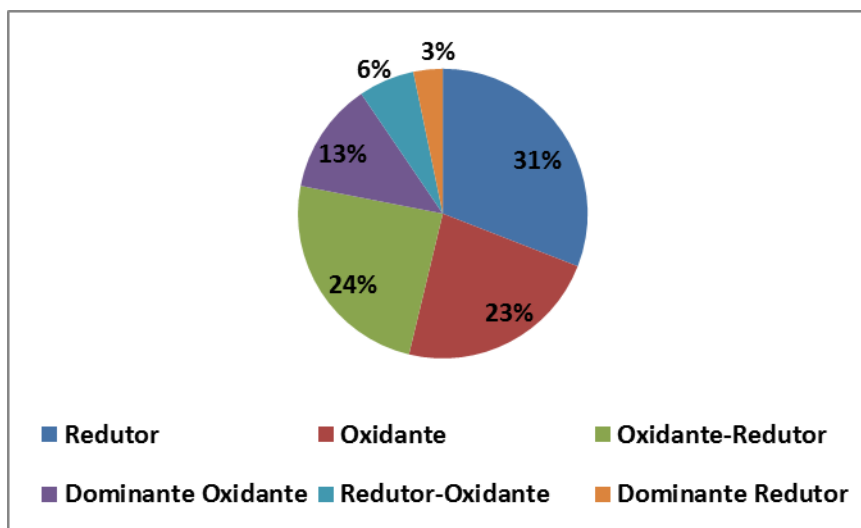


Gráfico 9 – Aproximação ao ambiente de cozedura – total da amostra.

Maioritariamente compactas, as pastas dos recipientes caracterizam-se também por exibirem e.n.p. cuja forma combina elementos arredondados e angulosos, de pequena e média dimensão e de frequência mediana. A inclusão de minerais e a depuração das pastas estaria totalmente regulada pela actividade artesanal humana que, obviamente requeria determinadas condições físicas relacionadas com a plasticidade da argila e com a consequente função desejada. Quer nos fabricos manuais ou ao torno denota-se uma tendência para pastas de fabrico mediano que por sua vez transmitem-nos que nem sempre existiu um cuidado propositado na depuração das argilas e na selecção de elementos não plásticos.

Em termos de acabamentos, a aplicação do alisamento é transversal a qualquer das fases que aqui definimos, ao invés das superfícies de acabamento brunido ou polido que são características das duas primeiras fases de ocupação. Evidenciamos ainda que este último tratamento surge em níveis da Fase III – covacho [907] – associado a materiais de produção manual. Perante a combinação entre todos os aspectos técnicos é demonstrado que no total da amostra os fabricos medianos proliferam em relação às peças de produção fina ou grosseira (gráfico 10).

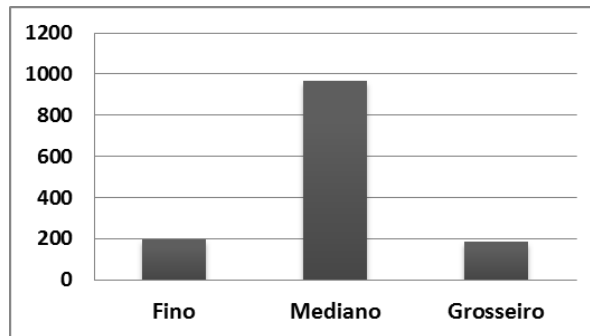


Gráfico 10 – Tipo de fabrico registado no total da amostra.

No que respeita aos elementos decorativos, a Argemela tem vindo a aumentar o registo de quantidade e diversidade de técnicas decorativas (gráficos 11 e 12).

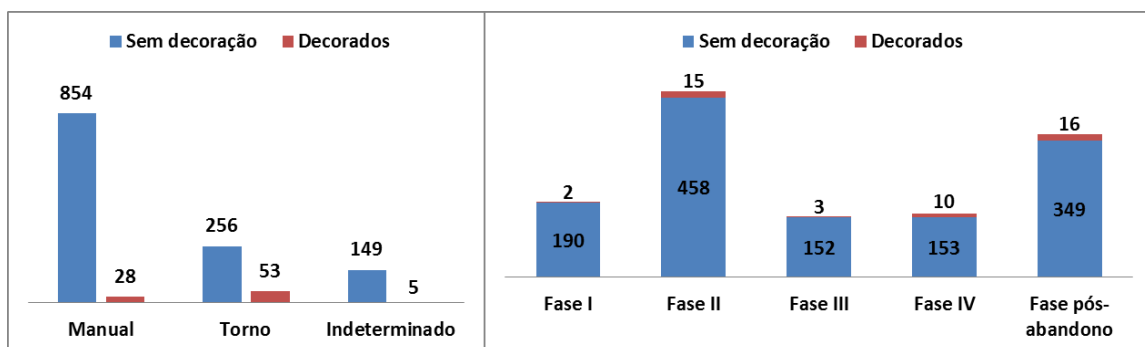


Gráfico 11 e Gráfico 12 – Relação entre peças decoradas e não decoradas e sua distribuição por fase.

Às peças anteriormente conhecidas para o Bronze Final, provenientes de prospecção ou escavação e decoradas com incisões, ungulações e até mesmo com pintura de “tipo Carambolo”, somam-se agora as decorações brunidas através de sulcos ou ornatos, os puncionamentos nos bojós e lábios, decoração penteada, plástica e sulcos interpretados como caneluras. Além destas, mas agora em níveis da Idade do Ferro, destaca-se a pintura em bandas de cor cinzenta e negra. Em estratos superiores, de abandono e revolvimento, surge ainda a associação de incisões a fragmentos de recipientes de grande porte de produção ao torno, o uso do estampilhado num pequeno fragmento de fabrico manual e dois fragmentos, também manuais, com decoração penteada (Gráfico 13 e Tabela 15). A relação crono-cultural que as demais decorações representam será discutida posteriormente, em conjunto.

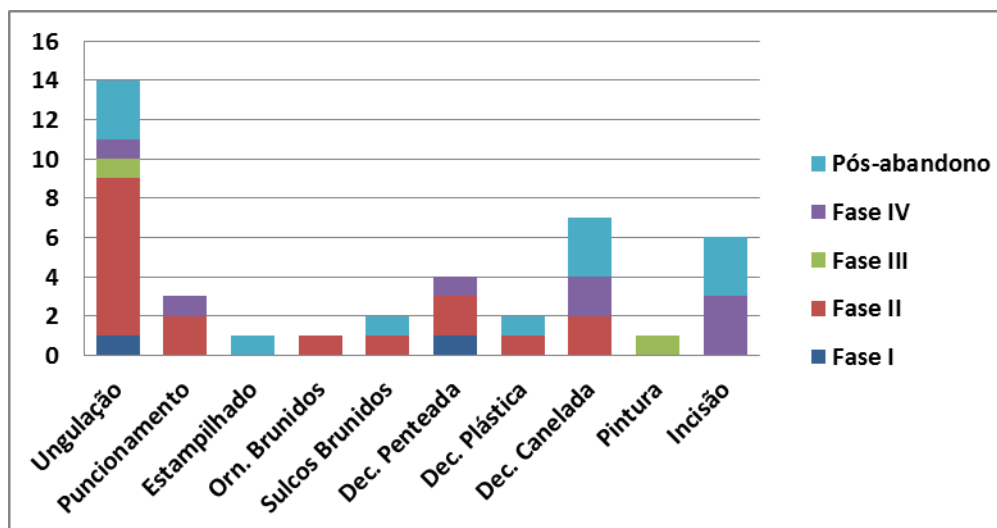


Gráfico 13 – Distribuição das técnicas decorativas por fase.

Técnica decorativa		Fase I	Fase II	Fase III	Fase IV	Pós-abandono
Impressão	Ungulação					
	Puncionamento					
	Estampilhado					
Brunimento	Ornatos					
	Sulcos					
Decoração Penteada						
Decoração Plástica						
Decoração Canelada						
Pintura						
Incisão						

Tabela 15 – Tabela de motivos decorativos do Cabeço da Argemela, sondagem 9.

Visto que a produção manual de recipientes requer um conhecimento empírico que advém da experiência do oleiro, destacamos algumas das técnicas mais usuais de

modelação. Assim, abrimos destaque para a produção através de rolos de argila, sobrepostos e moldados segundo a forma requerida (RYE, 1981: 67). Esta técnica, que poderá estar associada à construção de recipientes de maiores dimensões (VILAÇA, 1995: 270), é a mais susceptível de apresentar vestígios notáveis nas fracturas das cerâmicas. Outro método, associado a formas cerâmicas simples como as taças hemisféricas, é a modelação da argila através da sua compressão e repuxamento ou com recurso a uma bola de barro cujo centro é forçado a abrir e a desenvolver-se através da pressão das mãos. Finalmente, a técnica de construção através de placas de argila planas compreende a junção das mesmas através da compressão e modelação segundo a forma que se deseja (RYE, 1981: 70-72). Neste conjunto, as peças de produção manual raramente permitiram a detecção de vestígios da sua produção, ainda assim, podemos afirmar que o método de compressão terá sido a base para a produção das formas mais simples, como a taça do tipo 1 e até mesmo as taças carenadas, sendo que estas também poderiam ser obtidas através de moldes. Aos recipientes de maior dimensão, como não foi permitido decifrar a forma como foram modelados nem vestígios de produção por rolos, sugere-se que a junção de placas de argila terá sido um dos métodos utilizados.

Posto isto, apesar de algumas intrusões vestigiais de fragmentos fabricados ao torno nas unidades mais antigas, as fases I e II são essencialmente caracterizadas pela elevada presença de recipientes de fabrico manual e pelo predomínio das atmosferas de cozedura essencialmente redutoras (40,8 %) (gráfico 14).

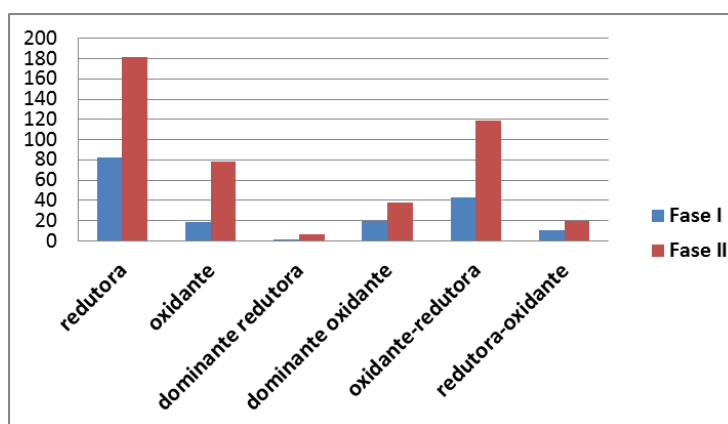


Gráfico 14 – Aproximação ao ambiente de cozedura – Fase I e II.

Entre as várias similitudes destas fases conta-se também uma tendência para fabricos medianos, pastas compactas ou homogéneas e tratamentos de superfície essencialmente alisados ou polidos (gráficos 15 e 16).

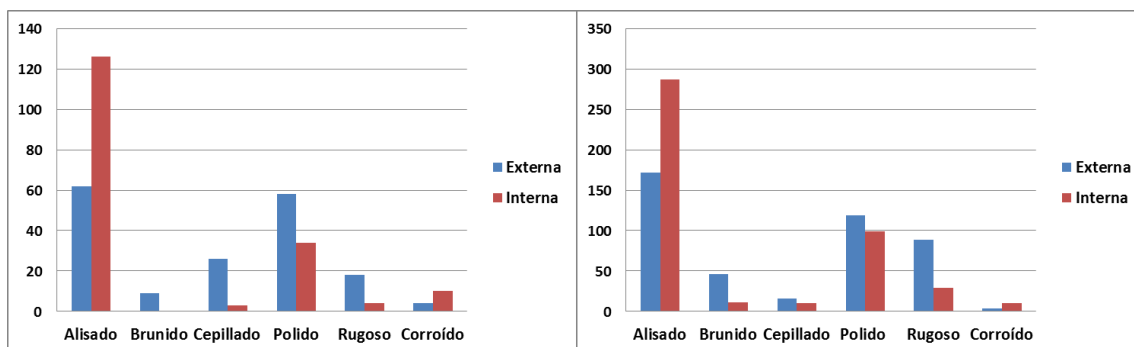


Gráfico 15 e Gráfico 16 – Tratamento de superfície registados nas fases I e II, respectivamente.

Perante a observação das imensas semelhanças morfo-tecnológicas entre os materiais de ambas fases, fomos impelidos a questionar a proximidade cronológica que envolve estas realidades. De facto, se a primeira fase corresponde à preparação do terreno para a construção de um piso lajeado, as características do momento seguinte condizem com uma situação de abandono desta estrutura. Visto que os atributos formais das cerâmicas exumadas afirmam estreitas semelhanças com o espólio de outros povoados da região da Beira Baixa, o Cabeço da Argemela terá conhecido a sua primeira ocupação humana nos fins do II e inícios do I milénio a. C., enquadrado certamente na rede de povoamento que caracterizava esta região no final da Idade do Bronze.

O segundo período de ocupação documentado, pouco conhecido nesta região beirã, far-nos-á retomar a discussão, mais à frente, sobre a problemática inerente à passagem entre o Bronze Final e o Ferro Pleno, a chamada I Idade do Ferro e ao lapso que esta apresenta e significa. Deste modo, a aproximação à realidade crono-cultural da designada Fase III – II Idade do Ferro – encontrou-se demasiado dependente de dados exógenos, nomeadamente da vizinha Extremadura espanhola.

Este período de ocupação da Argemela caracteriza-se pelo erguer de uma estrutura de função ainda indeterminada, mas cuja planta rectangular acusa, em princípio, uma sequência cronológica mais tardia. A preparação anterior a esta construção

compreendeu uma regularização do terreno, bem como o “sacrifício”²⁴ de pelo menos três exemplares cuja reconstituição do perfil permitiu o seu enquadramento em duas categorias tipológicas distintas – 9 e 11 (Estampa XX, Estampa XXI, nº 590). O estrato subsequente, de ocupação deste espaço, proporcionou cinco tipos de recipientes – 1, 3, 6, 7 e 8 – cuja provável função de armazenamento e consumo de alimentos demonstra que a sua utilização poderia estar associada a um ambiente de cariz doméstico/privado.

Embora continuem a ser produzidos, os recipientes de fabrico manual vêem o seu número decrescer em relação às peças montadas ao torno (gráfico 17).

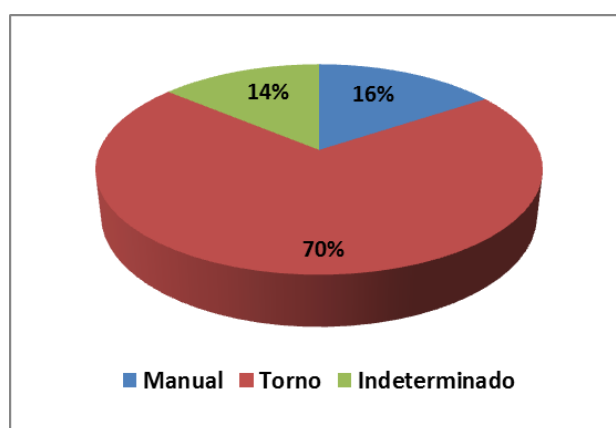


Gráfico 17 – Técnicas de modelação registadas na Fase III.

Entre alguns dos aspectos a sublinhar, realça-se uma interessante particularidade relacionada com o covacho [907] que foi aberto no piso [903]. Do número total de recipientes exumados nesta unidade, a grande maioria foi fabricada manualmente (82%) e apresenta morfologias que podem ser comparáveis com peças de tradição mais antiga. A razão para tal ocorrência pode ser explicada pela intrusão de alguns fragmentos das unidades mais abaixo, remexidas aquando da abertura do covacho, no entanto, outros recipientes mais completos (Estampa XIX, nº 1100 e 1107) que lá se encontravam parecem demonstrar a manutenção de certos costumes antigos como a modelação manual, aplicação do polimento (além do alisamento), e cozeduras em

²⁴ Devido à ausência de outras evidências, não podemos aqui entender “sacrifício” como um acto ritualizado de oferenda e preparação do solo que viria a ser habitado, no entanto este assunto poderá ser explorado de acordo com o surgimento de vários fragmentos “*in situ*”, pertencentes a um recipiente com vestígios de matéria orgânica ainda preservada nas suas paredes internas (ver anexos, fig. 32A e 32B). Ainda que não detenhamos dados mais específicos de natureza sacrificial, a presença desta evidência pode sugerir a possibilidade de estarmos perante um determinado comportamento simbólico de organização e consideração pelo espaço construído.

atmosferas consideradas redutoras. Considerando que a interpretação estratigráfica se encontra correcta, poderemos assumir que estas particularidades tecnológicas se encontram relacionadas com a escolha do oleiro e com a respectiva funcionalidade do recipiente.

Ao compararmos estes valores com as restantes unidades que compõe este momento, nota-se que mesmo as peças produzidas ao torno são maioritariamente de coloração escura, indicativa daquilo que já sabemos, e os acabamentos de superfície recorrem sempre ao alisamento. As pastas, essencialmente dotadas de e.n.p. de pequeno e médio calibre, com uma distribuição mediana, são compactas na maioria dos casos. Os seus fabricos acompanham a tendência do tipo mediano, independentemente da modelação do recipiente, no entanto, os fabricos finos estão apenas compreendidos para as peças manuais (gráficos 18, 19 e 20).

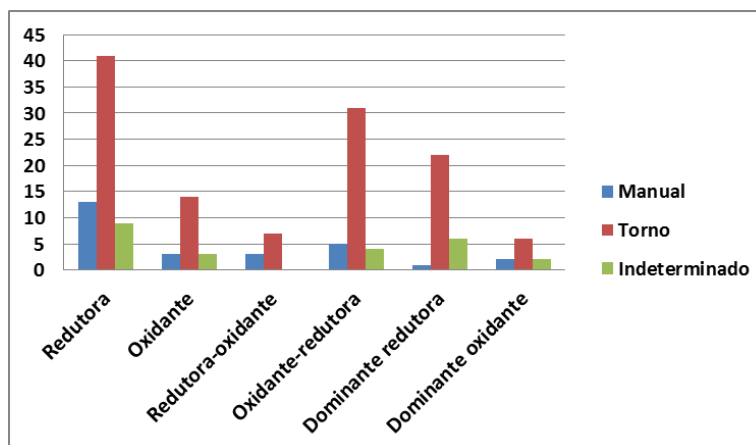


Gráfico 18 – Aproximação ao ambiente de cozedura das peças da Fase III.

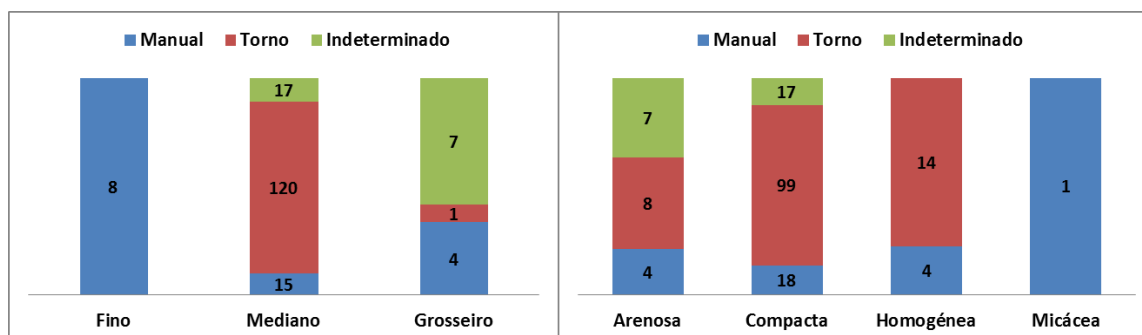


Gráfico 19 e Gráfico 20 – Tipo de fabrico e pasta das peças da fase III, respectivamente.

Infelizmente, os poucos dados que dispomos não possibilitam a precisão de uma cronologia fidedigna sobre a implantação da estrutura mural [909] visto que os materiais associados provêm do revolvimento dos níveis mais antigos de ocupação.

Sem prejuízo, este momento, caracterizador da Fase IV, revela-nos que a sua edificação terá sido levada a cabo durante ou no final da ocupação deste espaço da II Idade do Ferro. A interpretação estratigráfica da unidade [902], que assenta sobre a vala de abertura para a implantação do muro [905] e sobre a unidade de ocupação [903], é a de que aquela materializa o momento de abandono da fase III e sendo assim, esta construção estaria associada a este momento ou ao final do mesmo, coincidindo possivelmente com urgentes necessidades de defesa ou simplesmente com a construção de uma estrutura cuja função estaria relacionada com a ocupação deste exacto sítio. Além disto, também temos noção que a interpretação correcta poderá estar para lá dos limites da sondagem e consequentemente do nosso conhecimento.

Não obstante, um dos factores que nos leva a assumir esta posição é a relação numérica entre as peças produzidas manualmente e ao torno, ou seja, a presença elevada de fragmentos torneados na unidade [902] indica-nos que esta se encontrará directamente relacionada com o abandono das unidades anteriores, correspondentes à fase III, de ocupação durante a II Idade do Ferro. Ao invés, a abertura da vala [905], que terá acontecido durante essa ocupação, apresenta essencialmente materiais de produção manual, de tradição mais antiga e que, nesta linha de pensamento, serão resultado da movimentação de terras das unidades com ocupação anterior, do final da Idade do Bronze (gráfico 21).

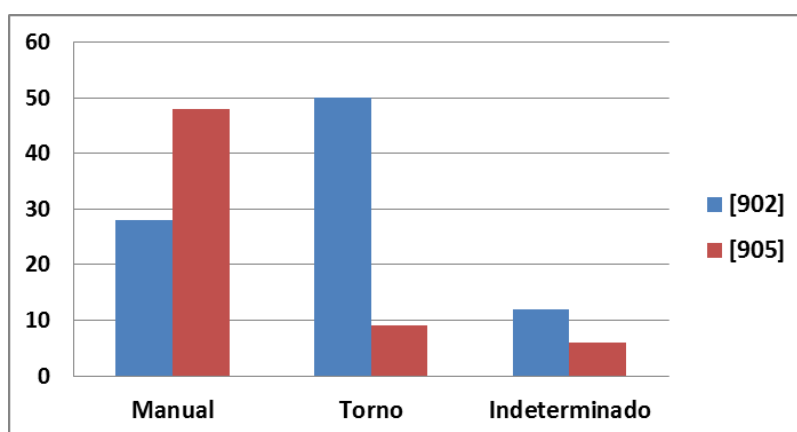


Gráfico 21 – Relação entre o número de fragmentos e modelação – Fase IV.

Ora, admitindo a veracidade de todos estes aspectos, poderemos estar perante uma estrutura que actuou conjuntamente com o restante sistema muralhado no sentido de fortificar, defender ou simplesmente limitar a área habitacional das comunidades, ou então esta construção poderá relacionar-se com qualquer outra

função, de interpretação limitada pela ausência de dados, mas cuja edificação indica um cuidado extremo no talhe da pedra e na montagem dos blocos (Ver anexos, Fig. 17 e 30). Se tivermos em conta os níveis de circulação e ocupação da Fase III, esta estrutura também poderia ter servido como parte delimitadora de uma habitação, no entanto, ficamos reticentes quando analisamos as largas dimensões dos blocos e não conseguimos encontrar algo semelhante para esta época.

À parte destas conclusões, a realidade material identificada em cada unidade, distingue-se não só pela modelação mas também pela morfologia que os demais indivíduos apresentam. A categorização tipológica aconteceu apenas para quatro recipientes, um proveniente do enchimento da vala e outros três da camada de abandono. O primeiro corresponde ao tipo 7 e os restantes repartem-se pelos tipos 8 (2 ex.) e 10.

Em relação aos aspectos técnicos, demonstrou-se que o predomínio de pastas compactas e superfícies alisadas se mantém, acompanhando as cozeduras de ambiente predominantemente redutor ou oxidante e o hábito de produzir recipientes considerados de fabrico mediano (Gráficos 22, 23 e 24).

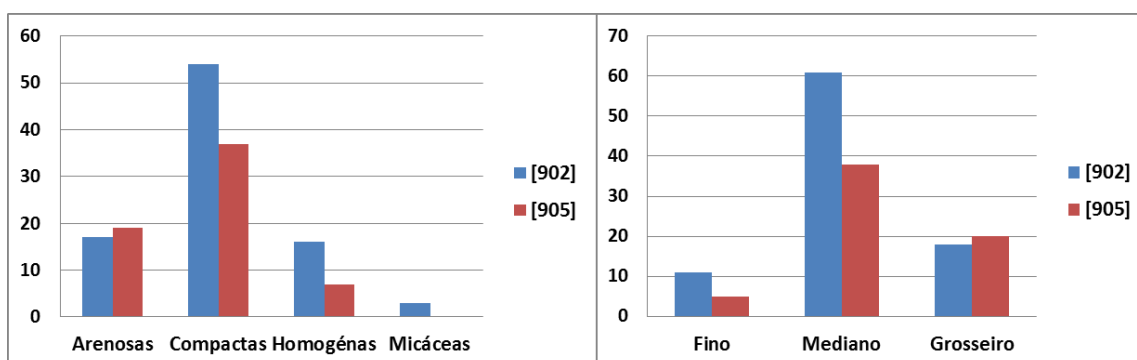


Gráfico 22 e Gráfico 23 – Tipo de pasta e tipo de fabrico registados na Fase IV, respectivamente.

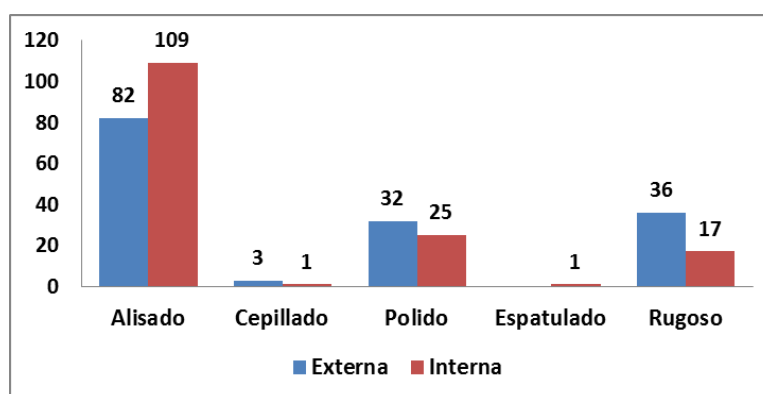


Gráfico 24 – Tratamento de superfícies registado na Fase IV.

Finalmente, nas unidades correspondentes à fase de pós-abandono foram exumados materiais altamente fragmentados cuja cronologia se estende pelos dois períodos cronológicos aqui definidos. Lado a lado circulam cerâmicas de produção manual, como bordos unculados e asas de fita, e as cerâmicas de produção ao torno como os bordos esvasados ou altamente extrovertidos. Deste contexto provêm ainda um fragmento manual de bojo estampilhado e um outro decorado com sulcos brunidos em ambas as faces da peça. A grande maioria das peças deste ambiente é predominantemente de fabrico mediano, apresenta pastas compactas e superfícies quase sempre alisadas.

7.2 – Variabilidade morfológica e decorativa

Como foi referido anteriormente, a reconstituição de 38 recipientes permitiu a definição de 11 categorias tipológicas distintas. De entre todas as classes, 24 exemplares pertencem aos níveis de Bronze Final e os restantes 14 à ocupação e abandono da II da Idade do Ferro. Por várias vezes ocorre a partilha de tipologia entre peças de níveis temporais distintos que se poderá relacionar não só com uma questão de funcionalidade mas também com a manutenção de formas tradicionais.

Deste modo, os tipos 1, 6, 8, 9, 10 e 11 são exclusivos da ocupação sidérica da Argemela enquanto os tipos 2, 4 e 5 apenas representam artefactos de tradição do Bronze Final. Os restantes grupos tipológicos, 3 e 7, surgem representados por 3 e 8 exemplares do final da Idade do Bronze e por 1 e 2 peças provenientes de contextos da Idade do Ferro, respectivamente (gráfico 25).

Esta distribuição desigual deve-se ao facto das peças terem sido agrupadas segundo a sua morfologia e tecnologia, pois, comparativamente, existem peças morfológicamente semelhantes com modelações distintas; Relembre-se o caso do recipiente de produção ao torno do tipo 11, similar às formas do tipo 7, exclusivamente manuais.

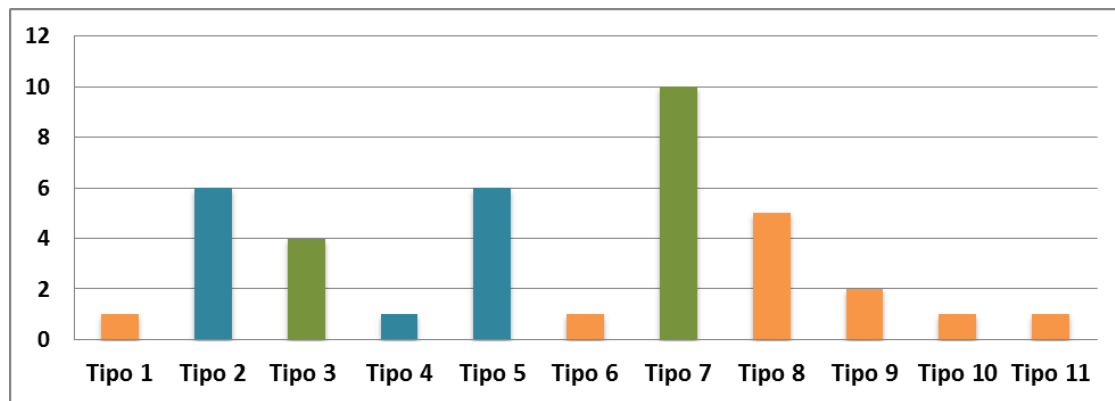


Gráfico 25 – Distribuição cronológica do número de recipientes por tipo morfológico.
 As cores representam a pertença a um determinado período cronológico: Amarelo – Idade do Ferro;
 Azul – Bronze Final; Verde – Ambos períodos.

A análise do gráfico anterior demonstra que os potes do Tipo 7 estão em número superior em relação a todas as outras formas, seguidos pelas taças carenadas do tipo 2 e recipientes de paredes rectas do tipo 5. Outro dos grupos mais bem representados, o tipo 8, corresponde a cinco recipientes cuja morfologia completa nos é desconhecida, no entanto, o seu diâmetro de abertura deixa adivinhar o elevado volume que teriam estes contentores. Continuamente, os recipientes de perfil em “S” do tipo 3 e os grandes potes do tipo 9, pertencem a categorias que se destacam em relação numérica perante os restantes grupos (1; 4; 6; 10; 11) que apenas contam com um exemplar cada.

Ao analisarmos os contextos cronológicos isoladamente constatamos a incidência e predominância de determinadas formas específicas. Assim, os níveis do final da Idade do Bronze apresentam especial ocorrência de contentores de armazenagem como os potes, recipientes mais pequenos como as formas carenadas e recipientes de paredes rectas. Não obstante a indeterminação do diâmetro de 49 bordos, foi possível identificar vários padrões relacionados com a constância de certos elementos em detrimento de outros. Por exemplo, denota-se uma clara tendência para a produção e utilização de recipientes com bordo extrovertido ou inclinado para fora, bem como a preferência por lábios rectos, geralmente com um ligeiro espessamento, onde se aplica decoração unglada²⁵. Saliente-se também a existência de um bordo de morfologia rara (estampa VI, nº 1204) para o qual não conseguimos encontrar uma correspondência ou semelhanças em elementos de outros povoados contemporâneos.

²⁵ Apenas um bordo de orientação introvertida apresenta decoração semelhante.

Os 21 fragmentos de fundos encontrados neste período registam certas variabilidades formais. Ainda que a grande maioria seja de base plana²⁶, algumas espessadas, existem certos atributos morfológicos que indicam necessidades de uso distintos. Assim, a espessura e o diâmetro das bases estaria de acordo com o tipo de recipiente desejado. Entre as distinções formais destacamos apenas a particularidade de um exemplar de base espessada externamente, fazendo lembrar uma base anelar, que o distingue esteticamente dos restantes modelos e que encontra paralelo no Castelejo (VILAÇA, 1995 Est. XXXIV, nº 3; Est. XLVIII, nº 4). De resto, a morfologia deste tipo de exemplares está directamente relacionada com o que actualmente é conhecido para o Bronze Final da região (VILAÇA, 1995).

Os elementos de suspensão, apenas representados por asas de fita, surgem associados aos bordos, por vezes denteados, sugerindo que esta aplicação seria uma prática comum na região (*Ibidem*, Est. CXL nº 4). Apesar de não contarmos com nenhum exemplar completo, estes elementos estariam associados a recipientes de transporte, como seriam os potes do tipo 7, e até aos potinhos de perfil em “S” do tipo 3, como demonstra a variante B do Tipo 10 no Monte do Frade (*Ibidem*: 155).

Finalmente, salienta-se que a maioria dos 24 bojos morfológicamente classificáveis pertenceria a taças ou formas carenadas (Estampa XV). A variabilidade não é grande mas a presença de distintos graus de angulosidade da carena deve ser avaliado em consonância com as peças do tipo 2, parcialmente reconstituídas. Estas, como já se afirmou e se pode confirmar, encontram similitudes em vários exemplares dos povoados estudados por Raquel Vilaça (1995).

Contrastando com a escassez de fragmentos e peças decoradas associadas a este contexto, registou-se alguma variedade de técnicas usadas. Entre elas, contam-se a incisão, impressão (puncionamento e unguiações), canelado, decoração plástica, penteada e brunida. Como anteriormente mencionado, esta última técnica desdobra-se em duas variedades de decoração, os sulcos e os ornatos brunidos (estampa VIII e XVIII, nº 1118 e 729). A classificação da técnica de decoração penteada, aplicada em alguns exemplares, foi acompanhada por algumas dúvidas e hesitações. Por várias vezes, a irregularidade do traço gravado na pasta suscitou uma reflexão sobre a possibilidade de estarmos perante um simples “*cepillado*” de sentido funcional, no

²⁶ Regista-se a ausência de fundos côncavos à excepção de um fragmento de base umbilicada.

entanto, a linearidade das mesmas incentivou-nos a afirmar a existência de um propósito decorativo na sua aplicação (Ver estampa VII e XVIII, nº 1216 e 730).

Findos os tempos desta ocupação da Argemela, atribuídos ao Bronze Final por comparação com a restante realidade regional, parece registar-se um hiato na ocupação deste povoado, tal como acontece em sítios elevados e bem destacados na paisagem de outras regiões. A ausência de vestígios materiais e de povoamento atribuíveis a uma I Idade do Ferro, especialmente nesta região beirã, poderão indiciar uma mudança de paradigma, composta por alterações conjuntas no padrão do quotidiano das comunidades que coabitaram esta área peninsular. Sabemos assim que ao longo de vários séculos as populações adoptaram um novo método de fixação à terra, deslocado dos já investigados sítios de altura, deixando possivelmente para segundo plano as condições naturais, de defesa e visibilidade, proporcionadas pelos mesmos. Não obstante as imensas alterações sociais e económicas que terão sido causadas por estas movimentações, o facto é que, segundo os dados a que assistimos, no momento final do I milénio a.C. as comunidades da Beira Interior retomem e restabeleçam a sua posição em sítios de intervisibilidade frequente, típicos de uma rede de povoamento organizada e estruturada em torno de rotas de exploração territorial e relações sociais, tal como acontecia durante o final da Idade do Bronze.

A ocupação humana durante este período na Argemela deixou-nos vários vestígios que nos permitem reconstruir um pouco o quotidiano destas comunidades e a sua adaptação a novas necessidades. A cerâmica que estudamos demonstra essa mesma adaptação, neste caso a uma nova tecnologia, a roda de oleiro, que revolucionou não só as formas dos recipientes mas, provavelmente, o modo como estes eram utilizados, a frequência com que eram produzidos e a própria organização do trabalho.

A esta II Idade do Ferro conseguimos atribuir 8 tipos formais que abrangem peças de fabrico manual e ao torno. Denota-se que, além da persistência de formas de produção manual, existem determinados tipos, tecnologicamente distintos mas morfologicamente semelhantes, que acabam por seguir uma linha tradicional de produção. É o caso das malgas ou taças hemisféricas, os recipientes de perfil em “S” e os grupos tipológicos 6 e 7 que englobam os potes, todos representados por um exemplar. Atribuível a este último grupo existe ainda mais um exemplar, oriundo da camada revolvida nº 905, que serviu de vala de fundação à implantação da estrutura

mural identificada pelo nº 909. Como a origem dos materiais desta camada estará relacionada com o revolvimento das unidades inferiores, mais antigas, não podemos considerar que este seja revelador da sua utilização em época sidérica.

Um outro aspecto interessante prende-se com a dimensão dos recipientes fabricados ao torno. Dos quatro tipos exclusivamente produzidos à roda, três pertencem à categoria de grandes recipientes, possivelmente de armazenagem, e apenas o Tipo 10 apresenta uma peça de tamanho mais modesto, mais facilmente transportável. Esta última peça e outras duas do Tipo 8 são já provenientes do contexto de abandono deste momento de ocupação (Fase IV), no entanto, são incluídas aqui por estarem directamente relacionadas com as produções oleiras da II Idade do Ferro. Continuam a predominar os bordos de tendência extrovertida e surgem também os bordos esvasados, associados aos tipos 9 e 10. Em relação aos fundos, estão representadas 3 bases planas, duas pertencentes a recipientes reconstituídos e uma fragmentada. No covacho [907], pertencente a este período cronológico, foi ainda exumado um fundo com ônfalo, característico da anterior ocupação, tratando-se possivelmente de uma intrusão derivada da abertura desta cova e do revolvimento das terras subjacentes.

O momento de abandono deste período, materializado na camada [902], revela uma série de materiais maioritariamente torneados cuja morfologia apresenta uma estreita ligação às peças achadas em contexto de utilização deste espaço – [903]. De entre as peças manuais, destacam-se 8 fragmentos de bordo, maioritariamente rectos, e um fragmento de base plana.

No que respeita a elementos decorativos, as peças fabricadas à roda apresentam motivos pintados, incisos e ainda canelados. Em relação ao primeiro grupo, um dos recipientes do Tipo 9 apresenta uma série de 4 bandas pintadas, duas delas junto ao colo de cor negra e cinzento-clara e as outras duas, também com a mesma tonalidade de cinzento, na pança. As incisões baseiam-se em conjuntos de traços paralelos, efectuados na horizontal no bojo dos recipientes. O único exemplar canelado existente trata-se de um bojo com um sulco único também horizontal. Estas duas últimas técnicas decorativas foram detectadas na camada correspondente ao abandono da Fase III. Surgiram ainda alguns fragmentos manuais decorados nestas fases referentes ao período de ocupação e abandono sidérico. Na unidade de ocupação regista-se um

bordo recto ungulado, e no momento de abandono surgem um bojo puncionado e outro considerado penteado devido ao traçado regular. As peças com decorações impressas através da ungulação e puncionamento poderão ser interpretadas como intrusões visto que estas técnicas decorativas estão associadas a períodos cronoculturais mais antigos (VILAÇA, 1995: 306).

Finalmente, o momento correspondente ao pós-abandono do povoado congrega em si um série de materiais morfológicamente e culturalmente distintos. No que respeita aos fabricos manuais destacam-se os bordos predominantemente rectos, por vezes decorados com ungulações, fundos de base plana, um deles espessado externamente e ainda uma outra base com pé, semelhante às bases de pé anelar. Entre os bojós encontramos um fragmento de taça de carena muito suave com arranque de asa de fita e um outro com uma possível perfuração de 3 cm de diâmetro (estampa XXVI, nº 11 e 217). O único exemplar de pega em lingueta provém desta unidade e entre os motivos decorativos realça-se um bojo de superfície corroída, decorado interna e externamente com uma malha irregular de sulcos brunidos (estampa XXVIII, nº 14), e um pequeno fragmento de bojo com motivos impressos através de estampilha ou roleta (estampa XXVIII, nº 125).

Nos fabricos a torno predominam os bordos esvasados e bojós com depressões ou sulcos de espessura aproximada de 1 cm que demarcariam, na zona do colo, a ligação entre o bordo e a pança (estampa XXVII, nº 8, 122, 123, 215). O único fundo existente é de morfologia plana e as decorações das peças desta fase baseiam-se em três bojós com linhas incisadas e outros três com caneluras, mais ou menos profundas. Ocorre ainda um fragmento de bordo esvasado que ostenta uma espécie de cordão plástico na zona do colo (estampa XXVII, nº 209), no entanto a sua verdadeira função enquanto elemento decorativo ou meramente utilitária é-nos desconhecida.

Comparando todos os dados é-nos permitido concluir que a evolução tecnológica e formal na Argemela é indiscutível. A existência de um lapso temporal na ocupação deste sítio não nos deixa adivinhar quando e de que modo se efectuou a assimilação de novas técnicas e a quebra da tradição mais antiga na produção de artefactos cerâmicos. Não obstante, as evidências materiais entre períodos são claras e permitiram a demarcação de um limite temporal para cada contexto visto que as principais distinções entre as peças de cada período prendem-se essencialmente com a

sua modelação, dimensão e morfologia. De facto, além da alteração da técnica de produção, ocorre também uma quebra no número de peças com bordos extrovertidos, os bordos rectos basicamente desaparecem e surgem novos recipientes de bordo esvasado, associados tanto a recipientes de armazenagem como a exemplares que poderiam ser utilizados em ambiente de cozinha e refeição. A forma dos contentores é drasticamente alterada; desaparecem as taças carenadas e os recipientes de paredes rectas e surgem potes de colo altamente estrangulado (Tipo 6), grandes potes de armazenagem (Tipo 9) e recipientes de ampla abertura cuja forma real nos é desconhecida, mas tendemos a aceitar que estes se desenvolveriam globularmente (Tipo 8). Regista-se uma manutenção entre os tipos de perfil em “S” que poderão relacionar-se também com o potinho do Tipo 10, já produzido ao torno e de bordo esvasado. Além de se conservarem também formas manuais como os potes do Tipo 7, ocorre ainda a produção torneada de recipientes semelhantes como demonstra o exemplar do Tipo 11. A única taça hemisférica de produção manual, exumada nesta sondagem, provém de níveis da Idade do Ferro e comprova que as formas mais simples, ainda hoje usadas, não poderiam simplesmente desaparecer pois o seu sentido prático seria constantemente requerido. Em relação a outros elementos como as bases, estas poucas alterações sofreram, apenas desaparecem aquelas mais específicas de uma época como os fundos umbilicais, espessados externamente ou com uma espécie de base anelar. Não contamos com qualquer tipo de elemento de suspensão associado ao último momento de ocupação da Argemela.

No que respeita a técnicas e motivos decorativos, existem dez técnicas associadas à amostra que estudamos.

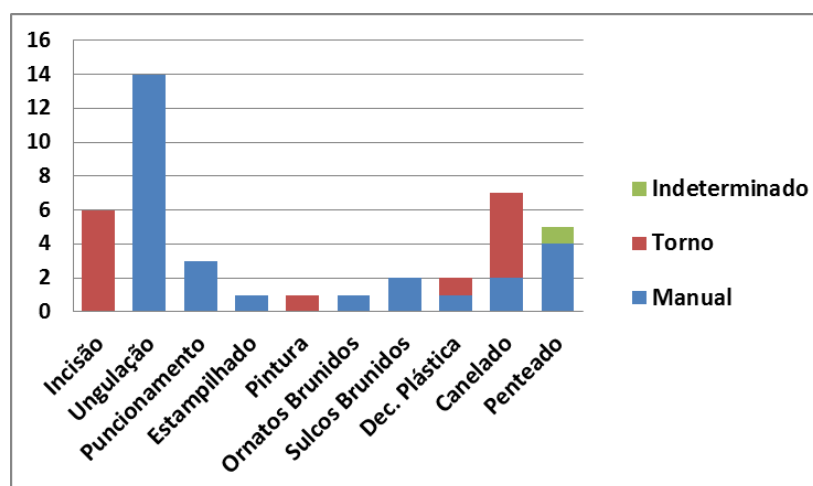


Gráfico 26 – Relação entre técnicas decorativas e modelação.

Destas, cinco são exclusivas das peças de fabrico manual, duas pertencem somente aos fabricos ao torno e as restantes três são transversais a ambas modelações. Um dos primeiros aspectos que assinalamos é a ausência da incisão em peças manuais. Apenas seis bojos torneados ostentam este tipo de decoração e os motivos mais não são do que linhas simples ou conjuntos de linhas paralelas. Denota-se uma certa limitação criativa na utilização destes esquemas ornamentais, em parte causada pela elevada fragmentação das peças. O mesmo se passa com as decorações penteadas, muito simples e até grosseiras, mas demasiado lineares para serem consideradas de “*cepilladas*”. A decoração impressa, que engloba as unguiações, puncionamentos e estampilhados é a mais bem representada devido essencialmente aos valores da primeira técnica. Esta caracteriza-se simplesmente pela impressão de unhas no lábio dos recipientes, criando um sistema de pequenos traços paralelos entre si. A utilização de “*cepillado*” e unguiações em lábios de recipientes é extremamente comum em povoados datados dos inícios do I milénio a. C., no entanto esta expressão decorativa poderá ir além do término da Idade do Bronze (VILAÇA, 1995: 306). Os exemplares puncionados da nossa amostra estão representados por dois bojos que ostentam um alinhamento horizontal e paralelo de pequenas marcas de puncionamento provocadas por um objecto de ponta romba, muito semelhantes aos achados de S. Martinho em Castelo Branco (FARINHA *et al*, 1996: 34, nº 50). Esta técnica foi ainda aplicada na parte interna do lábio de um recipiente de perfil em “S”, de superfície externa “*cepillada*”. Dentro deste grupo de cerâmicas impressas surge ainda um fragmento de bojo com decoração obtida através de uma estampilha, muito provavelmente uma roleta pois a forma como os motivos se desenvolvem sugere que a sua aplicação foi realizada rolando um objecto sobre a pasta ainda húmida. A origem desta decoração é um tema bastante debatido e questionado. Sara Almeida, na busca de uma resposta a esta questão, transmite-nos que Berrocal-Rangel assume o final do século V/IV como o marco cronológico para o aparecimento desta técnica em terras da Extremadura e que Teresa Gamito, através do castro de Segóvia, recua esta data para o século VII a. C. (ALMEIDA, 2005: 106). Esta autora indica ainda que esta decoração se prolongou até ao século III a. C. (GAMITO, 1996: 112). Em Medellín conhece-se igualmente um exemplar de técnica semelhante, ao qual Almagro-Gorbea e Martín-Bravo atribuem cronologias de meados do século VI (ALMAGRO-GORBEA e MARTÍN BRAVO, 1994: 105;

112; Fig. 17 nº 1). Não obstante, este indivíduo não tem qualquer semelhança estilística com o nosso, mas em castros extremenhos como El Castillejo de Villa del Rey, La Coraja ou Villasviejas del Tamuja é possível encontrar paralelos decorativos que são datados do século IV a. C. (MARTÍN-BRAVO, 1999: 240-242). Outros autores como Rui Mataloto (2004: 71) e Raquel Vilaça (2005: 19) apoiam esta mesma cronologia para o aparecimento desta cerâmica, que na Argemela, apesar de se achar fora do seu contexto original, pertencerá ao conjunto artefactual sidérico.

Ainda dentro das técnicas exclusivas dos fabricos manuais contamos com a decoração brunida, efectuada segundo duas variantes distintas, ornatos e sulcos brunidos. Ambas foram aplicadas na superfície externa da peça, em dois casos, e nas duas faces noutro. Distinguem-se pela bicromia entre a cor da superfície e da faixa brunida no primeiro caso e pelo contraste das ligeiras depressões que tomam um aspecto mais brilhante em relação ao resto da peça, na segunda variante. Esta dissemelhança é causada pelo tipo de objecto utilizado para a produção de motivos. Os ornatos terão sido efectuados com recurso a um pequeno seixo rolado ou a um pedaço de couro e por sua vez os sulcos serão efeito da utilização de um objecto fino, de ponta romba. A organização dos motivos também é completamente distinta entre si. No primeiro caso representam-se uma série de 3 linhas paralelas verticais oblíquas e uma linha quebrada formando dois triângulos dissimétricos (estampa VIII, nº 1118). Os sulcos brunidos foram utilizados em dois bojos de modo a criar uma malha reticulada. Num dos casos o desenvolvimento da mesma é perfeito e denota-se um cuidado especial na sua produção, já no outro exemplar, decorado em ambas faces, há um certo descuido que implicou a gravação de linhas mal traçadas e tremidas (estampas XVIII, nº 729 e XXVIII, nº 14). Tal como Bubner (1996: 67), também Raquel Vilaça aponta um quadro temporal desta decoração entre os séculos XI/X – VIII a. C. (VILAÇA, 1995: 300). Num estudo mais recente de comparação entre diversos povoados da região do Guadiana em particular e do Sudoeste em geral, Monge Soares (2005: 141) aplica um intervalo de tempo mais extenso, do séc. XIII/XII – VIII/VII a. C.. Similarmente, no Castro dos Ratinhos em Moura, as cerâmicas deste tipo enquadram-se em estratos datados do Bronze Final, a partir do século XIII a. C. e estender-se-ão para lá deste período, perdurando até século VIII a. C. (BERROCAL-RANGEL e SILVA, 2010: 135-137). Deste modo, e a fazer fé nas datações existentes para o Bronze Final

das Beiras Alta e Baixa, que indicam que a maioria dos povoados destas regiões foi ocupada entre os séculos XII – IX/VIII a. C.²⁷ (SENNA-MARTINEZ, 2002: 115-116 – Quadros III e IV), a cerâmica com decorações brunidas que aí apareceram terão tido um tempo de vida correspondente a estes mesmos séculos.

A aplicação de decoração plástica e canelada é transversal ao tipo de modelação e ao período cronológico. Na Argemela somente contamos com um exemplar manual com um mamilo decorativo e com um bordo esvasado cujo colo exhibe um cordão simples que rodearia toda a peça (estampas XV, nº 922 e XXVII, nº 209). A decoração canelada também aparece em ambos períodos e normalmente, nas peças ao torno, mais não é de que um único sulco horizontal (estampas XXIII, nº 632 e XXV, nº 398)²⁸. Exceptua-se um caso em que a elevada fragmentação não deixa adivinhar o verdadeiro motivo mas compreende duas caneluras horizontais e uma outra, oblíqua, que cruzaria ou se desenvolveria até estas (estampa XXVIII, nº 330).

Os resultados obtidos com o estudo do espólio cerâmico permitiram definir uma evolução tecnológica, directamente relacionada com dois períodos cronológicos distintos, que se traduz essencialmente pela heterogeneidade formal e técnica entre ambos. Deste modo, destacam-se em dois grandes grupos em que se incluem as peças de fabrico manual e as peças de produção ao torno. Se as últimas estarão em franca associação com contextos da II Idade do Ferro, as primeiras conhecem uma amplitude cronológica mais vasta, que se estende desde os níveis do Bronze Final, onde são exclusivas, até à fase seguinte de ocupação.

Com efeito, dentro destes grupos também se detectaram algumas particularidades relacionadas com a multiplicidade formal. As taças carenadas atingem um dos valores mais elevados, quer quantitativamente ou qualitativamente. Se tivermos em conta a quantidade de fragmentos de bojos carenados cuja reconstituição não foi possível, conseguimos perceber que a variabilidade morfológica destes recipientes estaria adequada a determinadas funções e à sua produção em escala doméstica. Ao invés, outros recipientes como os potes demonstram estreitas afinidades formais e um

²⁷ O povoado dos Alegrios poderá apresentar uma ocupação mais antiga comparativamente aos povoados vizinhos do Monte do Frade e Moreirinha. Segundo datações, este local poderá ter conhecido habitação a partir dos séculos XIV – XIII (VILAÇA, 1995: 374).

²⁸ Este tipo de caneluras encontra semelhanças em recipientes de povoados do Nordeste de Zamora (ESPARZA ARROYO, 1986: 42, Fig. 11, nº4; 82, Fig.51).

sentido prático que os tornou transversais aos dois períodos que marcam a ocupação desta área da Argemela.

Tecnicamente, a análise da nossa amostra permitiu perceber que, independentemente do período, há uma propensão para os fabricos medianos e as pastas compactas. Contrariamente, também se percebeu que os tratamentos de superfície e algumas decorações desaparecem para dar lugar a novas técnicas. As pastas arenosas têm tendência a diminuir consoante avançamos no tempo, em parte devido à necessidade de trabalhar o barro no torno sem que os e.n.p. magoassem as mãos do oleiro, mas a homogeneidade e depuração que era conseguida nas peças modeladas manualmente não é tão notada nas peças produzidas à roda. Portanto, em termos globais, as cerâmicas da Argemela terão primeiramente respondido a um estímulo de ordem doméstica e de baixa escala de especialização para posteriormente passarem a conhecer novas técnicas de produção, talvez padronizadas, facilitando a necessidade de resposta ao consumo e às actividades do quotidiano.

8 – O Cabeço da Argemela no seu contexto local e regional: os finais do II e o I milénio a. C. na Beira Interior

O estudo de achados arqueológicos é constantemente aplicado com o objectivo de se obter uma aproximação cronológica às ocupações humanas mas também como meio de conseguirmos aceder a uma panóplia de informações que nos indiquem determinadas condutas, conhecimentos e comportamentos praticados pelas comunidades do passado. Contudo, a análise de artefactos exprime apenas uma parte da vivência e complexidade social do espaço habitado. A realidade habitacional, a valorização das estruturas colectivas e as relações comunitárias imprimiriam um forte sentido na interacção populacional e na manutenção ou adopção de novos aspectos económicos, sociais ou políticos.

O povoado fortificado do Cabeço da Argemela caracteriza-se essencialmente pela sua implantação privilegiada na “cauda” da Cova da Beira, com vista para a mesma e para as “costas” serranas da Estrela, da Gardunha e do Açor. Os seus atributos morfológicos, estruturais e materiais colocam-no na égide de tantos outros povoados da região que aparentemente funcionariam segundo uma rede de hierarquização duvidosa. O amuralhamento e as estruturas de cariz defensivo ou delimitador que estão registadas em vários povoados ocupados no Bronze Final e no Ferro Pleno, como a Argemela, têm visto a sua cronologia de construção constantemente questionada. Aquando das sondagens efectuadas no ano de 2003, um dos objectivos a cumprir foi o de responder a este problema, no entanto os dados obtidos foram demasiado parcelares para proceder ao seu inequívoco enquadramento cronológico. Afirma-se que a muralha não possui vala de fundação e que seria uma estrutura construída com inclinação para o interior de modo a obter mais estabilidade, no entanto a datação do contexto da sua construção ficou demasiada limitada pela fraca potência estratigráfica (MARQUES, 2006: 18).

Segundo Ricardo Silva (2005: 101-102), que procedeu ao inventário de 93 povoados do I milénio a. C. do território interior entre Douro e Tejo, esta região apresenta 59 sítios com ocupação do Bronze Final e 55 que foram ocupados no Ferro Pleno. É curioso destacar que entre estes, 23 lugares que revelaram ocupação do final da Idade

do Bronze tornam a ser reocupados no final da Idade do Ferro, como que respondendo a uma necessidade de protecção e à reposição da identidade dos locais ocupados pelos seus antepassados. Neste seguimento, as cronologias relativas que têm vindo a ser apontadas às duas ocupações do Cabeço da Argemela e que tiveram o seu sustento em artefactos de superfície considerados de “fósseis-directores”, enquadram este sítio nessa linha de povoamento descontínuo (VILAÇA *et al*, 2000: 202). Sobre este assunto deve-se ainda transmitir um possível propósito para a reocupação destes locais. A localização, nomeadamente de 14 daqueles 23 povoados, sob possíveis linhas de fronteira entre *populi*, enquanto os restantes usufruem do controlo sob vias de passagem e comunicação, poderá também indicar que a manutenção dos *limes* entre os vários territórios não deixou de ser feita, apesar do intervalo de desconhecimento arqueológico entre ambos períodos (SILVA, 2005: 102-103).

De facto, elementos arqueológicos como as cerâmicas têm vindo a demonstrar o carácter híbrido de uma região que se pauta pela coexistência de culturas materiais distintas²⁹. Este dado revela especial importância se olharmos atentamente para a área geográfica que falamos pois a existência de inúmeras referências paisagísticas e vias naturais de passagem moldaram com certeza o circuito social de povoamento. Este, que funcionaria em cadeia, quer no início ou final do I milénio a. C., comportar-se-ia de acordo com os interesses comunitários de exploração de recursos naturais e mineralógicos, controlando rotas “comerciais” e ligações intercomunitárias (VILAÇA, 1998: 37).

Assim, o Cabeço da Argemela, ocupado primeiramente nos finais da Idade do Bronze, terá feito parte de uma malha populacional caracterizada por um povoamento de altura que além de usufruir de um amplo domínio visual, dispunha ainda de uma excelente integração enquanto lugar natural e marco referencial de um território. Estas “teias de intervisibilidade coniventes” terão reforçado não só a defesa desta região como também as relações entre diferentes povoados (VILAÇA, 2000: 34). De acordo com este sistema, o Cabeço da Argemela, que goza de um controlo territorial brutal sobre a Cova da Beira, abrangeria visualmente os povoados da Cabeça Gorda

²⁹ A presença de cerâmicas decoradas tipo “Baiões/Santa Luzia”, tipo “Carambolo”, tipo “Cogotas” ou tipo “Lapa do Fumo” são apenas alguns dos exemplos presentes nos povoados investigados por Raquel Vilaça (2005: 15).

(Peroviseu), Quinta da Samaria (Ferro/Peroviseu) o castro da Senhora da Esperança (Belmonte) e ainda o castro do Monte de São Cornélio (Sortelha), já sob a superfície da meseta (VILAÇA *et al*, 2000: 200). A inexistência de um lugar central, principal controlador desta malha povoada, parece estar patente na equidade distributiva de artefactos considerados de prestígio, como a cerâmica de origem exógena, os objectos metálicos (em bronze, ouro ou ferro) e até os de adorno (em âmbar e vidro) (VILAÇA, 1995: 408). cremos que existiria uma autonomia de produção e vivências em cada local e que a união de todos, através de contactos, trocas, actos rituais e simbólicos, vincariam a força e a identidade desta região.

A este propósito, a base económica destes sítios seria semelhante e assentaria na exploração de recursos naturais, através da recolção, caça, pesca, agricultura e pastorícia. Na Argemela, tal como noutros povoados coetâneos, estas actividades estão comprovadas pela existência de diversas mós e alguns pesos de rede que poderiam ser usados na pesca (VILAÇA *et al*, 2000: 200-202). Se tivermos em conta os resultados do estudo aos elementos arqueozoológicos achados nos Alegrios, Moreirinha e Monte do Frade, podemos assumir que, tal como nestes sítios, animais como a cabra, boi, porco e coelho seriam parte essencial da dieta dos habitantes desta região (ANTUNES, 1992: 34). A existência de marcas de corte e mordidelas de cão e roedores nos restos ósseos indicam a sua manipulação pelo Homem enquanto consumidor primário e pelos animais enquanto consumidores secundários (VILAÇA, 1992: 19). Sem prejuízo pela ausência de dados que comprovem actividades cinegéticas, a domesticação de gado, destinada ao consumo de produtos primários como a carne, leite ou queijo, passaria também pelo aproveitamento das suas peles como recurso para a confecção de vestuário entre outros objectos. A existência de uma especialização artesanal, que devido à ausência de factos não deve ser explicada através de géneros, complementar a base económica destas sociedades através de artes como a olaria, tecelagem, carpintaria, metalurgia, etc.

Relembramos que a proximidade da Argemela ao rio Zêzere é de cerca de 1,5 km e que este, além de proporcionar alimento, também seria alvo de outro tipo de exploração, a mineira. A presença de elementos estaníferos e auríferos na área em redor a este povoado não é estranha e a sua busca terá levado à prática metalúrgica,

em pequena escala, como comprovam os vários moldes e peças metálicas até hoje achadas e publicadas (VILAÇA *et al*, 2011).

Sobre a realidade material cerâmica devemos ainda referenciar a visível complementaridade formal entre os vários povoados desta região beirã que reafirma a interligação existente entre comunidades. Através de algumas datações radiocarbónicas dos povoados que estudou, Raquel Vilaça (1995: 300) refere que a situação cronológica dos mesmos estará relacionada com um período de tempo que abrange os séculos XII/XI – IX a. C. (VILAÇA, 1995: 375). A fazer fé na contemporaneidade de ocupação destes sítios e do Cabeço da Argemela, a sua cronologia, referente à nossa Fase I e II, deverá rondar os mesmos séculos.

Porém, a complexidade ideológica dos fins da Idade do Bronze vai além da materialidade que é exumada no contexto vivido. As constantes descobertas de achados avulsos, estelas, depósitos e tesouros auríferos têm pautado a literatura arqueológica desta região e deste período. As deposições de artefactos de bronze³⁰, para nós descontextualizadas, têm vindo a ser interpretadas segundo várias linhas de pensamento de índole social. Assim, a sua aceção enquanto elemento ritual, económico ou testemunho de uma instabilidade constante, são apenas alguns dos eventos que tentam explicar este fenómeno (VILAÇA, 2007: 21). Este é um dos assuntos que, tal como as estelas³¹, são demasiados extensos para aqui serem tratados, não obstante, estes últimos elementos, de ampla distribuição geográfica devem ser encarados como marcas identitárias do passado, cujas personificações representadas estariam de acordo com os valores partilhados pela comunidade (DÍAZ-GUARDAMINO, 2011: 77). Apesar de pouco se saber a sua exacta funcionalidade, estas actuariam enquanto marcos estruturantes da sociedade, articuladores de redes de povoamento e organizadores de lugares e territórios (VILAÇA, SANTOS e GOMES, 2011: 77).

Posteriormente, na designada I Idade do Ferro, toda esta região será palco de uma das maiores lacunas de conhecimento arqueológico. Perante o reconhecido sistema de

³⁰ Para a Beira Baixa relembrem-se o depósito do Paúl, bem perto da Argemela e o depósito do Ervedal, considerado um dos mais importantes de Portugal pela sua quantidade e diversidade (COFFYN, 1976 *apud* VILAÇA, 1995: 401).

³¹ Recordar-se o recente achado de uma estela junto à aldeia do Telhado, em zona muito próxima ao Cabeço da Argemela, apresentada em Junho de 2012 no Museu Arqueológico do Fundão.

assentamento de comunidades humanas durante o Bronze Final, contrasta agora a ausência de vestígios de povoamento e consequentemente de conhecimento da cultura material que caracterizaria este período. Deparamo-nos apenas com um dado que parece incontestável; o abandono conjunto da maioria dos povoados no início da Idade do Ferro. A esta ausência humana e provável “fuga” dos povoados altos soma-se o facto de estes tornarem a ser repovoados no final do milénio, deixando-nos muito cautelosos na atribuição de uma (ou várias) razões a esta carência de registo arqueológico. Certo é que a complexidade que caracteriza este assunto prende-se essencialmente com a escassez de informação existente, e enquanto a ausência de vestígios sobre o mesmo perdurar dificilmente se obterá uma resposta. Os raros dados existentes na Beira Interior reportam-se apenas ao povoado da Cachouça, do Picoto e do Cabeço das Fráguas. O primeiro, que também esteve ocupado durante o Bronze Final, apresenta datações que inserem esta continuidade habitacional nos séculos VIII – VI a. C. (VILAÇA e BASÍLIO, 2000: 40-41; VILAÇA e ARRUDA, 2004: 22-23; VILAÇA, 2007: 68). Por sua vez, as datações do sítio do Picoto indicam um período de ocupação que atinge os séculos VI e V (PERESTRELO *et al*, 2003: 166). A pouca distância entre este sítio e o povoado de Castelos Velhos³², aliada ainda à proximidade do sítio romano da Póvoa do Mileu, onde além dos níveis estratigráficos que sugerem uma ocupação do Bronze Final (PEREIRA, 2005: 233), se achou um conjunto de objectos em bronze de cronologia próxima à ocupação do Picoto, alertou Ricardo Silva para a possível contemporaneidade destes povoados (SILVA, 2005: 58).

Também a investigação no castro do Cabeço das Fráguas tem vindo a demonstrar a extrema dificuldade que existe na diferenciação entre o Bronze Final e a I Idade do Ferro. Sabemos hoje que este local foi ocupado intermitentemente desde os inícios do I milénio a. C., numa etapa considerada de transição entre o Bronze e o Ferro (séc. VIII-VII a. C.), até pelo menos ao século I d. C. (SANTOS e SCHATTNER, 2010: 104). Entre os materiais cerâmicos desta primeira fase destacam-se fragmentos decorados com variadas técnicas e motivos típicos de diversas regiões como sejam, decoração tipo “Lapa do Fumo”, “Baiões”, “Cogotas II”, decoração canelada, penteada, impressa ou incisa (*Ibidem*, 102-103). Toda esta miscelânea de tipologias induz-nos a reflectir mais

³² Neste povoado, actualmente destruído, foram recolhidos alguns fragmentos cerâmicos de pasta grosseira produzidos manualmente e ao torno (PERESTRELO, 2004: 47-48).

uma vez sobre a importância simbólica deste local que, independentemente de ter tido ou não ocupação fixa durante a I Idade do Ferro, não terá conhecido, da parte do Homem, um abandono ou um afastamento como outros povoados conheceram. O seu sentido emblemático e religioso não se terá perdido na memória das comunidades que com ele coabitavam, no entanto, a alteração do modelo de povoamento ter-se-á reflectido também no Cabeço das Fráguas que, tal como muitos outros locais elevados, tornou a conhecer ocupação nos séculos IV-III a. C. (*Ibidem idem*).

A situação do Sabugal e Sabugal Velho também tem vindo a demonstrar a possibilidade destes sítios terem sido ocupados durante a I Idade do Ferro. A investigação levada a cabo junto à zona do Castelo do Sabugal demonstrou que a ocupação deste sítio durante a Idade do Ferro é inequívoca (OSÓRIO e SANTOS, 2003: 409), no entanto são necessários mais estudos de modo a decifrar uma linha contínua de ocupação desde a Idade do Bronze até ao fim do I milénio. O caso do Sabugal Velho é semelhante e para além do espólio pertencente ao Bronze Final e ao Ferro Pleno, surgiram ainda algumas cerâmicas penteadas e uma fíbula datável dos séculos VI/ V a. C. que se podem relacionar com a ocupação deste lugar numa fase do Ferro Inicial (OSÓRIO, 2005: 44).

Segundo os dados arqueológicos obtidos até à data, a descontinuidade ocupacional do I milénio poderá ser explicada através da implementação de novas estratégias de povoamento a que a Cachouça parece obedecer. Se tivermos em conta a implantação deste povoado, em esporão, bem como o do Picoto e dos restantes que pensamos estarem relacionados com o Ferro inicial, constata-se que o abandono de sítios de elevado destaque paisagístico parece ser efectuado em detrimento de uma ocupação mais próxima de melhores terrenos agrícolas e boa irrigação hídrica (SILVA, 2005: 65). No entanto, existe um elevado desconhecimento que nos condiciona na hora de tentar responder ao porquê da ausência de vestígios desta época em povoados habitados no Bronze Final, bem como à causa que levou à movimentação destas comunidades. É certo que se denota uma ruptura ao nível do povoamento, no entanto não existem dados que permitam afirmar uma causa, que poderá encontrar-se relacionada com elementos de índole social, económica, política, cultural ou ambiental (NOWAKOWSKI, 2001: 139). Em relação a este último aspecto, note-se que terá sido exactamente por esta altura (850-760 a. C.) que ocorreu uma abrupta alteração climática, delimitadora

da transição entre os períodos Sub-boreal e Sub-atlântico, substituindo o anterior clima quente e seco por um mais frio e húmido (LÓPEZ-SAEZ *et al*, 2009: 91; 97). O aumento da pluviosidade e consequente erosão dos solos, bem como a pressão ambiental provocada pela constante exploração de terras e pastoreio intensivo, aliada a uma crescente desflorestação (*Ibidem*: 96), terão tido um enorme impacto na economia de comunidades cuja subsistência dependia da agricultura e pastorícia. Tal como ocorreu com as comunidades do grupo Soto (*Ibidem*: 99) ou ainda com os povoados calcolíticos do centro litoral português³³ (LILLIOS, 1993: 110), a explicação para esta necessidade de deslocação, por parte das comunidades da Beira Interior, poderá passar pela exaustão ambiental, motivadora de tensões sociais e quebras no dinamismo económico. Deste modo, a busca por melhores condições de habitabilidade e acesso a recursos essenciais à vida humana, conduziu à deserção de locais habitados durante várias gerações, provocando na população fortes efeitos emocionais. Sem prejuízo, o sentido do lugar permaneceria perpetuado na memória através de acções simbólicas (NOWAKOWSKI, 2001: 147) que envolveriam, entre outros actos ritualizados, a própria remoção e transporte de artefactos e estruturas (CAMERON, 1993: 5) como que fazendo perdurar o significado e identidades comunitárias.

Actualmente, apenas existem dados que indicam que a alteração do sistema de povoamento afectou a maioria dos povoados beirãos. Não sabemos ao certo como se terá desenvolvido a nova organização das estruturas comunitárias nem se as bases sociais hierarquizadas se mantiveram como anteriormente, não obstante, um dos indicadores que se deve ter em conta é a “identidade” da realidade material, verificável através da manutenção de objectos tradicionalmente atribuídos ao Bronze Final e da assimilação residual de novos elementos (VILAÇA e BASÍLIO, 2000: 46)³⁴. A própria existência de artefactos em ferro em contextos do Bronze Final³⁵ revela que as desigualdades materiais entre estes períodos cronológicos não seriam muito relevantes e que a transição cultural entre o Bronze Final e o Ferro Pleno terá sido de

³³ Na transição entre o Calcolítico e a Idade do Bronze também se assistiu a alterações climatéricas que marcaram a mudança entre o período Atlântico e Sub-boreal.

³⁴ Sobre este aspecto, Ana Martín Bravo (1999: 129-130) refere que a ausência de elementos de índole oriental se deverá ao facto deste comércio se ter desenvolvido por mar até ao norte da península, como comprovam diversos sítios costeiros como Castro Marim, Rocha Branca, Alcácer do Sal, Santa Olaia ou o Castro do Coto da Pena e ainda os mais interiores como *Conímbriga* ou Senhora da Guia de Baiões.

³⁵ Conhecem-se 28 artefactos distribuídos por sete estações arqueológicas distintas (VILAÇA, 2006: 93).

tal modo progressiva que não chegamos a conhecer uma verdadeira Idade do Ferro. Mais investigações são necessárias e urge a busca por diferentes tipos de implantação de povoados. A Argemela conheceu e reflecte este mesmo hiato de desconhecimento, apresentando apenas uma época sidérica mais recente, comum à conhecida na Extremadura espanhola e em alguns, pouco estudados, sítios beirãos que por si só reclamam um estudo e uma análise mais profunda.

Segundo Ricardo Silva (2005: 76-77), a reocupação no Ferro Pleno de cabeços anteriormente habitados durante o Bronze Final parece seguir uma tendência preferencial sobre os que apresentam maiores dimensões e um controlo abrangente sobre explorações agro-pastoris, recursos fluviais e áreas de grande mobilidade. De facto, na região mais próxima à Argemela, contamos com povoados fortificados contemporâneos como o povoado da Covilhã Velha, da Tapada das Argolas e Quinta da Samaria. A associação de aparelhos defensivos a povoados do Ferro Pleno acontece em 66% dos casos conhecidos na Beira Interior. A fazer fé que estas construções aconteceram nesta cronologia, acrescenta-se o facto de parecerem ter surgido em resposta ao aumento demográfico e ao conseqüente crescimento da área ocupada dos povoados, nem sempre tão protegida (*Ibidem*: 80). Em termos construtivos estas estruturas caracterizam-se por serem de construção simples, de pedra seca empilhada e de tecnologia rudimentar. Ainda assim, destacam-se os sistemas muralhados da Argemela, com pelo menos duas linhas concêntricas de muralhas³⁶, o da Covilhã Velha com duas e o da Quinta da Samaria que poderá ter usufruído de pelo menos dois bastiões de vigilância, como revelam duas estruturas semicirculares adossadas ao exterior da muralha (*Ibidem*: 34-35, Vol.2). O valor e verdadeiro sentido destas construções não são ainda conhecidos e mais do que estarem relacionadas com questões bélicas estes muros poderão ser testemunho de organização e divisão entre o espaço vivido, palco de funções políticas e sagradas, resguardado do exterior de modo a ser inacessível, física e visualmente, a estranhos (VILAÇA *et al*, 2000: 211-212).

Tal como anteriormente, a manutenção destas comunidades estaria dependente da exploração de recursos em territórios adjacentes aos povoados e à produção especializada de diversos produtos. A expressão material que caracteriza esta

³⁶ Inicialmente foram identificadas três linhas de muralha e um fosso, no entanto o plantio de eucaliptos terá destruído qualquer evidência destas estruturas (MARQUES, 2006: 11).

ocupação do Cabeço da Argemela encontra-se directamente relacionada não só com a realidade artefactual dos povoados acima descritos, mas também com outros já conhecidos na Beira Interior e na Extremadura espanhola. Lado a lado figuram cerâmicas manuais de formas tradicionalmente mais antigas e peças montadas ao torno, constantemente em maior número e propulsoras de uma linha padronizada de produção. Percebe-se que, segundo os dados existentes para a Beira Interior, as cerâmicas obedeceriam quase sempre a um perfil em “S”, semelhantes ao tipo 19 de Martín Bravo (1999: 237) e aos tipos 9 e 10 da Argemela. Ricardo Silva (2005: 91-93) reafirma todos estes dados³⁷ e aponta igualmente a escassez de exemplares conhecidos com decoração pintada de tradição ibérica, apenas presentes no Sabugal Velho e Quinta da Samaria, e aos quais se soma agora um dos exemplares do Tipo 9 da Argemela, também decorada com bandas pintadas. Estes últimos sítios, a par do Sabugal (OSÓRIO, 2009: 112, Fig. 10), Tapada das Argolas (Fundão) (VILAÇA *et al*, 2005: 180, Fig. 4) e Cabeço das Mós (Sardoal) (FÉLIX, 2004: 110-111, Fig. 7), também apresentam cerâmica com decoração estampilhada, no entanto os motivos destas peças diferem da decoração presente no fragmento da Argemela quer no que corresponde à gramática decorativa quer ao próprio grau de complexidade do motivo. Com foi referido anteriormente, a cronologia desta última decoração integrar-se-á no século IV a. C., acompanhando desta forma a data que similarmente se estima para uma maior vulgarização da decoração pintada na Extremadura (MARTÍN BRAVO, 1999: 238).

A nível material é de salientar ainda a contínua utilização de ligas de bronze na produção de artefactos metálicos, nomeadamente de adorno, relevando a utilização do ferro para a produção de armas e ferramentas como comprovam os achados extremenhos de El Berrocalillo ou El Zamarriil (MARTÍN BRAVO, 1999: 137; 143; 230 – fig. 100), ou o conto de lança e espada de ferro da Tapada das Argolas (VILAÇA *et al*, 2002-2003: 183, nº 16 e 17). A este padrão parecem também obedecer os achados da

³⁷ Entre os povoados da Beira Interior onde este tipo de cerâmica tem surgido contam-se os vestígios achados nos sítios de Alfaiates, Matrena, Sabugal e Sabugal Velho - concelho do Sabugal (SILVA, 2005:91; OSÓRIO, 2009: 112-114, Figs. nº10, nº11, nº12); Pedra Aguda - concelho da Guarda (SILVA, 2005: 91); Quinta da Samaria e Tapada das Argolas (*Ibidem Idem*; VILAÇA *et al*, 2000: 204-206); Castelo Vieiro – concelho de Pinhel (PERESTRELO, 2004: 69); Sortelha-a-Velha – concelho de Penamacor (SILVA, 2005: 91); Santa Maria Madalena – concelho da Sertã (BATATA, 2002: 271, Fig. nº19); e o castro de Monforte da Beira – concelho de Castelo Branco (SILVA, 2005: 91).

Argemela, pois perante a ausência de materiais em ferro, todos os outros elementos em bronze parecem sujeitar-se à regra da sua utilização enquanto objectos de adorno³⁸. Perante os aspectos relacionados com a actividade metalúrgica da II Idade do Ferro afigura-se aqui um panorama de um certo arcaísmo tecnológico, quer no que toca à persistente ausência de materiais em ferro, quer no que corresponde à sistemática existência de objectos em bronze em níveis da Proto-história recente. Como referimos anteriormente, ao contexto da Idade do Ferro da sondagem 9 pertencem um conjunto de 7 botões em bronze, tipologicamente distintos dos conhecidos para o Bronze Final, e ainda um fragmento de agulha/fuzilhão exumado em níveis de abandono do Ferro Pleno. O conservadorismo que também nesta sondagem se regista acaba por se revelar semelhante ao que é conhecido em áreas contíguas, a reserva do bronze para a produção de objectos de prestígio, de ornamentação e ostentação. Ao invés, o carácter de produção local que a cerâmica apresenta não deixa ainda assim esconder as tradições herdadas e apreendidas por contactos de índole orientalizante e ibérica, comprovada não só pela introdução do torno e de estruturas de planta rectangular, mas também pelas próprias formas cerâmicas, métodos decorativos e tendência para cozeduras em ambiente oxidante.

Não obstante, a actual ausência de materiais de origem exógena poderá indicar uma estrutura de povoamento em que os seus núcleos receberiam de forma diferente os estímulos exteriores. Na Argemela parecem ter persistido as novidades técnicas relacionadas com a adopção do torno na produção cerâmica visto que a ausência de materiais em ferro, quer através de armas ou ferramentas, poder-se-á dever não só à escassez de dados, bem como ao padrão detectado para a Extremadura, em que as armas parecem estar em constante associação a necrópoles e enterramentos (MARTÍN BRAVO, 1999: 225). Não obstante, o achado da Tapada das Argolas, acima referido, permite-nos assinalar que talvez a ausência destes objectos em povoados não seja uma regra mas que antes se deva às lacunas provocadas pela falta de escavações.

Também a adopção de novas técnicas arquitectónicas, plasmada na estrutura rectangular [904], indica que a gestão e organização da área habitada seriam agora

³⁸ A única excepção prende-se com um fragmento de punhal tipo “Porto de Mós” que foi adaptado e reutilizado em contextos mais tardios à sua cronologia, nomeadamente em níveis de ocupação sidéricos onde se encontrava associado a uma lareira (VILAÇA *et al*, 2011: 443).

realizadas segundo um novo padrão, anteriormente apreendido e conseqüentemente adaptado ao terreno de acordo com um plano urbanístico eficaz (CORREIA, 2009: 272) reflectindo comportamentos culturais e uma manipulação consciente do espaço (KENT, 1990: 3) (RAPOPORT, 1990: 11).

A contextualização cronológica desta ocupação do Ferro Pleno na Argemela, comprovada por todos os elementos já expostos, contrasta com a escassez de outros dados que nos permitam distinguir com clareza os séculos em que esta foi ocupada.

Inicialmente, com base em prospecções, apontou-se o século II a. C. (VILAÇA *et al*, 2000: 202) no entanto, a reconhecida presença de determinadas características tecnológicas, representada por exemplo na pintura de um dos recipientes do tipo 9, leva-nos a reconsiderar esta datação. A presença deste tipo decorativo em necrópoles da Alta Extremadura ocidental surge mais representada em contextos datados do século IV do que propriamente nos seguintes, podendo supor-se que a sua existência em povoados também seria comum (MARTÍN BRAVO, 1999: 238). Não obstante o paralelo, o desconhecimento da realidade beirã e a ausência de dados mais concretos exigem cautela na atribuição de um momento cronológico mais preciso, ainda que este proponha uma ocupação anterior ao século II.

A arquitectura rectangular, vulgarizada nesta região a partir do século IV a. C., bem como os botões em bronze exumados em níveis desta época, também não nos permitem distinguir particularidades que remetam para uma cronologia específica. A carência de estudos complementares, como as datações radiocarbónicas, e o ainda escasso conhecimento da realidade estratigráfica e material deste sítio, condiciona esta mesma atribuição. Além destes factores, o desconhecimento cronológico e material que se tem em relação a estes castros deve-se essencialmente à falta de investigação nos mesmos e ainda à persistente ausência de testemunhos humanos de outra natureza como o são as necrópoles. Em território vizinho, as necrópoles da Bacia do Douro e do Tejo situam-se geralmente em área contígua ao espaço habitado (ÁLVAREZ-SANCHÍS, 2003: 172) (MARTÍN BRAVO, 1999: 270; 332; 359). O actual desconhecimento de necrópoles na Beira Interior poderá estar relacionado, não só com lacunas de investigação, mas também com o tipo de prática funerária. Os actuais territórios de Salamanca e Zamora reflectem esta mesma ignorância, chegando-se a ponderar a existência de rituais funerários que poderão não ter deixado quaisquer

vestígios materiais – exposição de cadáveres, deposição dos corpos ou das suas cinzas em meio aquático – (ÁLVAREZ-SANCHÍS, 2003: 172) tendo em conta as diversas prospecções que já se levaram a cabo quer nas regiões espanholas, quer na portuguesa.

Não obstante a difícil atribuição de uma cronologia mais precisa, será nesta época que as comunidades desta região, distribuídas por vários povoados, saem do anonimato e surgem como partes integrantes de *populi* que conjuntamente formariam e consolidariam o povo Lusitano (VILAÇA *et al*, 2000: 216). A génese desta etnia, tal como outras vizinhas, terá evoluído a partir dos finais da Idade do Bronze segundo uma organização territorial que se estende desde as faldas orientais da Estrela até ao Nordeste Alentejano, abrangendo ainda parte da Extremadura (ALARCÃO, 1996: 26; ALARCÃO, 2001: 295). É neste âmbito territorial que se localiza o Cabeço da Argemela cuja posição geográfica, e o seu possível estatuto de “povoado de ponta”, terão sido fundamentais à regulação e funcionamento desta rede cultural. A sua localização na linha teórica de fronteira entre *Ocelenses Lancienses*, a Norte, e os *Tapori e Igaeditani* a Sul, corroboram mais ainda a teoria deste sítio ter funcionado enquanto elemento controlador do espaço vivido e partilhado por estes povos, numa área que se caracteriza por ser um corredor natural de passagem, de entrada e saída na Cova da Beira (SILVA, 2005: 139). São vários os autores que têm trabalhado sobre este assunto, geralmente interpretando e avaliando os dados sobre diferentes perspectivas (CARVALHO, 2007), (CURADO, 2006), (GUERRA, 2007). A controvérsia e falta de consenso em torno deste tema deriva da falta de evidências arqueológicas que permitam uma melhor caracterização do sistema de povoamento dos *populi* e consequentemente uma consolidação teórica assente em respostas fundamentadas.

A compreensão da complexidade e estruturação do povoamento da Beira Interior durante os finais do II e I milénio a. C. é um assunto que necessita cada vez mais de respostas. Sabemos que o isolamento e a interioridade que constantemente caracterizam esta região, não seriam no passado como o são actualmente. Na realidade, e ainda que a maioria dos dados melhor estruturados se reportem à Proto-história antiga, o posicionamento geográfico desta área em relação ao Sul e ao Norte, ao Este e ao Oeste, terá proporcionado uma série de contactos culturais com diversas comunidades estranhas a esta área. A oferta de recursos metalúrgicos e oportuna

proximidade a cursos fluviais navegáveis e fáceis pontos de passagem terrestres, eles evidentes de comunicação, conduziram quase a uma passagem obrigatória por esta região. Não obstante, a descontinuidade do povoamento registada ao longo deste milénio deixa adivinhar que aqui se terão desenvolvido importantes transformações organizacionais a nível comunitário, sugerindo a existência de necessidades de mudança, forçadas ou voluntárias. Acerca deste hiato pouco mais podemos dizer, visto a existência de um hiato ainda maior no que toca ao conhecimento do quadro cultural e evolução social do I milénio a. C., no entanto questionamos se o regresso, no Ferro Pleno, ao antigo sistema de povoamento de altura e às relações intercomunitárias não estará relacionado com a forte personalidade e identidade cultural que caracterizaria os povos desta região. Tal como admite Raquel Vilaça (2000: 178), foi-se alterando o funcionamento e organização económica mas prevaleceu a dimensão cultural e a essência que caracterizaria estas sociedades proto-históricas.

Neste sentido, a Argemela foi parte integrante de todas as vivências deste sistema de povoamento, marcado por fortes tradições culturais e ideológicas, demonstradas também ao nível da cultura material. A vida em torno do “castro”, espaço vivido em diferentes períodos do tempo, alicerçada em estruturas sociais hierarquizadas, é testemunhada nos mais diversos vestígios ou ainda na ausência deles. São estes dados que nos dão conta de alterações sociais e tecnológicas, movimentos de mudança e assimilação de aprendizagens, elementos modeladores da adaptação humana a uma paisagem que terá actuado de forma preponderante na vida de comunidades separadas pelo tempo mas perpetuadas pelo meio envolvente.

9 – Conclusão

O trabalho que agora se conclui permitiu reconhecer, através de padrões materiais comuns a épocas e realidades sociais concretas, parte do perfil crono-cultural das sociedades que habitaram o Cabeço da Argemela. Mais do que concludente, este estudo possibilitou a reformulação de algumas ideias e a adição de novos dados à investigação proto-histórica da Beira Interior, fundamentais à compreensão da evolução do comportamento humano nesta região. Fundamentalmente, a análise de um contexto de ocupação que se iniciou nos finais da Idade do Bronze e perdurou até à II Idade do Ferro, com interrupções cuja escala parece ter sido regional, permitiu esboçar parte das actividades intrínsecas ao modo de vida de um povoado cuja identidade cultural parece assemelhar-se à de uma vasta área geográfica.

À medida que avançamos na análise das produções cerâmicas, estas não só foram revelando estreitas afinidades com a cultura material da Beira Baixa e Extremadura, como também possibilitaram o acrescento de novas técnicas de manufactura, quer morfológicas, tecnológicas ou decorativas, às conhecidas para esta região. No que respeita à assimilação de elementos exógenos pouco podemos acrescentar visto que, mesmo as peças com decorações brunidas do Bronze Final ou com motivos pintados da Idade do Ferro terão sido produzidas em contexto local, de acordo com a tecnologia adoptada na época. Pensamos assim que a actividade oleira deste local se caracteriza pela manutenção de elementos típicos, comuns a cada um dos períodos cronológicos, com uma certa especificidade formal, pouco diversa, suficiente talvez para dar resposta às necessidades de índole doméstica.

Efectivamente, a totalidade do espólio reflecte o cariz indígena das populações que habitaram a Argemela, deixando entrever alguma abertura a elementos exógenos. A base económica e sustento comunitário encontrar-se-iam asseguradas por actividades de natureza primária e secundária cuja exploração estaria directamente relacionada com a posição estratégica em que este local se integra e onde terá desempenhado um importante papel enquanto dominador de recursos mineiros e controlador de rotas de circulação e intercâmbio na Beira Interior.

Bibliografia:

ALARCÃO, J. de (1974), *Cerâmica local e regional de Conimbriga*. Universidade de Coimbra. Suplemento de Biblos, 8.

ALARCÃO, J. de (1996), O primeiro milénio a. C.. *De Ulisses a Viriato – O primeiro milénio a. C.*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp: 15-30.

ALARCÃO, J. de (2001), Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos) ”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4 (2), IPA, pp: 293-349.

ALMAGRO-GORBEA, M. (1977), *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*, Bibliotheca Praehistorica Hispana, 14, Madrid.

ALMAGRO-GORBEA, M. e MARTÍN BRAVO, A. (1994), *Castros e Oppida en Extremadura*, Complutum Extra, 4.

ALMEIDA, S. (2005), *A Idade do Ferro no Planalto de Viseu: O caso do Morro da Sé*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Policopiada.

ALMEIDA, S., CARVALHO, P., PERPÉTUO, J., FIGUEIRA, N., COSTA, A. (2007), Estruturas e contextos da Idade do Ferro em Viseu. *Al-Madan*, II Série (15), pp: 53-59.

ALMEIDA, S.; FERREIRA, N.; MARQUES, J. N. (2011), Sondagens de avaliação - Cabeço da Argemela – 2009. Relatório. Coimbra. (Relatório depositado no IGESPAR).

ÁLVAREZ-SANCHIS, J. (2003), *Los Vettones*, Bibliotheca Archaeologica Hispana, 1, Madrid, Real Academia de la Historia.

ÁLVAREZ-SANCHÍS, J. (2008), *Arqueología Vettona. La Meseta Occidental en la Edad del Hierro, Zona Arqueológica*, vol. 12, Alcalá de Henares, Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid.

AZEVEDO, P. (1896), *Extractos archeológicos das Memorias Parochiaes de 1758, O Archeologo Português*, II, Lisboa.

AZEVEDO, P. (1897), *Extractos archeológicos das Memorias Parochiaes de 1758, O Archeologo Português*, III, Lisboa.

AZEVEDO, P. (1900), *Extractos archeológicos das Memorias Parochiaes de 1758, O Archeologo Português*, V, Lisboa.

AZEVEDO, P. (1901), *Extractos archeológicos das Memorias Parochiaes de 1758, O Archeologo Português*, VI, Lisboa.

AZEVEDO, P. (1902), *Extractos archeológicos das Memorias Parochiaes de 1758, O Archeologo Português*, VII, Lisboa.

BALFET H.; FAUVET-BERTHELOT, M. F.; MONZON, S. (1983), *Lexique et typologie des poteries*. Paris: Presses du CNRS.

BANHA, C., VEIGA, A. M. e FERRO, S. (2009), A estátua-menir de Corgas (Donas-Fundão). Contributo para o estudo da Idade do Bronze na Beira Interior. *Açafa On-line*, nº 2, 2009.

BATATA, C. (1998), *Carta arqueológica do concelho da Sertã*. Sertã.

BATATA, C. (2006), Idade do Ferro e Romanização entre os rios Zêzere, Tejo e Ocreza. *Trabalhos de Arqueologia*, 46. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa.

BATATA, C. e GASPAR, F. (1999a), Castros da Bacia Hidrográfica do Rio Zêzere (Zona do Pinhal, Centro de Portugal), *Revista de Guimarães*, Volume Especial, II, Guimarães, 1999, pp: 671-697.

BATATA, C., GASPAR, F., BATISTA, A. (1999b), O ineditismo do 1º milénio a. C. da bacia hidrográfica do rio Zêzere no contexto da arqueologia proto-histórica nacional. In *Actas do II Congreso de Arqueologia Peninsular, tomo III – Primer Milenio y Metodologia*, Fundación Rei Afonso Henriques, Zamora, pp: 25-35.

BATATA, C. e GASPAR, F. (2009), Mamoas e Arte Rupestre no Concelho da Pampilhosa da Serra (Centro de Portugal). *Açafa On-line*, nº2, 2009.

BENET, N., LÓPEZ JIMÉNEZ, O. (2005), La edad del Hierro en el área sudoccidental de la meseta Norte: Organización social, explotación y ocupación del territorio. In, *Lusitanos e Romanos no nordeste da Lusitânia*, Actas das II Jornadas do Património da Beira Interior. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp: 95 – 116.

BENET, N., LÓPEZ JIMÉNEZ, O. (2008), Investigaciones recientes en la Edad del Hierro en Salamanca y la Beira Alta: los castros del occidente. In, ÁLVAREZ-SANCHÍS, J. (eds.) *Arqueologia Vettona. La Meseta Occidental en la Edad del Hierro*, Zona Arqueologica, 12, Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, pp: 162-181.

BERROCAL-RANGEL, L. (1994), El *Oppidum* de Badajoz. Ocupaciones Prehistoricas en la Alcazaba. In: ALMAGRO-GORBEA, M. e MARTÍN BRAVO, A. (Eds.), *Castros y Oppida en Extremadura. Complutum Extra*, 4, 1994, pp: 143-187.

BERROCAL-RANGEL, L., SILVA, C. (2010), *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura): escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007*, Suplemento 6 de *O Arqueólogo Português*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 2010.

BRADLEY, R. (2000), *An Archaeology of Natural Places*, London, Routledge.

BUBNER, T. (1996), A cerâmica de ornatos brunidos em Portugal. In: ALARCÃO, J. (Ed.), *De Ulisses a Viriato*. Lisboa, Instituto Português de Museus/ Museu Nacional de Arqueologia, pp: 66-72.

BUTZER, K. (1989), *Arqueología, una ecología del hombre: Método y teoría para un enfoque contextual*. Ediciones Bellaterra, S. A., Barcelona.

CALADO, M., MATALOTO, R., ROCHA, A. (2007), Povoamento Proto-histórico na margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal). In: RODRÍGUEZ DÍAZ e PAVÓN SOLDEVILLA (Eds.), *Arqueología de la tierra. Paisajes rurales de la Protohistoria peninsular*. Cáceres, pp: 129-179.

CAMERON, C. (1993), Abandonment and archaeological interpretation, In: CAMERON, C. e TOMKA, S. (Eds.), *Abandonment of settlements and regions – Ethnoarchaeological and archaeological approaches*. New directions in Archaeology, pp: 3-7.

CARDOSO, J. I. (1861). *Quadro da Provincia da Beira Baixa. Monumentos archeologicos*. Lisboa: Imprensa Nacional.

CARDOSO, J. L.; SILVA, I. (2004), O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 7, nº 1, 2004, pp: 227-271.

CARVALHO, P. (2007), *Cova da Beira: ocupação e exploração do território na época romana*. Conímbriga – Anexos 4. Fundão/Coimbra: Câmara Municipal do Fundão/Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

CHAROY, B., NORONHA, F. (1996), Multistage Growth of a Rare-Element, Volatile-Rich Microgranite at Argemela (Portugal), *Journal of Petrology*, Volume 37, Number 1, pp: 73-94.

COFFYN, A. (1983), La fin de L'Age du Bronze dans le Centre – Portugal, *O Arqueólogo Português*, 1, 4ª série, pp: 169-196.

COFFYN, A. (1985), *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris, Diffusion de Bocard, Publ. Centre Pierre Paris, II, col. Maison Pays Ibériques, 20.

CORREIA, V. H. (2009), Espaços domésticos e modelos urbanos na Proto-história da fachada atlântica. In: CARME BELARTE, M. (Ed.), *Arqueo Mediterrània*, 11, L'espai domèstic i l'organització de la societat a la protohistòria de la Mediterrània occidental (1er millenni aC). Actes de la IV Reunió Internacional d'Arqueologia de Calafell (Calafell – Tarragona, 6 al 9 de març de 2007). Àrea d'Arqueologia – Universitat de Barcelona, Institut Català d'Arqueologia Clàssica.

CURADO, F. (2006), Reflexões em torno do *terminus augustalis* (dito) de Peroviseu, *Eburobriga*, nº 4, Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, Fundação, pp: 99-119.

DAVEAU, S. (1988), Progressos recentes no conhecimento da evolução holocénica da cobertura vegetal em Portugal e nas regiões vizinhas. *Finisterra*, 23 (45), Lisboa, pp: 101-115.

DÍAZ-GUARDAMINO, M. (2011), Iconografía, lugares y relaciones sociales: Reflexiones en torno de las estelas y estatuas-menhir atribuidas a la Edad del Bronce en la Península Ibérica. In: VILAÇA, R. (Ed.), *Estelas e Estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Actas das IV Jornadas Raianas, Sabugal, 2009, pp: 63-88.

DINIS, A. P. (1991-92), Cerâmicas do Bronze Final do Castelo de Matos (Baião). *Cadernos de Arqueologia*, série II, 8-9, 1991-92, pp: 119-142.

ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J., RODRÍGUEZ DÍAZ, A., PAVÓN SOLDEVILLA, I. (2001), El Risco, excavación de urgencia en Sierra de Fuentes (Cáceres) – 1991 y 1993. *Memorias de Arqueología Extremeña*, 4, Cáceres.

ESPARZA ARROYO, A. (1986), *Los castros de la Edad del Hierro del Noroeste de Zamora*. Instituto de Estudios Zamoranos "Florián de Ocampo", Diputación de Zamora.

FABIÃO, C. (1998), *O Mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. Dissertação de doutoramento, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Policopiado), Lisboa.

FARINHA, A. C.; PINTO, C. V.; VILAÇA, R. (1996), Contributo para o estudo de materiais do Bronze Final provenientes do Monte de S. Martinho (Castelo Branco). *Materiais*, Castelo Branco, II série, Ano 1, nº 0, Vol. 1, 1996, pp: 45-64.

FÉLIX, P. (1997), O Final da Idade do Bronze no médio Tejo: Quinta da Pedreira, notícia de duas escavações arqueológicas (1994 e 1996), *Al-Madan*, II série, nº 6, 1997.

FÉLIX, P. (1999), O Final da Idade do Bronze no Centro-Oeste Peninsular: a Contribuição do Ribatejo Norte, *Revista de Guimarães*, Volume Especial, II, Guimarães, 1999, pp: 715-740.

FERNANDES, J., VELHO, J. L. (2009), Geologia e potencial geoeconómico do microgranito do Cabeço de Argemela, Fundão. *Boletim de Minas*, Vol. 44, nº 2, pp: 87-98.

FERRAZ, P., RODRIGUES, B. C., OLIVEIRA, A., RAMOS, J. F. (2010), Resultados da campanha de prospecção do jazigo de Sn-Li de Argemela. *Actas do VIII Congresso Nacional de Geologia*, Vol. 20, nº 5, pp: 1-4.

GAMITO, T. (1996), A Cerâmica Estampilhada. In: ALARCÃO, J. (Ed.), *De Ulisses a Viriato*. Lisboa, Instituto Português de Museus/ Museu Nacional de Arqueologia, pp: 112-117.

GUERRA, A. (2007), Sobre o território e a sede dos *Lancienses (Oppidani e Transcudani)* e outras questões conexas, *Conímbriga*, nº 46, 2007, pp: 161-206.

JANSSEN, C. R., WOLDRINGH, R. E. (1981), A preliminary radiocarbon dated pollen sequence from the Serra da Estrela, Portugal, *Finisterra*, XVI, Lisboa, pp: 299-309.

JORGE, S. O. (1988), O povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal, Porto, *Grupo de estudos arqueológicos do Porto, Monografias Arqueológicas*, 2.

KALB, P. (1978), Senhora da Guia (Baiões) – Die Ausgrabung 1977 auf einer Höhensiedlung der Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Madriider Mitteilungen*, 19, pp: 112-138.

KALB, P. (1979), Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Germania*, nº 58, pp: 25-59.

KALB, P. (1980), O Bronze Atlântico em Portugal. *Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Guimarães, vol. I, 113-120.

KENT, S. (1990), Activity áreas and architecture: an interdisciplinary view of the relationship between use of space and domestic built environments. In: Kent S. (ed.) *Domestic architecture and the use of space: An interdisciplinary cross-cultural study*. Cambridge University Press: Cambridge: 1-8.

KNAAP, W. O., LEEUWEN, J. F. N. (1995), Holocene vegetation succession and degradation as responses to climatic change and human activity in the Serra da Estrela, Portugal, *Review of Paleobotany and Palynology*, Utrecht, pp: 153-211.

LILIOS, K. (1993), Regional settlement abandonment at the end of the Copper Age in the lowlands of west-central Portugal. In: CAMERON, C. e TOMKA, S. (Eds.), *Abandonment of settlements and regions – Ethnoarchaeological and archaeological approaches*. New directions in Archaeology, pp: 100-121.

LÓPEZ-SÁEZ, J., BLANCO-GONZÁLEZ, A., LÓPEZ-MERINO, L., RUIZ-ZAPATA, M., DORADO-VALIÑO, M., PÉREZ-DÍAZ, S., VALDEOLMILLOS, A., BURJACHS, F. (2009),

Landscape and climatic changes during the end of the Late Prehistory in the Amble´s Valley (Ávila, central Spain), from 1200 to 400 cal. BC. *Quaternary International* 200 (2009), pp: 90 –101.

MARQUES, J. N. (2006), *Resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados no Cabeço da Argemela (Fundão)*. Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Policopiado.

MARQUES, J. N., ALMEIDA, S., FERREIRA, N., VILAÇA, R. (2011-2012), O castro do cabeço da Argemela. Trabalhos desenvolvidos entre 2003 e 2009, *Eburobriga*, nº 7, Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, Fundão, pp: 78-99.

MARTÍN BRAVO, A. (1994), Los Castros del Occidente de la Provincia de Caceres. In: ALMAGRO-GORBEA, M. e MARTÍN BRAVO, A. (Eds.), *Castros y Oppida en Extremadura. Complutum Extra*, 4, 1994, pp: 243-286.

MARTÍN BRAVO, A. M. (1999), *Los Orígenes de Lusitania. El I milenio a. C. en la Alta Extremadura*, Madrid, Real Academia de la Historia.

MARTINS, M. (1987), A Cerâmica Proto-histórica do Vale do Cávado: tentativa de sistematização. *Cadernos de Arqueologia*, II série, nº 4, 1987, pp: 35-77.

MARTINS, M. (1988), A citânia de S. Julião, Vila Verde. Memórias dos trabalhos realizados entre 1981 e 1985. *Cadernos de Arqueologia, Monografias*, nº 2, Braga.

MATALOTO, R. (2004), *Um “monte” da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa - ruralidade e povoamento no Iº milénio a.C. do Alentejo Central*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. *Trabalhos de Arqueologia*. 37.

MEDEROS MARTÍN, A.; HARRISON, R. J. (1996), Patronazgo y clientela. Honor, Guerra y Festines en las relaciones sociales de dependência del Bronce Final Atlántico en la Península Ibérica. *Pyrenae*, nº 27, pp: 31-52.

MONTEAGUDO, L. (1977), *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*, Prähistorische Bronzefunde, IX, 6, Munich.

MONTEIRO, J. (1978), *Pequena História de um Museu: Fundo e Catálogo, Carta Arqueológica do Concelho do Fundão*. Lisboa.

NOWAKOWSKI, J. (2001), Leaving home in the Cornish Bronze Age: insights into planned abandonment processes. In: J. Bruck (ed.) *Bronze Age Landscapes: Tradition and Transformation*, pp: 139-148. Oxford: Oxbow Books.

ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. (1997), *La Cerámica en Arqueología*. Barcelona. Crítica.

OSÓRIO, M. (2005), Contributos para o estudo do I milénio a.C. no Alto Côa. In *Lusitanos e Romanos no nordeste da Lusitânia*, Actas das II Jornadas do Património da Beira Interior. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, p. 35-65.

OSÓRIO, M. (2008a), O povoamento do I milénio a.C. na transição da Meseta para a Cova da Beira (territórios e áreas de influência). In *Actas das I Jornadas de Património de Belmonte*. Câmara Municipal de Belmonte, pp: 39-66.

OSÓRIO, M. (2008b), *Museu do Sabugal: Catálogo arqueológico*. Sabugal. Sabugal e Câmara Municipal do Sabugal, pp: 52-69.

OSÓRIO, M. (2009), A Idade do Ferro no Alto Côa: os dados e as problemáticas. In SANABRIA MARCOS, Primitivo Javier (Ed). *Lusitanos y vettones. Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa - Alto Alentejo – Cáceres* (Memorias; 9). Museo de Cáceres. 2009, p. 95-115.

OSÓRIO, M.; SANTOS, C. G. (2003), Cerâmica decorada da Idade do Ferro do Sabugal. In ESPARZA ARROYO, Á. (coord), *Pré-actas del Encuentro de Jóvenes investigadores*

sobre Bronce Final y Hierro en la Península Ibérica. Salamanca, 20, 21 e 22 de Outubro de 2003. Cátedra Condes de Barcelona e Fundación Duques de Soria p. 374-384.

PAVÓN SOLDEVILLA, I. (1998a), El Cerro del Castillo de Alange (Badajoz), intervenciones arqueológicas (1993). *Memorias de Arqueología Extremeña*, 1, Mérida.

PAVÓN SOLDEVILLA, I. (1998b), *El tránsito del II al I milénio a. C. en las cuencas medias de los ríos Tajo y Guadiana: La Edad del Bronce*. Cáceres. Universidad de Extremadura.

PEREIRA, M. A. (1970), *Monumentos históricos do concelho de Mação*. Mação.

PEREIRA, V. (2005), O povoamento no I Milénio a.C. na bacia hidrográfica do Alto Mondego (Guarda). In ESPARZA ARROYO, Á. (coord), *Pré-actas del Encuentro de Jóvenes investigadores sobre Bronce Final y Hierro en la Península Ibérica*. Salamanca, 20, 21 e 22 de Outubro de 2003. Cátedra Condes de Barcelona e Fundación Duques de Soria, pp: 378-398.

PERESTRELO, M. S. (2000), O povoado do Caldeirão – subsídios para o estudo do Bronze Final na região da Guarda. In *Beira Interior – História e Património*, Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior, 1-3 de Outubro de 1998, Guarda, pp: 51-96.

PERESTRELO, M. S. (2001), A Idade do Bronze no Castelo dos Mouros de Cidadelhe (Pinhel), *Estudos Pré-históricos*, IX, pp: 133-142.

PERESTRELO, M. S. (2004), *A Romanização na bacia do rio Côa*, Ministério da Cultura, Parque Arqueológico do Vale do Côa.

PERESTRELO, M. S. (2005), O Castelo dos Mouros de Cidadelhe e a Idade do Ferro no Médio Côa. *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia*, Actas das II Jornadas do Património da Beira Interior, 21 e 22 de Outubro de 2004, Guarda, pp: 67-92.

PERESTRELO, M. S., SANTOS, A. T., OSÓRIO, M. (2003), Estruturas em fossa no sítio do Picoto (Guarda, Portugal). In ESPARZA ARROYO, Á. (coord), *Pré-actas del Encuentro de Jóvenes investigadores sobre Bronce Final y Hierro en la Península Ibérica*. Salamanca, 20, 21 e 22 de Outubro de 2003. Cátedra Condes de Barcelona e Fundación Duques de Soria, 156-176.

PERESTRELO, M. S., OSÓRIO, M. (2005), Pré-História Recente na região da Guarda – alguns subsídios. *Côavisão*, n.º 7 (Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, Maio de 2004). Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 207-232.

PROENÇA, F. T. (1903), *Antiguidades*, Coimbra, Typographia França Amado.

PROENÇA, F. T. (1908), *Ensaio de Inventário dos castros Portuguezes*. Leiria: Typographia Leiriense.

PROENÇA, F. T. (1910), *Archeologia do Districto de Castello Branco*. Leiria: Typographia Leiriense.

RAPOPORT, A. (1990), Systems of activities and systems of settings. In: KENT, S. (ed.) *Domestic architecture and the use of space: An interdisciplinary cross-cultural study*. Cambridge University Press: Cambridge, pp: 9-20.

RIBEIRO, O. (1949), A Cova da Beira. Controvérsia de Geomorfologia, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 30, Lisboa, pp: 23-41.

RIBEIRO, O. (1951), Três notas de geomorfologia da Beira Baixa, Separata das *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 32 (1), Lisboa.

RIBEIRO, O. (1955), Portugal. In: TÉRAN, M., *Geografia de España y Portugal*, Barcelona, Tomo V.

RIBEIRO, O., LAUTENSACH, H., DAVEAU, S. (1987), *Geografia de Portugal. I. A Posição Geográfica e o Território*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.

RICE, P. (1987), *Pottery Analysis – a Sourcebook*. The University of Chicago Press. Chicago e Londres.

ROSA, J. M. (2007), *Museu Arqueológico Municipal José Monteiro: Catálogo*. Fundação, Museu Arqueológico Municipal José Monteiro.

RYE, O. S. (1981), *Pottery Technology. Principles and reconstruction*. Washington, Manuals of Archaeology – 4.

RUÍZ GÁLVEZ-PRIEGO, M. (1984), *La Península Ibérica y sus relaciones com el círculo cultural atlântico*. Madrid: Ed. Complutense.

SANTOS, M. J., SCHATTNER, T. (2010), O Santuário do Cabeço das Fráguas através da arqueologia. *Iberografias*, nº6, Ano VI, pp: 89-108, CEI.

SARMENTO, F.M. (1883), *Expedição científica à Serra da Estrella em 1881*. Secção de Archeologia. Lisboa: Imprensa Nacional.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (1993a), A ocupação do Bronze Pleno da ‘Sala 20’ do Buraco da Moura de São Romão. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.*, nº 1, Lisboa, pp: 55-76.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (1993b), Duas contribuições arqueométricas para o estudo do Bronze Antigo/Médio do Centro e Noroeste de Portugal. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.*, nº 1, Lisboa, pp: 77-91.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993c), O Grupo Baiões/Santa Luzia: Contribuições para uma tipologia da olaria. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.*, nº 1, Lisboa, pp: 93-123.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994), O habitat do Bronze Final do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal): a campanha 1 (1993). *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.*, nº 2, Lisboa, pp: 243-252.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (2002) – “Aspectos e Problemas da Investigação da Idade do Bronze em Portugal na segunda metade do século XX”. In: *Arqueologia 2000. Balanço de um século de investigação arqueológica em Portugal*. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp: 103-124.

SENNA-MARTINEZ, J. C. e NUNES, M. T. S. (1993a), A ocupação do Bronze Final do Outeiro dos Castelos (Beijós): uma primeira análise. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.*, nº 1, Lisboa, pp: 137-141.

SENNA-MARTINEZ, J. C., ROCHA, L. e RAMOS, R. P. (1993b), A ocupação do Bronze Final da Malcata (Carregal do Sal): uma primeira análise. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.*, nº 1, Lisboa, pp: 149-154.

SENNA-MARTINEZ, J. C., NASCIMENTO, A. Q., CARVALHO, A. F., ALMEIDA, F. S. (1993c), A ocupação do Bronze Final do Cabeço do Cucão, Pedra Cavaleira (Silgueiros, Viseu): uma primeira análise. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.*, nº 1, Lisboa, pp: 143-147.

SERRÃO, E. C. (1958), Cerâmica Proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) com ornatos coloridos e brunidos. *Zephyrus*, nº 9, 177-186.

SERRÃO, E. C., LEMOS, F. S., MONTEIRO, J. P., QUEROL, M. A., LOPES, S. R., JORGE, V. O. (1972), O Complexo de Arte Rupestre do Tejo (Vila Velha de Rodão - Nisa): notícia preliminar, *Arqueologia e História*, 9ª série, volume IV, pp: 351-397.

SHEPPARD, A. O. (1965), *Ceramics for the archaeologist*. Washington, Carnegie Institution – 609.

SILVA, A. C. F. (1986), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

SILVA, A. M. (2002), O assentamento romano de Terlamonte I: Teixoso, Covilhã: prospecção de superfície, prospecção geomagnética, SIG e estudos intra-sítio. Dissertação de mestrado em Arqueologia Romana apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Policopiada.

SILVA, C. T. (1979), O Castro de Baiões (S. Pedro do Sul). *Beira Alta*, vol. 38 (3), pp: 511-525.

SILVA, R. (2005), *Génese e transformação da estrutura do povoamento do I milénio a.C. na Beira Interior*. 2 Volumes. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Policopiada.

SINOPOLI, C. M., (1991), *Approaches to archaeological ceramics*. Plenum Press. New York.

SOARES, A. M. (2005), Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 8, nº 1, 2005, pp: 111-145.

SOARES, A. M.; ANTUNES, A. S.; QUEIROZ; P.F.; DEUS, M. de; SOARES, R.; VALÉRIO, P. (2009), A ocupação sidérica do Passo Alto (Vila Verde de Ficalho, Serpa), In: *Actas do 4º Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*, Aracena, 27 a 29 de Novembro de 2008, Universidad de Huelva Publicaciones, Huelva, 2009, pp: 544-575.

THADEU, D. (1951), Geologia e jazigos de chumbo e zinco da Beira Baixa, *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, 9 (1-2), pp: 1-144.

TILLEY, C. (1994), *A Phenomenology of Landscape*. Oxford.

VASCONCELOS, J. L. (1917), Pela Beira Baixa. Palavras prévias. De Lisboa a Castelo Branco. *O Archeologo Português*, XXII, Lisboa, pp: 297-344.

VASCONCELOS, J. L. (1920), Jóias de prata do Museu de Castelo Branco, *O Archeologo Português*, XXIV, Lisboa, pp: 102-107.

VASCONCELOS, J. L. (1934), Antiguidades do Concelho da Covilhã, *Biblos*, X, Coimbra, pp: 24-31.

VILAÇA, R. (1991), O povoado pré-histórico dos Alegrios (Idanha-a-Nova). Notícia preliminar. *Beira Alta*, vol. L (1-2), 139-167.

VILAÇA, R. (1992), Integração cultural dos restos faunísticos de três povoados do Bronze Final da Beira Baixa, *Conimbriga*, XXXI, 5-29.

VILAÇA, R. (1993), Resultados preliminares das escavações realizadas no povoado do Castelejo (Sabugal), *Estudos Pré-históricos*, 1, 51-65.

VILAÇA, R. (1995a), *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*, 2 vols., *Trabalhos de Arqueologia*, nº 9, Lisboa, IPPAR.

VILAÇA, R. (1995b), O povoado da Moreirinha, *A Idade do Bronze em Portugal: discursos de poder*, IPM, 46-47.

VILAÇA, R. (1995c), A estação arqueológica do Monte do Frade, *A Idade do Bronze em Portugal – discursos de poder*, IPM, 55-56.

VILAÇA, R. (1995d), O povoado dos Alegrios, *A Idade do Bronze em Portugal – discursos de poder*, IPM, 57-59.

VILAÇA, R. (1995e), A Idade do Bronze na Beira Baixa, *A Idade do Bronze em Portugal – discursos de poder*, IPM, 127-129.

VILAÇA, R. (1996), Contributos para a caracterização do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) durante as últimas etapas do Bronze Final, *Materiais*, II série, ano 1, n.º 0, Castelo Branco, 37-44.

VILAÇA, R. (1997a), Uma nova leitura para o Monte do Frade (Penamacor), *Conimbriga*, XXXVI, 27-44.

VILAÇA, R. (1997b), Metalurgia do Bronze Final da Beira Interior. Revisão dos dados à luz de novos resultados, *Estudos Pré-históricos*, 5, 123-154.

VILAÇA, R. (1998a), Produção, consumo e circulação de bens na Beira Interior na transição do II para o I milénio a. C., *Estudos Pré-históricos*, VI, Viseu, CEPBA, 347-374.

VILAÇA, R. (1998b), Hierarquização e conflito no Bronze Final da Beira Interior, in JORGE, S. O. (ed.), Existe uma Idade do Bronze Atlântico? *Trabalhos de Arqueologia*, 10, Lisboa, IPA, 203-217.

VILAÇA, R. (1999), Some comments on the archaeological heritage of the Late Bronze Age in Beira Interior", *Journal of Iberian Archaeology*, 1, 173-184.

VILAÇA, R. (2000a), Notas soltas sobre o património arqueológico do Bronze Final da Beira Interior. In Ferreira, M. C. et al. (Eds.), *Beira Interior. História e Património* [Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior (1-3 de Outubro de 1998)], Guarda, 31-50.

VILAÇA, R. (2000b), Registos e leituras da Pré-história Recente e da Proto-história Antiga da Beira Interior, *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. IV, Porto, ADECAP, 161-182.

VILAÇA, R. (2002), Parecer sobre a situação arqueológica do Cabeço da Argemela, Lavacolhos/Barco, Fundão/Covilhã, Coimbra. (Relatório depositado no IPA).

VILAÇA, R. (2003), Arqueologia (Pré e Proto-Histórica) na área da Gardunha: linhas de diagnóstico e sugestões de terapia, *Estudos de Castelo Branco*, nova série, n.º 1, 42-55.

VILAÇA, R. (2004a), O Povoamento Proto-Histórico na periferia da Gardunha: Balanço dos conhecimentos. *Eburobriga*, nº 1, Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, Fundão, 40-56.

VILAÇA, R. (2004b), Ecos do Mediterrâneo no Monte de São Martinho (Castelo Branco): a propósito de um artefacto do Bronze Final. *Estudos de Castelo Branco*, nova série, n.º 3, 5-18.

VILAÇA, R. (2004c), Plant impressions in late Bronze/early Iron age pottery from Beira Interior (Portugal). *Journal of Iberian Archaeology*, 6. Porto: ADECAP.

VILAÇA, R. (2004d), O Monte de S. Martinho, Castelo Branco, na Idade do Bronze. *Catálogo da exposição Francisco Tavares Proença e a Arqueologia do seu tempo*, Museu de Francisco Tavares Proença Júnior: Castelo Branco, 54-61.

VILAÇA, R. (2005), Entre Douro e Tejo, por terras do interior: o I milénio a. C.. In *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia*, Actas das II Jornadas do Património da Beira Interior, 21 e 22 de Outubro de 2004, Guarda, 13-32.

VILAÇA, R. (2007), Todos os Caminhos vão dar ao Ocidente: trocas e contactos no Bronze Final. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 15, Oeiras, Câmara Municipal, 135-154.

VILAÇA, R. (2008a), Reflexões em torno da “presença mediterrânea” no Centro do território português, na charneira do Bronze para o Ferro, in, CELESTINO, S., RAFAEL, N., ARMADA, X. (eds.), *Contacto cultural entre el Mediterrâneo y el Atlántico (siglos XII – VIII): La precolonización a debate*. CSIC, Madrid.

VILAÇA, R. (2008b): A Proto-história no Museu do Sabugal. Museu do Sabugal. Catálogo arqueológico. Sabugal. Sabugal e Câmara Municipal do Sabugal, pp: 39-51.

VILAÇA, R. (2011), Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história, Actas das IV Jornadas Raianas (Sabugal, 2009).

VILAÇA, R., CRISTÓVÃO, E. (1995), Povoado pré-histórico de Monte do Trigo (Idanha-a-Nova), *Estudos Pré-históricos*, 3, 201-211.

VILAÇA, R., SANTOS, A., PORFIRIO, E., MARQUES, J., CANAS, N. (1998), Lugares e caminhos no mundo pré-romano da Beira Interior. *Cadernos de Geografia*, 17, 35-42.

VILAÇA, R. e GABRIEL, S. (1999), Nótula sobre um “machado” de apêndices encontrado em Vale Branquinho (Sobral do Campo, Castelo Branco), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2 (1), IPA, 127-142.

VILAÇA, R., MARQUES, J. N. e CORREIA, M. (1999), Resultados de uma sondagem arqueológica realizada em S. Gens (Idanha-a-Nova), *Estudos Pré-históricos*, VII, 259-269.

VILAÇA, R., BASÍLIO, L. (2000), “Contributo para a caracterização arqueológica da Idade do Ferro da Beira Interior: cerâmicas a torno da Cachouça (Idanha-a-Nova)”, *Al-Madan*, 2.ª série, n.º 9, 39-47.

VILAÇA, R., SANTOS, A., PORFIRIO, E., MARQUES, J., CORREIA, M., CANAS, N. (2000), O Povoamento do I milénio a. C. na área do concelho do Fundão: pistas de aproximação ao seu conhecimento. *Estudos Pré-históricos*, vol. VIII, 187-219.

VILAÇA, R., MONTERO RUIZ, I., RIBEIRO, C. A., SILVA, R. C., ALMEIDA, S. O. (2002-2003), A Tapada das Argolas (Capinha, Fundão): novos contributos para a sua caracterização. *Estudos Pré-históricos*, vol. X-XI, Viseu, pp: 175-197

VILAÇA, R. e MARQUES, J. N. (2003), Prospecção, desmatção e avaliação de impacto arqueológico no Cabeço da Argemela – relatório de progresso de trabalhos, Coimbra. (Relatório depositado no IPA).

VILAÇA, R., MARQUES, J. N. e PORFÍRIO, E. (2003), Sondagens no Cabeço da Argemela – relatório de progresso de trabalhos, Coimbra. (Relatório depositado no IPA).

VILAÇA, R., OSÓRIO, M., FERREIRA, M. C. (2004), Nem sempre o que parece, é. Um caso de etnoarqueologia na serra Gorda (Águas Belas, Sabugal, Guarda). *Norba. Revista de Historia*, 17. Universidad de Extremadura: 137-156.

VILAÇA, R. e ARRUDA, A. M. (2004), Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro. *Conímbriga*, XLIII, 2004, pp: 11-45.

VILAÇA, R.; SANTOS, A. T. e GOMES, S. M. (2011), As estelas de “Pedra da Atalaia” (Celorico da Beira, Guarda) no seu contexto geo-arqueológico. In: VILAÇA, R. (Ed.), *Estelas e Estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Actas das IV Jornadas Raianas, Sabugal, 2009, pp: 293-318.

VILAÇA, R., ALMEIDA, S., BOTTAINI, C., MARQUES, J. N., MONTERO-RUÍZ, I. (2011), Metalurgia do castro do Cabeço da Argemela (Fundão): formas, conteúdos, produções e contextos. In: MARTINS, C.; BETTENCOURT, A.; MARTINS, J.; CARVALHO, J. (Coord.), *Povoamento e Exploração dos recursos mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. CITCEM, APEQ, Braga, pp: 427-451.

Memórias Paroquiais – Barco/Covilhã, 1758, vol. 6, nº 34, pp: 279-288. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. <http://digitarq.dgarg.gov.pt/details?id=4239179>

Anexos

Índice de figuras:

Fig. 1 - Localização do Cabeço da Argemela na Península Ibérica.

Fig. 2 - Localização do Cabeço da Argemela na Carta Militar de Portugal.

Fig. 3 - Topografia e perfil do Cabeço da Argemela.

Fig. 2 - Vista da Argemela sobre o rio Zêzere.

Fig. 3 - Vista do Cabeço da Argemela.

Fig. 4 - Localização da Argemela no Complexo Xisto-Grauváquico de Alameda.

Fig. 5 - Constituição litológica do Cabeço da Argemela.

Fig. 6 - Flanco nordeste da Argemela destruído pela exploração da pedreira.

Fig. 7 - Trabalhos de exploração da pedreira.

Fig. 8 - A Cova da Beira vista do Cabeço da Argemela.

Fig. 9 - Levantamento topográfico do Cabeço da Argemela.

Fig. 12-20 – Estratigrafia. Desenhos das unidades, perfis e estruturas da sondagem 9.

Fig. 21-30 – Estratigrafia. Fotografias das unidades, perfis e estruturas da sondagem 9.

Fig. 31 – Fragmento de fundo com negativo de elemento vegetal.

Fig. 32A/B – Fragmento e representação de pote com vestígios de matéria orgânica.



Fig. 10 - Localização do Cabeço da Argemela na Península Ibérica (imagem cedida por Ana Osório).

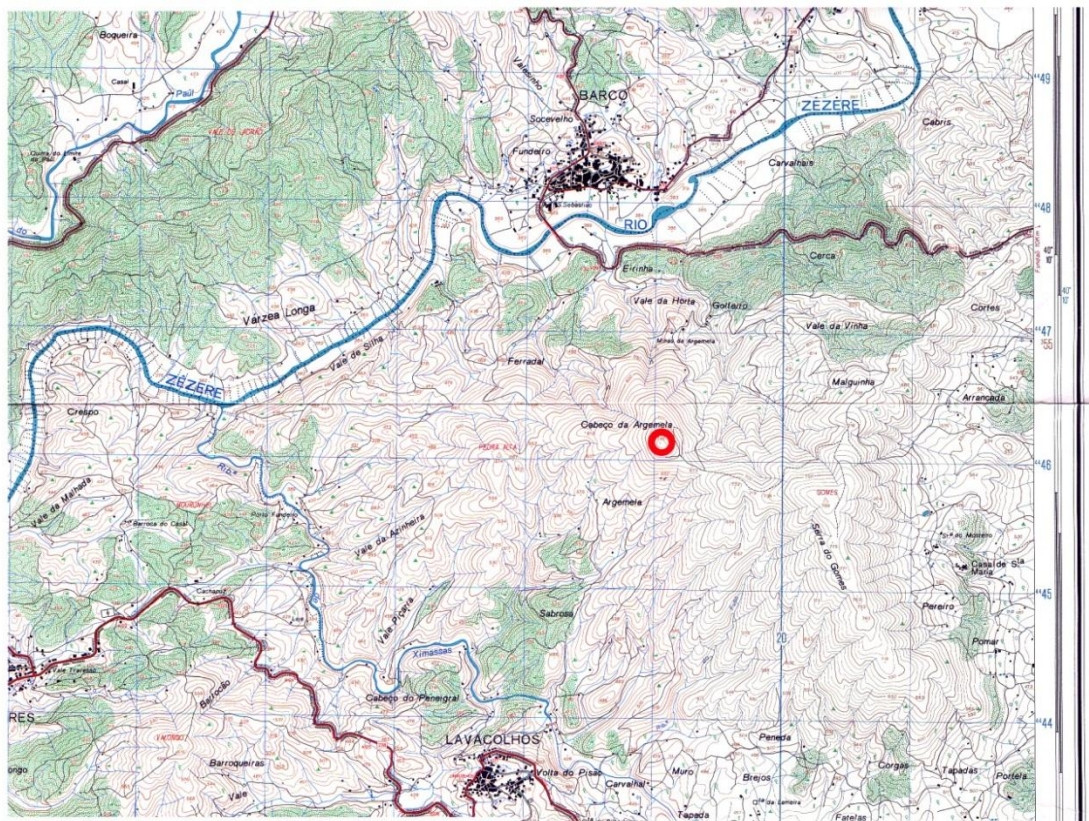


Fig. 11 - Localização do Cabeço da Argemela na Carta Militar de Portugal (escala 1: 25 000, folha 245 – Silvares).

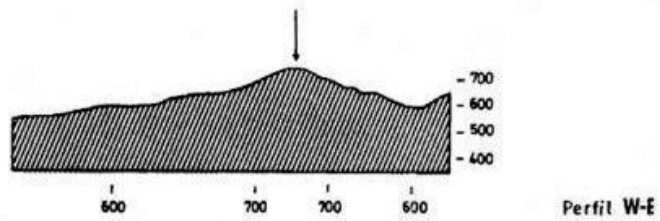
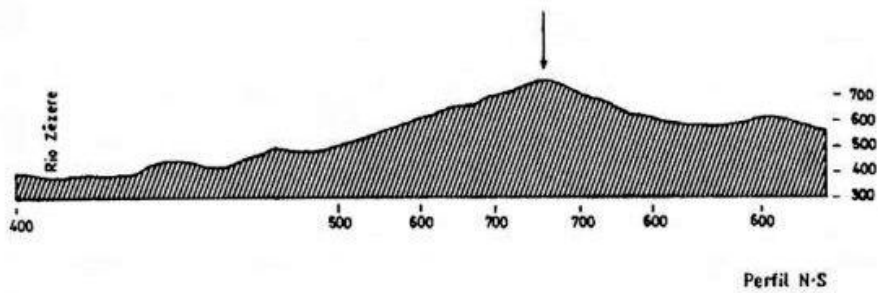
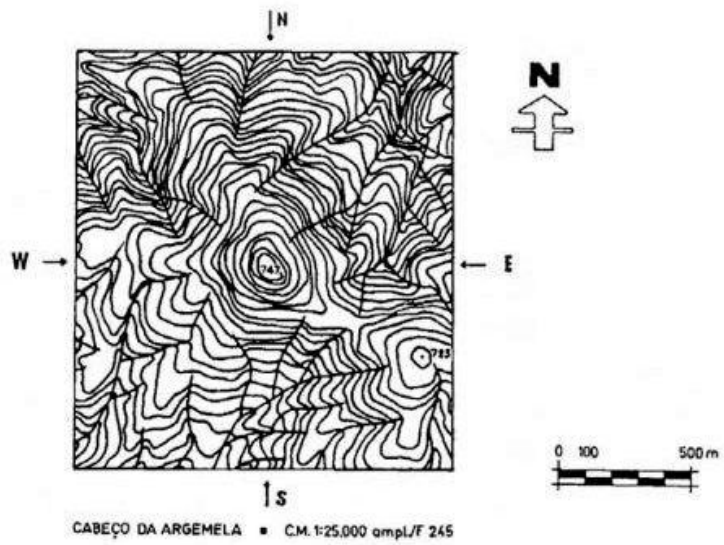


Fig. 12 – Topografia e perfil do Cabeço da Argemela (segundo Vilaça *et al*, 2000).



Fig. 13 - Vista da Argemela sobre o rio Zêzere, marcado a azul (Imagem adaptada de Google Earth).



Fig. 14 - Vista do Cabeço da Argemela, aproximadamente de Norte (Fotografia de João Nuno Marques).

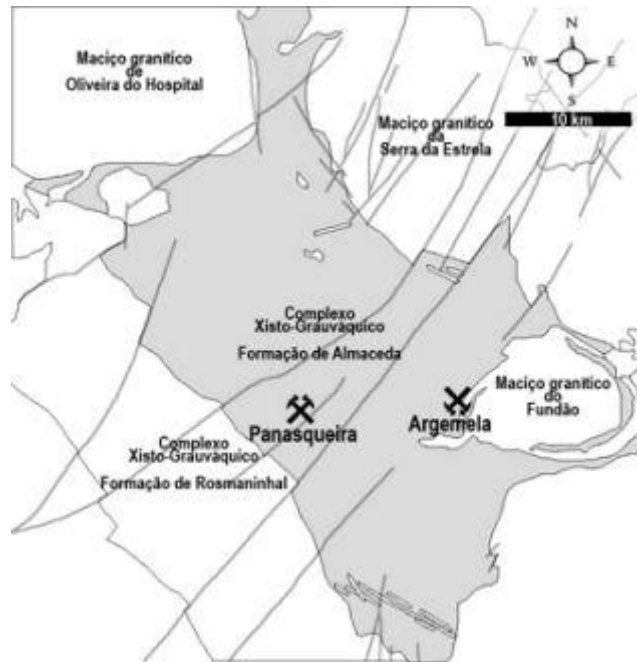


Fig. 15 - Localização da Argemela no Complexo Xisto-Grauváquico de Alameda (Ferraz *et al*, 2010: 2).

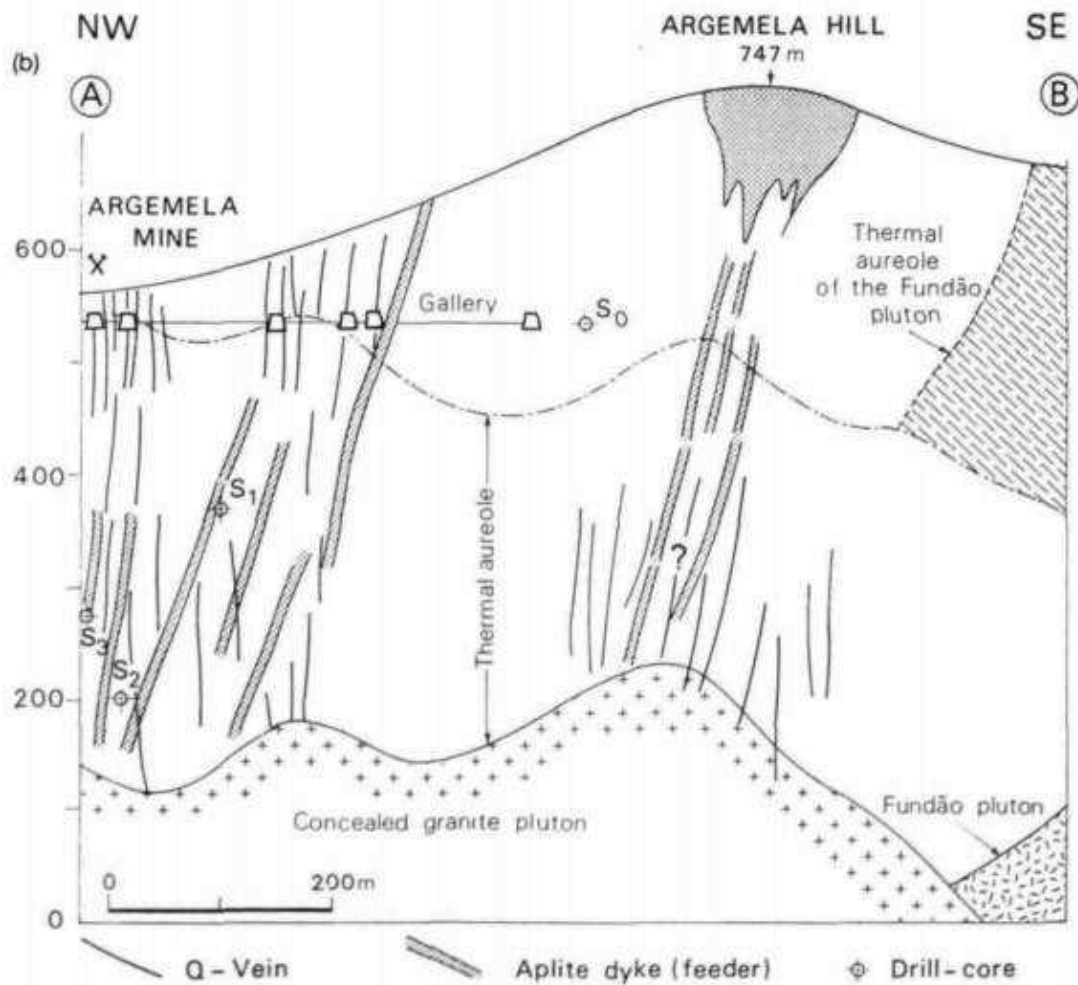


Fig. 16 - Corte em secção e possível constituição litológica do Cabeço da Argemela (Charoy e Noronha, 1996: 75).

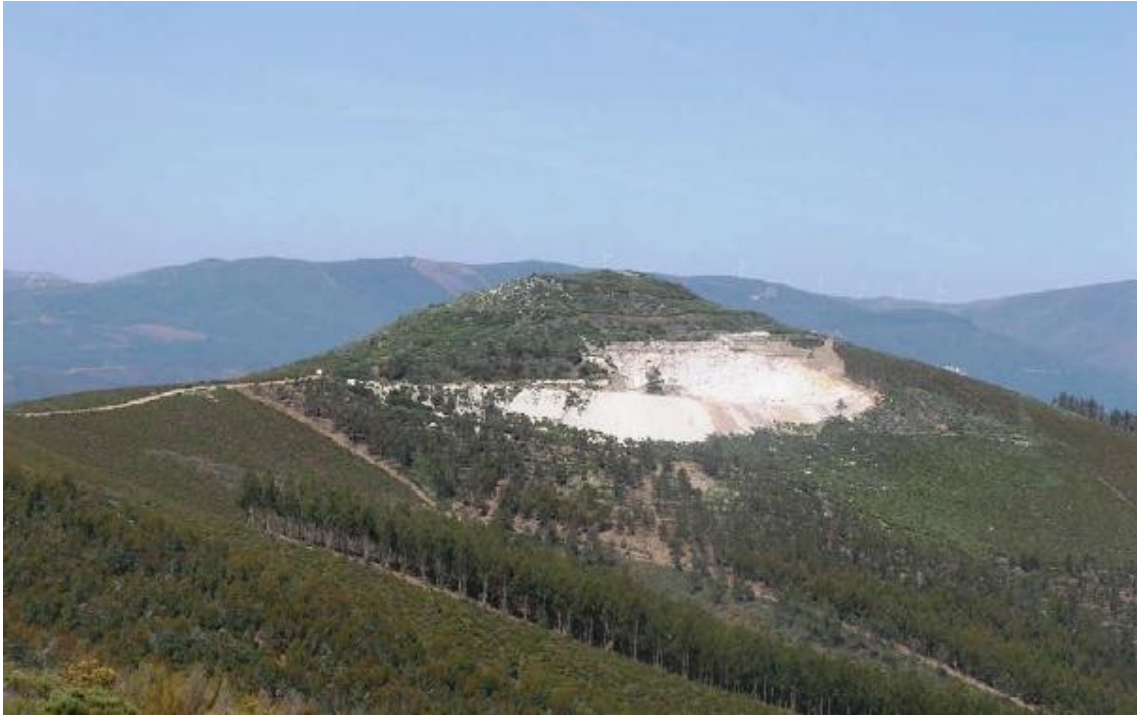


Fig. 17 - Vista do flanco nordeste da Argemela, destruído pela exploração da pedreira (Fotografia de Rui Nunes-mindat.org).



Fig. 18 - Trabalhos relacionados com a exploração da pedreira e respectivo impacto paisagístico (Fotografia de João Nuno Marques).



Fig. 19 - A Cova da Beira vista do Cabeço da Argemela.

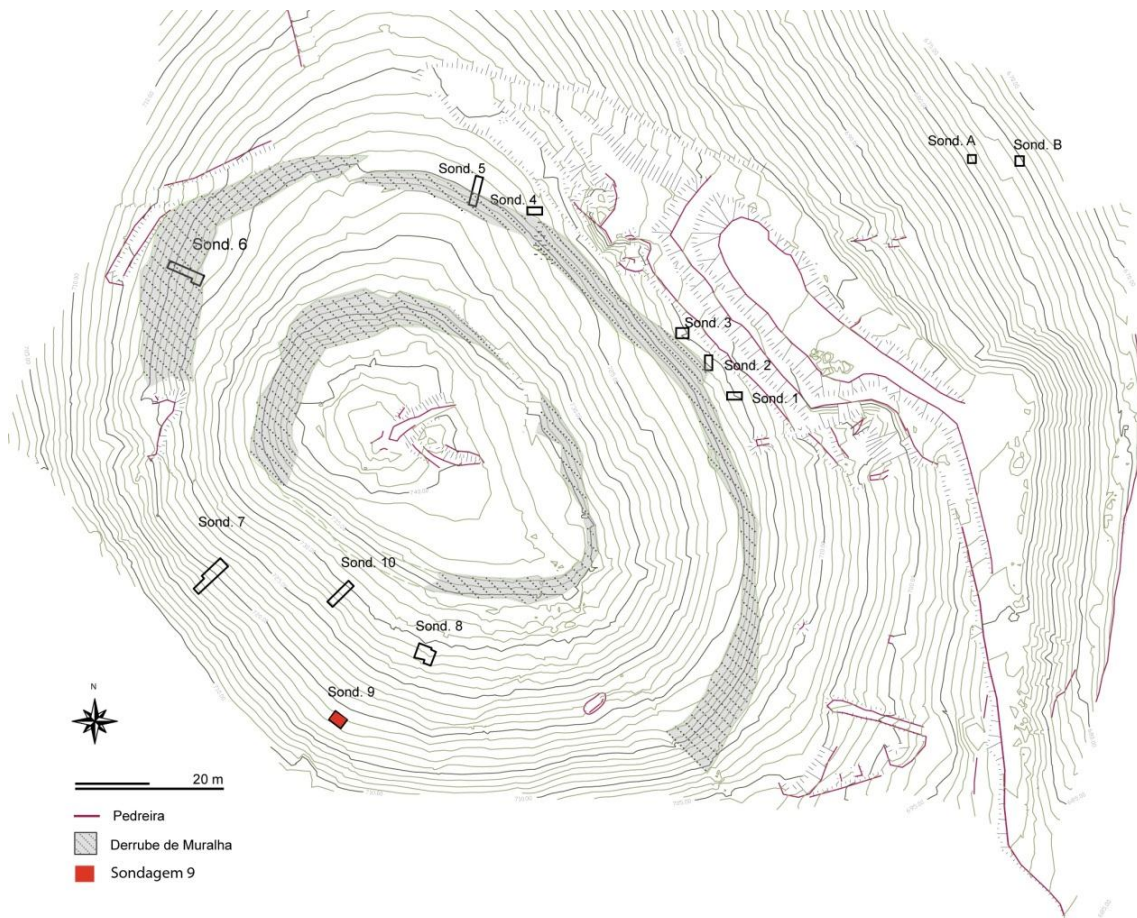


Fig. 20 - Levantamento topográfico do Cabeço da Argemela - linhas de muralha, implantação das sondagens e pedreira (ALMEIDA *et al*, 2011).

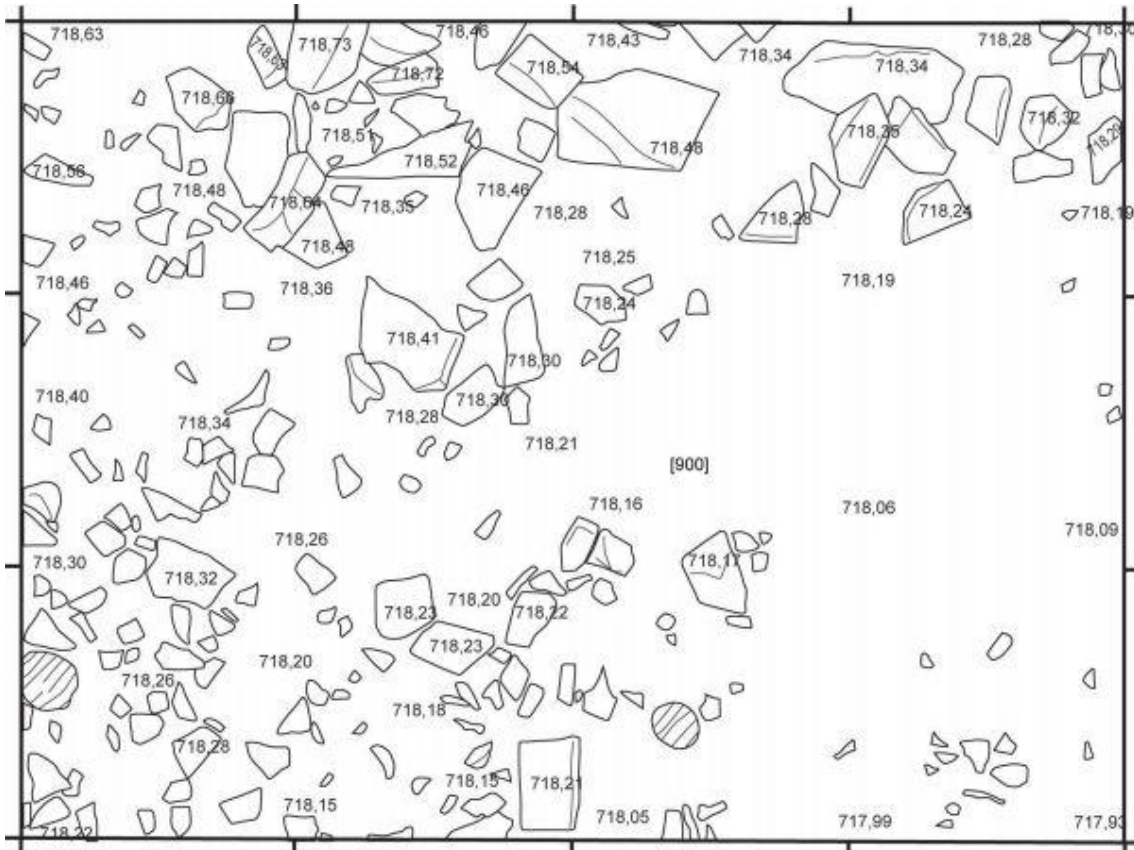


Fig. 21 - Plano inicial da sondagem 9 (ALMEIDA *et al*, 2011). ESCALA = 1: 40

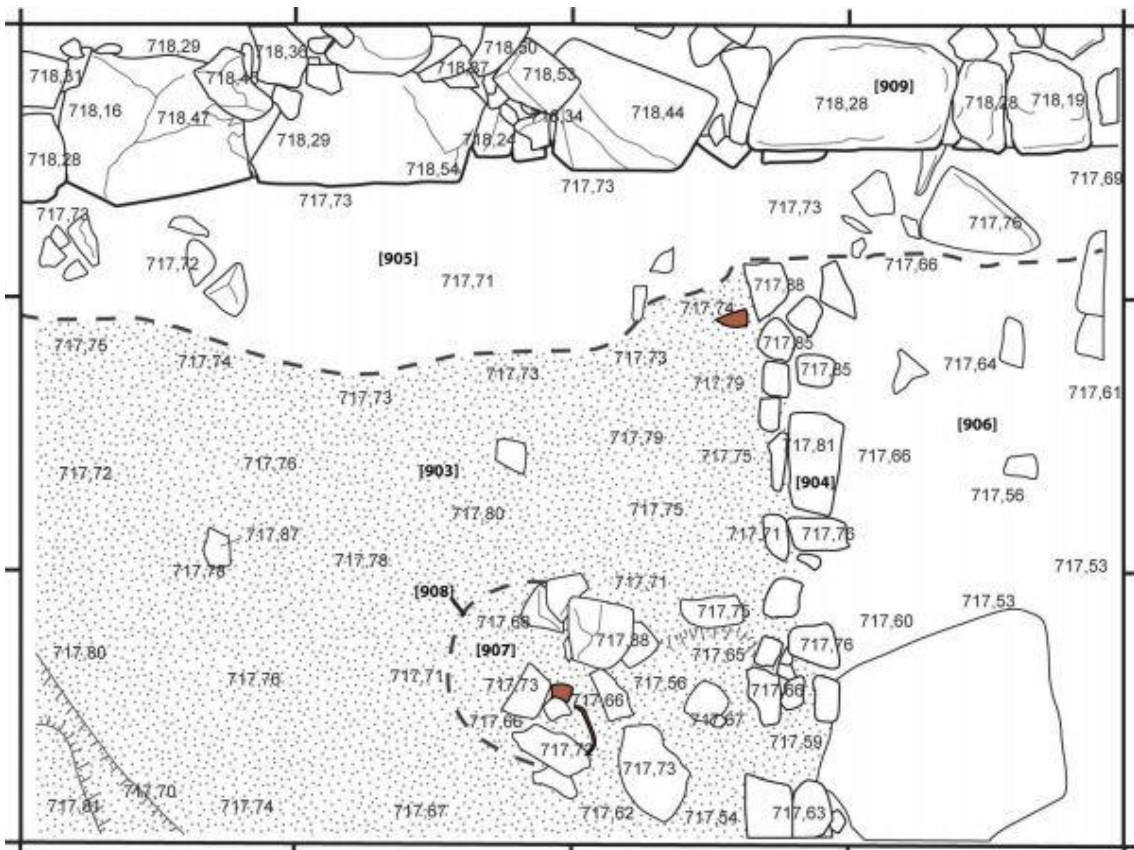


Fig. 22 - Plano das U.E. [903], [904], [905], [906], [907], [908] e [909] (ALMEIDA *et al*, 2011). ESCALA = 1: 40

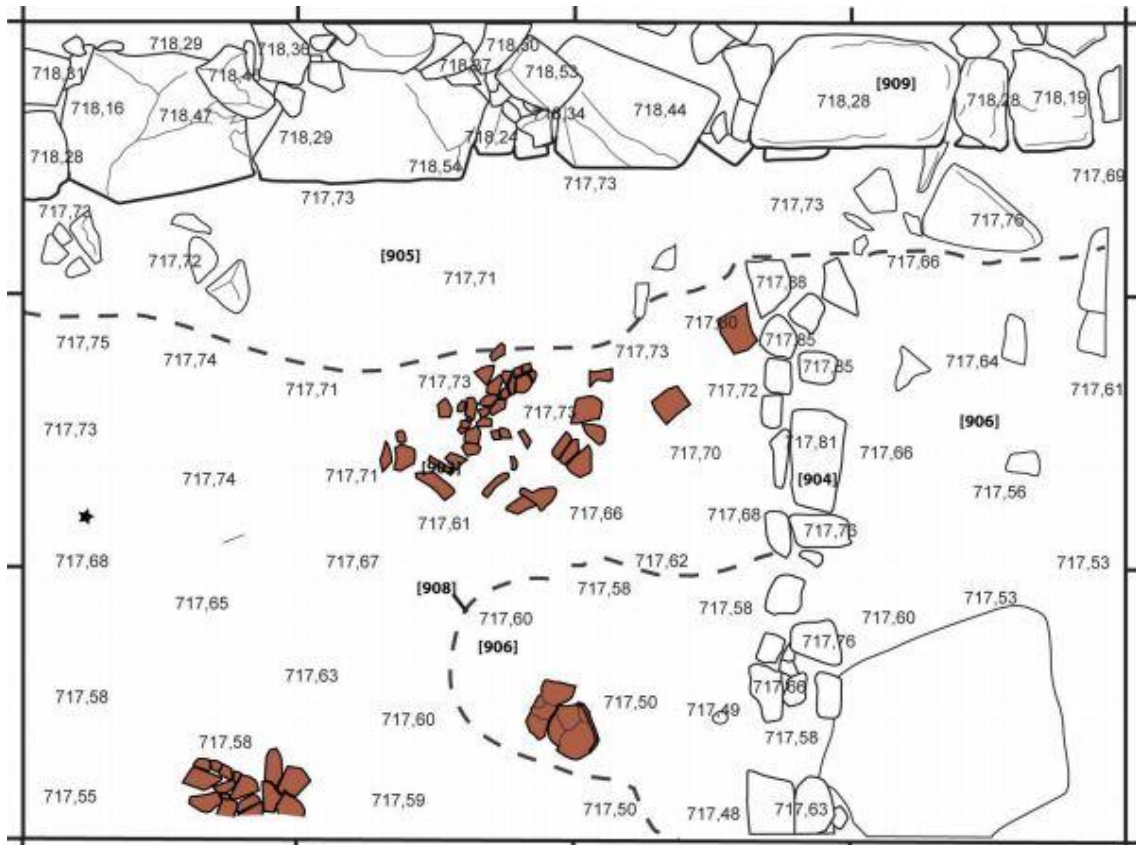


Fig. 23 - Plano das U.E. [903 A], [904], [905], [906], [908] e [909] (ALMEIDA *et al*, 2011). ESCALA = 1: 40

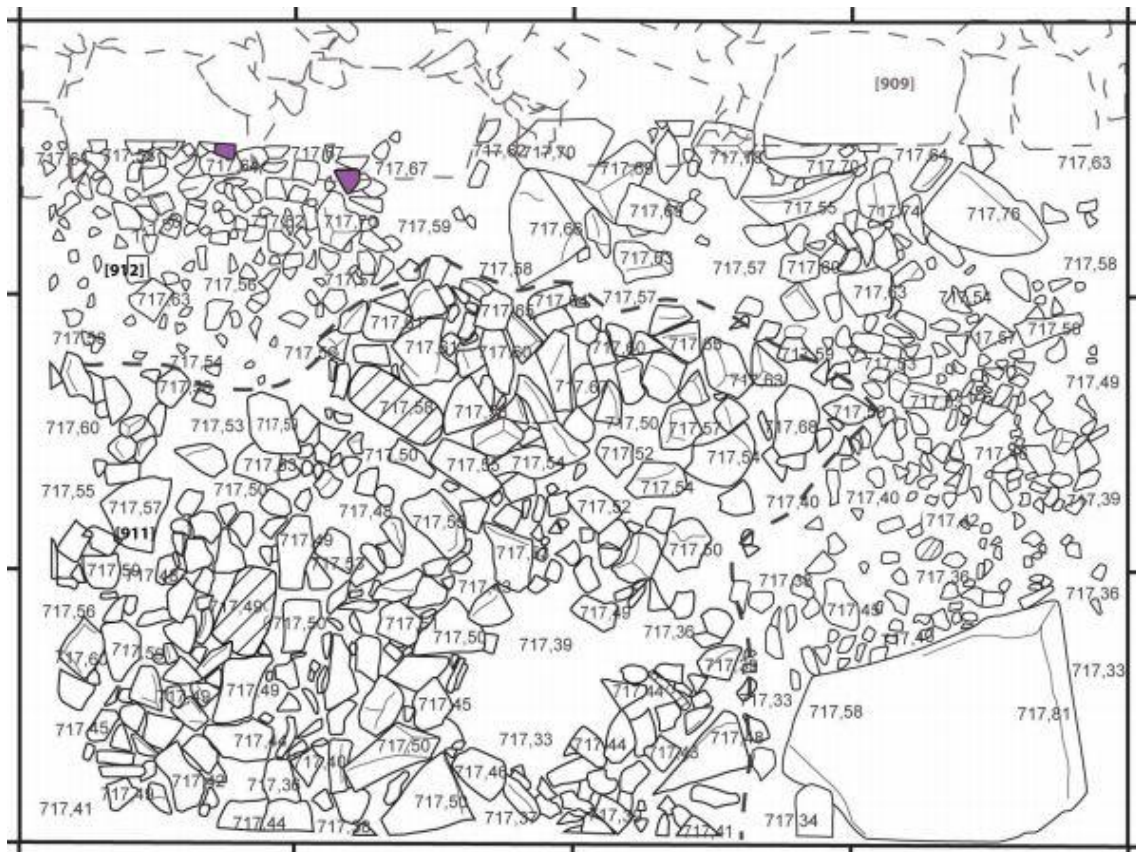


Fig. 24 - Plano das U.E. [911] e [912] (ALMEIDA *et al*, 2011). ESCALA = 1: 40

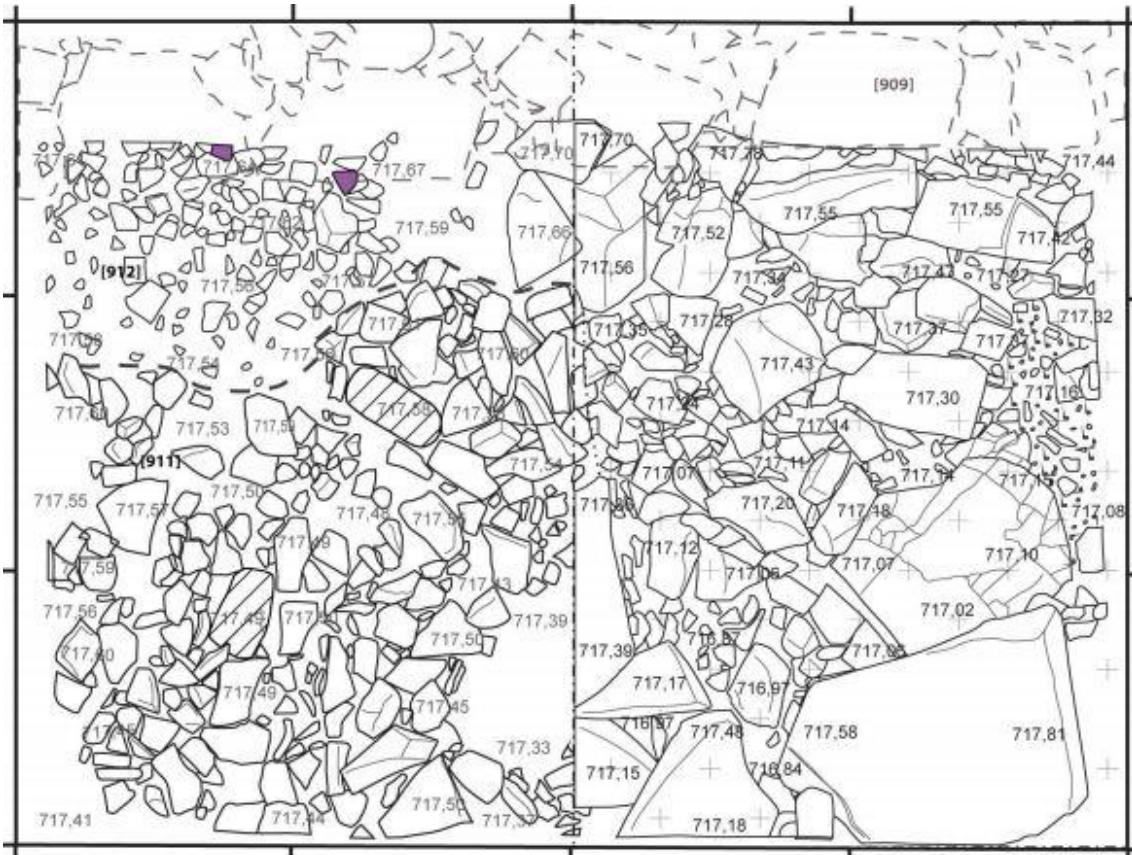


Fig. 25 - Plano final da sondagem com a metade Este totalmente escavada (ALMEIDA *et al*, 2011). ESC. = 1: 40

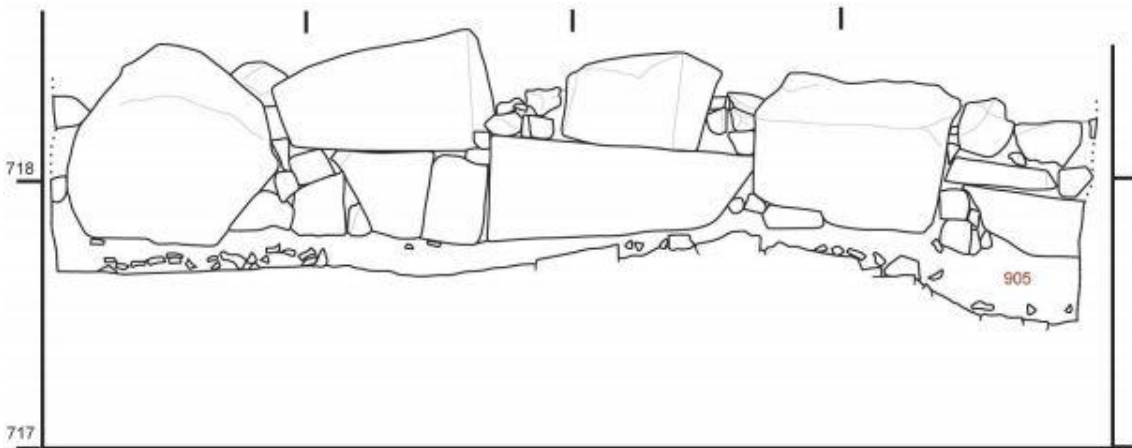


Fig. 26 - Alçado da estrutura [905] (ALMEIDA *et al*, 2011). ESCALA = 1: 40

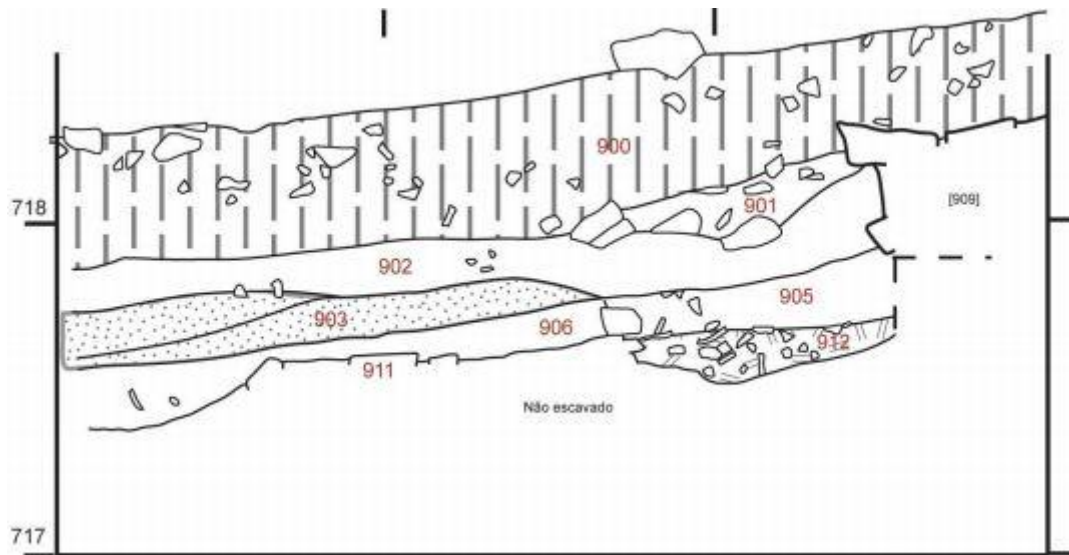


Fig. 27 - Perfil Noroeste (ALMEIDA *et al*, 2011). ESCALA = 1: 40

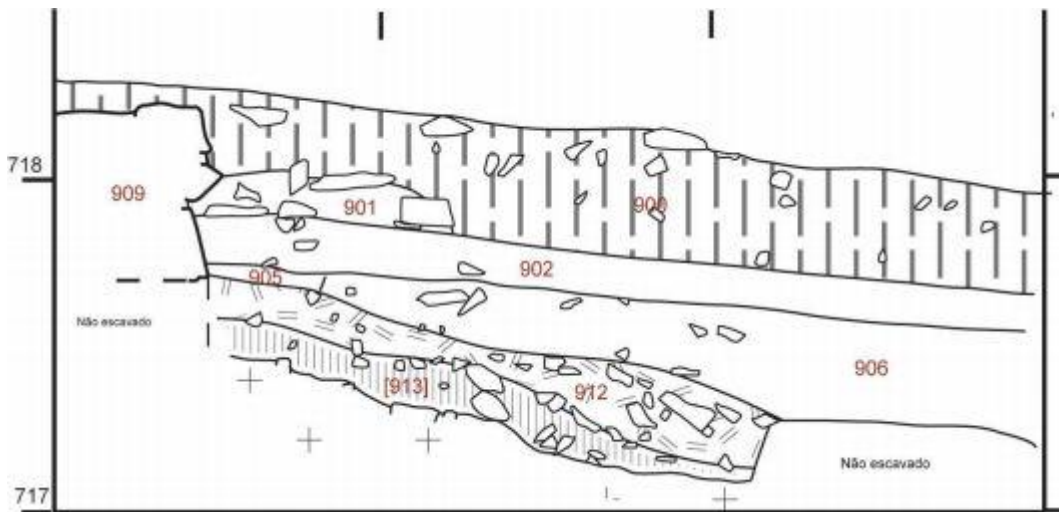


Fig. 28 - Perfil Sudeste (ALMEIDA *et al*, 2011). ESCALA = 1: 40

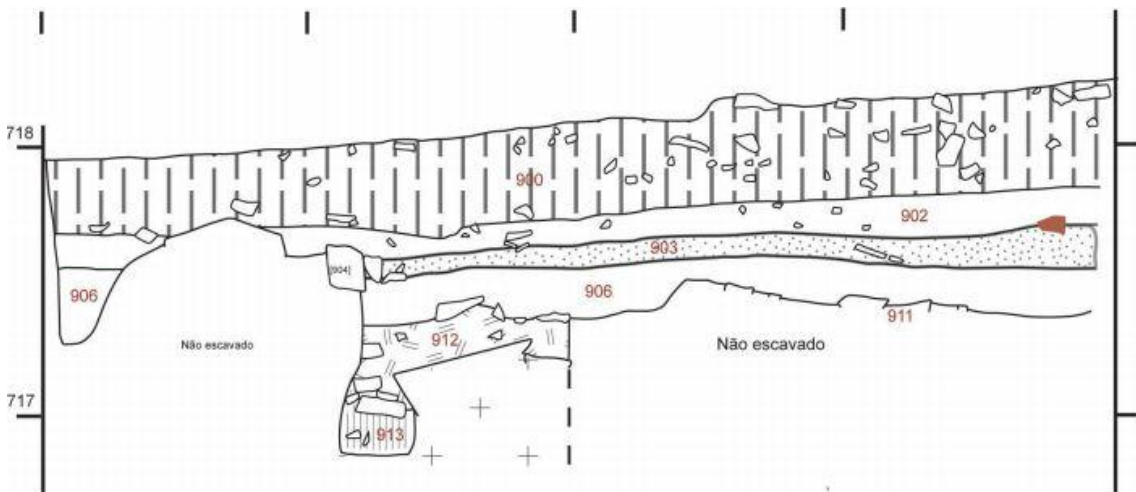


Fig. 29 - Perfil Sudoeste (ALMEIDA *et al*, 2011). ESCALA = 1: 40



Fig. 30 - Plano inicial da Sondagem 9 – U. E. [900].



Fig. 31 - Sondagem 9 – U. E. [901] e [902].



Fig. 32 - Sondagem 9 após alargamento. U. E. [902].



Fig. 33 - Sondagem 9, U.E. [903], [904].



Fig. 34 - Sondagem 9, Estrutura mural [904] e U.E. [905].



Fig. 35 - Sondagem 9, U.E. [905].



Fig. 36 - Sondagem 9, U.E. [906].



Fig. 37 - Sondagem 9, estrutura em cova [908] e seu enchimento [907].



Fig. 38 - Sondagem 9, U.E. [912] e lajeado [911].



Fig. 39 - Sondagem 9, Plano final. Afloramento granítico, fendido e com pendor para Sudoeste.



Fig. 40 - Negativo de elemento vegetal em fragmento de fundo de produção manual.



Fig. 41A - Vestígios de elementos orgânicos preservados no interior do recipiente nº 590.

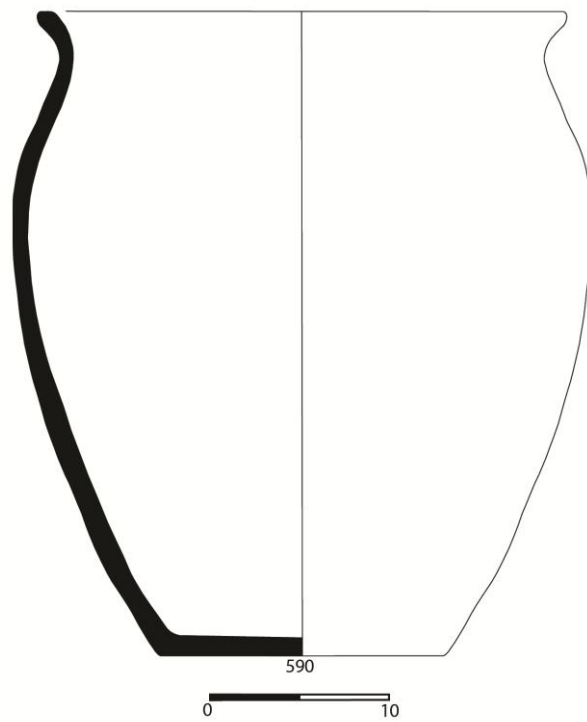


Fig. 422B – Recipiente nº 590, Fase III.

Índice de estampas:

Estampa I – Tabela de formas de produção manual;

Estampa II – Tabela de formas de produção ao torno;

Estampa III-VII – Cerâmicas exumadas na Fase I – U.E. [912];

Estampa VIII – Cerâmicas exumadas na Fase I – U.E. [910];

Estampa IX-XVIII – Cerâmicas exumadas na Fase II – U.E. [906];

Estampa XIX – Cerâmicas exumadas na Fase III – U.E. [907];

Estampa XX-XXI – Cerâmicas exumadas na Fase III – U.E. [903A];

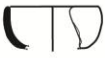
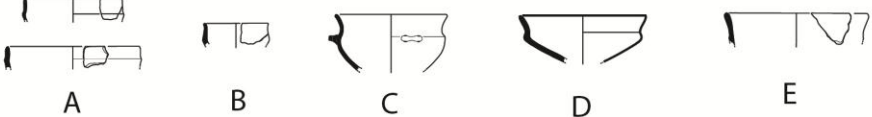
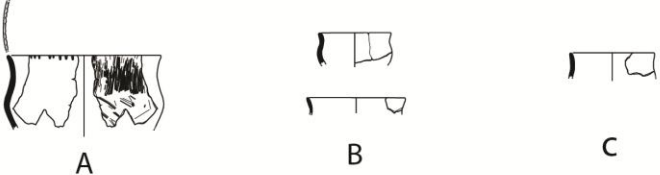

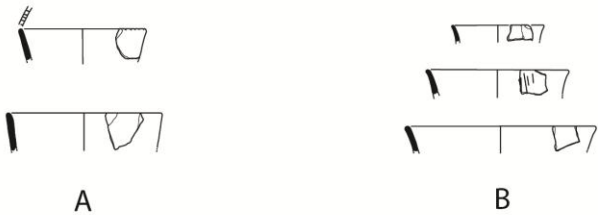

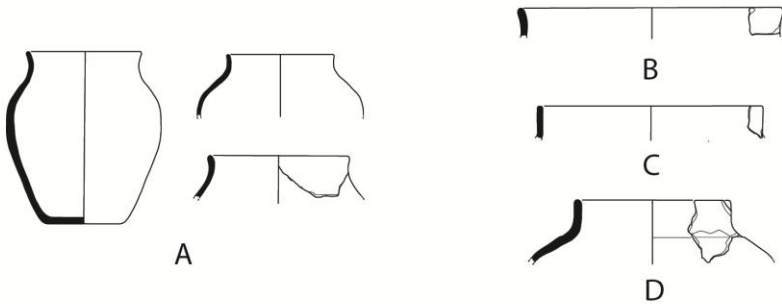
Estampa XXII – Cerâmicas exumadas na Fase III – U.E. [903];

Estampa XXIII – Cerâmicas exumadas na Fase IV – U.E. [905];

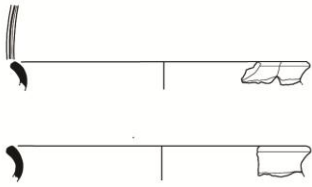
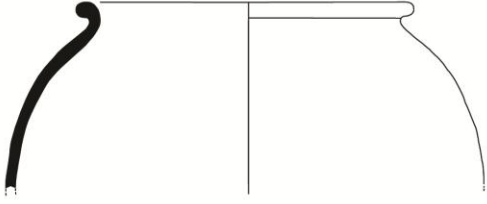

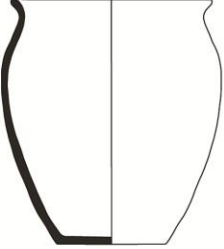
Estampa XXIV-XXV – Cerâmicas exumadas na Fase IV – U.E. [902];

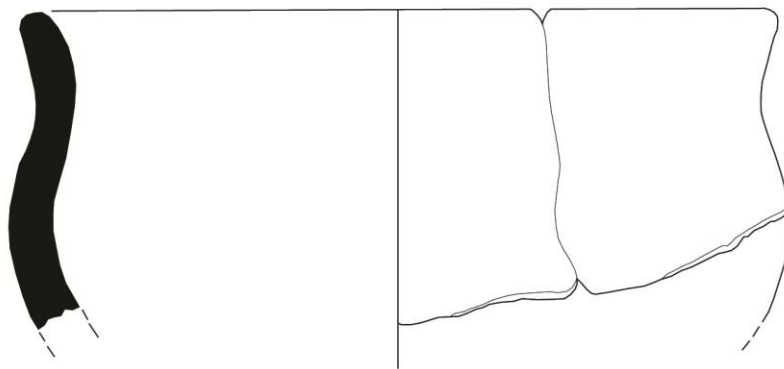
Estampa XXVI-XXVIII – Cerâmicas exumadas na Fase de Pós-abandono – U.E. [900],
[901].

Formas de produção manual

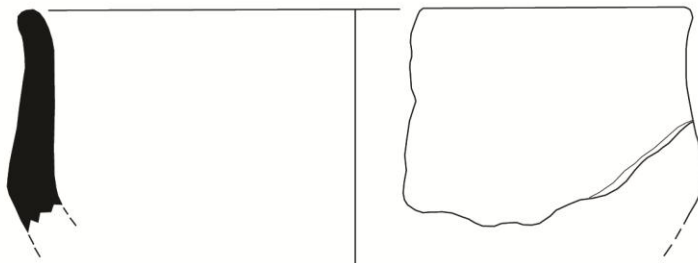
<p>Tipo 1</p>	
<p>Tipo 2</p>	
<p>Tipo 3</p>	
<p>Tipo 4</p>	
<p>Tipo 5</p>	
<p>Tipo 6</p>	
<p>Tipo 7</p>	

Formas de produção ao torno

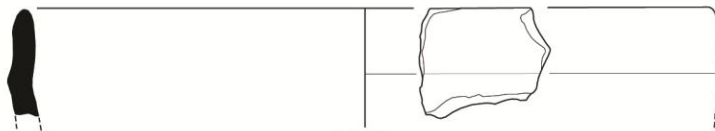
<p>Tipo 8</p>	
<p>Tipo 9</p>	
<p>Tipo 10</p>	
<p>Tipo 11</p>	



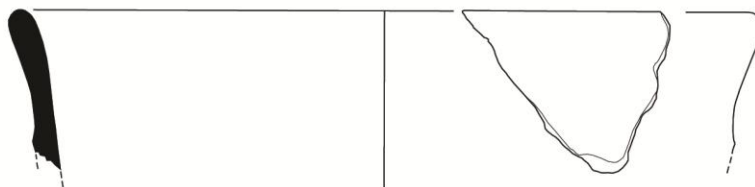
1195



1203



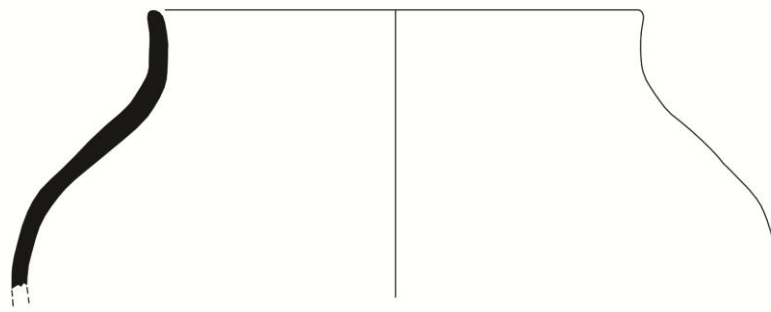
1199



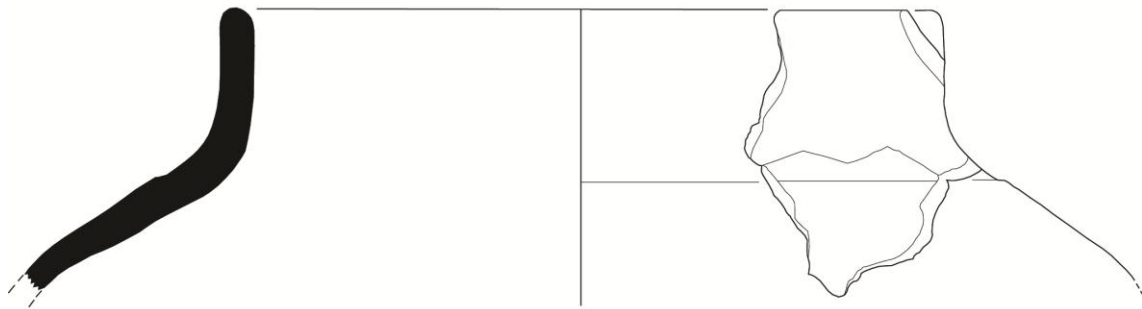
1198



Fase I (U.E. 912) - Cerâmica de produção manual. Recipiente de perfil em "S" (1195) e recipientes carenados (1198; 1199; 1203).



1205



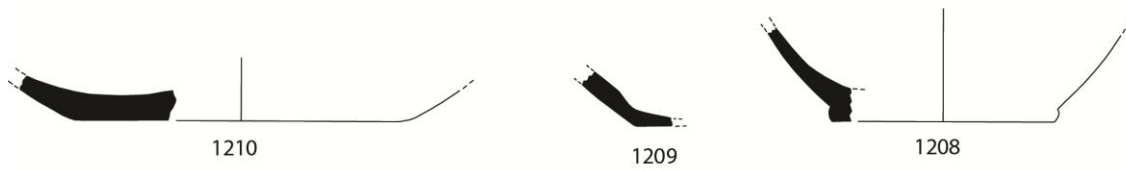
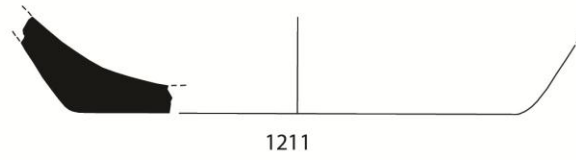
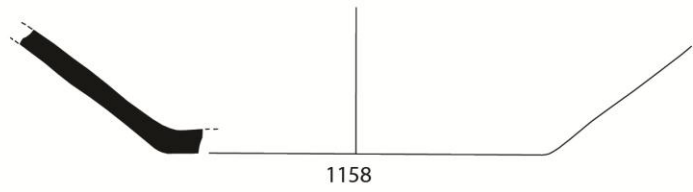
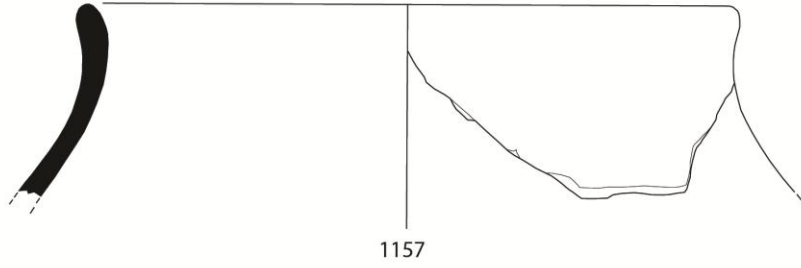
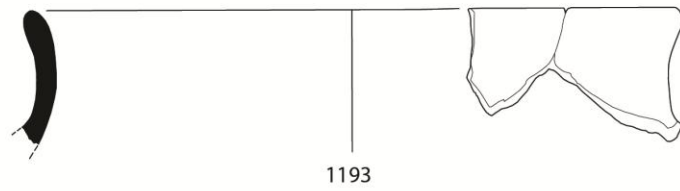
1156



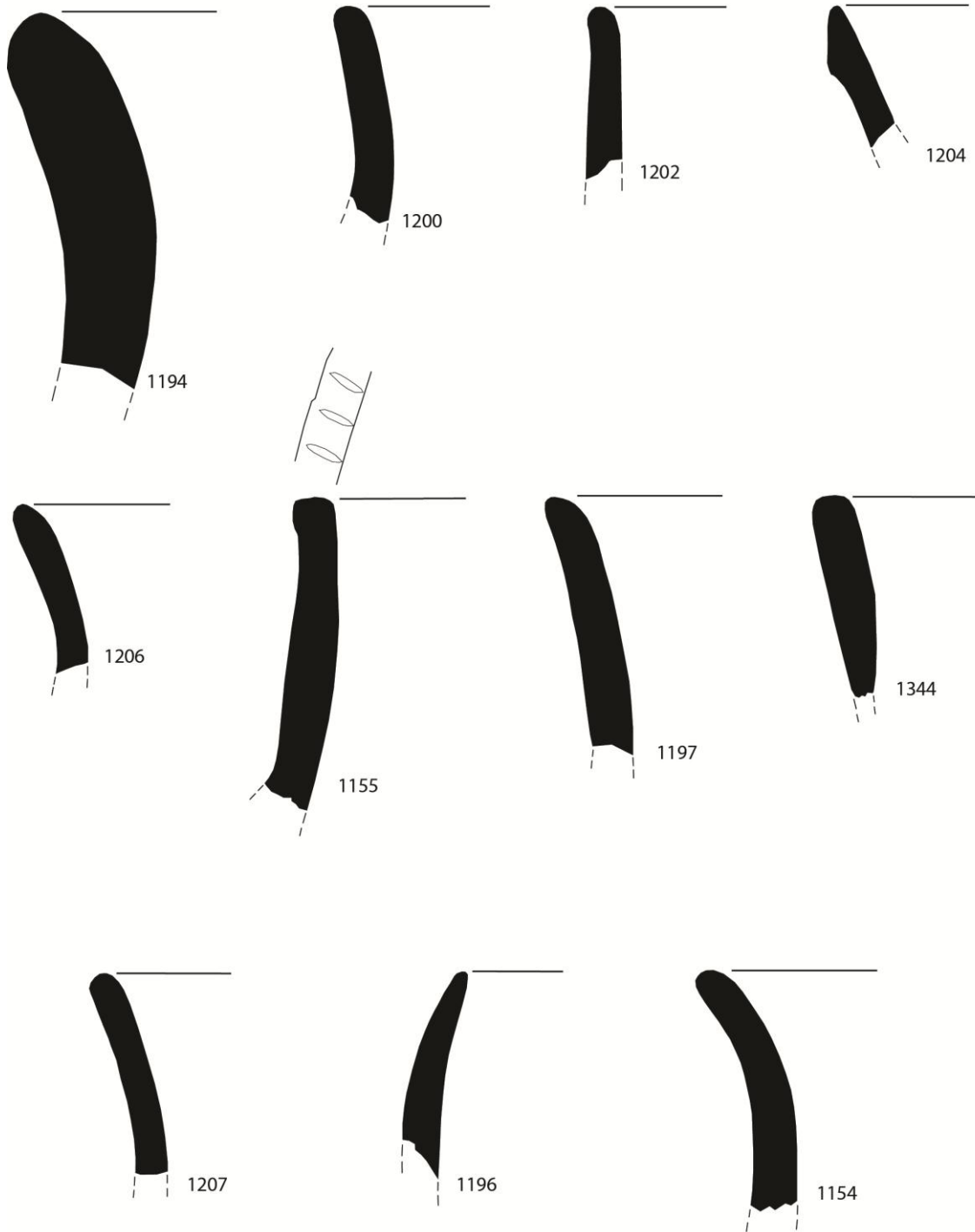
1201



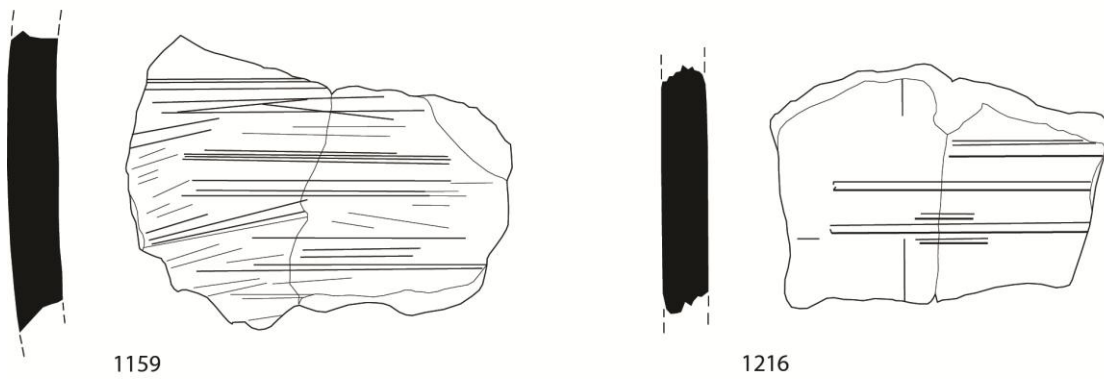
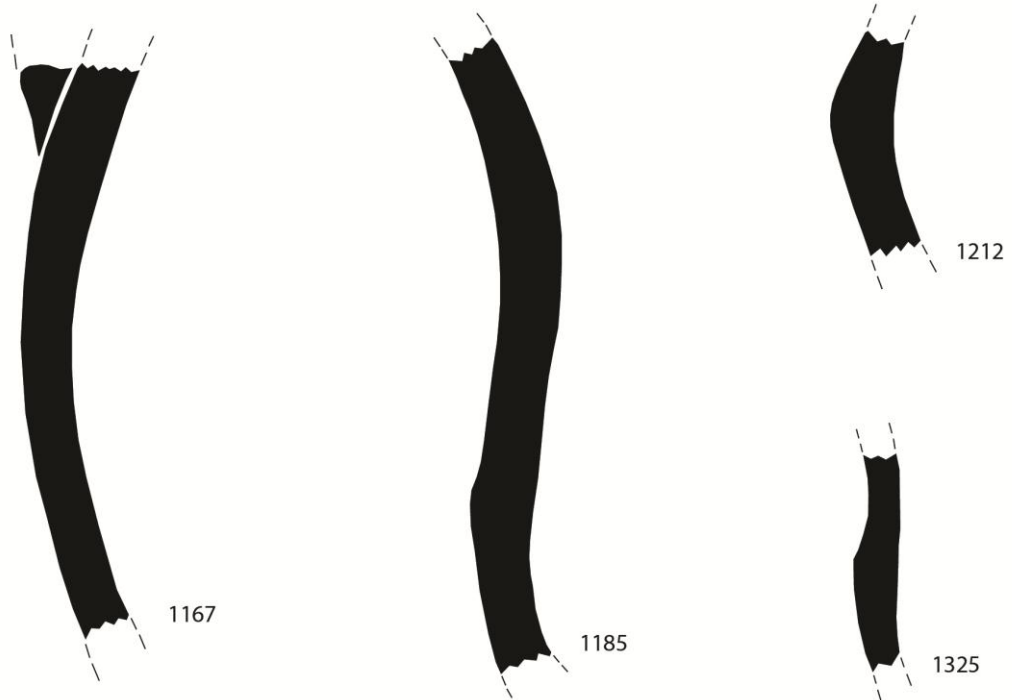
Fase I (U.E. 912) - Cerâmica de produção manual. Potes.



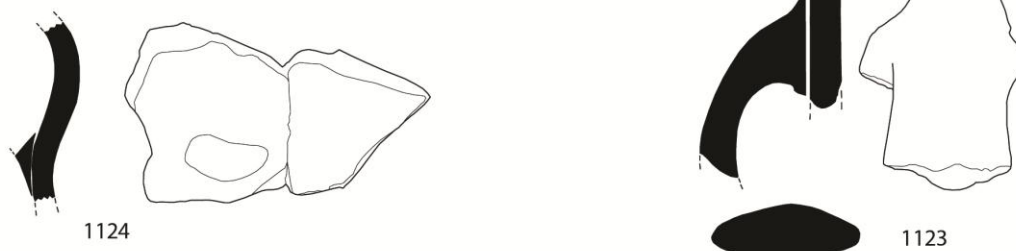
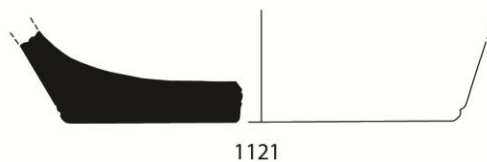
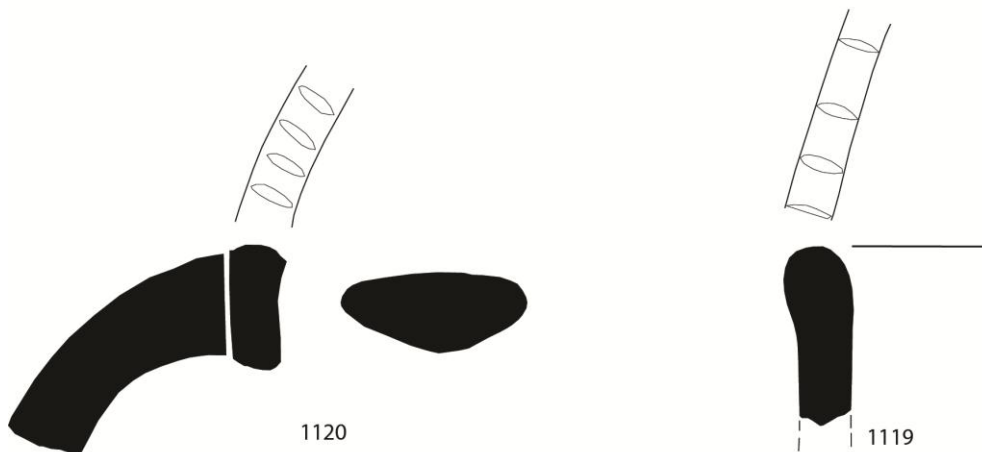
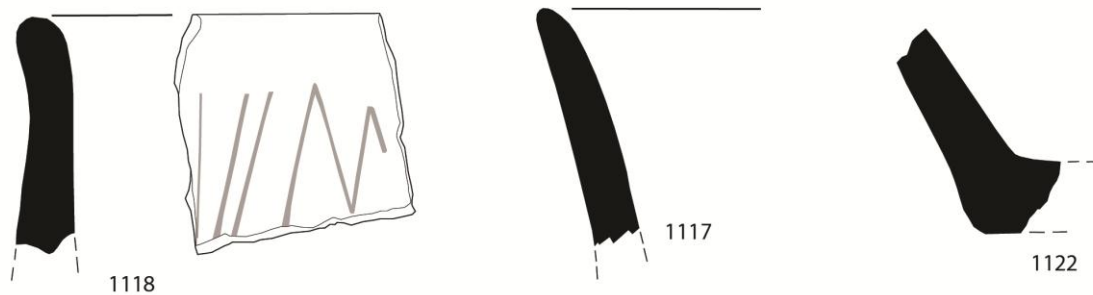
Fase I (U.E. 912) - Cerâmica de produção manual. Potes (1157; 1193) e fundos.



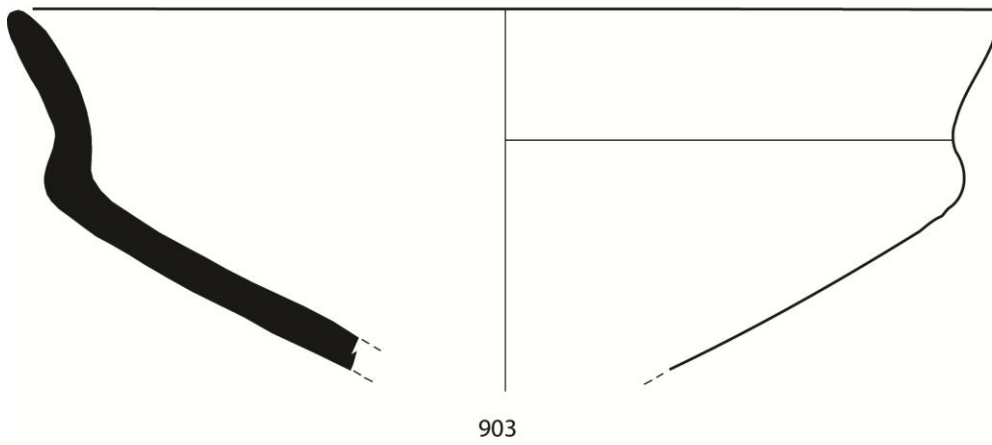
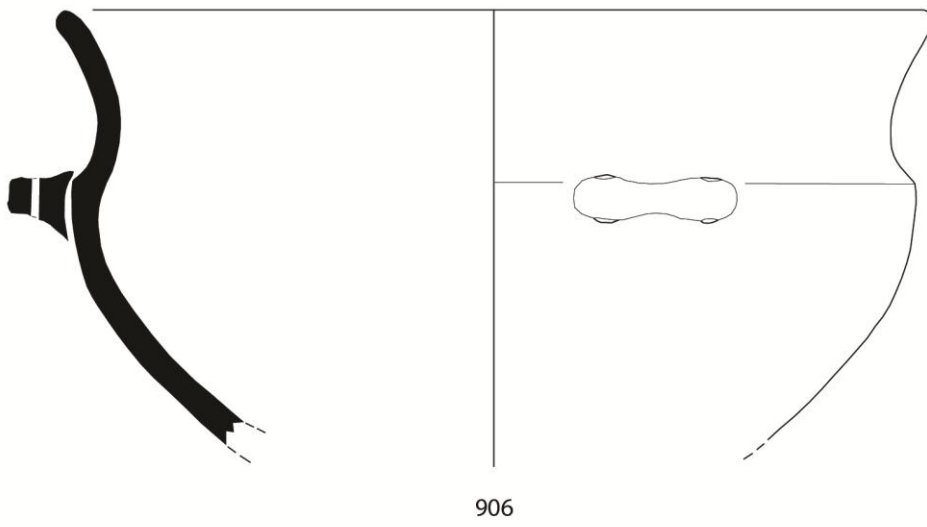
Fase I (U.E. 912) - Cerâmica de produção manual. Bordos.



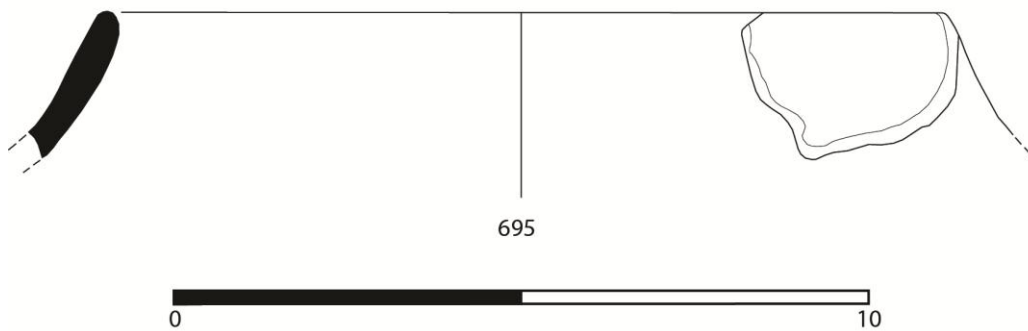
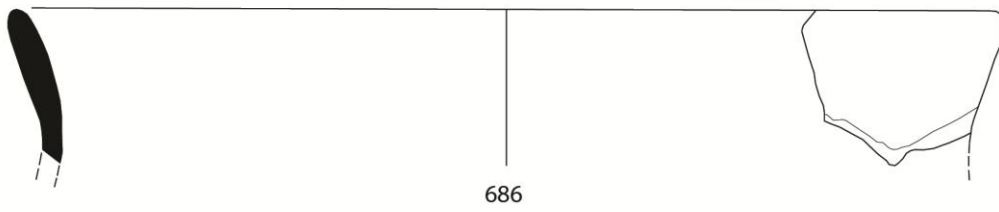
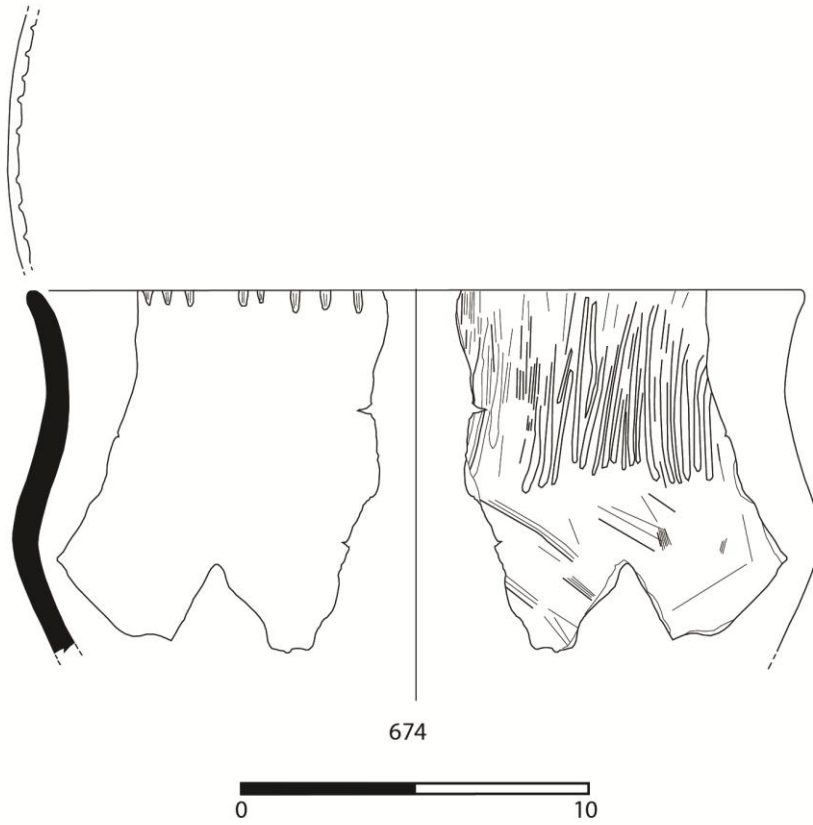
Fase I (U.E. 912) - Cerâmica de produção manual. Bojos sem decoração, (1167; 1185; 1212; 1325), "cepillado" (1159) e com decoração penteada (1216).



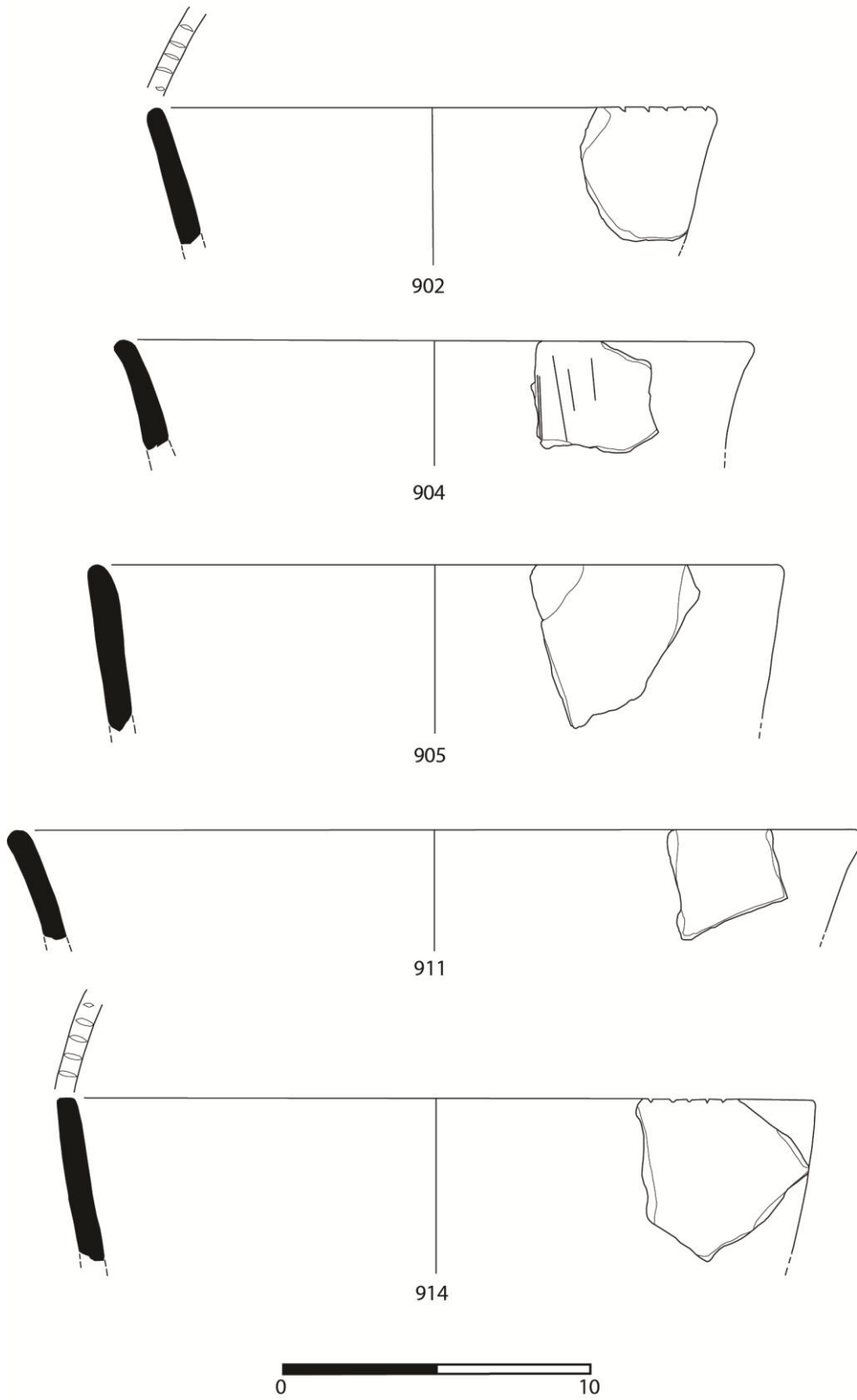
Fase II (U.E. 910) - Cerâmica de produção manual. Bordo com decoração brunida (1118), bordos (1117; 1119), fundos (1121; 1122), bojo com arranque de asa (1124) e asas de fita (1120; 1123).



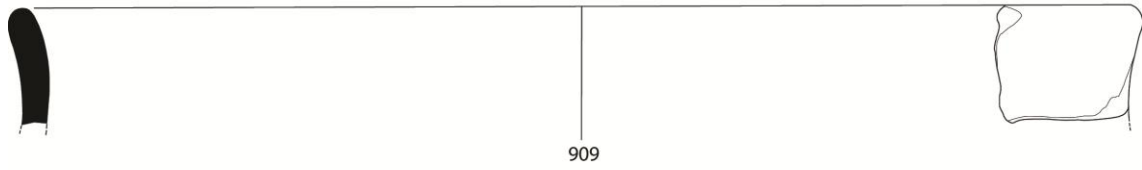
Fase II (U.E. 906) - Cerâmica de produção manual. Recipientes carenados.



Fase II (U.E. 906) - Cerâmica de produção manual. Recipientes de perfil "S" (674; 686) e recipiente de bordo introvertido (695).



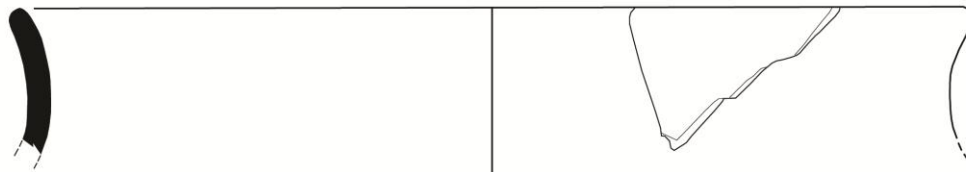
Fase II (U.E. 906) - Cerâmica de produção manual. Recipientes de perfil recto ou semi-recto.



909



913



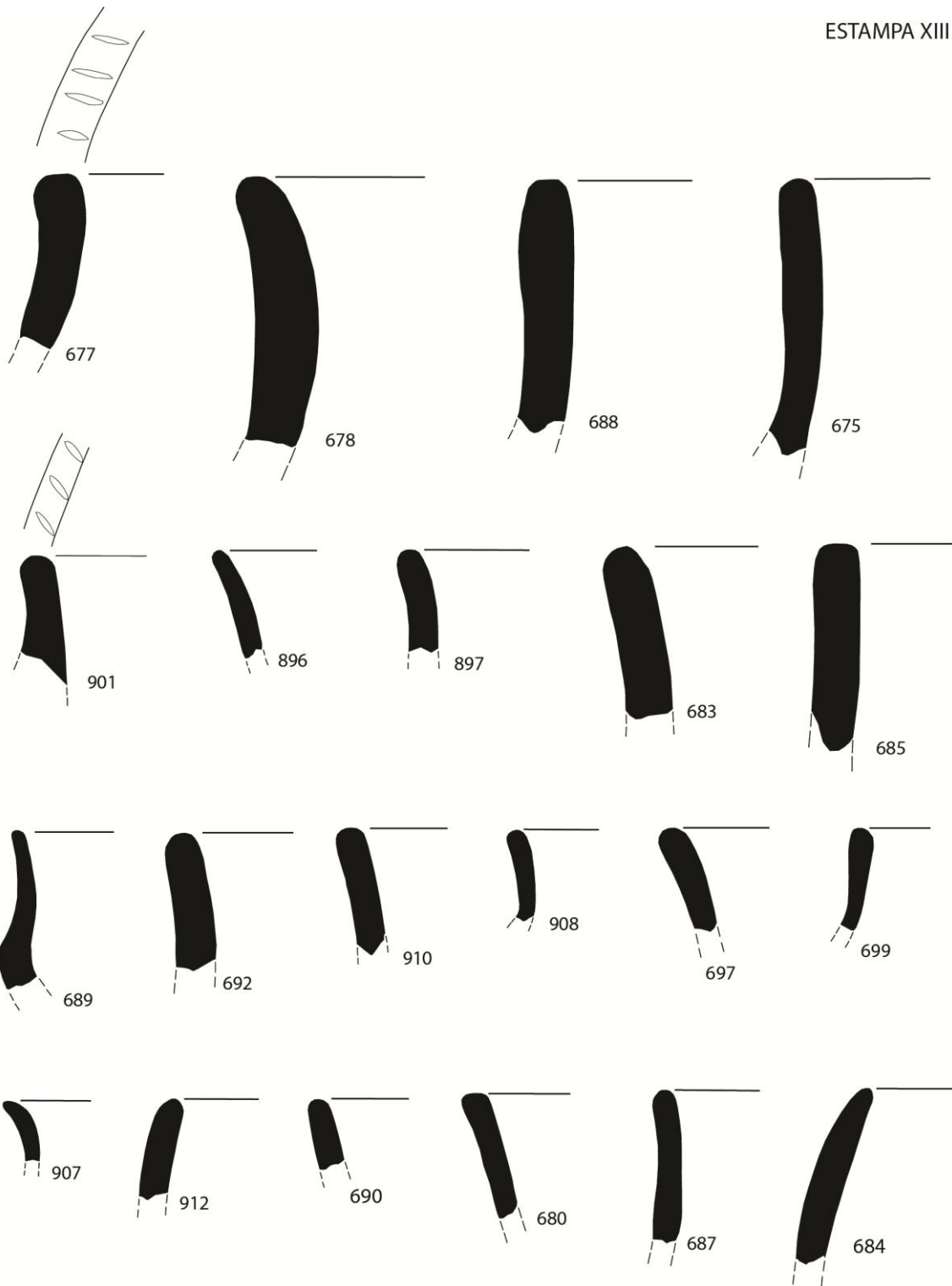
703



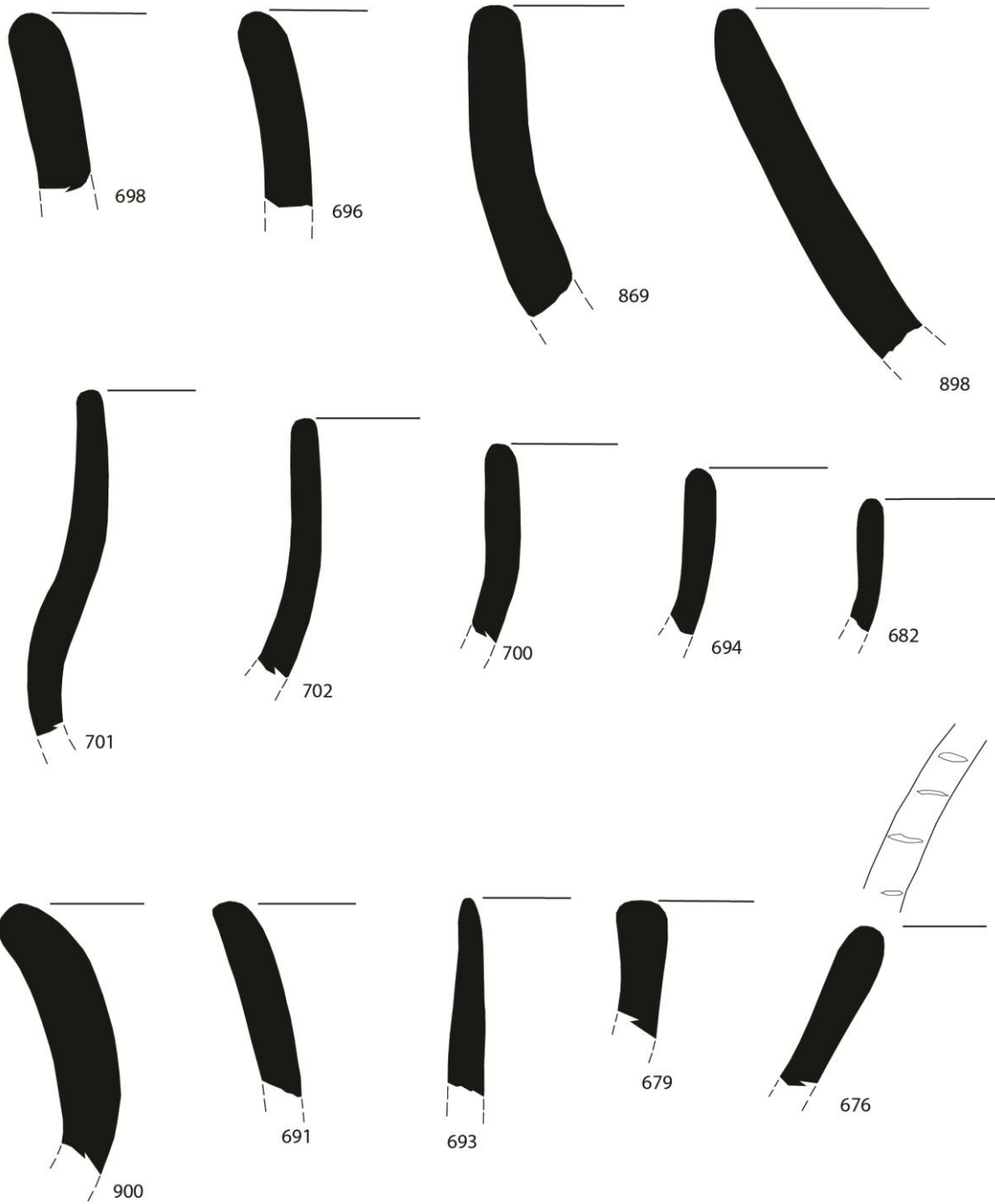
899



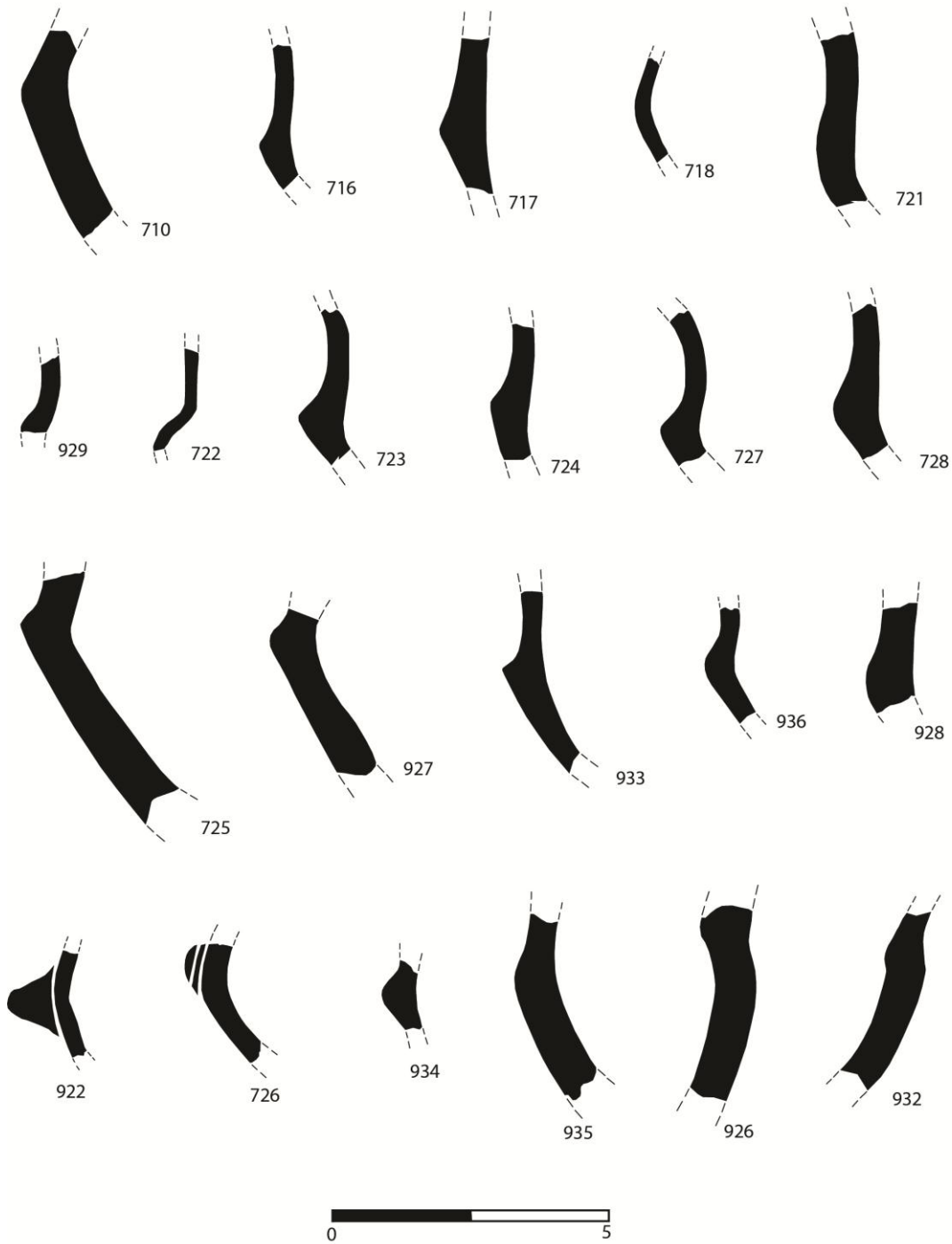
Fase II (U.E. 906) - Cerâmica de produção manual. Potes.



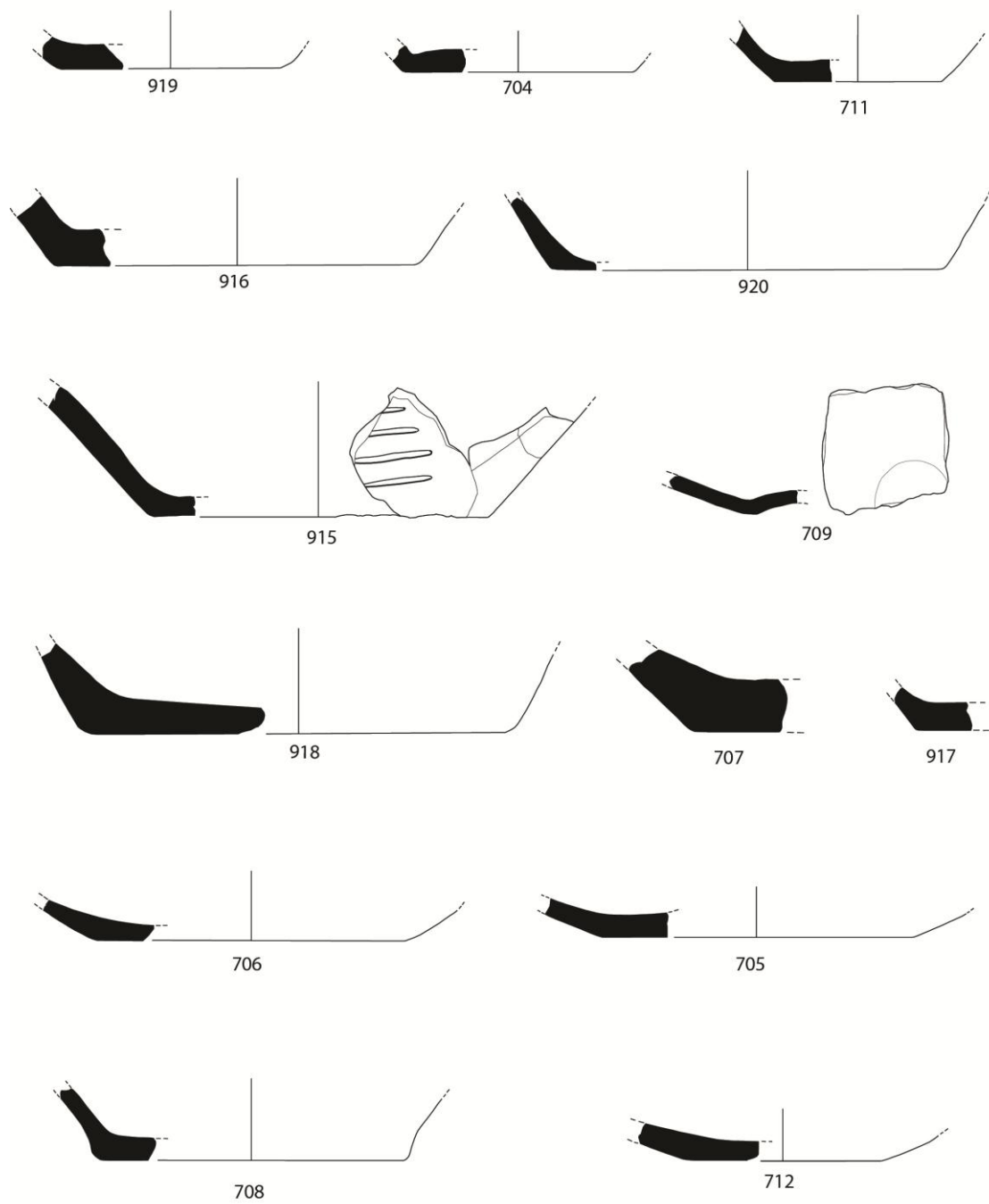
Fase II (U.E. 906) - Cerâmica de produção manual. Bordos.



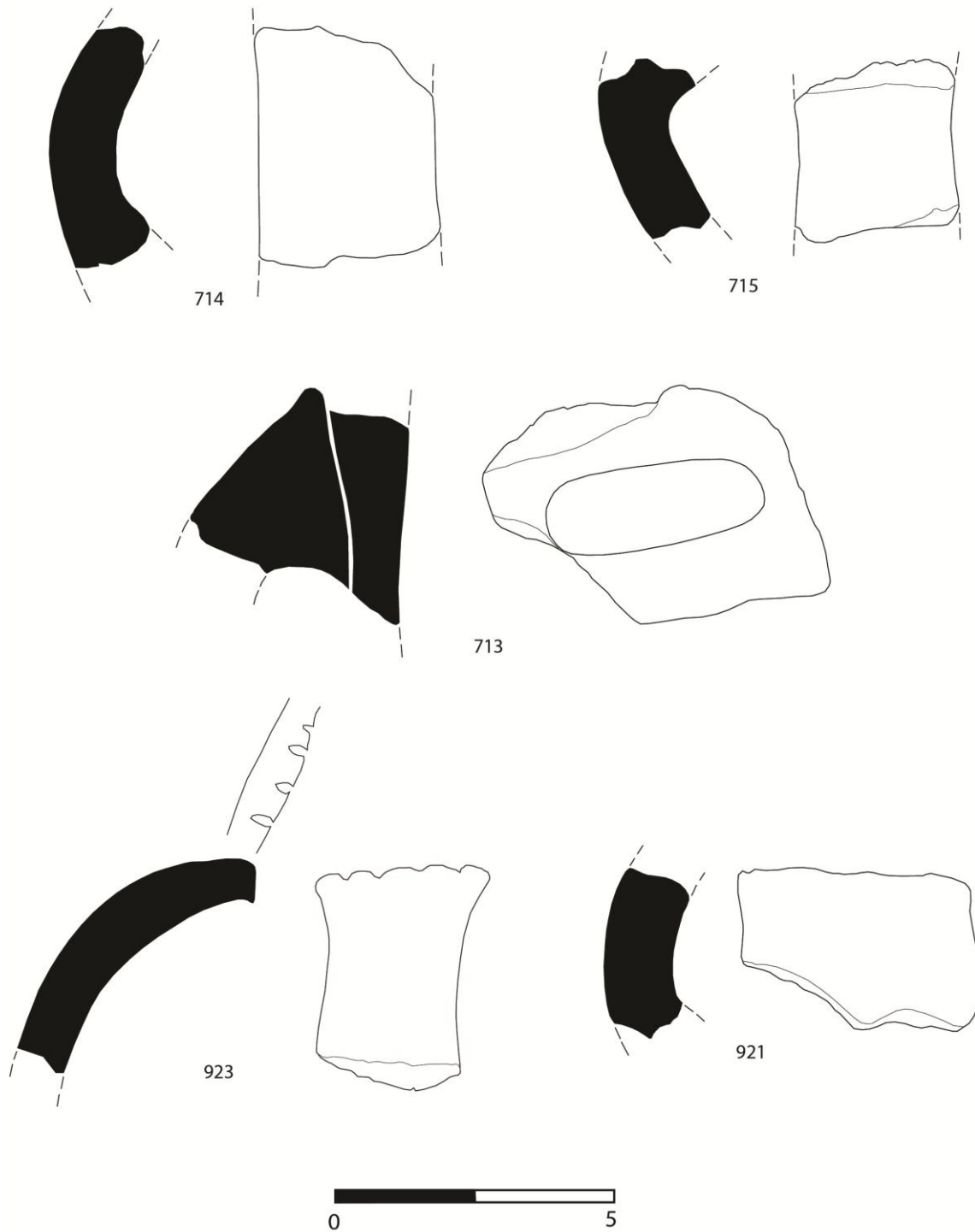
Fase II (U.E. 906) - Cerâmica de produção manual. Bordos.



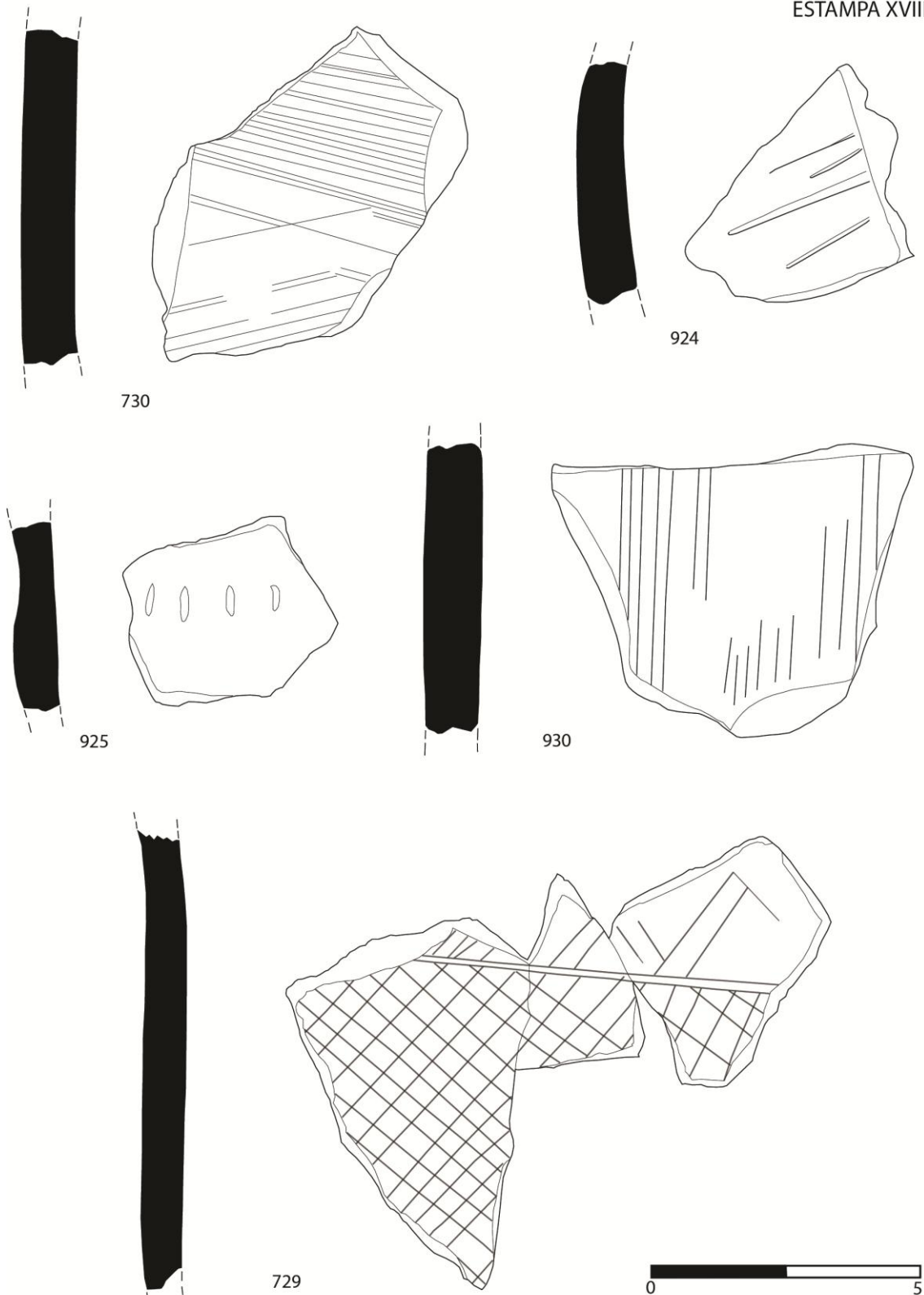
Fase II (U.E. 906) - Cerâmica de produção manual. Fragmentos de recipientes carenados.



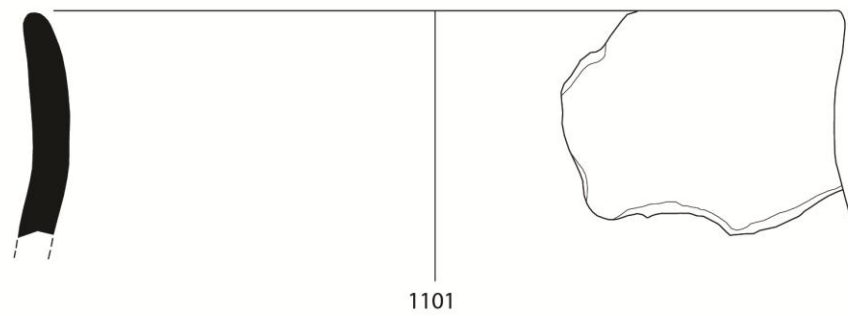
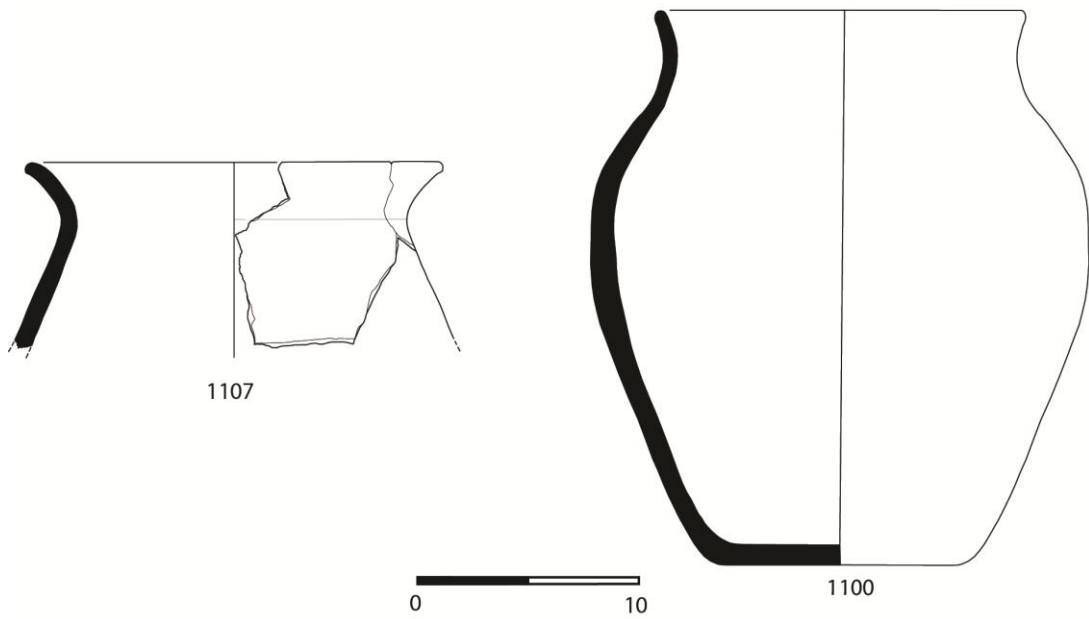
Fase II (U.E. 906) - Cerâmica de produção manual. Fundos.



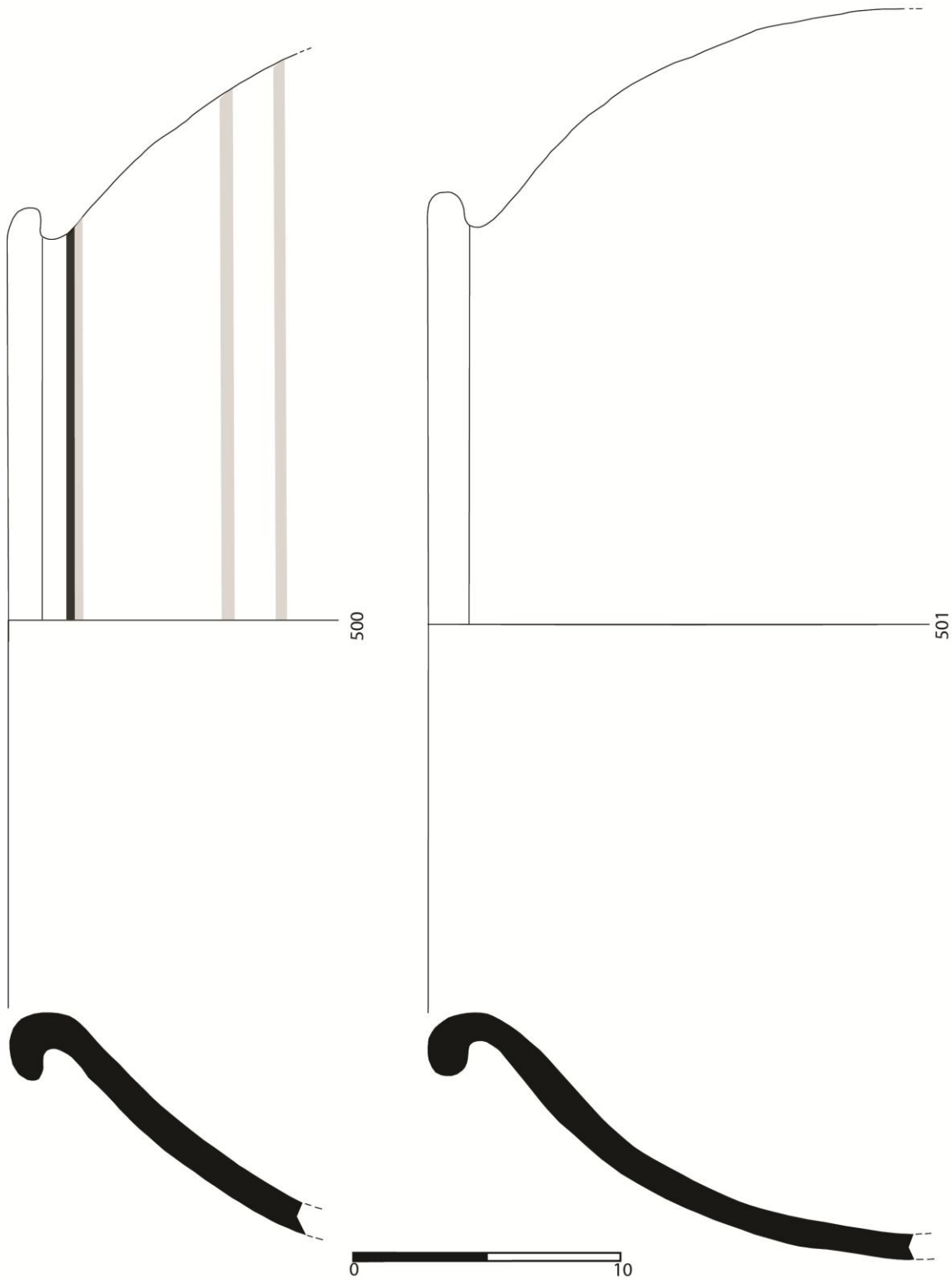
Fase II (U.E. 906) - Cerâmica de produção manual. Fragmentos de asas em fita.



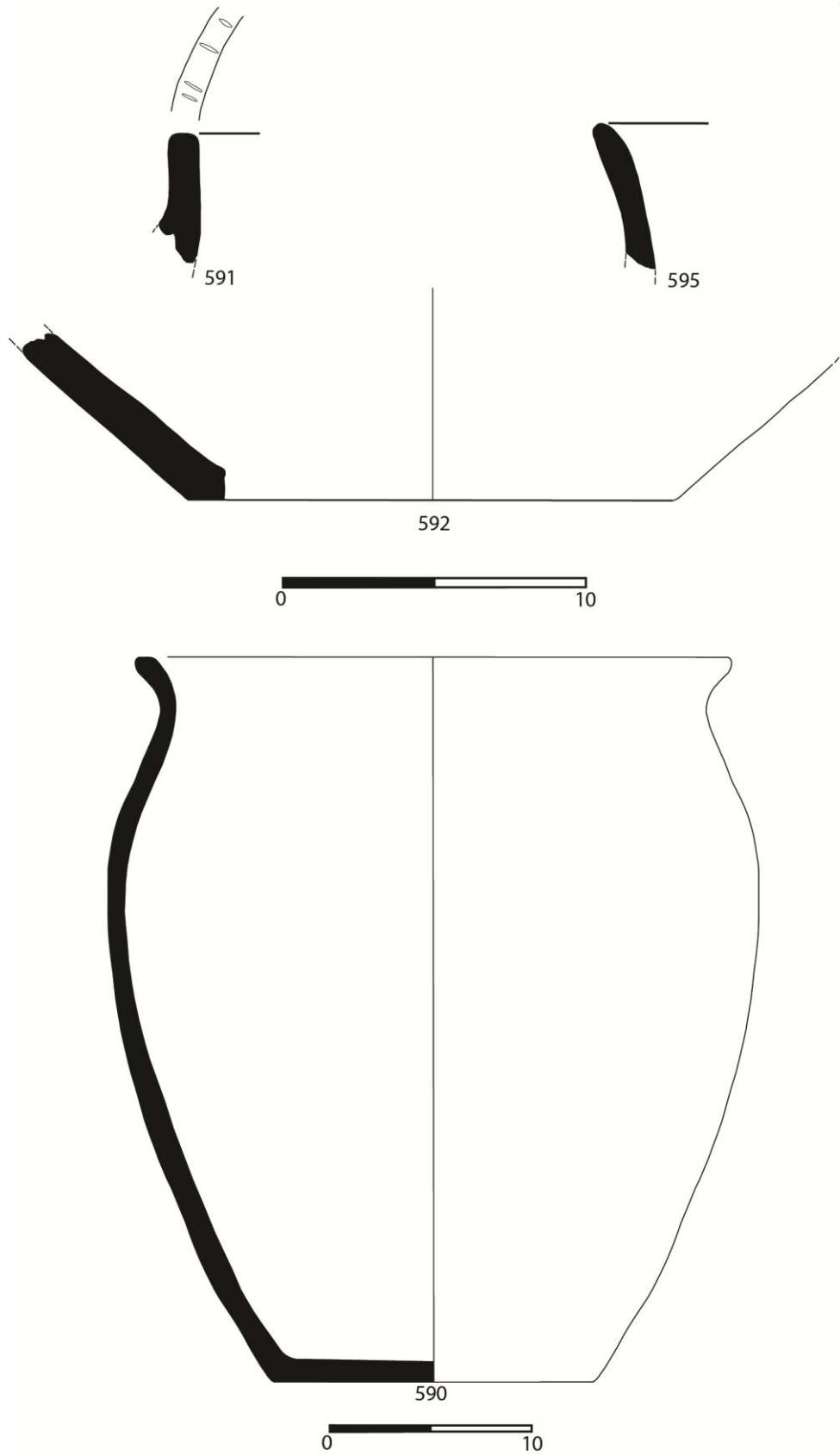
Fase II (U.E. 906) - Cerâmica de produção manual (729; 924; 925) e indeterminada (730; 930).
 Fragmentos com decoração penteada (730; 930), decoração canelada (924), decoração impressa -
 puncionada (925) e decoração brunida - sulcos (729).



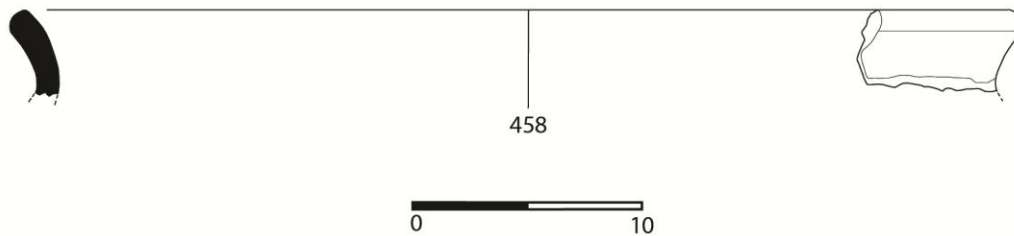
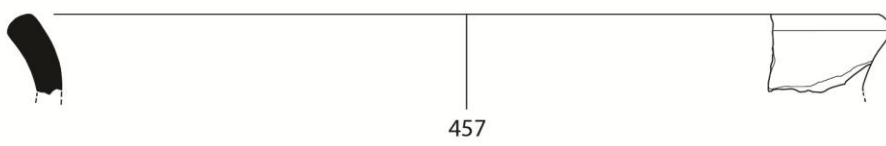
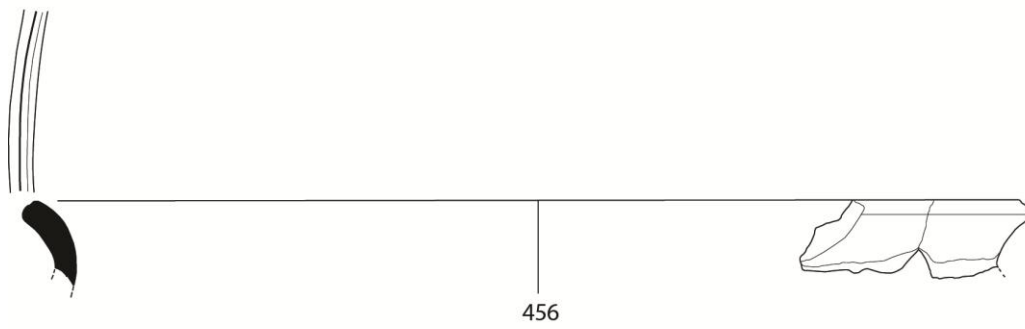
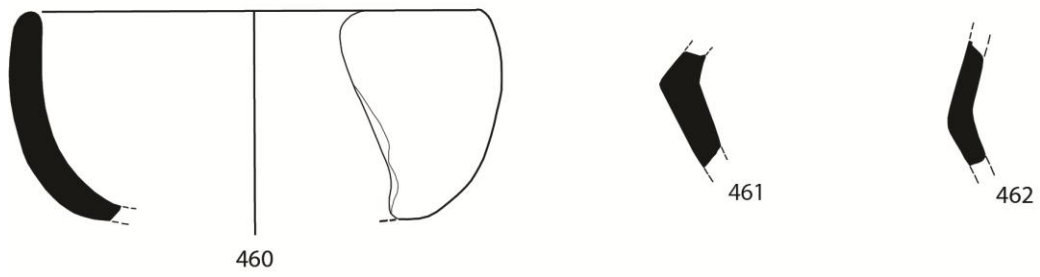
Fase III (U.E. 907) - Cerâmica de produção manual. Potes (1100; 1107), recipiente de perfil em "S" (1101), bordo (1108) e fundo com ônfalo (1116).



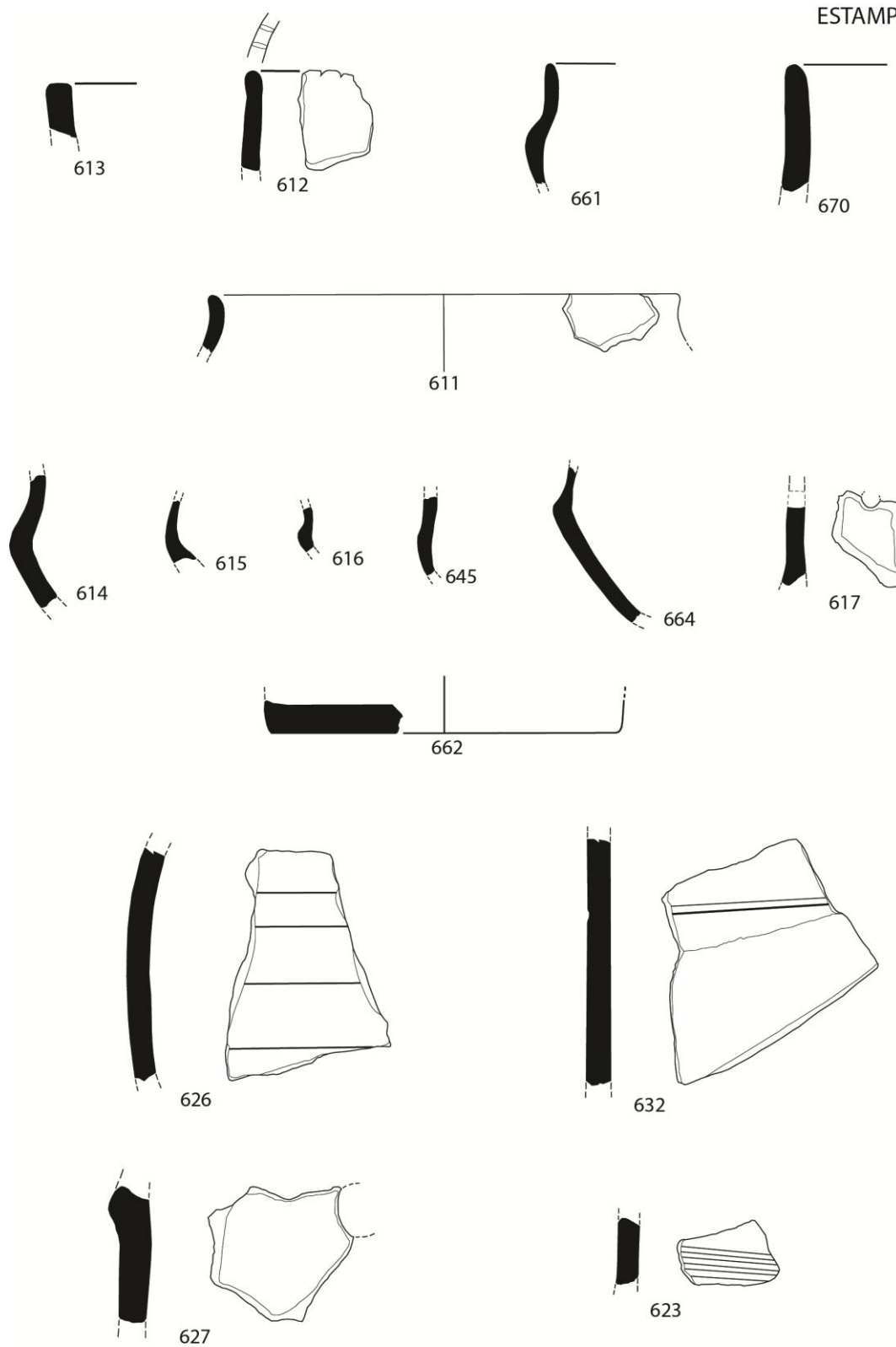
Fase III (U.E. 903A) - Cerâmica de produção ao torno. Talhas, com e sem decoração pintada.



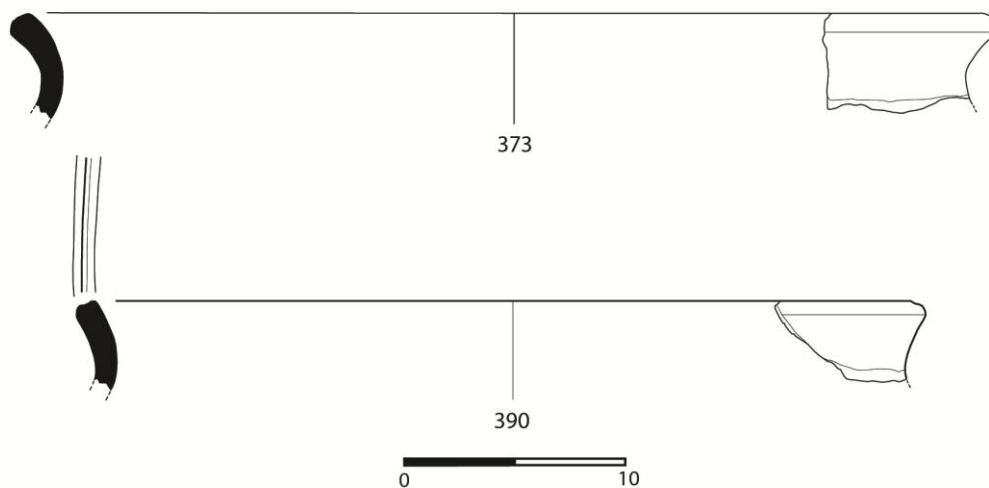
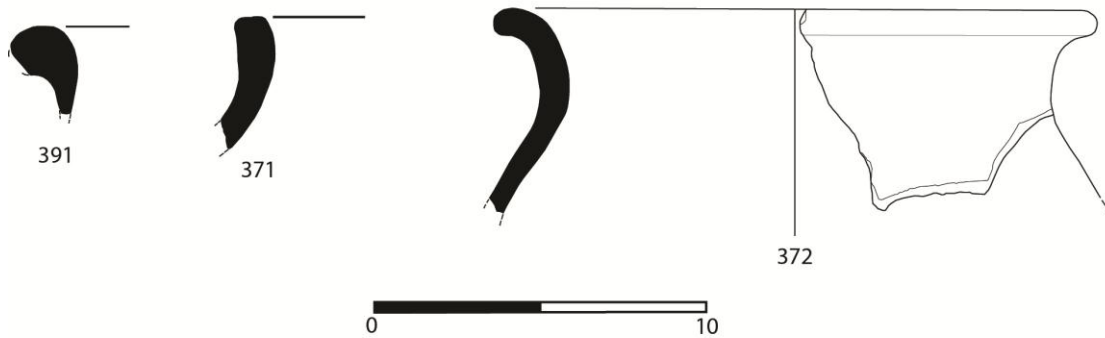
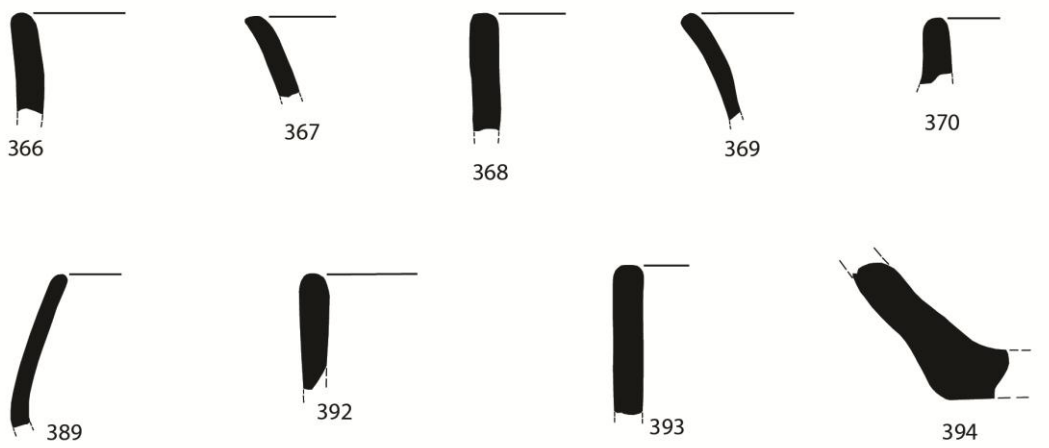
Fase III (U.E. 903A) - Cerâmica de produção manual (591; 595) e ao torno (590; 592).



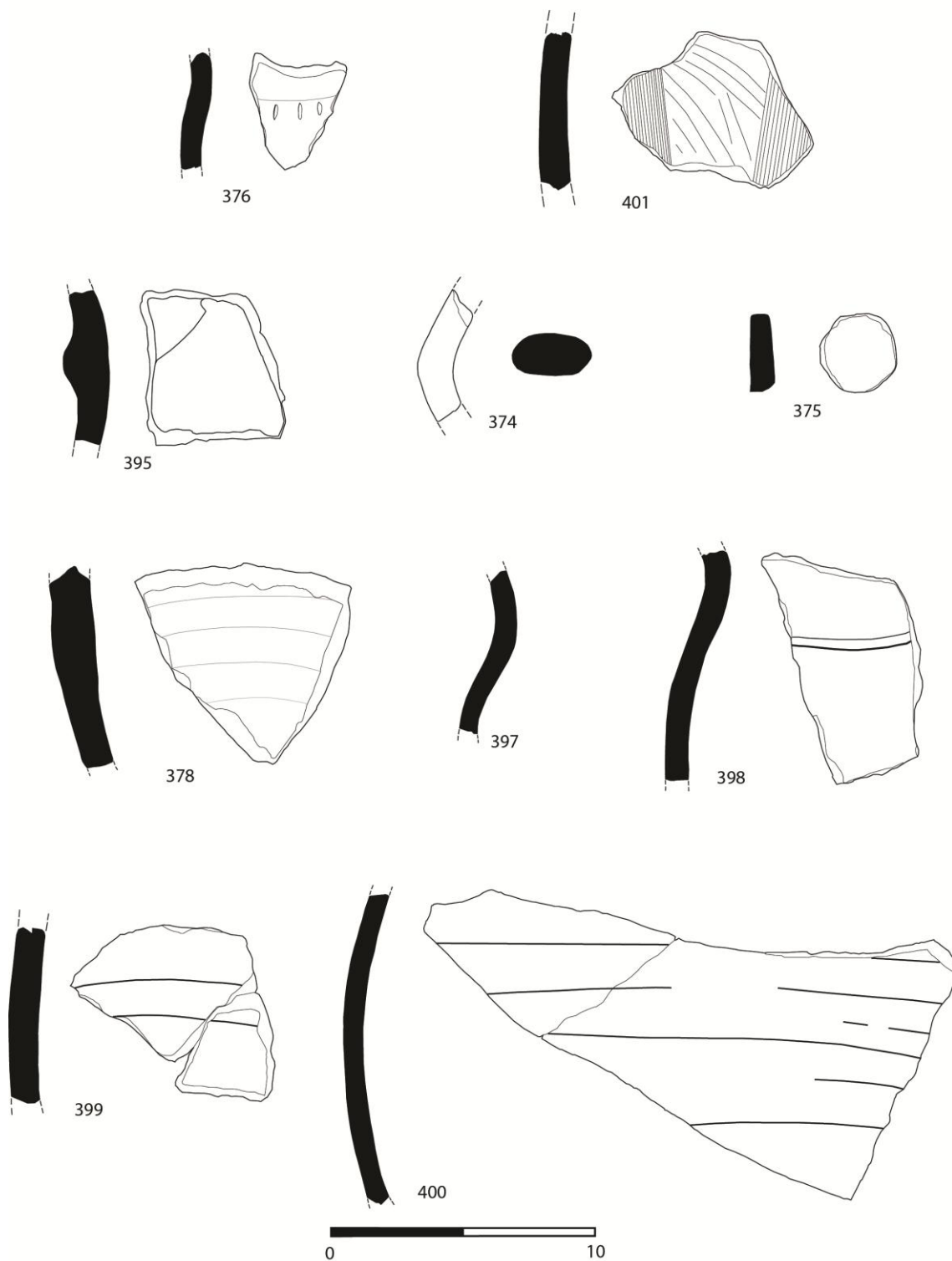
Fase III (U.E. 903) - Cerâmica de produção manual (460; 461; 462) e ao torno (456; 457; 458; 459).



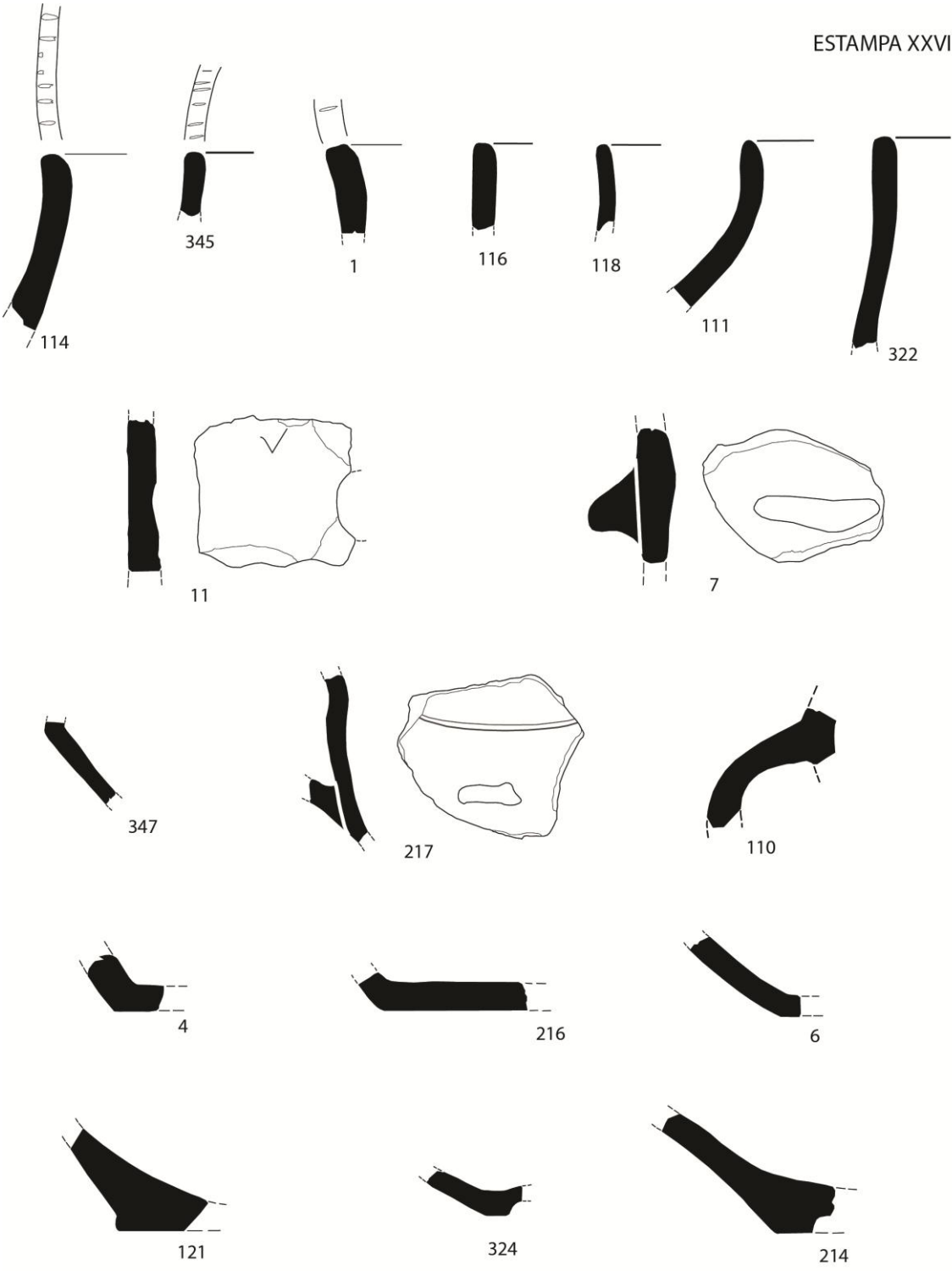
Fase IV (U.E. 905) - Cerâmica de produção manual (primeiras quatro filas),
ao torno (626; 627; 632) e de fabrico indeterminado (623).



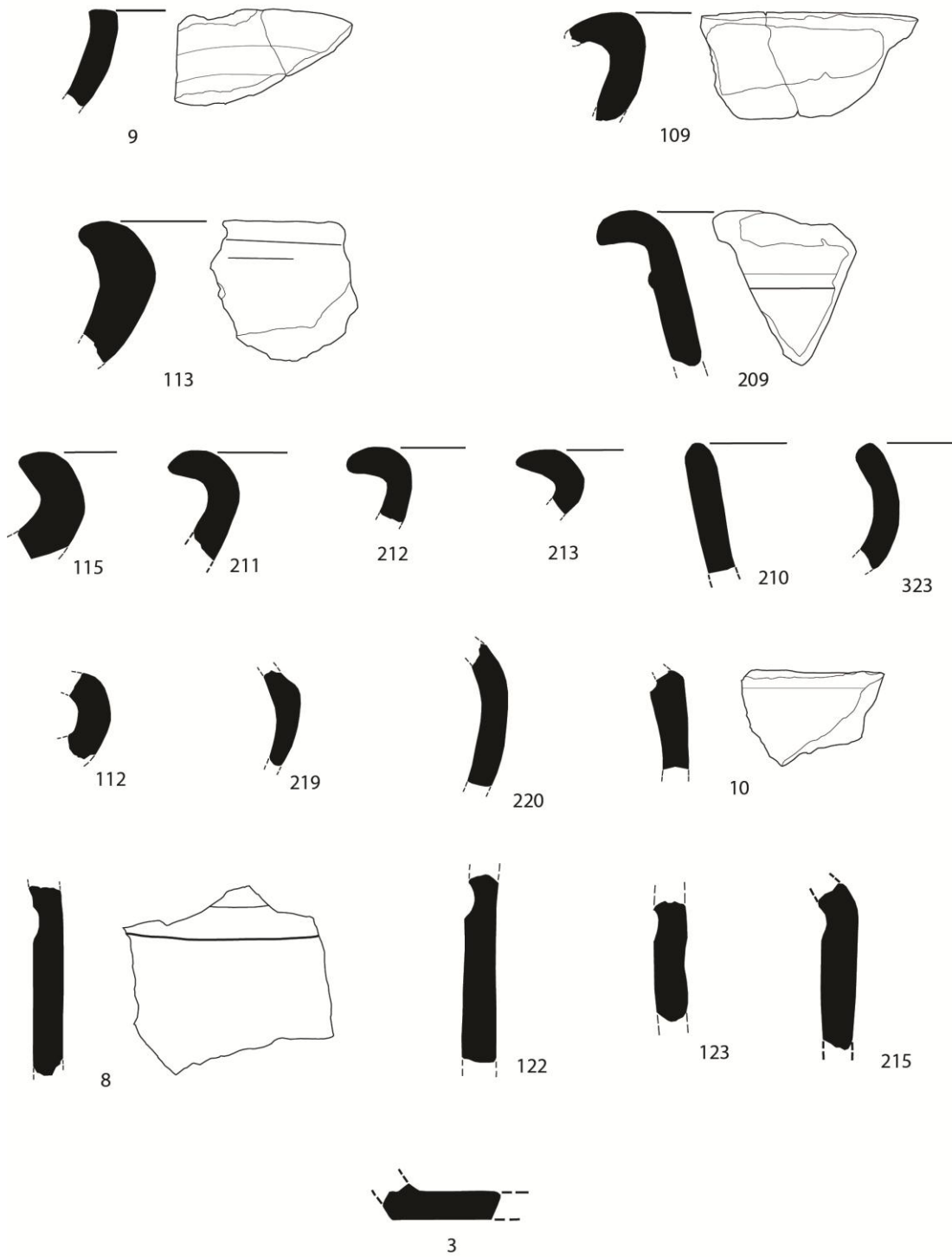
Fase IV (U.E. 902) - Cerâmica de produção manual (primeiras duas filas) e ao torno (restantes).
Potinho (372) e recipientes de corpo ovóide (373; 390).



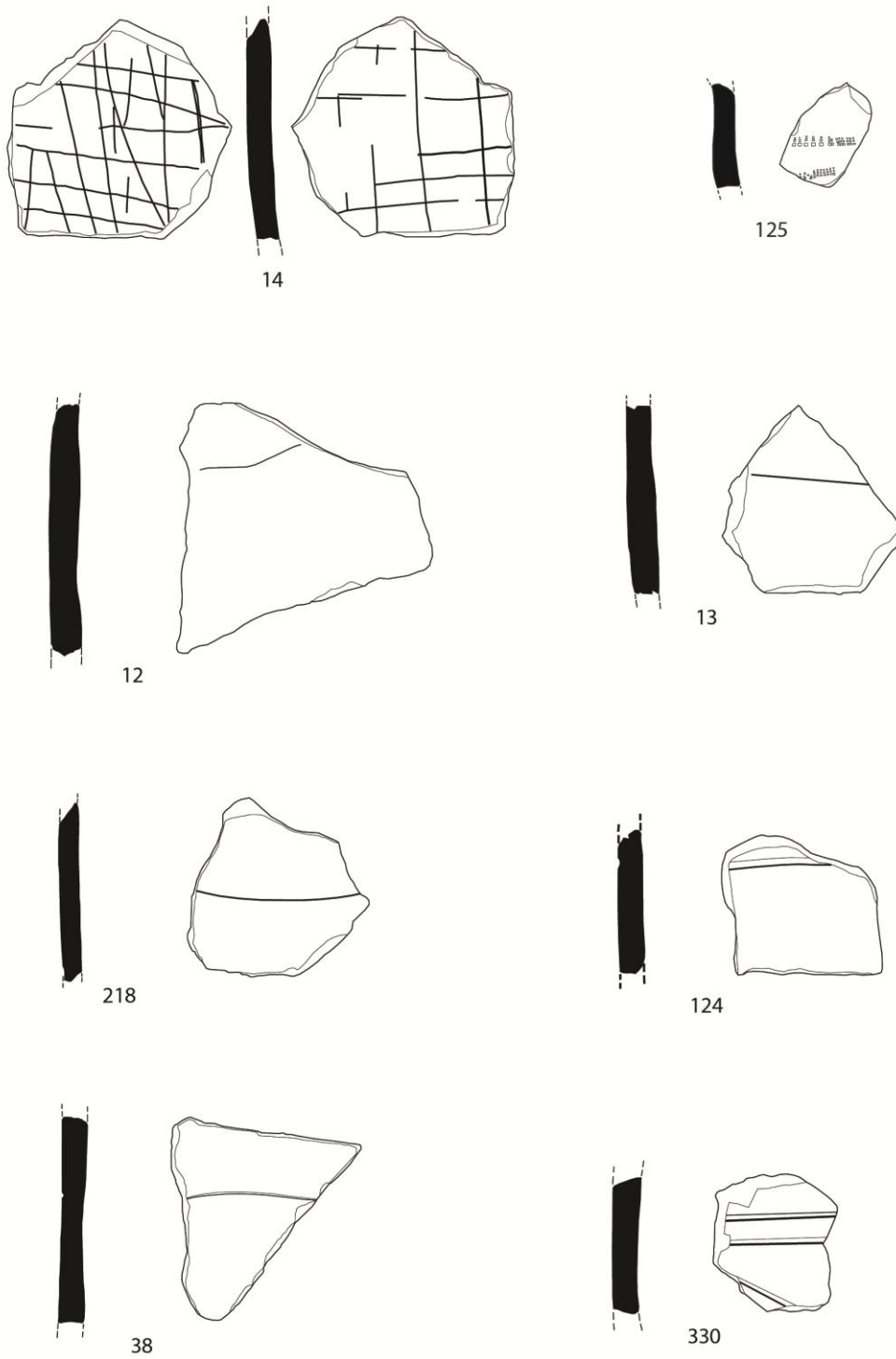
Fase IV (U.E. 902) - Cerâmica de produção manual (duas primeiras filas) e ao torno (restantes).
 Fragmento com decoração puncionada (376), decoração penteada (401), ficha (375), decoração
 canelada (398) e decoração incisa (399; 400).



Fase de Pós-abandono (U.E. 900 e 901) - Cerâmica de produção manual.



Fase de pós-abandono (U.E. 900 e 901) - Cerâmica de produção ao torno.



Fase de Pós-abandono (U.E. 900 e 901) - Cerâmica decorada de produção manual (14 - sulcos brunidos; 125 - estampilhado) e ao torno (12,13,218 - incisão; 38,124,330 - caneluras)

Inventário

Identificação			Fabrico	E.N.P.			Cor			Pasta	Trat. Superfície		Espessura	Decoração	
Nº	U.E.	Morfologia		Forma	Granul.	Freq.	Ext.	Núcleo	Int.		Ext.	Int.		Técnica	Local
1	900	Bordo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	C	G	A	10	Ungulação	Lábio
2	900	Fundo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	B	B	C	A	G	10		
3	900	Fundo	Torno	1; 2	2	1	B	A	B	C	A	A	8		
4	900	Fundo	Manual	1; 2	2	1	B	D	A	C	A	A	10		
5	900	Fundo	Torno	1; 2	2	1	B	B	B	C	A	A	8		
6	900	Fundo	Manual	1; 2	3	2	B	A	A	C	A	G	7		
7	900	Pega	Manual	1; 2	3	3	A	A	A	C	G	G	13		
8	900	Bojo	Torno	1; 2	2	2	A	A	C	HO	A	A	10		
9	900	Bordo	Torno	1; 2	2	2	A	D	C	C	A	A	8		
10	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	A	C	C	A	A	11		
11	900	Bojo	Manual	1; 2	3	3	C	C	D	A	A	G	11		
12	900	Bojo	Torno	1; 2	3	2	B	B	B	C	A	A	9	Incisão	Bojo
13	900	Bojo	Torno	1; 2	3	1	A	D	A	HO	A	A	9	Incisão	Bojo
14	900	Bojo	Manual	1; 2	1	1	A	A	A	HO	D	D	6	Sulcos Brunidos	Bojo
15	900	Bojo	Torno	1; 2	1	1	B	C	C	HO	A	A	9		
16	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	B	D	C	A	A	9		
17	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	B	A	C	HO	A	A	11		
18	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	B	B	HO	A	A	10		
19	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	A	D	HO	A	A	9		
20	900	Bojo	Torno	1; 2	1	1	C	B	C	C	A	A	8		
21	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	B	C	A	A	12		
22	900	Bojo	Torno	1; 2	1	1	B	C	C	C	A	A	9		
23	900	Bojo	Torno	1; 2	1	1	F	C	B	HO	A	A	10		
24	900	Bojo	Torno	1	1	1	B	A	C	HO	A	A	7		
25	900	Bojo	Manual	1; 2	3	3	C	C	C	A	A	A	12		
26	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	C	F	HO	A	A	9		
27	900	Bojo	Torno	1	1	2	B	B	B	HO	A	A	9		
28	900	Bojo	Torno	1; 2	3	2	B	A	D	C	A	A	10		
29	900	Bojo	Manual	1	2	2	C	C	C	HO	A	A	8		
30	900	Bojo	Torno	1	1	2	E	B	B	HO	A	A	8		
31	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	F	B	C	C	A	A	7		
32	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	A	B	HO	A	A	6		
33	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	A	A	10		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

34	900	Bojo	Indeterminado	1	2	2	F	A	F	C	A	A	10		
35	900	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	B	B	HO	A	A	7		
36	900	Bojo	Manual	1	2	1	C	D	D	C	A	A	8		
37	900	Bojo	Manual	1	1	1	C	C	D	C	A	A	10		
38	900	Bojo	Torno	1	1	1	C	C	D	HO	A	A	6	Canelado	Bojo
39	900	Bojo	Indeterminado	1	2	2	C	C	B	C	G	A	6		
40	900	Bojo	Manual	1	1	1	E	E	E	HO	A	A	10		
41	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	D	C	G	G	9		
42	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	C	HO	A	A	9		
43	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	C	C	HO	A	A	8		
44	900	Bojo	Manual	1	2	1	C	D	A	HO	A	A	7		
45	900	Bojo	Torno	1; 2	3	2	C	C	C	C	A	A	9		
46	900	Bojo	Manual	1	2	1	B	A	D	HO	A	A	7		
47	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	D	A	A	C	D	G	6		
48	900	Bojo	Indeterminado	1	1	1	F	A	F	HO	A	A	10		
49	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	C	C	HO	A	A	6		
50	900	Bojo	Indeterminado	1	1	2	C	C	C	C	A	A	8		
51	900	Bojo	Manual	1	2	1	E	E	E	HO	G	G	10		
52	900	Bojo	Torno	1	2	1	B	B	B	C	A	A	8		
53	900	Bojo	Torno	1	2	1	C	B	C	C	A	A	9		
54	900	Bojo	Manual	1	1	1	B	C	C	HO	D	D	4		
55	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	D	C	C	A	A	9		
56	900	Bojo	Indeterminado	1	1	1	C	A	C	HO	A	A	8		
57	900	Bojo	Indeterminado	1	2	1	C	B	E	HO	A	A	10		
58	900	Bojo	Manual	1; 2	2	1	E	C	C	HO	A	A	8		
59	900	Bojo	Torno	1	2	1	B	A	C	C	A	A	8		
60	900	Bojo	Manual	1	2	1	C	C	C	C	A	A	8		
61	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	C	C	HO	A	G	10		
62	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	C	C	C	A	A	8		
63	900	Bojo	Manual	1; 2	1	1	C	C	C	HO	D	A	6		
64	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	B	B	C	A	A	8		
65	900	Bojo	Manual	1	2	2	C	A	C	HO	A	A	9		
66	900	Bojo	Torno	1	1	1	B	B	F	HO	A	A	9		
67	900	Bojo	Torno	1	2	1	E	E	C	C	A	A	10		
68	900	Bojo	Manual	2	1	1	B	C	C	HO	D	D	5		
69	900	Bojo	Indeterminado	1	2	2	B	A	D	HO	A	A	9		
70	900	Bojo	Manual	1	1	1	A	D	D	HO	A	A	8		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

71	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	B	B	C	A	A	14		
72	900	Bojo	Torno	1; 2	3	2	C	B	B	HO	A	A	9		
73	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	B	B	C	A	A	8		
74	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	D	C	HO	A	A	9		
75	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	A	A	C	A	A	8		
76	900	Bojo	Manual	1	1	1	C	C	C	HO	D	A	7		
77	900	Bojo	Manual	1; 2	3	3	B	D	B	C	G	G	7		
78	900	Bojo	Torno	1; 2	1	1	B	B	B	HO	A	A	10		
79	900	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	C	D	C	A	A	10		
80	900	Bojo	Manual	1	1	1	B	D	C	HO	A	A	6		
81	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	E	B	B	HO	A	A	7		
82	900	Bojo	Manual	1; 2	3	3	A	A	A	A	A	G	10		
83	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	C	A	G	8		
84	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	1	1	B	B	C	HO	A	A	7		
85	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	F	F	F	C	A	A	9		
86	900	Bojo	Manual	1; 2	3	3	A	A	A	C	A	A	7		
87	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	1	1	B	C	D	C	A	A	11		
88	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	B	B	C	A	A	9		
89	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	D	HO	A	A	6		
90	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	B	B	C	A	A	10		
91	900	Bojo	Torno	1	1	1	E	A	B	HO	A	A	9		
92	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	A	B	HO	A	A	10		
93	900	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	C	C	C	A	A	8		
94	900	Bojo	Indeterminado	1	1	1	F	C	C	C	A	A	8		
95	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	C	B	C	A	A	8		
96	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	A	C	HO	A	A	10		
97	900	Bojo	Torno	1	1	2	B	C	C	C	A	A	9		
98	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	E	E	HO	A	A	10		
99	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	C	B	B	HO	A	A	8		
100	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	F	D	D	HO	A	A	12		
101	900	Bojo	Manual	1; 2	2	1	E	D	E	HO	A	A	8		
102	900	Bojo com Carena	Manual	1; 2	2	1	D	D	D	HO	A	A	7		
103	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	B	D	C	A	A	8		
104	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	B	C	HO	A	A	10		
105	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	B	B	B	C	A	A	8		
106	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	B	B	C	HO	A	A	8		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

107	900	Bojo	Manual	1; 2	3	3	C	D	D	C	G	A	9		
108	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	C	C	D	A	9		
109	900	Bordo	Torno	1; 2	2	2	F	C	B	HO	A	A	11		
110	900	Asa de fita	Manual	1; 2	2	2	C	B	C	C	A	A	10		
111	900	Bordo	Manual	1; 2	2	2	C	A	C	C	A	A	9		
112	900	Colo	Torno	1	2	1	B	A	C	HO	A	A	10		
113	900	Bordo	Torno	1; 2	2	1	B	D	C	HO	A	A	18		
114	900	Bordo	Manual	1; 2	2	2	C	D	D	C	A	A	9	Ungulação	Lábio
115	900	Bordo	Torno	1	1	2	B	A	C	HO	A	A	15		
116	900	Bordo	Manual	1	1	1	C	C	C	HO	A	A	7		
117	900	Bordo	Indeterminado	1; 2	3	2	A	D	D	C	A	A	13		
118	900	Bordo	Manual	1; 2	3	2	C	C	D	HO	A	A	6		
119	900	Fundo	Manual	1; 2	3	2	B	D	B	HO	A	A	9		
120	900	Fundo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	HO	A	A	10		
121	900	Fundo	Manual	1; 2	3	3	B	A	B	C	G	G	14		
122	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	A	C	HO	A	A	10		
123	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	A	C	HO	A	A	9		
124	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	C	B	HO	A	A	7	Canelado	Bojo
125	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	B	D	HO	A	A	8	Estampilhado	Bojo
126	900	Bojo	Manual	1; 2	3	3	A	A	A	A	G	G	11		
127	900	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	D	C	C	A	A	8		
128	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	A	HO	A	A	7		
129	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	1	2	F	B	F	HO	A	A	8		
130	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	C	C	A	A	8		
131	900	Bojo	Manual	1	1	2	C	A	A	HO	A	A	7		
132	900	Bojo	Manual	1; 2	3	3	B	C	A	A	G	G	8		
133	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	C	C	HO	A	A	10		
134	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	A	C	A	A	6		
135	900	Bojo	Manual	1; 2	3	3	A	D	D	C	G	A	10		
136	900	Bojo	Torno	1	3	1	B	C	C	C	A	A	9		
137	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	B	A	C	HO	A	A	7		
138	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	A	HO	A	A	6		
139	900	Bojo	Manual	1	2	2	B	D	B	HO	A	D	5		
140	900	Bojo	Manual	1; 2	2	3	C	C	C	C	A	G	9		
141	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	D	D	C	A	A	11		
142	900	Bojo	Indeterminado	1	1	1	B	B	C	HO	A	A	7		
143	900	Bojo	Manual	1; 2	1	2	C	C	C	C	A	A	7		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

144	900	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	C	D	C	A	A	9		
145	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	E	C	D	C	A	A	8		
146	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	B	A	C	HO	A	A	9		
147	900	Bojo	Torno	1	2	2	B	C	B	HO	A	A	8		
148	900	Bojo	Manual	1; 2	3	3	C	A	A	C	G	G	10		
149	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	C	B	HO	A	A	9		
150	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	C	B	C	A	A	10		
151	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	A	A	C	A	A	9		
152	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	3	B	C	D	C	A	A	8		
153	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	C	HO	A	A	11		
154	900	Bojo	Torno	1	2	1	C	C	C	C	A	A	10		
155	900	Bojo	Indeterminado	1	1	2	B	B	B	HO	A	A	10		
156	900	Bojo	Manual	1	2	2	B	B	C	HO	A	A	10		
157	900	Bojo	Manual	1; 2	2	3	A	A	A	C	A	A	9		
158	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	B	B	HO	A	A	9		
159	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	1	C	B	C	C	A	A	10		
160	900	Bojo	Indeterminado	1	2	1	C	B	B	HO	A	A	8		
161	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	3	A	A	C	C	G	A	9		
162	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	A	D	C	A	A	9		
163	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	3	B	A	C	C	A	A	10		
164	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	E	A	C	C	A	A	7		
165	900	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	A	A	C	A	A	8		
166	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	B	B	C	C	A	A	9		
167	900	Bojo	Manual	1; 2	2	3	C	B	C	C	G	G	8		
168	900	Bojo	Indeterminado	1	1	1	A	A	A	HO	A	A	9		
169	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	B	C	HO	A	A	9		
170	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	A	A	F	C	A	A	11		
171	900	Bojo	Manual	1	1	2	A	A	A	HO	A	A	7		
172	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	A	C	C	A	A	7		
173	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	C	HO	A	A	6		
174	900	Bojo	Manual	1	2	2	D	A	A	HO	A	A	5		
175	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	B	B	B	HO	A	A	9		
176	900	Bojo	Manual	1; 2	3	3	B	C	E	A	G	G	7		
177	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	C	A	A	A	9		
178	900	Bojo	Manual	1; 2	3	1	C	C	C	C	A	G	10		
179	900	Bojo	Manual	1; 2	3	1	B	C	C	HO	A	A	10		
180	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	C	C	C	C	A	G	9		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

181	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	A	A	A	HO	A	A	6		
182	900	Bojo	Torno	1; 2	2	2	C	A	A	C	A	A	9		
183	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	A	A	A	HO	A	A	8		
184	900	Bojo	Torno	1	1	1	E	C	C	HO	A	A	8		
185	900	Bojo	Torno	1; 2	1	2	B	B	C	HO	A	A	11		
186	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	C	A	C	A	A	9		
187	900	Bojo	Torno	1	1	1	C	C	D	HO	A	A	9		
188	900	Bojo	Torno	1	1	1	F	F	F	HO	A	A	9		
189	900	Bojo	Manual	1; 2	3	3	A	D	C	A	G	A	10		
190	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	A	A	A	HO	A	A	8		
191	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	E	C	HO	A	A	9		
192	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	9		
193	900	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	C	C	C	A	A	7		
194	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	1	2	E	B	B	HO	A	A	9		
195	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	1	2	F	A	F	C	A	A	10		
196	900	Bojo	Torno	1; 2	2	2	F	B	F	HO	A	A	9		
197	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	F	A	F	HO	A	A	8		
198	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	A	A	8		
199	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	1	2	B	D	C	HO	A	A	9		
200	900	Bojo	Indeterminado	1	1	1	B	A	B	HO	A	A	9		
201	900	Bojo	Torno	1	1	1	B	A	C	HO	A	A	8		
202	900	Bojo	Torno	1; 2	3	1	C	D	C	C	A	A	9		
203	900	Bojo	Manual	1	2	1	B	C	C	HO	A	A	9		
204	900	Bojo	Indeterminado	1	2	1	A	A	C	HO	A	A	9		
205	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	B	B	C	A	G	7		
206	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	A	B	C	A	A	9		
207	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	C	C	A	A	8		
208	900	Bordo	Indeterminado	1; 2	2	2	A	D	A	HO	A	A	7		
209	900	Bordo	Torno	1; 2	2	2	B	C	C	C	A	A	10	Dec. Plástica	Cordão
210	900	Bordo	Torno	1; 2	3	2	A	D	A	C	A	A	10		
211	900	Bordo	Torno	1; 2	3	2	B	C	B	C	A	A	10		
212	900	Bordo	Torno	1; 2	3	2	B	A	C	HO	A	A	9		
213	900	Bordo	Torno	1; 2	3	3	B	B	B	C	A	A	9		
214	900	Fundo	Manual	1; 2	3	1	C	A	A	C	D	A	15		
215	900	Colo	Torno	1; 2	2	1	C	C	C	HO	A	A	9		
216	900	Fundo	Manual	1; 2	1	1	B	D	F	HO	A	A	10		
217	900	Bojo com	Manual	1; 2	2	1	D	D	C	C	D	A	7		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

		arranque de asa (fita)													
218	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	D	D	HO	A	A	7	Incisão	Bojo
219	900	Colo	Torno	1; 2	2	1	C	D	C	C	A	A	9		
220	900	Colo	Torno	1; 2	3	2	B	B	C	C	A	A	9		
221	900	Bojo	Torno	1; 2	3	1	F	E	B	HO	A	A	8		
222	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	A	A	B	C	A	A	10		
223	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	F	A	D	C	A	A	8		
224	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	A	C	HO	A	A	10		
225	900	Bojo	Torno	1; 2	2	3	C	A	A	C	A	A	12		
226	900	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	D	D	HO	A	A	10		
227	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	B	B	HO	A	A	10		
228	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	C	D	HO	A	A	10		
229	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	A	A	10		
230	900	Bojo	Torno	1; 2	3	2	B	C	C	HO	A	A	9		
231	900	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	A	B	HO	A	A	10		
232	900	Bojo	Torno	1; 2	2	2	C	B	C	C	A	A	8		
233	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	B	A	D	C	A	A	8		
234	900	Bojo	Torno	1; 2	3	2	C	A	C	HO	A	A	11		
235	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	3	B	B	C	HO	A	A	12		
236	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	F	D	C	C	A	A	10		
237	900	Bojo	Torno	1; 2	1	1	B	A	C	HO	A	A	9		
238	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	B	B	C	A	A	9		
239	900	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	A	B	C	A	A	11		
240	900	Bojo	Torno	1; 2	2	2	A	B	B	C	A	A	8		
241	900	Bojo	Torno	1; 2	2	2	F	A	C	C	A	A	10		
242	900	Bojo	Torno	1; 2	3	1	C	A	B	HO	A	A	9		
243	900	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	A	C	HO	A	A	8		
244	900	Bojo	Manual	1; 2	3	1	F	A	A	C	A	A	7		
245	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	C	C	C	A	A	11		
246	900	Bojo	Torno	1; 2	3	1	F	A	F	C	A	A	9		
247	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	A	C	HO	A	A	9		
248	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	A	A	B	HO	A	A	11		
249	900	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	B	A	C	A	A	9		
250	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	A	A	C	G	A	10		
251	900	Bojo	Manual	1; 2	3	1	A	A	A	HO	A	A	8		
252	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	C	G	G	8		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

253	900	Bojo	Manual	1; 2	1	2	C	D	D	HO	A	A	7		
254	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	C	A	A	9		
255	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	C	C	C	C	A	A	9		
256	900	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	A	A	C	A	A	7		
257	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	B	B	B	HO	G	A	8		
258	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	C	A	A	11		
259	900	Bojo	Torno	1; 2	3	1	B	D	D	HO	A	A	10		
260	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	D	C	HO	A	A	10		
261	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	B	C	HO	A	A	9		
262	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	A	B	B	HO	A	A	8		
263	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	3	A	A	A	C	G	A	9		
264	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	A	A	9		
265	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	D	B	C	G	A	8		
266	900	Bojo	Manual	1; 2	3	1	A	A	A	HO	A	A	10		
267	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	HO	A	A	7		
268	900	Bojo	Manual	1; 2	1	2	B	A	A	HO	A	A	8		
269	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	B	HO	A	A	9		
270	900	Bojo	Torno	1; 2	1	1	C	D	C	HO	A	A	9		
271	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	C	A	A	9		
272	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	D	D	A	G	G	8		
273	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	1	1	A	A	A	HO	A	A	7		
274	900	Bojo	Torno	1; 2	2	2	C	C	C	HO	A	A	10		
275	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	D	D	C	A	A	11		
276	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	F	D	C	HO	A	A	11		
277	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	C	A	A	C	A	A	6		
278	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	C	C	HO	A	A	10		
279	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	A	A	9		
280	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	D	D	C	G	A	6		
281	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	D	D	C	A	G	5		
282	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	3	A	D	D	A	G	G	11		
283	900	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	HO	D	D	6		
284	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	D	D	D	C	G	G	9		
285	900	Bojo	Torno	1; 2	1	2	C	A	A	HO	A	A	9		
286	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	D	C	A	A	6		
287	900	Bojo	Manual	1; 2	2	1	B	A	D	HO	A	A	9		
288	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	B	C	C	C	A	A	10		
289	900	Bojo	Torno	1; 2	3	2	B	A	C	C	A	A	8		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

290	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	A	A	A	A	A	A	11		
291	900	Bojo	Torno	1; 2	2	3	A	A	C	A	G	A	7		
292	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	B	B	C	G	A	8		
293	900	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	B	C	C	A	A	9		
294	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	A	D	C	HO	A	A	10		
295	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	A	A	A	HO	A	A	10		
296	900	Bojo	Torno	1; 2	3	2	C	C	C	C	A	A	12		
297	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	D	D	C	A	A	9		
298	900	Bojo	Manual	1; 2	2	1	B	B	B	C	A	G	7		
299	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	D	D	HO	A	A	8		
300	900	Bojo	Torno	1; 2	1	2	B	B	C	HO	A	A	9		
301	900	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	D	D	HO	A	A	8		
302	900	Bojo	Manual	1; 2	1	2	F	D	C	HO	A	A	10		
303	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	A	C	C	A	G	9		
304	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	B	C	C	A	A	9		
305	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	A	C	A	A	G	9		
306	900	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	B	B	C	A	A	9		
307	900	Bojo	Manual	1	1	1	A	D	A	HO	D	D	10		
308	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	A	D	C	A	A	9		
309	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	F	C	C	C	A	A	10		
310	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	F	C	F	C	A	A	9		
311	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	A	A	B	HO	A	A	9		
312	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	B	HO	A	A	6		
313	900	Bojo	Torno	1; 2	2	1	F	A	F	C	A	A	8		
314	900	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	B	B	C	A	A	13		
315	900	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	C	A	A	9		
316	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	B	B	B	C	A	A	9		
317	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	A	A	A	8		
318	900	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	C	D	A	7		
319	900	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	3	B	A	A	C	A	G	6		
320	900	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	C	A	A	6		
321	900	Bojo	Torno	1; 2	2	2	C	B	B	C	A	A	9		
322	901	Bordo	Manual	1; 2	2	2	B	C	C	A	A	A	7		
323	901	Bordo	Torno	1; 2	2	2	F	B	C	C	A	A	9		
324	901	Fundo	Indeterminado	1; 2	3	2	B	B	B	A	A	G	7		
325	901	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	B	B	B	C	A	A	8		
326	901	Bojo	Torno	1; 2	2	1	A	A	A	C	A	C	6		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

327	901	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	A	A	A	7		
328	901	Bojo	Torno	1; 2	1	1	B	B	B	HO	A	A	9		
329	901	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	A	D	C	A	A	7		
330	901	Bojo	Torno	1; 2	3	3	C	C	C	C	A	G	8	Canelado	Bojo
331	901	Bojo	Manual	1; 2	3	2	D	A	A	C	A	A	12		
332	901	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	A	A	C	G	A	10		
333	901	Bojo	Torno	1	1	1	C	C	B	HO	A	A	9		
334	901	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	F	A	B	C	G	A	9		
335	901	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	C	C	C	A	C	6		
336	901	Bojo	Manual	1; 2	1	1	F	C	D	C	A	A	8		
337	901	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	A	HO	A	G	8		
338	901	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	A	A	C	C	A	9		
339	901	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	A	A	G	G	7		
340	901	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	D	C	HO	A	A	8		
341	901	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	C	D	C	C	D	A	9		
342	901	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	B	B	B	C	A	A	8		
343	901	Bojo	Manual	1; 2	1	1	C	C	A	C	D	A	10		
344	901	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	B	F	HO	A	A	8		
345	901	Bordo	Manual	1; 2	2	2	B	C	B	C	A	A	8	Incisão	Lábio
346	901	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	C	A	A	9		
347	901	Bojo com Carena	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	HO	D	D	6		
348	901	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	C	B	C	A	A	10		
349	901	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	D	C	G	G	12		
350	901	Bojo	Torno	1	1	1	B	C	B	C	A	A	10		
351	901	Bojo	Manual	1; 2	1	1	B	C	D	C	A	A	9		
352	901	Bojo	Indeterminado	2	2	1	C	C	B	C	A	A	12		
353	901	Bojo	Torno	1; 2	1	1	B	B	F	HO	A	A	11		
354	901	Bojo	Manual	2	2	1	B	B	B	C	D	D	6		
355	901	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	A	G	A	9		
356	901	Bojo	Torno	1; 2	1	2	C	C	C	C	A	A	9		
357	901	Bojo	Manual	1; 2	2	1	B	B	C	C	D	D	7		
358	901	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	C	A	HO	A	A	10		
359	901	Bojo	Torno	1; 2	1	2	B	B	B	C	A	A	10		
360	901	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	A	A	C	D	G	6		
361	901	Bojo	Torno	2	2	1	B	C	C	HO	A	A	8		
362	901	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	B	A	C	A	A	8		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

363	901	Bojo	Torno	1; 2	2	1	F	F	A	C	A	A	8		
364	901	Bojo	Manual	1; 2	2	1	B	A	B	C	A	A	6		
365	901	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	A	A	G	12		
366	902	Bordo	Manual	1; 2	2	2	A	C	A	A	A	A	8		
367	902	Bordo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	C	D	D	6		
368	902	Bordo	Manual	1	1	1	B	D	D	C	D	A	8		
369	902	Bordo	Manual	1; 2	3	2	A	C	C	A	G	G	6		
370	902	Bordo	Manual	1	1	1	A	C	A	C	D	D	8		
371	902	Bordo	Torno	1; 2	2	2	B	B	B	C	A	A	10		
372	902	Bordo	Torno	1; 2	2	1	A	A	A	HO	A	A	6		
373	902	Bordo	Torno	1; 2	2	2	B	C	C	C	A	A	11		
374	902	Asa de fita	Manual	1; 2	2	1	A	A	A	C	A	A	14		
375	902	Ficha de jogo	Manual	1	1	1	A	A	D	C	D	D	9		
376	902	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	A	A	A	9	Puncionamento	Bojo
377	902	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	B	B	C	A	A	11		
378	902	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	B	A	A	M	A	A	15		
379	902	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	B	A	C	G	A	7		
380	902	Bojo	Torno	1; 2	3	2	B	D	B	A	G	A	9		
381	902	Bojo	Torno	1; 2	1	2	A	A	C	C	A	A	5		
382	902	Bojo	Torno	1; 2	3	1	B	B	B	HO	A	A	8		
383	902	Bojo	Torno	1	2	2	B	C	F	C	A	A	7		
384	902	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	A	A	C	A	A	8		
385	902	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	A	C	E	10		
386	902	Bojo	Torno	1; 2	2	1	A	A	A	C	A	A	9		
387	902	Bojo	Torno	1	1	1	B	B	B	A	A	A	8		
388	902	Bojo	Torno	1; 2	1	2	B	B	B	C	A	A	10		
389	902	Bordo	Manual	1; 2	3	2	B	A	B	M	D	D	5		
390	902	Bordo	Torno	1; 2	3	2	C	C	C	A	A	A	12		
391	902	Bordo	Torno	1; 2	2	1	C	C	C	C	A	A	15		
392	902	Bordo	Manual	1	1	1	C	C	C	C	D	D	9		
393	902	Bordo	Manual	1	1	1	A	A	A	C	D	D	8		
394	902	Fundo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	A	A	C	G	A	12		
395	902	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	A	A	10		
396	902	Bojo com Carena	Manual	1	1	1	A	A	A	HO	D	D	5		
397	902	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	D	B	C	A	A	9		
398	902	Bojo	Torno	1; 2	3	2	B	C	C	C	A	A	10	Canelado	Bojo

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

399	902	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	C	F	HO	A	A	10	Incisão	Bojo
400	902	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	D	C	HO	A	A	8	Incisão	Bojo
401	902	Bojo	Manual	1; 2	3	3	A	A	A	A	C	C	10	Penteado	Bojo
402	902	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	3	C	D	A	A	G	A	10		
403	902	Bojo	Manual	1	1	1	C	A	A	C	D	D	6		
404	902	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	B	D	B	C	G	A	8		
405	902	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	C	C	HO	A	A	12		
406	902	Bojo	Torno	1; 2	3	2	F	D	D	C	A	A	10		
407	902	Bojo	Torno	1; 2	1	1	D	A	F	HO	A	A	8		
408	902	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	C	C	C	A	A	10		
409	902	Bojo	Torno	1; 2	3	2	C	D	C	HO	G	A	7		
410	902	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	A	A	6		
411	902	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	C	B	C	A	A	12		
412	902	Bojo	Manual	1; 2	2	3	C	A	A	A	A	G	7		
413	902	Bojo	Manual	1; 2	3	3	C	A	D	A	G	G	12		
414	902	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	A	A	HO	A	A	6		
415	902	Bojo	Torno	1; 2	2	2	F	D	C	C	G	A	8		
416	902	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	C	A	A	7		
417	902	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	3	B	B	B	A	G	G	8		
418	902	Bojo	Torno	1; 2	1	1	F	D	D	C	A	A	8		
419	902	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	3	B	C	C	C	G	A	10		
420	902	Bojo	Manual	1; 2	1	2	D	D	A	C	A	A	6		
421	902	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	A	A	C	A	A	8		
422	902	Bojo	Torno	1; 2	3	2	C	C	B	C	A	A	9		
423	902	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	D	A	C	A	A	7		
424	902	Bojo	Torno	1; 2	2	2	C	C	C	C	A	A	9		
425	902	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	A	A	D	A	10		
426	902	Bojo	Torno	1; 2	3	2	C	C	B	HO	A	A	9		
427	902	Bojo	Torno	1	1	1	C	D	D	C	A	A	7		
428	902	Bojo	Torno	1	2	1	B	D	D	A	A	A	10		
429	902	Bojo	Torno	1; 2	3	1	B	C	D	HO	A	A	9		
430	902	Bojo	Torno	1; 2	1	2	B	C	C	C	A	A	9		
431	902	Bojo	Torno	1; 2	2	2	F	F	A	A	A	A	9		
432	902	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	3	C	C	A	A	G	A	9		
433	902	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	A	A	C	D	D	7		
434	902	Bojo	Torno	1; 2	3	2	A	D	B	C	G	A	8		
435	902	Bojo	Torno	1; 2	3	2	B	B	D	C	G	A	8		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

436	902	Bojo	Torno	1; 2	2	2	C	D	A	C	A	A	9		
437	902	Bojo	Torno	1; 2	3	2	B	D	C	C	G	A	11		
438	902	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	C	D	HO	A	A	7		
439	902	Bojo	Manual	1; 2	1	1	C	C	A	C	D	D	7		
440	902	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	M	D	D	8		
441	902	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	D	B	HO	A	A	9		
442	902	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	A	C	A	A	7		
443	902	Bojo	Torno	1; 2	2	1	E	C	D	C	A	A	9		
444	902	Bojo	Torno	1; 2	2	2	F	D	C	C	A	A	8		
445	902	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	D	D	HO	A	A	9		
446	902	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	A	C	D	D	8		
447	902	Bojo	Torno	1	1	1	B	C	D	HO	A	A	8		
448	902	Bojo	Torno	1	1	1	C	D	D	C	A	A	7		
449	902	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	C	C	HO	A	A	10		
450	902	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	C	D	D	C	A	A	7		
451	902	Bojo	Torno	1; 2	2	2	C	C	C	C	A	A	9		
452	902	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	B	A	C	A	D	D	8		
453	902	Bojo	Indeterminado	1	1	1	C	D	D	C	A	A	7		
454	902	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	C	C	C	C	A	A	8		
455	902	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	C	C	C	C	A	A	9		
456	903	Bordo	Torno	1; 2	3	2	C	C	C	A	A	A	11		
457	903	Bordo	Torno	1; 2	3	2	B	C	C	A	A	A	12		
458	903	Bordo	Torno	1; 2	3	2	A	C	C	A	A	A	11		
459	903	Bordo	Torno	1; 2	2	1	C	A	D	C	A	A	14		
460	903	Bordo	Manual	1	1	2	A	D	B	M	A	A	8		
461	903	Bojo com Carena	Manual	1; 2	2	2	C	D	C	C	A	D	9		
462	903	Bojo com Carena	Indeterminado	1; 2	2	1	D	D	C	C	A	A	7		
463	903	Bojo	Torno	1	1	2	B	D	C	HO	A	A	8		
464	903	Bojo	Torno	1; 2	3	2	F	F	D	A	G	A	9		
465	903	Bojo	Torno	1; 2	2	2	C	D	A	C	A	A	9		
466	903	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	C	C	C	A	A	A	10		
467	903	Bojo	Torno	1; 2	2	2	C	C	C	A	A	A	9		
468	903	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	C	F	C	A	A	9		
469	903	Bojo	Torno	1; 2	3	2	F	F	D	A	A	A	9		
470	903	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	3	F	F	D	A	G	A	10		
471	903	Bojo	Manual	1; 2	1	2	C	A	A	C	D	A	6		

LEGENDA:

E.N.P.: Forma – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: A: castanho-escuro; B: alaranjado; C: castanho-claro; D: cinzento-escuro/preto; E: cinzento-claro; F: avermelhado. **Pasta:** HO: homogénea; C: compacta; M: micácea; A: arenosa; F: friável.

Tratamento de Superfície: A: alisado; B: brunido; C: “cepillado”; D: polido; E: espatulado; G: rugoso; H: corroído.

472	903	Bojo	Torno	1; 2	2	1	A	A	C	A	A	A	8		
473	903	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	C	C	A	A	A	8		
474	903	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	D	C	HO	A	A	9		
475	903	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	C	B	C	A	A	9		
476	903	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	3	A	A	D	A	G	A	8		
477	903	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	A	A	D	A	A	A	9		
478	903	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	D	A	C	E	E	8		
479	903	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	D	D	A	A	G	A	6		
480	903	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	B	F	C	A	A	11		
481	903	Bojo	Torno	1	2	1	B	C	B	C	A	A	11		
482	903	Bojo	Torno	1	1	2	C	D	C	C	A	A	9		
483	903	Bojo	Torno	1; 2	2	2	C	D	D	C	A	A	9		
484	903	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	E	E	E	A	G	A	9		
485	903	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	D	B	C	A	A	11		
486	903	Bojo	Torno	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	9		
487	903	Bojo	Torno	1; 2	2	1	A	D	D	HO	A	A	7		
488	903	Bojo	Torno	1; 2	1	2	B	C	C	C	A	A	11		
489	903	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	3	F	F	D	A	G	A	9		
490	903	Bojo	Torno	1; 2	2	1	F	D	D	HO	A	A	8		
491	903	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	F	F	D	A	G	A	9		
492	903	Bojo	Indeterminado	1; 2	1	2	B	D	C	C	A	A	9		
493	903	Bojo	Torno	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	8		
494	903	Bojo	Torno	1	2	1	A	D	D	C	A	A	8		
495	903	Bojo	Indeterminado	1	2	1	C	C	D	C	A	A	7		
496	903	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	D	C	HO	A	A	9		
497	903	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	7		
498	903	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	C	C	C	A	A	A	7		
499	903	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	C	C	C	A	A	A	8		
500	903a	Talha	Torno	1; 2	3	2	A	A	D	HO	A	A	12	Pintura	Colo
501	903a	Talha	Torno	1; 2	3	2	C	D	D	HO	A	A	13		
502	903a	Bojo	Torno	2	2	2	E	D	D	C	A	A	7		
503	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	C	D	C	A	A	7		
504	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	C	D	C	A	A	7		
505	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	C	D	C	A	A	8		
506	903a	Bojo	Torno	1	2	2	E	C	D	C	A	A	8		
507	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	C	D	C	A	A	9		
508	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	C	D	C	A	A	9		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

509	903a	Bojo	Indeterminado	1	2	2	E	C	D	C	A	A	7		
510	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	A	C	D	C	A	A	8		
511	903a	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	E	D	D	C	A	A	6		
512	903a	Bojo	Torno	1	2	2	E	D	D	C	A	A	6		
513	903a	Bojo	Indeterminado	1	1	2	E	C	D	C	A	A	7		
514	903a	Bojo	Torno	1	1	2	E	D	D	C	A	A	6		
515	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	D	D	C	A	A	7		
516	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	C	D	C	A	A	6		
517	903a	Bojo	Torno	1; 2	1	2	E	D	D	C	A	A	6		
518	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	D	D	C	A	A	7		
519	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	C	D	C	A	A	6		
520	903a	Bojo	Torno	1	2	2	E	D	D	C	A	A	7		
521	903a	Bojo	Torno	2	2	2	E	C	D	C	A	A	5		
522	903a	Bojo	Torno	1	2	2	E	D	D	C	A	A	7		
523	903a	Bojo	Torno	2	2	2	A	C	D	C	A	A	7		
524	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	A	D	C	A	A	8		
525	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	D	D	C	A	A	7		
526	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	D	D	C	A	A	7		
527	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	D	D	C	A	A	7		
528	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	D	D	C	A	A	7		
529	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	C	D	C	A	A	7		
530	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	C	D	C	A	A	6		
531	903a	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	E	C	D	C	A	A	6		
532	903a	Bojo	Torno	1	2	2	E	D	D	C	A	A	8		
533	903a	Bojo	Torno	1	1	2	E	C	D	C	A	A	9		
534	903a	Bojo	Indeterminado	1	2	2	E	D	D	C	A	A	7		
535	903a	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	E	C	D	C	A	A	7		
536	903a	Bojo	Torno	1	1	2	E	C	D	C	A	A	7		
537	903a	Bojo	Torno	1	2	2	E	A	D	C	A	A	7		
538	903a	Bojo	Torno	1; 2	3	2	E	D	D	C	A	A	7		
539	903a	Bojo	Torno	1	2	2	E	C	D	C	A	A	7		
540	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	C	D	C	A	A	7		
541	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	C	D	C	A	A	6		
542	903a	Bojo	Torno	1	2	2	E	D	D	C	A	A	7		
543	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	D	D	C	A	A	8		
544	903a	Bojo	Indeterminado	1	1	1	E	D	D	C	A	A	7		
545	903a	Bojo	Torno	1; 2	3	2	A	A	D	C	A	A	8		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

546	903a	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	E	C	D	C	A	A	8		
547	903a	Bojo	Torno	1	2	2	E	D	D	C	A	A	7		
548	903a	Bojo	Indeterminado	2	2	1	E	D	D	C	A	A	7		
549	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	C	D	C	A	A	7		
550	903a	Bojo	Torno	1	2	2	E	C	D	C	A	A	6		
551	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	C	D	C	A	A	7		
552	903a	Bojo	Torno	1	2	2	E	D	D	C	A	A	8		
553	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	E	D	D	C	A	A	8		
554	903a	Bojo	Torno	1; 2	1	2	E	C	D	C	A	A	7		
555	903a	Bojo	Torno	1	1	2	B	D	D	HO	A	A	9		
556	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	D	D	HO	A	A	8		
557	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	D	D	C	A	A	6		
558	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	A	D	D	HO	A	A	9		
559	903a	Bojo	Torno	1	2	1	B	D	D	C	A	A	10		
560	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	D	D	C	A	A	8		
561	903a	Bojo	Torno	1	2	1	C	D	D	C	A	A	8		
562	903a	Colo	Torno	1; 2	2	1	B	D	D	C	A	A	12		
563	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	D	D	C	A	A	8		
564	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	D	D	C	A	A	9		
565	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	C	D	D	C	A	A	8		
566	903a	Bojo	Torno	1	2	2	A	C	A	C	A	A	8		
567	903a	Bojo	Torno	1	2	1	C	D	D	HO	A	A	9		
568	903a	Bojo	Indeterminado	1	1	1	C	E	A	C	D	A	8		
569	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	D	D	C	A	A	10		
570	903a	Bojo	Indeterminado	1	2	2	A	A	A	C	A	A	9		
571	903a	Bojo	Indeterminado	1	1	1	A	A	A	C	A	A	8		
572	903a	Bojo	Indeterminado	1; 2	1	1	A	C	A	C	A	A	8		
573	903a	Bojo	Torno	1	2	1	A	A	A	C	A	A	10		
574	903a	Bojo	Torno	1	1	2	F	D	C	C	A	A	9		
575	903a	Bojo	Torno	1	1	1	D	D	D	C	A	A	9		
576	903a	Bojo	Torno	1	1	1	D	C	B	C	A	A	8		
577	903a	Bojo	Torno	1	1	1	D	B	B	C	A	A	8		
578	903a	Bojo	Torno	1	2	1	D	B	B	C	A	A	8		
579	903a	Bojo	Torno	1; 2	3	2	A	A	A	C	A	A	8		
580	903a	Bojo	Torno	1	2	1	A	A	A	C	A	A	8		
581	903a	Bojo	Torno	1	2	1	B	A	D	C	A	A	9		
582	903a	Bojo	Torno	2	1	1	D	B	B	C	A	A	8		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

583	903a	Bojo	Torno	1	1	1	D	B	B	C	A	A	8		
584	903a	Bojo	Manual	1; 2	1	2	D	D	D	C	D	A	7		
585	903a	Bojo	Torno	1; 2	3	2	B	B	B	C	A	A	11		
586	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	B	F	C	A	A	8		
587	903a	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	A	C	D	G	6		
588	903a	Bojo	Torno	1	1	2	A	A	A	C	A	A	9		
589	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	A	D	D	C	G	A	7		
590	903a	Pote	Torno	1	2	1	B	D	D	C	A	A	9		
591	903a	Bordo	Manual	1; 2	2	2	A	A	C	C	G	A	10	Ungulação	Lábio
592	903a	Fundo	Torno	1	2	2	C	C	A	C	A	A	12		
593	903a	Bojo	Indeterminado	1; 2	1	2	C	E	D	C	A	A	9		
594	903a	Bojo	Indeterminado	1; 2	1	2	C	E	C	C	A	A	8		
595	903a	Bordo	Manual	1	2	2	C	C	C	C	G	D	8		
596	903a	Bojo	Torno	1	1	1	C	C	A	HO	A	A	9		
597	903a	Bojo	Torno	1	2	1	E	E	C	C	A	A	8		
598	903a	Bojo	Torno	1	2	1	B	B	B	C	A	A	11		
599	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	7		
600	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	7		
601	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	7		
602	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	8		
603	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	8		
604	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	7		
605	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	7		
606	903a	Bojo	Torno	1; 2	2	2	C	C	D	C	A	A	7		
607	903a	Bojo	Torno	1	2	1	C	D	D	C	A	A	7		
608	903a	Bojo	Torno	1	2	1	C	D	D	C	A	A	7		
609	903a	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	C	G	A	9		
610	903a	Bojo	Torno	1	2	1	B	B	B	C	A	A	10		
611	905	Bordo	Manual	1; 2	2	2	B	B	B	C	D	A	5		
612	905	Bordo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	A	G	G	7	Ungulação	Lábio
613	905	Bordo	Manual	1; 2	2	2	B	D	B	C	A	A	9		
614	905	Bojo com Carena	Manual	1; 2	2	2	D	A	D	C	D	D	7		
615	905	Bojo com Carena	Manual	1; 2	2	2	A	C	A	C	D	D	5		
616	905	Bojo com Carena	Manual	1	1	1	D	A	D	C	D	D	4		
617	905	Bojo	Manual	1	2	1	A	E	E	C	D	D	8		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

618	905	Bojo	Manual	1; 2	2	3	C	D	C	A	G	G	10		
619	905	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	C	A	A	8		
620	905	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	D	D	C	D	A	10		
621	905	Bojo	Manual	1	1	1	C	D	C	C	D	D	7		
622	905	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	A	C	C	D	G	8		
623	905	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	A	A	C	C	A	9	Penteado	Bojo
624	905	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	A	G	G	9		
625	905	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	D	C	D	D	6		
626	905	Bojo	Torno	1; 2	3	2	B	D	B	HO	A	A	8	Incisão	Bojo
627	905	Bojo	Torno	1; 2	2	1	C	A	A	C	G	G	10		
628	905	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	D	A	A	A	10		
629	905	Bojo	Manual	1; 2	3	3	C	D	C	A	G	A	11		
630	905	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	A	B	C	A	A	7		
631	905	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	A	G	G	7		
632	905	Bojo	Torno	1	1	1	B	B	B	HO	A	A	8	Canelado	Bojo
633	905	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	D	A	G	A	11		
634	905	Bojo	Manual	1; 2	3	3	C	A	C	A	A	G	12		
635	905	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	D	B	C	A	A	9		
636	905	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	A	G	G	10		
637	905	Bojo	Manual	1	1	1	B	A	A	C	A	D	11		
638	905	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	A	HO	D	A	7		
639	905	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	B	B	A	G	A	8		
640	905	Bojo	Torno	1	1	1	A	A	B	HO	A	A	6		
641	905	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	A	C	D	D	8		
642	905	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	A	D	A	G	A	10		
643	905	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	A	C	A	A	8		
644	905	Bojo	Torno	1	1	2	B	B	A	C	A	A	7		
645	905	Bojo com Carena	Manual	1; 2	2	1	D	D	A	C	A	A	5		
646	905	Bojo	Manual	1; 2	3	3	A	A	A	A	G	G	10		
647	905	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	C	A	C	D	D	6		
648	905	Bojo	Manual	1	2	2	C	C	C	C	A	A	8		
649	905	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	C	E	C	C	G	A	7		
650	905	Bojo	Torno	1	2	2	B	B	A	C	A	A	6		
651	905	Bojo	Manual	1	2	2	C	C	C	C	A	A	7		
652	905	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	A	G	G	9		
653	905	Bojo	Torno	1; 2	3	2	C	B	B	C	A	A	9		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

654	905	Bojo	Manual	1; 2	3	2	D	A	D	A	G	A	10		
655	905	Bojo	Torno	1	1	1	A	C	B	HO	A	A	8		
656	905	Bojo	Manual	1; 2	3	3	A	A	D	A	G	G	17		
657	905	Bojo	Manual	1; 2	2	3	E	E	A	C	A	A	7		
658	905	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	B	B	B	C	A	A	10		
659	905	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	A	A	A	C	A	A	7		
660	905	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	A	C	A	A	9		
661	905	Bordo com carena	Manual	1; 2	2	2	E	D	C	C	D	A	6		
662	905	Fundo	Manual	1; 2	3	3	C	A	A	A	G	G	10		
663	905	Bojo com arranque de asa (fita)	Indeterminado	1; 2	3	3	B	D	B	C	G	G	8		
664	905	Bojo com Carena	Manual	1; 2	2	2	C	D	C	C	D	D	5		
665	905	Bojo	Indeterminado	1	1	1	C	D	C	C	D	A	10		
666	905	Bojo	Manual	1; 2	3	2	D	D	D	A	G	A	6		
667	905	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	B	C	HO	D	D	8		
668	905	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	A	C	G	A	7		
669	905	Bojo	Torno	1	2	1	F	F	F	HO	A	A	7		
670	905	Bordo	Manual	1; 2	3	2	B	A	A	A	G	A	10		
671	905	Bojo	Manual	1	1	1	D	D	D	C	D	D	9		
672	905	Bojo	Manual	1; 2	3	3	C	E	A	A	G	A	7		
673	905	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	C	C	A	A	8		
674	906	Bordo	Manual	1; 2	2	1	C	C	D	C	C	A	7	Puncionamento	Bordo
675	906	Bordo	Manual	1; 2	2	2	D	D	D	C	G	A	8		
676	906	Bordo	Manual	1; 2	1	2	D	D	D	C	A	A	9	Ungulação	Lábio
677	906	Bordo	Manual	1; 2	2	2	C	D	C	C	G	A	9	Ungulação	Lábio
678	906	Bordo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	D	D	C	A	A	10		
679	906	Bordo	Manual	1; 2	2	2	C	B	B	C	G	A	9		
680	906	Bordo	Manual	1	1	1	D	A	D	HO	B	B	5		
681	906	Bordo com carena	Manual	1	1	1	D	A	A	HO	B	B	4		
682	906	Bordo	Manual	1	1	2	C	C	A	C	D	D	5		
683	906	Bordo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	D	D	8		
684	906	Bordo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	B	B	HO	A	A	6		
685	906	Bordo	Manual	1; 2	2	3	A	A	A	C	G	A	9		
686	906	Bordo	Manual	1	1	1	D	A	D	HO	B	B	5		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

687	906	Bordo	Manual	1	1	1	C	A	A	HO	B	B	4		
688	906	Bordo	Manual	1; 2	2	2	B	D	C	C	A	A	9		
689	906	Bordo com carena	Manual	1; 2	2	1	D	B	D	C	B	D	4		
690	906	Bordo	Manual	1; 2	1	2	C	C	C	C	A	A	5		
691	906	Bordo	Manual	1; 2	3	2	C	A	C	C	A	A	9		
692	906	Bordo	Manual	1; 2	2	1	A	A	A	C	D	D	7		
693	906	Bordo	Manual	1; 2	2	2	C	C	B	HO	A	A	6		
694	906	Bordo	Manual	1	1	1	A	A	A	C	D	D	7		
695	906	Bordo	Manual	1	1	2	D	D	D	C	D	D	5		
696	906	Bordo	Manual	1	2	1	D	D	D	C	D	D	8		
697	906	Bordo	Manual	1	1	1	A	A	A	C	D	D	5		
698	906	Bordo	Manual	1	2	1	C	C	C	C	D	D	10		
699	906	Bordo	Manual	1	1	1	A	D	D	HO	D	A	5		
700	906	Bordo	Manual	1; 2	3	1	A	D	A	C	D	A	7		
701	906	Bordo com carena	Manual	1; 2	2	1	D	D	A	C	B	D	8		
702	906	Bordo	Manual	1	2	1	A	A	A	HO	A	A	5		
703	906	Bordo	Manual	1	1	1	D	D	D	HO	B	B	3		
704	906	Fundo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	C	A	G	7		
705	906	Fundo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	C	A	D	8		
706	906	Fundo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	A	A	5		
707	906	Fundo	Manual	1; 2	2	2	C	A	D	C	A	A	16		
708	906	Fundo	Manual	1; 2	3	2	C	A	C	C	A	G	8		
709	906	Fundo umbilicado	Manual	1	2	1	D	D	D	HO	D	D	6		
710	906	Indeterminad	Manual	1; 2	2	1	A	C	A	C	A	G	8		
711	906	Fundo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	C	G	A	9		
712	906	Fundo	Manual	1	2	1	A	A	A	HO	A	A	10		
713	906	Bojo com arranque de asa(fita)	Manual	1; 2	3	3	C	A	A	A	G	G	-		
714	906	Asa de fita	Manual	1; 2	3	1	C	D	C	C	D	G	10		
715	906	Asa de fita	Manual	1; 2	3	2	B	D	B	C	A	A	10		
716	906	Bojo com Carena	Manual	1	2	1	A	A	A	C	D	D	5		
717	906	Bojo com Carena	Manual	1	1	1	D	D	D	HO	B	D	6		
718	906	Bojo	Manual	1	1	1	D	A	A	HO	B	B	3		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

719	906	Bojo	Manual	1	1	1	D	A	D	HO	B	D	4		
720	906	Bojo	Manual	1	1	1	D	A	A	HO	B	D	5		
721	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	D	A	C	B	D	6		
722	906	Bojo	Manual	1	1	1	A	D	D	HO	B	D	3		
723	906	Bojo com Carena	Manual	1	2	1	A	A	D	HO	D	D	5		
724	906	Bojo com Carena	Manual	1; 2	2	1	A	A	D	HO	D	D	5		
725	906	Bojo com Carena	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	HO	D	D	8		
726	906	Bojo com Carena	Manual	1	2	1	D	D	D	HO	D	D	5		
727	906	Bojo com Carena	Manual	1	2	1	C	C	D	C	D	D	6		
728	906	Bojo com Carena	Manual	1	2	1	A	A	A	C	D	D	7		
729	906	Bojo	Manual	1	1	1	A	D	A	C	D	H	8	Sulcos Brunidos	Bojo
730	906	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	C	D	C	HO	C	A	9	Penteado	Bojo
731	906	Bojo	Manual	1; 2	3	1	C	D	D	C	C	C	7		
732	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	A	D	HO	G	A	9		
733	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	D	D	A	C	A	G	9		
734	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	A	A	C	G	G	–		
735	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	A	A	C	D	A	12		
736	906	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	D	C	D	D	6		
737	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	G	A	10		
738	906	Bojo	Manual	1; 2	2	3	D	A	A	C	B	G	7		
739	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	D	A	6		
740	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	C	G	A	7		
741	906	Bojo	Manual	1; 2	1	1	C	D	D	C	D	A	9		
742	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	D	C	G	A	7		
743	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	D	A	C	B	A	7		
744	906	Bojo	Manual	1	1	1	E	E	D	HO	D	A	8		
745	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	C	A	G	G	6		
746	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	A	A	C	G	A	10		
747	906	Bojo	Manual	1; 2	3	3	A	D	A	C	G	A	7		
748	906	Bojo	Manual	1; 2	2	3	C	A	A	A	G	A	10		
749	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	A	D	A	G	G	6		
750	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	A	A	HO	G	G	9		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

751	906	Bojo	Manual	1	1	1	D	A	A	C	D	H	–		
752	906	Bojo	Manual	1	1	1	C	C	C	HO	D	A	10		
753	906	Bojo	Manual	1	2	1	A	A	D	C	D	D	8		
754	906	Bojo	Manual	1	1	2	A	A	D	C	D	A	7		
755	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	A	D	C	G	C	10		
756	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	D	C	HO	A	A	8		
757	906	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	D	C	D	D	7		
758	906	Bojo	Manual	1	1	1	D	A	D	C	D	D	7		
759	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	D	C	C	G	G	7		
760	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	D	D	C	D	G	7		
761	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	D	B	C	G	H	9		
762	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	A	A	HO	A	A	7		
763	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	HO	D	A	8		
764	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	C	B	M	D	D	6		
765	906	Bojo	Manual	1; 2	1	2	C	C	B	HO	D	D	6		
766	906	Bojo	Manual	1; 2	2	3	B	A	A	A	A	A	11		
767	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	C	C	G	A	14		
768	906	Bojo	Manual	1; 2	1	2	C	A	D	C	D	D	8		
769	906	Bojo	Manual	1; 2	2	3	C	A	A	A	C	C	12		
770	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	D	C	C	D	G	6		
771	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	A	A	C	D	A	7		
772	906	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	A	A	A	C	G	C	9		
773	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	C	A	A	8		
774	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	C	A	C	G	A	10		
775	906	Bojo	Manual	1	2	1	C	A	D	C	D	D	9		
776	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	D	A	10		
777	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	A	B	C	A	A	9		
778	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	C	D	D	9		
779	906	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	C	C	C	C	A	A	9		
780	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	A	A	C	A	D	9		
781	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	A	A	A	G	G	8		
782	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	A	A	A	9		
783	906	Bojo	Manual	1; 2	3	3	B	D	D	C	G	A	7		
784	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	D	C	A	A	9		
785	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	D	A	G	A	8		
786	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	A	C	G	A	12		
787	906	Bojo	Manual	1	1	1	C	D	D	HO	A	D	9		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

788	906	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	A	C	D	D	6		
789	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	A	D	C	D	A	10		
790	906	Bojo	Manual	1	1	1	D	A	D	HO	B	D	5		
791	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	D	A	D	A	A	A	8		
792	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	E	D	HO	D	D	8		
793	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	B	A	A	C	A	A	7		
794	906	Bojo	Manual	1	1	1	D	A	A	HO	B	D	7		
795	906	Bojo	Manual	1	2	1	C	C	C	HO	D	D	7		
796	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	A	G	A	9		
797	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	C	A	8		
798	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	C	C	8		
799	906	Bojo	Manual	1	1	1	D	D	D	HO	D	A	6		
800	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	A	C	A	A	9		
801	906	Bojo	Manual	1	2	1	C	C	C	C	A	A	6		
802	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	HO	D	A	7		
803	906	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	A	C	D	D	7		
804	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	HO	D	D	8		
805	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	D	C	G	A	11		
806	906	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	C	B	B	HO	H	A	9		
807	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	C	A	9		
808	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	A	C	A	C	A	11		
809	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	A	D	C	D	D	6		
810	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	A	A	7		
811	906	Bojo	Manual	1	1	2	D	D	D	HO	D	D	8		
812	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	A	A	C	11		
813	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	A	A	C	D	A	7		
814	906	Bojo	Manual	1	1	1	D	A	A	C	D	A	8		
815	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	C	A	7		
816	906	Bojo	Manual	1	1	1	C	C	C	HO	D	D	8		
817	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	A	HO	D	D	8		
818	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	D	A	G	A	10		
819	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	E	C	C	HO	D	D	6		
820	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	A	B	A	7		
821	906	Bojo	Manual	1; 2	3	3	A	A	A	C	H	A	9		
822	906	Bojo	Manual	1	1	1	D	A	A	C	A	A	8		
823	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	A	H	8		
824	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	G	A	8		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

825	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	A	A	7		
826	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	HO	D	A	8		
827	906	Bojo	Manual	1	1	1	C	D	D	HO	A	A	12		
828	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	B	B	B	HO	A	H	-		
829	906	Bojo	Manual	1; 2	3	1	D	D	D	C	A	A	9		
830	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	C	C	A	A	8		
831	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	D	D	C	A	A	10		
832	906	Bojo	Manual	1	1	1	D	C	A	HO	B	D	7		
833	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	D	B	C	H	A	9		
834	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	D	D	D	C	G	A	6		
835	906	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	B	B	B	C	A	A	11		
836	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	D	C	D	G	5		
837	906	Bojo	Manual	1; 2	1	2	A	A	A	C	A	D	8		
838	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	A	A	G	A	8		
839	906	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	A	HO	B	H	7		
840	906	Bojo	Manual	1; 2	1	1	D	A	D	HO	B	A	4		
841	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	D	D	A	G	A	5		
842	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	F	B	B	C	A	A	7		
843	906	Bojo	Manual	1	1	1	C	C	C	HO	A	A	8		
844	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	A	D	C	B	B	6		
845	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	G	A	10		
846	906	Bojo	Manual	1	2	1	A	A	A	C	B	D	7		
847	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	A	A	A	A	A	10		
848	906	Bojo	Manual	1	2	1	C	D	D	C	D	A	11		
849	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	A	C	C	C	A	11		
850	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	A	A	7		
851	906	Bojo	Manual	1; 2	2	3	C	A	A	A	G	G	8		
852	906	Bojo	Manual	1	2	1	A	D	D	HO	A	A	6		
853	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	A	G	A	10		
854	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	A	A	C	A	A	8		
855	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	A	A	C	C	A	7		
856	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	A	A	8		
857	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	D	D	C	G	A	10		
858	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	A	A	8		
859	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	A	A	HO	B	D	6		
860	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	D	D	D	C	B	G	8		
861	906	Bojo	Manual	1	2	1	C	C	C	C	D	G	7		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

862	906	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	A	HO	A	A	7		
863	906	Bojo	Manual	1	1	2	C	D	C	HO	A	A	6		
864	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	A	A	7		
865	906	Bojo	Manual	1	2	1	A	A	A	HO	A	A	6		
866	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	A	D	C	A	A	7		
867	906	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	A	C	B	D	5		
868	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	A	A	A	A	A	9		
869	906	Bordo	Manual	1; 2	2	2	A	D	A	C	G	G	8		
870	906	Bojo	Manual	1; 2	1	2	A	A	A	C	A	A	8		
871	906	Bojo	Manual	1	1	1	C	B	D	HO	D	D	5		
872	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	C	C	C	G	C	10		
873	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	A	A	C	A	A	9		
874	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	A	A	G	A	12		
875	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	C	D	C	G	A	11		
876	906	Bojo	Manual	1	1	1	D	D	D	C	D	D	7		
877	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	B	C	C	C	D	D	8		
878	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	A	D	C	D	A	10		
879	906	Bojo	Manual	1	1	2	C	D	D	C	A	A	8		
880	906	Bojo	Manual	1	1	2	A	A	D	C	A	A	9		
881	906	Bojo	Manual	1	2	2	C	C	C	C	D	A	8		
882	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	A	C	D	A	9		
883	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	A	A	A	A	9		
884	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	D	D	HO	A	D	8		
885	906	Bojo	Manual	1	1	2	A	A	A	C	A	A	6		
886	906	Bojo	Manual	1	1	1	C	D	A	C	B	D	7		
887	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	A	H	A	7		
888	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	A	D	A	A	A	9		
889	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	D	A	A	A	9		
890	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	A	A	12		
891	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	A	C	G	A	9		
892	906	Bojo	Manual	1	1	1	C	A	D	C	D	A	7		
893	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	C	B	C	A	A	9		
894	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	C	G	A	8		
895	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	HO	D	D	6		
896	906	Bordo	Manual	1	1	1	A	A	A	HO	D	D	4		
897	906	Bordo	Manual	1; 2	2	1	B	B	B	C	D	D	5		
898	906	Bordo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	HO	D	D	9		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

899	906	Bordo	Manual	1	2	1	D	A	A	HO	D	D	5		
900	906	Bordo	Manual	1; 2	2	1	D	D	D	HO	D	D	10		
901	906	Bordo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	A	A	7	Ungulação	Lábio
902	906	Bordo	Manual	1; 2	2	1	A	D	D	C	G	A	7	Ungulação	Lábio
903	906	Bordo	Manual	1	1	1	A	A	A	HO	B	D	6		
904	906	Bordo	Manual	1; 2	2	2	B	C	C	C	A	C	8		
905	906	Bordo	Manual	1	1	1	C	C	A	C	A	A	9		
906	906	Bordo	Manual	1; 2	2	1	D	A	A	HO	B	D	5		
907	906	Bordo	Manual	1; 2	2	1	A	D	A	HO	B	B	4		
908	906	Bordo	Manual	1	1	1	A	A	A	HO	B	D	5		
909	906	Bordo	Manual	1; 2	2	1	C	A	B	C	D	D	9		
910	906	Bordo	Manual	1	1	1	A	A	C	HO	D	D	5		
911	906	Bordo	Manual	1; 2	2	1	C	A	A	C	B	D	7		
912	906	Bordo	Manual	1	1	1	C	C	C	HO	D	D	6		
913	906	Bordo	Manual	1	1	1	C	D	A	C	B	D	8		
914	906	Bordo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	9	Ungulação	Lábio
915	906	Fundo	Manual	1; 2	3	2	D	D	D	C	G	A	9	Canelado	Bojo
916	906	Fundo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	A	A	12		
917	906	Fundo	Manual	1; 2	2	1	A	A	D	HO	A	D	9		
918	906	Fundo	Manual	1; 2	3	3	A	A	A	C	D	G	9		
919	906	Fundo	Manual	1; 2	2	2	C	A	A	C	A	A	9		
920	906	Fundo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	A	H	-		
921	906	Asa de fita	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	C	G	G	15		
922	906	Bojo com Carena	Manual	1	1	1	A	A	A	HO	D	D	4	Dec. Plástica	Carena
923	906	Asa de fita	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	G	G	10	Ungulação	Lábio
924	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	D	A	C	A	A	8	Canelado	Bojo
925	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	9	Puncionamento	Bojo
926	906	Bojo	Manual	1	2	1	C	D	C	HO	D	A	9		
927	906	Bojo com Carena	Manual	1	1	1	C	C	C	HO	D	D	8		
928	906	Bojo	Manual	1	1	2	C	C	A	C	D	D	8		
929	906	Bojo com Carena	Manual	1	1	2	B	A	A	HO	A	D	5		
930	906	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	D	D	A	C	C	A	10	Penteado	Bojo
931	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	HO	C	A	7		
932	906	Bojo	Manual	1	2	1	D	A	D	C	B	D	6		
933	906	Bojo com	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	C	D	B	5		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

		Carena												
934	906	Bojo com Carena	Manual	1	1	1	D	A	A	HO	B	D	5	
935	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	A	A	C	B	D	8	
936	906	Bojo com Carena	Manual	1; 2	2	1	D	A	D	HO	B	D	4	
937	906	Bojo	Manual	1	1	1	D	A	D	HO	B	D	6	
938	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	D	C	A	A	9	
939	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	D	G	11	
940	906	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	B	B	C	A	A	8	
941	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	A	A	12	
942	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	D	A	C	D	A	8	
943	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	D	HO	D	D	9	
944	906	Bojo	Manual	1	2	2	B	B	B	C	A	C	8	
945	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	A	A	A	9	
946	906	Bojo	Manual	1	1	2	C	C	C	C	A	A	11	
947	906	Bojo	Manual	1	1	1	C	C	C	HO	D	D	6	
948	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	D	C	G	A	8	
949	906	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	B	B	B	C	A	A	12	
950	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	D	B	HO	A	A	6	
951	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	C	A	C	A	A	11	
952	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	A	C	A	A	9	
953	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	D	C	A	C	G	A	7	
954	906	Bojo	Manual	1	2	2	B	A	D	C	A	A	9	
955	906	Bojo	Manual	1	1	1	A	D	A	C	D	A	7	
956	906	Bojo	Manual	1; 2	1	2	A	A	A	HO	A	A	7	
957	906	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	B	D	F	C	C	A	10	
958	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	D	D	C	A	A	6	
959	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	C	G	A	9	
960	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	C	H	A	–	
961	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	8	
962	906	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	B	B	B	HO	A	A	7	
963	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	B	B	HO	D	A	6	
964	906	Bojo	Manual	1; 2	1	2	C	A	D	C	A	D	9	
965	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	D	D	C	D	A	10	
966	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	A	A	10	
967	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	A	A	10	
968	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	A	A	8	

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

969	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	C	C	A	A	8		
970	906	Bojo	Manual	1; 2	1	2	A	A	A	A	A	A	7		
971	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	A	C	G	A	8		
972	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	A	C	A	A	9		
973	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	HO	D	D	7		
974	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	A	C	A	A	10		
975	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	C	A	A	10		
976	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	C	B	A	G	A	10		
977	906	Bojo	Manual	1	1	2	C	A	D	C	D	A	8		
978	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	9		
979	906	Bojo	Manual	1; 2	3	1	D	D	D	C	A	A	4		
980	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	C	G	A	8		
981	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	D	C	A	A	11		
982	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	A	A	A	8		
983	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	D	A	A	A	10		
984	906	Bojo	Indeterminado	1	2	2	B	B	B	A	C	A	10		
985	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	A	C	C	D	A	8		
986	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	D	C	A	A	9		
987	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	A	A	C	A	A	8		
988	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	D	D	C	G	A	10		
989	906	Bojo	Manual	1	2	1	A	A	D	C	A	A	8		
990	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	D	C	C	A	8		
991	906	Bojo	Manual	1	2	1	C	A	D	A	A	A	9		
992	906	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	A	C	C	C	G	A	13		
993	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	A	A	A	A	10		
994	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	A	C	C	D	A	7		
995	906	Bojo	Manual	1; 2	1	2	C	C	A	C	A	D	6		
996	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	C	C	D	D	8		
997	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	D	C	G	A	7		
998	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	B	D	C	A	A	10		
999	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	A	D	A	A	A	9		
1000	906	Bojo	Indeterminado	1	2	1	C	C	C	C	G	A	7		
1001	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	D	C	A	A	9		
1002	906	Bojo	Manual	1	1	2	D	D	D	C	D	A	8		
1003	906	Bojo	Manual	1	2	1	B	A	A	C	A	A	10		
1004	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	C	D	A	A	A	10		
1005	906	Bojo	Manual	1	1	2	A	A	A	C	G	A	9		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

1006	906	Bojo	Torno	1	2	1	B	D	A	HO	A	A	7		
1007	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	C	A	C	C	A	11		
1008	906	Bojo	Manual	1	1	2	B	C	A	C	A	A	10		
1009	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	D	D	A	D	G	7		
1010	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	A	G	A	7		
1011	906	Bojo	Manual	1	2	2	C	C	C	C	A	A	7		
1012	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	D	C	C	G	A	10		
1013	906	Bojo	Manual	1	2	1	B	D	A	C	D	D	8		
1014	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	A	C	A	A	A	8		
1015	906	Bojo	Manual	1	2	1	C	A	D	C	D	A	7		
1016	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	D	D	C	A	A	9		
1017	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	HO	D	D	6		
1018	906	Bojo	Manual	2	2	1	A	A	A	C	A	A	7		
1019	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	D	C	G	A	9		
1020	906	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	D	HO	B	B	7		
1021	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	D	A	C	A	8		
1022	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	C	A	A	11		
1023	906	Bojo	Manual	1	1	2	A	D	D	C	A	A	9		
1024	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	D	C	A	A	9		
1025	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	D	D	C	A	A	5		
1026	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	A	D	G	7		
1027	906	Bojo	Manual	1	2	2	B	D	D	C	A	A	10		
1028	906	Bojo	Manual	1	1	2	A	A	A	HO	D	A	6		
1029	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	HO	D	A	7		
1030	906	Bojo	Manual	1	1	2	C	C	D	HO	D	A	6		
1031	906	Bojo	Manual	1	1	2	A	A	A	C	A	D	7		
1032	906	Bojo	Manual	1; 2	3	3	B	B	B	A	G	A	8		
1033	906	Bojo	Manual	1	2	1	A	A	A	C	A	A	8		
1034	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	D	C	A	A	8		
1035	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	A	A	C	G	A	6		
1036	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	D	D	C	A	A	9		
1037	906	Bojo	Manual	1	2	1	C	D	C	C	D	A	5		
1038	906	Bojo	Manual	1	2	2	A	A	A	C	D	A	8		
1039	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	C	A	9		
1040	906	Bojo	Manual	1	2	1	D	A	B	HO	D	A	5		
1041	906	Bojo	Manual	1	2	1	A	A	A	HO	A	A	6		
1042	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	A	A	C	D	A	8		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

1043	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	B	B	C	A	A	7		
1044	906	Bojo	Manual	1	1	2	A	A	D	C	A	A	8		
1045	906	Bojo	Manual	1	1	2	A	A	A	C	A	A	7		
1046	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	E	E	C	D	A	10		
1047	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	B	B	A	A	A	12		
1048	906	Bojo	Manual	1	2	1	A	D	D	HO	B	D	7		
1049	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	A	D	A	G	A	10		
1050	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	C	B	HO	A	A	6		
1051	906	Bojo	Manual	1	2	2	B	D	D	C	A	A	9		
1052	906	Bojo	Manual	1	1	1	C	A	C	C	B	D	10		
1053	906	Bojo	Manual	1	2	1	A	A	A	C	B	D	9		
1054	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	A	D	C	D	B	7		
1055	906	Bojo	Manual	1	2	1	B	B	B	HO	A	A	9		
1056	906	Bojo	Manual	1	2	1	D	D	D	HO	A	A	6		
1057	906	Bojo	Manual	1	1	1	C	D	D	HO	B	G	10		
1058	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	A	D	A	G	A	7		
1059	906	Bojo	Manual	1	2	2	B	D	D	C	A	A	8		
1060	906	Bojo	Indeterminado	1	1	2	C	C	C	C	A	C	9		
1061	906	Bojo	Manual	1	1	2	B	A	D	C	A	A	9		
1062	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	A	G	A	8		
1063	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	A	A	C	D	A	5		
1064	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	D	A	G	A	9		
1065	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	C	C	A	G	A	10		
1066	906	Bojo	Manual	1	2	2	A	A	A	C	A	A	6		
1067	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	HO	A	A	9		
1068	906	Bojo	Manual	1	1	1	D	D	D	HO	D	A	4		
1069	906	Bojo	Manual	1	2	2	A	A	D	C	G	A	9		
1070	906	Bojo	Manual	1	2	1	A	A	A	C	D	D	8		
1071	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	B	D	D	C	A	A	9		
1072	906	Bojo	Manual	1; 2	1	1	B	C	C	C	C	A	11		
1073	906	Bojo	Manual	1	1	1	C	D	D	C	B	D	9		
1074	906	Bojo	Manual	1	2	2	D	D	C	C	A	A	9		
1075	906	Bojo	Manual	1; 2	3	1	B	A	A	C	A	A	7		
1076	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	HO	A	A	5		
1077	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	D	D	C	A	A	8		
1078	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	C	A	C	8		
1079	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	D	C	G	A	7		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

1080	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	D	D	C	A	A	6		
1081	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	8		
1082	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	A	A	A	A	A	9		
1083	906	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	A	A	C	A	G	8		
1084	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	C	A	A	8		
1085	906	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	D	C	G	C	8		
1086	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	A	A	C	G	A	5		
1087	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	A	A	9		
1088	906	Bojo	Manual	1	1	1	B	B	B	HO	A	A	9		
1089	906	Bojo	Manual	1	2	2	A	A	A	C	D	A	7		
1090	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	B	B	C	G	A	7		
1091	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	D	D	C	A	A	9		
1092	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	A	A	5		
1093	906	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	C	C	D	D	4		
1094	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	D	D	C	G	A	8		
1095	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	B	C	G	A	7		
1096	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	A	A	C	D	A	7		
1097	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	A	A	A	10		
1098	906	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	A	C	D	H	5		
1099	906	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	D	D	C	A	A	8		
1100	907	Bordo	Manual	1	2	1	B	B	A	C	A	A	5		
1101	907	Bordo	Manual	1; 2	2	1	D	C	A	C	A	A	6		
1102	907	Bojo	Manual	1	2	1	C	C	A	HO	D	D	5		
1103	907	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	D	HO	D	D	6		
1104	907	Bojo	Torno	1; 2	2	2	A	D	D	HO	A	A	12		
1105	907	Bojo	Manual	1; 2	3	3	C	C	C	A	A	A	12		
1106	907	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	D	D	HO	A	A	6		
1107	907	Bordo	Manual	1	1	2	B	C	D	C	A	A	6		
1108	907	Bordo	Manual	1	2	1	A	A	A	C	A	A	7		
1109	907	Bojo	Torno	1; 2	2	2	B	C	B	C	A	A	9		
1110	907	Bojo	Manual	1	2	1	D	D	D	C	D	D	4		
1111	907	Bojo	Manual	1; 2	3	2	D	A	D	C	D	A	9		
1112	907	Bojo	Manual	1	2	1	E	D	E	HO	D	A	9		
1113	907	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	B	C	A	A	7		
1114	907	Bojo	Manual	1	1	1	B	D	B	HO	D	A	5		
1115	907	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	D	D	C	G	A	7		
1116	907	Fundo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	C	A	A	6		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

		umbilicado													
1117	910	Bordo	Manual	1; 2	1	2	A	A	C	C	A	A	8		
1118	910	Bordo	Manual	1	1	1	D	A	D	HO	D	D	9	Ornatos Brunidos	Bojo
1119	910	Bordo	Manual	1	2	2	C	A	C	C	A	A	7	Ungulação	Lábio
1120	910	Asa de fita (Bordo)	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	C	A	A	12	Ungulação	Lábio
1121	910	Fundo	Manual	1; 2	3	2	A	C	A	C	G	A	11		
1122	910	Fundo	Manual	1; 2	2	2	E	E	C	C	A	A	11		
1123	910	Asa de fita	Manual	1; 2	3	2	D	A	A	A	G	G	14		
1124	910	Bojo com arranque de asa (fita)	Manual	1; 2	3	2	D	A	A	A	G	A	8		
1125	910	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	C	A	A	9		
1126	910	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	C	A	G	A	6		
1127	910	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	C	A	G	A	6		
1128	910	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	C	A	G	A	6		
1129	910	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	C	A	G	A	6		
1130	910	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	C	A	G	A	6		
1131	910	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	C	A	G	A	6		
1132	910	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	C	A	G	A	6		
1133	910	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	C	A	G	A	6		
1134	910	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	C	A	G	A	6		
1135	910	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	D	C	A	G	A	7		
1136	910	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	C	A	G	A	7		
1137	910	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	C	C	A	A	9		
1138	910	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	E	E	C	A	A	7		
1139	910	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	A	C	A	A	8		
1140	910	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	C	C	A	A	9		
1141	910	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	A	A	7		
1142	910	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	A	D	C	G	A	8		
1143	910	Bojo	Torno	1; 2	3	2	C	A	D	C	G	A	10		
1144	910	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	C	C	A	A	12		
1145	910	Bojo	Manual	1	1	1	D	D	C	HO	B	D	8		
1146	910	Bojo	Manual	1	2	1	C	C	C	HO	A	A	9		
1147	910	Bojo	Manual	1; 2	3	1	D	B	D	C	A	A	11		
1148	910	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	HO	D	H	7		
1149	910	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	D	C	A	G	A	6		
1150	910	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	C	C	C	B	H	7		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

1151	910	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	A	B	B	A	G	A	6		
1152	910	Bojo	Manual	1	1	1	C	C	A	HO	D	D	5		
1153	910	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	C	C	C	A	A	9		
1154	912	Bordo	Manual	1; 2	3	1	D	D	D	C	A	D	7		
1155	912	Bordo	Manual	1; 2	2	2	D	A	D	C	A	A	7	Ungulação	Lábio
1156	912	Bordo	Torno	1; 2	2	2	A	D	B	C	A	A	12		
1157	912	Bordo	Manual	1	2	1	C	C	D	HO	D	D	7		
1158	912	Fundo	Manual	1; 2	3	2	D	C	C	C	D	A	6		
1159	912	Bojo	Manual	1	1	1	C	D	D	HO	C	A	10		
1160	912	Bojo	Manual	1	1	2	A	A	D	HO	D	A	11		
1161	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	E	C	C	D	A	13		
1162	912	Bojo	Manual	1	1	2	C	C	C	C	D	A	7		
1163	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	C	D	C	C	A	8		
1164	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	D	D	C	C	A	8		
1165	912	Bojo	Manual	1	1	2	B	A	A	HO	D	A	8		
1166	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	D	C	G	H	10		
1167	912	Bojo	Manual	1; 2	3	2	C	D	D	C	G	A	9		
1168	912	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	A	C	A	A	12		
1169	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	D	C	C	A	13		
1170	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	D	C	D	A	8		
1171	912	Bojo	Manual	1	1	1	A	D	D	HO	B	A	5		
1172	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	A	D	C	C	A	7		
1173	912	Bojo	Manual	1	1	2	A	A	D	C	C	A	7		
1174	912	Bojo	Manual	1	2	1	C	D	D	HO	D	A	10		
1175	912	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	B	B	C	A	H	8		
1176	912	Bojo	Manual	1	2	1	A	A	D	C	A	A	8		
1177	912	Bojo	Manual	1; 2	3	2	D	A	A	C	A	A	10		
1178	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	A	D	HO	D	D	7		
1179	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	A	D	C	A	A	9		
1180	912	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	C	C	D	C	D	A	10		
1181	912	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	D	A	C	G	A	12		
1182	912	Bojo	Manual	1	2	1	D	C	C	HO	D	A	5		
1183	912	Bojo	Manual	1	2	1	D	D	D	HO	A	A	7		
1184	912	Bojo	Manual	1	2	1	A	D	D	C	C	A	8		
1185	912	Bojo	Manual	1	2	1	B	D	C	HO	A	D	11		
1186	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	D	C	A	A	6		
1187	912	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	B	D	A	G	G	17		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

1188	912	Bojo	Manual	1	2	1	D	C	C	HO	D	A	6		
1189	912	Bojo	Manual	1	1	2	A	A	A	C	A	A	7		
1190	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	A	HO	D	A	9		
1191	912	Bojo	Torno	1; 2	2	1	B	B	D	HO	A	A	6		
1192	912	Bojo	Manual	1	2	1	A	A	D	C	A	A	8		
1193	912	Bordo	Manual	1	1	1	D	A	D	HO	B	D	8		
1194	912	Bordo	Manual	1; 2	3	2	C	D	B	A	A	C	17		
1195	912	Bordo	Manual	1	1	1	A	D	D	HO	D	A	5		
1196	912	Bordo	Manual	1	1	1	B	C	B	HO	A	A	5		
1197	912	Bordo	Manual	1	2	1	C	D	B	HO	D	D	8		
1198	912	Bordo	Manual	1; 2	2	1	D	A	D	HO	D	D	7		
1199	912	Bordo	Manual	1	1	1	B	D	B	HO	D	D	6		
1200	912	Bordo	Manual	1	2	1	C	C	C	C	A	A	7		
1201	912	Bordo	Manual	1	1	1	D	D	D	HO	D	D	5		
1202	912	Bordo	Manual	1	1	1	A	D	D	HO	D	D	7		
1203	912	Bordo	Manual	1	1	1	D	D	D	HO	D	D	6		
1204	912	Bordo	Manual	1	1	2	C	A	A	C	G	G	5		
1205	912	Bordo	Manual	1; 2	2	1	B	D	B	HO	D	A	8		
1206	912	Bordo	Manual	1	2	1	A	D	D	HO	D	A	6		
1207	912	Bordo	Manual	1	1	1	A	A	A	HO	D	D	6		
1208	912	Fundo	Manual	1; 2	2	1	C	D	C	HO	A	A	8		
1209	912	Fundo	Manual	1; 2	2	1	A	A	A	F	D	H	-		
1210	912	Fundo	Manual	1; 2	2	2	D	D	D	C	D	A	10		
1211	912	Fundo	Manual	1; 2	3	2	C	D	D	A	G	G	14		
1212	912	Bojo com Carena	Manual	1	1	1	D	D	D	HO	D	D	9		
1213	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	B	D	D	F	G	A	17		
1214	912	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	D	A	A	G	H	9		
1215	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	A	C	C	C	7		
1216	912	Bojo	Manual	1	2	1	B	D	C	HO	A	A	7	Penteado (?)	Bojo
1217	912	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	D	D	A	C	A	8		
1218	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	A	A	C	A	A	8		
1219	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	A	A	C	A	A	8		
1220	912	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	B	B	A	H	A	7		
1221	912	Bojo	Manual	1	2	1	C	C	C	HO	A	A	10		
1222	912	Bojo	Manual	1	1	1	D	C	C	HO	B	A	5		
1223	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	A	G	A	12		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

1224	912	Bojo	Manual	1	2	1	C	D	D	HO	D	H	10		
1225	912	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	2	B	A	A	C	H	H	7		
1226	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	G	A	6		
1227	912	Bojo	Manual	1	2	1	A	A	D	C	A	A	8		
1228	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	B	B	D	C	A	A	13		
1229	912	Bojo	Manual	1	2	1	A	C	A	C	C	A	7		
1230	912	Bojo	Manual	1	1	2	B	D	D	HO	A	A	10		
1231	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	D	A	HO	A	A	10		
1232	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	B	D	D	C	D	A	11		
1233	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	D	C	HO	D	A	9		
1234	912	Bojo	Manual	1; 2	1	2	C	D	D	HO	D	A	11		
1235	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	D	C	A	D	11		
1236	912	Bojo	Manual	1	1	1	D	E	D	HO	D	D	12		
1237	912	Bojo	Manual	1	1	1	D	A	D	HO	B	D	5		
1238	912	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	D	A	B	C	D	A	10		
1239	912	Bojo	Manual	1	2	1	B	B	C	HO	A	A	7		
1240	912	Bojo	Manual	1	2	1	C	C	A	HO	A	A	7		
1241	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	HO	D	A	6		
1242	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	D	D	HO	D	D	8		
1243	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	A	A	HO	B	D	9		
1244	912	Bojo	Manual	1	3	1	C	D	D	C	A	A	8		
1245	912	Bojo	Indeterminado	1	1	1	B	B	B	HO	A	A	7		
1246	912	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	C	D	C	C	D	A	8		
1247	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	A	C	HO	D	A	7		
1248	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	B	B	C	B	H	-		
1249	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	B	C	C	C	A	A	9		
1250	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	B	C	C	HO	A	A	8		
1251	912	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	D	A	G	A	6		
1252	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	D	C	HO	A	A	10		
1253	912	Bojo	Manual	1	2	1	A	D	D	HO	A	A	7		
1254	912	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	C	D	D	C	D	A	10		
1255	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	D	A	HO	A	A	10		
1256	912	Bojo	Manual	1	2	1	A	A	D	C	A	A	8		
1257	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	A	D	HO	B	D	10		
1258	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	C	G	A	6		
1259	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	A	A	C	D	H	10		
1260	912	Bojo	Manual	1	2	2	A	D	D	C	C	A	9		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

1261	912	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	12		
1262	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	C	G	A	7		
1263	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	10		
1264	912	Bojo	Indeterminado	1	1	2	B	A	A	HO	A	A	8		
1265	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	D	D	C	D	A	10		
1266	912	Bojo	Manual	1	2	1	A	D	D	C	C	A	7		
1267	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	D	D	C	G	G	8		
1268	912	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	C	C	HO	A	C	7		
1269	912	Bojo	Manual	1	2	1	C	D	A	HO	D	D	9		
1270	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	D	C	HO	D	A	9		
1271	912	Bojo	Manual	1	1	1	A	A	C	HO	D	A	8		
1272	912	Bojo	Manual	1	1	1	D	D	D	HO	B	A	4		
1273	912	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	B	C	A	A	A	9		
1274	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	C	C	HO	D	H	6		
1275	912	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	D	B	C	H	A	9		
1276	912	Bojo	Manual	1	1	1	B	C	C	HO	A	A	9		
1277	912	Bojo	Manual	1	2	1	D	D	A	HO	A	A	6		
1278	912	Bojo	Manual	1	2	1	D	A	D	HO	D	D	5		
1279	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	B	C	H	A	7		
1280	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	A	D	HO	D	A	7		
1281	912	Bojo	Manual	1	1	2	C	C	C	C	A	A	9		
1282	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	A	D	C	A	A	9		
1283	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	A	A	C	G	A	5		
1284	912	Bojo	Manual	1	2	1	A	B	D	HO	A	A	5		
1285	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	D	A	C	C	D	8		
1286	912	Bojo	Indeterminado	1; 2	3	1	C	D	B	HO	A	A	10		
1287	912	Bojo	Manual	1	2	1	D	D	D	HO	D	A	8		
1288	912	Bojo	Manual	1	1	2	A	A	D	C	C	A	7		
1289	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	A	B	HO	D	H	8		
1290	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	C	C	A	6		
1291	912	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	B	B	A	A	A	12		
1292	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	C	A	A	8		
1293	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	D	C	C	A	A	8		
1294	912	Bojo	Manual	1	2	1	A	A	D	C	C	A	7		
1295	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	B	C	A	A	6		
1296	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	A	D	HO	A	A	9		
1297	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	D	D	C	C	A	8		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

1298	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	HO	C	A	8		
1299	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	D	D	HO	A	A	5		
1300	912	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	C	A	D	C	D	A	12		
1301	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	B	B	B	HO	A	A	6		
1302	912	Bojo	Manual	1	1	1	D	D	D	C	D	D	6		
1303	912	Bojo	Manual	1	1	1	D	D	D	C	D	D	5		
1304	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	D	A	A	C	A	A	8		
1305	912	Bojo	Manual	1	1	2	B	C	D	HO	C	A	7		
1306	912	Bojo	Manual	1	2	1	D	D	D	HO	B	D	6		
1307	912	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	A	D	C	C	A	7		
1308	912	Bojo	Manual	1	2	1	D	C	C	HO	D	A	6		
1309	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	D	D	HO	A	A	7		
1310	912	Bojo	Manual	1	1	1	C	D	D	HO	D	D	7		
1311	912	Bojo	Manual	1; 2	1	2	C	C	C	HO	A	C	9		
1312	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	A	C	C	A	7		
1313	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	E	E	C	A	A	11		
1314	912	Bojo	Manual	1; 2	3	2	A	D	D	C	H	A	12		
1315	912	Bojo	Manual	1	1	1	C	D	C	HO	D	D	7		
1316	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	A	D	C	G	A	8		
1317	912	Bojo	Manual	1; 2	3	1	B	A	C	C	D	D	5		
1318	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	D	D	C	C	A	12		
1319	912	Bojo	Manual	1	1	2	A	A	D	C	C	A	9		
1320	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	D	A	C	A	A	10		
1321	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	D	A	A	C	D	H	9		
1322	912	Bojo	Indeterminado	1	2	1	B	B	B	HO	A	A	5		
1323	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	A	D	B	C	A	A	8		
1324	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	A	D	C	C	A	9		
1325	912	Bojo	Manual	1	2	1	D	D	D	HO	D	D	7		
1326	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	B	D	A	C	A	A	8		
1327	912	Bojo	Manual	1	2	1	B	C	D	C	A	A	7		
1328	912	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	1	B	D	C	C	D	A	10		
1329	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	D	D	C	C	A	7		
1330	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	D	D	HO	A	A	8		
1331	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	C	D	B	HO	A	A	10		
1332	912	Bojo	Manual	1; 2	3	2	B	C	B	C	D	A	10		
1333	912	Bojo	Manual	1	2	1	A	A	D	C	C	A	7		
1334	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	A	D	A	HO	D	D	6		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.

1335	912	Bojo	Manual	1	2	1	A	D	A	C	A	A	5		
1336	912	Bojo	Manual	1	2	1	B	D	D	HO	D	D	13		
1337	912	Bojo	Manual	1	1	1	D	D	D	HO	D	D	4		
1338	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	C	D	D	HO	A	A	7		
1339	912	Bojo	Indeterminado	1; 2	2	2	B	D	B	C	C	A	9		
1340	912	Bojo	Manual	1; 2	3	2	D	D	D	A	G	A	10		
1341	912	Bojo	Manual	1; 2	2	1	B	D	B	C	G	A	9		
1342	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	D	D	C	A	A	7		
1343	912	Bojo	Manual	1	2	1	B	D	C	C	D	D	10		
1344	912	Bordo	Manual	1	2	1	B	C	B	HO	D	D	8		
1345	912	Bojo	Manual	1; 2	2	2	B	A	A	C	D	A	12		

LEGENDA:

E.N.P.: **Forma** – 1: arredondado; 2: anguloso. **Granulometria** – 1: pequeno; 2: médio; 3: grandes. **Frequência** – 1: escassos; 2: moderados; 3: abundantes.

Cor: **A:** castanho-escuro; **B:** alaranjado; **C:** castanho-claro; **D:** cinzento-escuro/preto; **E:** cinzento-claro; **F:** avermelhado. **Pasta:** **HO:** homogénea; **C:** compacta; **M:** micácea; **A:** arenosa; **F:** friável.

Tratamento de Superfície: **A:** alisado; **B:** brunido; **C:** “cepillado”; **D:** polido; **E:** espatulado; **G:** rugoso; **H:** corroído.